INSTRUCÇÕES GERAES
EM FÓRMA DE
CATECISMO

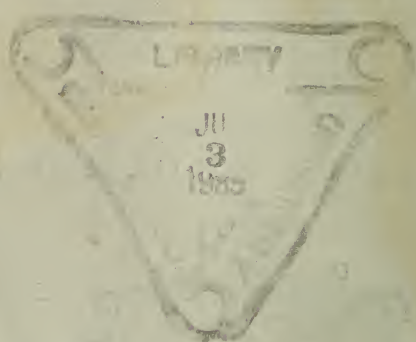
NAS QUAES SE EXPLICÃO EM COMPENDIO
PELA SAGRADA ESCRITURA, E TRADIÇÃO
A HISTORIA, E OS DOGMAS DA RELIGIÃO
A MORAL CHRISTÃ, OS SACRAMENTOS, AS ORAÇÕES
AS CEREMONIAS, E OS USOS DA IGREJA

IMPRESSAS POR ORDEM DO SENHOR
CARLOS JOAQUIM COLBERT
BISPO DE MONTPELLIER

COM DOUS CATECISMOS ABBREVIADOS
PARA O EXERCICIO DOS MENINOS.

CONTINUAÇÃO DA
TERCEIRA PARTE.

TRADUZIDAS NA LINGUA PORTUGUEZA
PARA O USO
DO
BISPADO DE COIMBRA.

LISBOA
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA
ANNO MDCCLXX.
Com licença da Real Meza Censoria.

INDICE

DOS CAPITULOS, E PARAGRAFOS
da continuação da terceira Parte.

§. 2.

II.

§. 2.

IN-

INSTRUCCÇÕES GERAES EM FÓRMA DE CATECISMO.

TERCEIRA PARTE.

SECÇÃO SEGUNDA

Da Oração, e de tudo aquillo, que lhe pertence.

CAPITULO I

Da Oração em geral.

§. I. *Que cousa he Oração, e quaes sejão as suas differentes especies.*

P. UE cousa he Oração?

R. He huma elevação da nossa alma a Deos.

P. De que modo se póde elevar a Deos a nossa alma?

R. Louvando a Deos, ou adorando-o, ou dando-lhe graças pelos beneficios, que nos faz, pedindo-lhe au-

xilios, ou offerecendo-lhe as nossas pessoas, os nossos bens, as nossas obras, os nossos trabalhos, e tudo o mais que nos respeita. Assim a Oração he de sinco modos, a saber: adoração, louvor, acção de graças, petição, e oblação.

P. De que sorte podemos applicar-nos a cada hum destes sinco modos de Oração?

R. Podemos fazello interiormente, ou exteriormente, em público, ou em particular.

A Oração interior he a que se faz no intimo do coração, sem produzir no exterior palavra alguma, [a] e por isso se chama ordinariamente Oração mental.

A Oração exterior he a que se manifesta com palavras, e que por esta causa se nomea Oração vocal. Mas he necessario advertir que a Oração vocal deve tambem ser interior, concordando o coração com o que diz a boca: sem isso he huma Oração falsa, e hypocrita, que Deos rejeita. [b]

A Oração pública he aquella, que os Fieis unidos fazem juntamente nos congressos públicos da Igreja. Reputa-se tambem como Oração pública o Officio Divino, ainda quando he rezado em particular, porque os Clerigos, quando o rezão ou em público, ou em particular, orão sempre como Ministros públicos da Igreja, e exercitão então huma das principaes funções do ministerio.

A Oração particular he a que cada hum faz particularmente.

P. Que Oração he mais agradavel a Deos, a pública, ou a particular?

R. Huma, e outra he do agrado Divino, sendo feita com fervor: huma, e outra está ordenada. Mas a Oração pública he mais efficaz que a particular, porque 1. Toda a Igreja orando juntamente tem mais for-

a 1. Reg. i. 13. b Isai. xxix. 13. &c.

força para obter de Deos o que pede, do que os particulares. Faz-se então, como diz Tertulliano, huma santa violencia a Deos, a qual lhe he agradavel. [a]

2. Os fracos, e os tibios, que orão juntamente com os fervorosos, e perfeitos, participão do seu fervor, e por este meio são ouvidos mais facilmente.

3. Se Jesus Christo diz [b] que quando duas, ou tres pessoas estiverem juntas em seu nome, estará no meio dellas, com muita maior razão se achará presente, quando alguma Igreja estiver cheia.

P. Qual he a mais perfeita de todas as Orações?

R. A Oração do *Padre nosso*, que o mesmo Jesus Christo nos ensinou, e por cujo motivo se chama a Oração Dominical; porque esta Oração encerra substancialmente tudo aquillo, que podemos, e que devemos desejar, e pedir a Deos, como adiante se dirá. [c]

P. Qual he a mais perfeita de todas as Orações públicas da Igreja?

R. O santo Sacrificio da Missa. Porque 1. Este augusto Sacrificio comprehende todas as outras Orações, a adoração, o louvor, a acção de graças, a petição, e a oblação.

2. O mesmo Jesus Christo, Author de todas as graças, e de todos os bens, he offerecido nelle por todo o corpo da Igreja, composto da cabeça, e dos membros, como abaixo explicaremos. [d]

§. 2. *Da necessidade da Oração.*

P. Em que se funda a necessidade da Oração?

R. 1. No preceito de Jesus Christo. 2. Em seu exemplo. 3. Na nossa propria necessidade. 4. No imperio abso-

a Tertull. Apolog. cap. 39.
b Matth. xviii. 20.
c Cap. 4.
d Cap. 7. desta Secç.

ſoluto de Deos a reſpeito dos homens. 5. Sobre o grande numero de ſeus beneficios.

P. Qual he ſobre eſte particular o preceito de Jeſus Chriſto?

R. Diz eſte Senhor que he neceſſario orar ſempre, e nunca interromper a oração. [a]

P. Como poderemos orar ſempre, e ſem interrupção?

R. A Oração he o deſejo do noſſo coração: ſe eſte deſejo nos leva a Deos, ſe nunca ſe interrompe, a noſſa Oração he contínua, e cumprimos á letra o preceito de Jeſus Chriſto, diz Santo Agoſtinho. [b]

EXPLICAÇÃO.

Não podemos eſtar ſempre de joelhos, nem ſempre louvar, ou orar a Deos de boca, nem ſempre formar actos interiores de amor de Deos, mas podemos ſempre amar a Deos, e deſejar ſempre unir-nos com elle. As occupações indiſpenſaveis da vida não impedem que eſte deſejo de unir-nos a Deos ſubſiſta no intimo de noſſo coração. Se eſte deſejo he ſyncero, faz que todas as noſſas acções ſe refirão a Deos, e ſejão bem ordenadas; porque quando o amor de Deos domina o noſſo coração, obramos por Deos, ſem que ſeja neceſſario para iſſo cuidar actualmente no meſmo Senhor. Aſſim orar ſem interrupção, deſejar ſem interrupção unir-ſe a Deos, e amar a Deos ſem interrupção, são tres expreſsões, que ſignificão huma meſma couſa. Não cumprimos pois o preceito da Oração contínua, ſenão quando amamos a Deos; e a noſſa Oração, fallando propriamente, não he interrompida, ſenão quando ceſſamos de amar a Deos. [c]

P. Por que razão dizeis que a neceſſidade da Oração ſe funda no exemplo de Jeſus Chriſto?

R.

a Luc. xviii. 1.
b S. Ag. ſob. o Pſ. 37. n. 14.
c Veja-ſe S. Ag. ib. e Epiſt. 130, ou 121. a Proba.

R. Porque Jesus Christo quiz instruir-nos neste particular assim com exemplos, como com palavras. A Oração occupava huma parte da sua vida. Muitas vezes empregava nella noites inteiras; e nunca obrou cousa alguma importante, sem primeiro se preparar com a Oração. [a]

P. Por que razão dizeis que a necessidade da Oração se funda sobre a nossa necessidade?

R. Porque da nossa parte não podemos ter cousa boa, e util para a salvação, nem ainda o menor bom pensamento. Tudo vem de Deos por Jesus Christo, e por meio da Oração he que as graças de Jesus Christo nos são communicadas. [b]

P. Não recebemos tambem a graça de Deos por meio dos Sacramentos?

R. Sim. Mas a administração dos Sacramentos vai sempre acompanhada de Orações; e pelo merecimento das nossas Orações, ou das da Igreja he que recebemos de Deos a graça de participar dos Sacramentos. Assim a Oração he sempre a fonte, e origem das graças.

Explicação.

He hum principio certo que Deos não concede alguma graça senão ás Orações. A origem de todas as graças he Jesus Christo. Por effeito puro da sua misericordia, sem alguma Oração precedente, resolveo Deos enviar Jésus Christo aos homens depois do seu peccado; mas quiz que os homens tivessem suspirado largo tempo pela sua vinda; que tivessem conhecido a necessidade, que tinhão della; e que o tivessem pedido muito tempo antes de enviallo. Chegou em fim Jesus Christo, formou a sua Igreja com as suas Orações, e com os merecimentos do seu Sangue; e a ninguem

[a] Luc. vi. 12. iv. 29. Joan. xvii.

[b] Joan. vi. 66. xv. 5. xvi. 23. 2. Cor. iii. 5.

guem concede alguma graça util para a salvação, senão a rogos desta mesma Igreja, e dos membros, que a compõe. Assim os que ainda não estão justificados por Jesus Christo, não obtem, nem recebem a graça da justificação, senão he por meio das Orações da Igreja, e dos Fieis, que se achão no gremio da mesma Igreja. E os que já estão justificados, para obterem o augmento das graças, e a perseverança no bem, necessitão de orar, para que as suas Orações juntas ás da Igreja produzão este effeito; e Jesus Christo he sempre quem dá pela virtude de seu sangue o preço, e o merecimento a todas estas Orações. Nenhuma cousa estabelece mais invencivelmente a necessidade da Oração, do que este principio, que he tirado de Santo Agostinho. [a]

P. Por que razão dizeis que a necessidade da Oração se funda tambem no imperio absoluto de Deos a respeito dos homens?

R. Porque deste imperio absoluto se segue a necessidade que temos de adorar a Deos, louvallo, offerecer-lhe as nossas acções, as nossas pessoas, os nossos bens, e de supplicar-lhe em nossas necessidades.

P. Por que razão dizeis que a necessidade da Oração se funda no grande numero de beneficios, que temos recebido da parte de Deos?

R. Porque estes beneficios nos obrigão a testificar-lhe o nosso reconhecimento de render-lhe acções de graças, e nos animão a chegar ao throno da sua misericordia para pedir-lhe novos favores.

P. Quaes são os beneficios, pelos quaes devemos dar graças a Deos?

R. Estes beneficios ou são geraes, ou particulares, ou pessoaes.

Os

a Veja-se o Tr. da Unid. da Igreja de Nicole contra Juricu, L.2. c.14.

Os *geraes* são os communs a todos os homens, a creação, a morte de Jesus Christo, &c.

Os *particulares* são os communs a muitos, mas não a todos os homens: taes são os beneficios da justificação, da participação dos Sacramentos, da palavra de Deos, &c. Porque ainda que Jesus Christo morresse por todos os homens, com tudo nem todos são justificados, recebem os Sacramentos, e ouvem a palavra de Deos.

Os *pessoaes* são todos os favores, que cada hum recebeo de Deos, e recebe todos os dias: por exemplo, o haver sido educado christãmente, o ter chegado ao conhecimento da verdade, o haver deixado a culpa, o haver sido provado com penalidades temporaes, o achar obstaculos em tudo o que se busca por cubiça, &c. Em huma palavra, nada temos que não tenhamos recebido de Deos. E tudo quanto nos succede póde contribuir á nossa salvação. Devemos dar graças a Deos por todas as cousas, pedir-lhe a graça de usar bem de todos os seus dons, e louvallo em todo o tempo. [a]

P. Quem são os que devem orar?

R. Todos aquelles, que tem uso de razão. Nenhum delles está dispensado de trabalhar na sua salvação, nem póde trabalhar nella sem applicar-se á Oração.

§. 3. *A quem se ha de orar, e por quem.*

P. A quem devemos dirigir as nossas Orações?

R. 1. Devemos orar a Deos só como fonte de todo o bem, e de todas as graças; e a Jesus Christo como nosso unico Mediador.

2. Podemos invocar a SS. Virgem, os Anjos, e os Santos, como nossos Intercessores para com Jesus Christo.[b]

P.

[a] Ps. xxxiii. 2. 1. Thessal. v. 18.

[b] Concil. de Trento, Sess. 25. sob. a invocação dos Santos. Veja-se a 2. P. Secç. 3. cap. 2. §. 3.

P. Não devemos orar ſenão por nós?

R. O amor do proximo nos obriga a orar tambem pelos outros: *Orai huns pelos outros*, diz Sant-Iago, *para que ſejais ſalvos, porque a Oração continua póde muito.* [a]

P. Por quem ſe ha de orar?

R. Por todos os homens, pelos Principes, pelos Magiſtrados, pelos noſſos parentes, amigos, e inimigos, pelos juſtos, pelos peccadores, e ainda pelos hereges, e infieis. [b]

P. He louvavel o encommendar-ſe ás Orações dos Fieis?

R. He huma couſa ſanta, praticada por todos os Fieis do antigo, e novo Teſtamento, e confirmada com o exemplo dos Apoſtolos. [c]

P. São os juſtos ſempre ouvidos nas Orações, que fazem pelos outros?

R. Pelas Orações dos juſtos ſe concede a conversão dos peccadores; mas nem todos os peccadores ſe convertem, por quem os juſtos orão: com alguns uſa Deos de miſericordia; com outros de juſtiça, e os caſtiga ſem attender ás Orações, que lhe são dirigidas para a ſua conversão. [d]

P. Que devemos pedir para os outros?

R. Tudo aquillo, que devemos pedir para nós. A' vida eterna, e todas as couſas ou eſpirituaes, ou temporaes, que podem contribuir para ella: o que tudo explicaremos abaixo com maior extensão. [e]

P. Podemos orar pelos mortos?

R. A Sagrada Eſcritura nos enſina ſer eſta huma cou-

a Sant-Iago v. 16.

b 1. Tim. ij. 1. &c. Coloſſ. iv. 3. 1. Theſſal. v. 25. Act. xii. 5. Baruch i. 11. Matth. v. 44. Tert. Apol. cap. 30. 31. 39. S. Agoſt. Epiſt. 130. ou 121. a Proba, Epiſt. 117. ou 107. a Vital. Diſc. 4. ſob. o Pſ. 30. n. 2.

c 1. Reg. vii. 8. 4. Reg. xix. 20. Judith viii. 29. 31. 33. 2. Theſſal. iii. 1. 2. Philem. 4. Heb. xiii. 18.

d Eccleſ. vii. 14. 1. Joan. v. 16. S. Ambroſ. L. 1. da Penit. cap. 8. S. Agoſt. Trat. 102. ſob. S. João.

e No §. 6. deſte cap.

cousa santa, e saudavel. [a] E a Igreja o praticou sempre, e sempre reputou estas Orações como uteis aos defuntos. [b]

P. Quem são os mortos, pelos quaes convem orar?

R. São aquelles, que podem estar no Purgatorio; porque os que se achão no Ceo não tem necessidade que se ore por elles, e as nossas Orações serião inuteis aos condemnados. [c]

P. Que se ha de pedir pelos mortos?

R. O seu alivio, e refrigerio.

P. Devemos deprecar igualmente por todos aquelles, que se achão no Purgatorio?

R. He racionavel que oremos mais particularmente por aquelles, com quem vivemos mais unidos na terra, a quem devemos maiores obrigações, e a quem podem ser mais necessarias as nossas Orações. Porém não ha alguma Alma no Purgatorio, pela qual não devamos orar, como faz a Igreja. [d]

§. 4. *Dos effeitos da Oração.*

P. Quaes são os effeitos da Oração?

R. Muitos se poderão referir: os principaes são estes. Por meio da Oração, 1. Honramos a Deos. [e] 2. Nos adiantamos na prática de todas as virtudes. 3. Recebemos a fortaleza para resistir a todas as tentações. [f] 4. Applacamos a ira de Deos, e obtemos misericordia para nós, e para os outros. [g] 5. Alcançamos ge-

a 2. Machab. xii. 46.

b S. Agost. L. do Cuidado dos mortos, cap. 1. e ult. Liv. os das Conf. cap. 13. &c. Vejão-se as authoridades dos outros Padres referidas abaixo, fallando do Sacrif. da Missa offerec. pelos mortos, cap. 7. §. 13.

c S. Agost. L. do Cuidado dos mortos, cap. 1. e ultimo.

d S. Agost. L. do Cuidado dos mortos, cap. ultimo.

e Ps. cxl. e S. Ag. sob. o vers. 2. deste Ps. n. 5. &c.

f Matth. xxvi. 41. S. Hilario sob. o Ps. 63. n. 6.

g Veja se no cap. xxxii. do Gen. a luta espiritual de Jacob, figura da Oração, Exod. xxx. 10. xxxii. 10. &c. Ps. cv. 23. Ezech. xiii. 5. Luc. xi. 1. &c.

geralmente todas as couſas, que pedimos, ſe são juſtas; e racionaveis. [a]

P. A Oração he ſempre ſeguida deſtes effeitos?

R. Sim, quando he bem feita; quero dizer, quando quem ora eſtá bem diſpoſto, não pede a Deos ſenão o que convem pedir-lhe, e o pede como convem.

§. 5. *Das diſpoſições, que devem acompanhar ao que ora.*

P. Com que diſpoſição devemos achar-nos para orar com fruto?

R. Para reſponder a eſta pergunta, deve ſaber-ſe que os homens, que orão, podem ter quatro diſpoſições differentes.

A primeira diſpoſição he a dos Chriſtãos, que ſe achão em eſtado de graça. A ſegunda he a dos Chriſtãos, que eſtão em peccado mortal, mas que tem dor delles, e querem ſahir deſte eſtado. A terceira he a dos infieis, ou hereges, que buſcão com animo ſyncero a verdade, e que deſejão com ardor conhecella. A quarta he a dos peccadores, que amão o ſeu peccado, que não querem largallo, que perſeverão nelle, e que ajuntão todos os dias culpas ſobre culpas.

Iſto ſuppoſto, reſpondo que todos aquelles, que ſe achão em alguma das tres primeiras diſpoſições, orão com fruto todas as vezes, que pedem como convem o que ſe deve pedir. [b] Mas os ultimos orão inutilmen-

te,

a Iſai. lviii. 9. lix. 4. Joann. xvi. 24. Pſ. cxliv. 18. e 19. Veja-ſe S. Agoſt. ſob. eſte Pſ. cxliv. n. 4. e 22. Na Sag. Eſcrit. ſe lem infin. exemp. da efficac. da Oração para obter o que ſe pede. Geneſ. xxv. 21. Exod. xvii. 11. xxxii. 11. Juiz. iii. 9. vi. 7. 8. 1. Reg. i. 10. ii. 21. 3. Reg. xviii. 37. 42. 4. Reg. xiii. 4. 1. Machab. iii. 44. vii. 36. 2. Machab. viii. 2. x. 16. xi. 6. xv. 21. Tob. xii. 12. Eſther iv. 16. xiii. xiv. &c. Judith iv. Daniel iii. vi. xiii. xiv. Act. xvi. 25. xxviii. 8. Sant-Iago v. 17. &c.

b Pſ. cxliv. 18. S. Agoſt. ſob. eſte Pſ. n. 4. e 22. Matth. vi. 6. xi. 28. Luc. xviii. 1. Act. x. 4. S. Agoſt. Serm. 115. ou 136. das palavras do Senhor, e Tr. 44. ſob. S. João.

te, e as ſuas Orações em lugar de applacarem a ira de Deos, não fazem mais que irritalla. [a]

P. Por que razão irrita a Deos, em lugar de o applacar, a Oração dos peccadores impenitentes?

R. Porque não póde deixar de ſer falſa, e hypocriſta; e he zombar de Deos o pedir-lhe auxilio no meſmo tempo, em que ſe não cuida mais que em irritallo com os peccados, que não ha vontade, nem deſejo de largar. [b]

He neceſſario com tudo advertir que póde ſucceder, e ſuccede muitas vezes, que hum peccador, que ama actualmente o ſeu peccado, pede a Deos a graça de não amallo. Ainda agrada o peccado, he verdade, mas ora-ſe para que não agrade, para que dê a vontade de não peccar, de não perſeverar na culpa até o fim, e de não amontoar peccados ſobre peccados. Quando algum peccador ora com eſta diſpoſição interior, o faz utilmente. Eſta diſpoſição deve referir-ſe á ſegunda daquellas, que aſſima deixamos explicadas; porque eſta vontade imperfeita, eſtes fracos deſejos são hum paſſo para a conversão, formado pela graça no coração dos maiores peccadores. Eſtes movimentos interiores são momentos de miſericordia, durante os quaes lhes faz ver a fé o horror do ſeu eſtado. Não convem que o temor de irritar a Deos com a Oração lhes faça ſuffocar eſtas pequenas luzes da graça, cujos principios não são quaſi nada, e que não obſtante podem conduzir á inteira conversão, quando são ſeguidos. Aſſim todo o peccador, que ora com humildade, e com algum principio, ou ao menos algum deſejo de odio para o eſtado da culpa, em que ſe acha, ora utilmente, ainda quando eſta Oração não lhe ſerviſſe de mais

[a] Job xi. 13. 14. 15. Proverb. xxviii. 9. Joan. xv. 7. 1. Joan. iii. 21. Iſai. i. 15. Matth. xv. 8. 9. Tertull. L. da Oração, cap. 10. S. Ag. Tr. 45. ſob. S. João, e ſob. o Pſ. 65. n. 5. e 24.

[b] 1. Joan. iii. 21.

mais que de fazello attender sobre a miseria da sua alma. [a] Mas hum peccador, que sem humildade, sem compunção, sem algum movimento, ou desejo de penitencia, se atreve a apresentar-se diante de Deos para pedir-lhe com insolencia as graças, que não deseja absolutamente; quem não vê que hum tal peccador insulta a Deos com a sua propria Oração? Isto fazem todos os dias huma infinidade de peccadores, que de puro habito, e por costume dirigem a Deos Orações, que o seu coração desmente.

§. 6. *Das cousas, que devemos pedir a Deos.*

P. Quaes são as cousas, que devemos pedir a Deos?

R. Tudo aquillo, que he justo, e racionavel; quero dizer, tudo aquillo, que podemos desejar legitimamente. [b]

P. Convem pedir a Deos do mesmo modo tudo aquillo, que devemos pedir-lhe?

R. Cousas ha, que devemos pedir absolutamente; outras, que devemos pedir debaixo de condição.

P. Quaes são as cousas, que devemos pedir a Deos absolutamente?

R. A vida eterna, e tudo aquillo, que he meio necessario para conseguilla: por exemplo, a remissão dos peccados, as virtudes, a graça de conhecer, e cumprir os Mandamentos de Deos, e da Igreja, e as obrigações do nosso estado, &c.

P. Quaes são as cousas, que devemos pedir a Deos condicionalmente?

R. Tudo aquillo, que póde conduzir-nos ao Reino de

[a] Veja-se o exemplo do impio Achab, 3. Reg. xxi. 29. e de Joacas Rei de Israel, 4. Reg. xiii. 1. 2. 3. 4. e 5.

[b] Joan. xv. 7.

de Deos, e á justiça, mas que não he meio necessario para chegar a conseguillo. [a]

P. Com que condição devemos pedir a Deos estas cousas?

R. Não convem desejallas, e por conseguinte nem pedillas, senão quanto Deos conhece que podem conduzir-nos ao mesmo Senhor, e contribuir á nossa salvação. [b]

P. Por que razão não convem pedir a Deos estas cousas, senão debaixo da referida condição?

R. Porque tudo aquillo, que não contribue para a nossa salvação, nos he prejudicial. Ora he certo que não podemos desejar, nem pedir legitimamente o que nos serve de prejuizo. [c]

P. Quaes são as cousas, que podem conduzir-nos a Deos, mas que podem tambem desviar-nos delle?

R. 1. Todos os bens temporaes, ou sejão do animo, ou do corpo, da natureza, ou da fortuna.

2. Muitos bens espirituaes, os quaes attendendo a certas circumstancias, ou conjunções, podem ser-nos uteis, ou prejudiciaes, por respeito á salvação: por exemplo, ter abraçado este, ou aquelle estado de vida; estar ligado com estas, ou com aquellas pessoas; saber, ou ignorar isto, ou aquillo; habitar nesta, ou naquella parte: em huma palavra, aquillo mesmo, que santifica a hum, póde perder a outro.

Estas são as cousas, que não devemos desejar, senão quanto Deos conhece que são uteis á nossa salvação. [d]

§. 7.

[a] Matth. vij. S. Agost. sob. o Ps. 36. disc. 2. n. 20. sob. o Ps. 53. n. 5. e 10. sob. o Ps. 76. n. 2. e 3. &c.

[b] S. Agost. ibid.

[c] Ibid.

[d] S. Agost. ibid. e Epist. 130. ou 120. a Proba. Trat. 73. sobre S. João sob. o Ps. 85. que he admiravel.

§. 7. *Das condições da Oração.*

P. De que modo devemos orar para ser ouvidos, quando he justo o que pedimos?

R. Devemos orar, 1. Em nome de Jesus Christo. 2. Em espirito, e verdade. 3. Com humildade, e compunção. 4. Com attenção. 5. Com confiança. 6. Com perseverança.

1. Condição. *Orar em nome de Jesus Christo.*

P. Que cousa he orar em nome de Jesus Christo?

R. He pedir por Christo, e em Christo o que he necessario para a salvação; porque se se pedisse a Deos outra cousa, não se pediria em nome do Salvador, ainda que se interpuzesse o seu nome, diz Santo Agostinho. [a]

P. Por que razão se ha de orar em nome de Jesus Christo?

R. Porque não ha outro nome, no qual possamos ser salvos; outro mediador senão Jesus Christo; por elle só he que podemos ter accesso com Deos. [b]

P. As Orações, que a Igreja Catholica faz aos Santos, são feitas em nome de Jesus Christo?

R. Sim. Porque estas Orações não tem outro fim, que supplicar aos Santos se unão comnosco, para obter por Jesus Christo o que pedimos. Os Santos, do mesmo modo que nós, não podem ter accesso com Deos Padre senão por Jesus Christo. [c]

P. A adoração, o louvor, a acção de graças, o sacrificio, a oblação devem fazer-se em nome de Jesus Christo?

R. Sim. Todas estas cousas são verdadeiras Orações, por meio das quaes se eleva a Deos a nossa alma: e não

a S. Agost. Tr. 72. e 102. sob. n. 5. e L. 11. cap. 1. S. João.

b Act. iv. 12. 1. Tim. ii. 5. S. Ag. L. 1. das Confiss. cap. 3.

c Conc. de Trento, Sess. 25. tit. da invocação dos Santos.

não devemos elevar-nos a Deos, ſenão por Jeſus Chriſto, que ſó póde dar-nos entrada com Deos.

2. Condição. *Orar a Deos em eſpirito, e verdade.*

P. Que couſa he orar a Deos em eſpirito, e verdade?

R. He orar do intimo do coração, e com deſejo ſyncero de ſer ouvido. [a]

P. Por que razão ſe ha de orar em eſpirito, e verdade?

R. Porque *Deos he eſpirito, e quer que aquelles, que o adorão, o fação em eſpirito, e verdade.* Obrar de outro modo he imitar os Judeos, e os hypocritas, de que Deos ſe queixa. [b]

3. Condição. *Orar com humildade, e compunção.*

P. Que couſa he orar com humildade, e compunção?

R. He orar com gemidos de hum coração contrito, penetrado da ſua miſeria, das ſuas proprias neceſſidades, da ſua fraqueza, e humilhado com o pezo das ſuas culpas. [c]

P. Eſta diſpoſição he abſolutamente neceſſaria para a Oração?

R. Sim. Sem iſſo não são ouvidas as noſſas Orações. [d]

P. Com que motivo podemos excitar-nos a orar com humildade, e compunção?

R. Pela conſideração da noſſa fraqueza, da noſſa pobreza, da noſſa indigencia, dos noſſos peccados, e da neceſſidade, que temos dos auxilios de Deos para levantar-nos, ou para não cahirmos.

4. Con-

a S. Cyrillo Alexandrino compoz huma Obra util ſob. eſta materia em 17. Livros, que póde ver-ſe. Lea-ſe tambem a Epiſt. de S. Ag. a Proba aſſima citada.

b Joan. iv. 23. Matth. vi. 5. xv. 8. Iſai. xxxix. 13.

c Eccli. xxxv. 21. Iſai. lxvi. 2. Pſalm. xxxiii. 19. l. 19. cl. 28. Luc. xii. 7. xviii. 13. &c.

d S. Agoſt. ſob. o Pſal. lxviii. Serm. 2. num. 15. e 18. Diſc. 2. ſob. o Pſal. xxix. n. 19. S. Bern. Serm. 36. ſob. o Cant. Judith ix. 16.

4. Condição. *Orar com attenção.*

P. Que cousa he orar com attenção?

R. He orar sem distracções, cuidar no que se pede, e a quem se falla.

P. As Orações feitas com distracções são inuteis, e infructuosas?

R. Se nos distrahimos voluntariamente, as nossas Orações são sem fruto; se involuntariamente, Deos attende á nossa fraqueza; e não obstante estas distracções, não deixa de ouvir-nos. [a]

P. Que entendeis por distracções voluntarias?

R. Entendo aquellas, que são taes ou em si, ou na sua causa.

As distracções voluntarias em si são aquellas, com as quaes nos distrahimos voluntariamente da Oração, para cuidar de proposito deliberado em outra cousa.

As distracções voluntarias em sua causa são aquellas, que são effeito da decipação voluntaria, em que jazemos, ou do amor do Mundo, de que estamos cheios.

EXPLICAÇÃO.

Occupa-se o coração de ordinario na Oração daquillo mesmo, de que está cheio. *O amor de Deos*, diz Santo Agostinho, *he que ora, e que geme; o amor he que pede; o amor he que busca; o amor he que nos descobre as verdades; o amor he que nos faz permanecer firmes nas verdades, que nos tem descuberto.* [b] Se o nosso coração pois não tem ao menos hum principio de amor de Deos, se está cheio de amor do Mundo, se se acha inteiramente decipado com objectos exteriores, incantado com bacatelas, cheio de todas estas cousas, não cuidará em outras na Oração, estará pois sempre distra-

[a] S. Ag. sob. o Ps. lxxxv. n. 7. S. Cypr. da Oraç. Dom. S. Bern. Serm. 25. de *Diversis*, e Serm. 5. da Ascens. n. 8.

[b] S. Ag. Tr. 6. sob. S. João, L. 1. dos Costumes da Igreja Catholica, cap. 17.

trahido, e eſtas diſtracções são voluntarias na ſua cauſa, porque o amor do Mundo, cauſa deſta decipação, he voluntario.

P. Que ſe ha de fazer para evitar eſtas diſtracções, que são voluntarias na ſua cauſa?

R. He preciſo *preparar a alma ántes da Oração, para não ſer reputado como hum homem, que tenta a Deos.* São palavras do Eſpirito Santo. [a]

P. Por que razão he tentar a Deos o preſentar-ſe á Oração ſem preparação?

R. Porque he tentar a Deos o expôr-ſe a offender o meſmo Senhor. Offende-ſe Deos de quem ora voluntariamente ſem attenção; e expõe-ſe a orar ſem attenção, quem ſe preſenta á Oração ſem preparação.

P. Como devemos preparar-nos para a Oração?

R. Ha huma preparação remota, e outra proxima.

P. Em que conſiſte a preparação remota?

R. Em fazer huma vida regulada pelas maximas do Evangelho, huma vida occupada, ſéria, e alheia das vaidades do ſeculo.

P. Por que razão reputais eſta vida como huma preparação neceſſaria para a Oração?

R. Porque ſeremos infallivelmente decipados, e diſtrahidos na Oração, ſenão vivermos, ou ſenão entrarmos ſynceramente no deſejo de viver ſegundo as maximas do Evangelho.

P. Os Chriſtãos cheios dos dictames do Mundo nunca podem pois obrar como convem?

R. Não, até que comecem a ſentir a ſua miſeria, e a querer apartar-ſe do Mundo, e unir-ſe a Deos: ſem eſta diſpoſição as ſuas Orações ſempre ſerão falſas, ſuperficiaes, inuteis, e muitas vezes peccaminoſas. [b]

[a] Eccli. xviii. 23.
[b] Iſai. i. 1. S. Agoſt. Trat. 35. ſobre S. João. Veja-ſe o que fica dito no §. 5. deſte cap.

P. Em que consiste a preparação proxima ?

R. Em recolher-se dentro em si antes de orar, pôr-se na presença de Deos, cuidar seriamente no que se vai fazer, e tomar as medidas necessarias para orar bem.

5. Condição. *Orar com confiança.*

P. Que cousa he orar com confiança ?

R. He orar com fé, e com huma firme segurança que Deos póde ouvir-nos, e nos quer conceder por sua misericordia o que humildemente lhe pedimos.

P. Esta disposição he necessaria ?

R. He tão necessaria, que sem ella não seremos ouvidos. [a]

P. De que motivos podemos servir-nos para orar a Deos com confiança ?

R. Da consideração das verdades seguintes.

1. Que Deos póde fazer tudo o que lhe pedimos: que póde curar-nos, por entranhado que esteja o nosso mal. [b]

2. Que Deos só póde satisfazer as nossas necessidades, e curar as nossas fraquezas; e que não faz esta graça senão áquelles, que implorão o seu auxilio. [c]

3. Que quer fazer-nos misericordia, e que as graças já recebidas da sua bondade são penhor das que devemos esperar de novo. [d]

4. Que por grandes que sejão os nossos delictos, nunca devemos desesperar, porque o poder de Deos he ainda maior. [e]

5. Que o mesmo Senhor nos prometteo conceder-nos tudo aquillo, que lhe pedissemos como convem. [f]

6. Que

a Sap. i. 1. 2. Marc. xi. 24. Sant-Iago i. 5. &c.
b Matth. viii. 2. e seg.
c Matth. vii. 7. e seg.
d Matth. xi. 28.
e S. Ag. sob. os Ps. 33. 50. e 68. n. 16. e 18. &c.
f Matth. vii. 8. Joan. xvi. 23. 24. &c.

6. Que Jesus Christo nosso Salvador nos sustem, e nos serve de mediador, e de intercessor. [a]

7. Que hum grande numero de peccadores tão máos como nós, forão ouvidos, e obtiverão misericordia. [b]

8. Que o mesmo Espirito Santo ora em nós, e nos faz gemer para supprir á nossa fraqueza, e que os clamores deste Divino Espirito são sempre ouvidos. [c]

6. Condição. *Orar com perseverança.*

P. Que cousa he orar com perseverança?

R. He orar sempre sem nunca afrouxar.

P. Por que razão devemos nós orar sempre sem afrouxar?

R. Porque, 1. Jesus Christo assim o ordena. [d]

2. Cada dia se offerecem novos trabalhos, para os quaes necessitamos absolutamente o auxilio de Deos.

3. Muitas vezes differe Deos o seu auxilio, esperando a nossa perseverança na Oração, para conceder-nos o que pedimos. [e]

P. Por que razão as nossas súpplicas não são logo ouvidas?

R. 1. Para prova da nossa fé, e confiança.

2. Para castigo da nossa tibieza, e pouco fervor das nossas Orações. Oramos frouxamente, porque desejamos com frouxidão os bens, que Deos nos promette; e Deos não concede o que lhe pedimos, sem haver ardor, e synceridade em nossos desejos, sendo estes justificados.

3. Para conhecimento mais vivo da nossa miseria, fraqueza, e necessidade; e para aprendermos por este

 me-

a 1. Joan. ii. 1.
b Veja-se na Escritura o exemplo de Manasses, do filho Prodigo, do Publicano, da Peccadora, do bom Ladrão, &c. 2. Paralip. xxxiii. 13. Luc. vii. 37. xv. 18. xviii. 13. xxiii. 40. &c.
c Rom. viii. 26. e 27.
d Luc. xviii. 1. 1. Thessal. v. 17. Efes. vi. 18. &c.
e Luc. xi. 5. &c. xviii. 1. Matth. xv. 22. &c.

meio a ser mais humildes, mais circumspectos, mais vigilantes, e augmentar o ardor de nosso desejo para ser curados, e livres. [a]

P. As nossas Orações são taes, quaes devem ser, quando bem dispostos, nada pedimos que não seja justo, e o pedimos com as seis disposições, que ficão explicadas?

R. Sim. Podemos então esperar com confiança que seremos ouvidos. Mas ainda temos huma cousa que accrescentar ao que fica dito, e vem a ser, que devemos juntar com a Oração, quanto for possivel, o jejum, e a esmola. [b]

§. 8. *De que modo ouve Deos aos que orão.*

P. Ouve Deos sempre aos que orão com estas disposições, e condições?

R. Sim. Mas não os ouve sempre do modo que o pedem. [c]

EXPLICAÇÃO.

Quero dizer, que Deos lhes concede sempre o essencial das suas Orações, que he a sua santificação, e o adiantamento na virtude; mas recusa algumas vezes certas cousas determinadas que pedem, ainda que sejão boas; e a razão disto he, que Deos nos ama, e conhece melhor do que nós o que nos he necessario, ou conveniente. Por bondade sua nos nega o que lhe pedimos, querendo por sua misericordia fazer-nos chegar á salvação por outro caminho differente daquelle, que escolhemos.

P.

a Eccles. ii. S. Ag. Tr. 103. sob. S. João, n. 3. e sob. os Psal. 21. 30. e 144. n. 4. e 22. &c.

b Tob. xii. 8. Judith iv. 8. 1. Machab. iii. 7. S. Cypr. da Oraç. Dom. S. Ag. sob. o Ps. 42. n. 7. e 8. &c.

c S. Ag. Tr. 75. sob. S. João, n. 1. e 4. sob. o Ps. 55. n. 12. 13. 17. e 19. sob. o Ps. 87. n. 15. e Tr. 6. sob. a 1. Epist. de S. João, &c. Todos estes lugares são admiraveis, e dignos de ler-se com a maior attenção.

P. Nunca concede Deos aos máos o que lhe pedem por cubiça?

R. Muitas vezes ſuccede que Deos entrega os máos aos deſejos de ſeu coração, e lhes faz ſentir a ſua ira, concedendo-lhes o que pedem; aſſim como por miſericordia deixa algumas vezes de ouvir aos que orão. Quando o que deſejamos, e pedimos he prejudicial á noſſa ſalvação, ſe Deos o concede, he effeito terrivel da ſua juſtiça, e da ſua ira; ſe o nega, he effeito admiravel da ſua bondade, e da ſua paternal providencia. [a]

Daqui devemos concluir, 1. Que quando Deos nos afflige temporalmente, devemos dar-lhe graças em lugar de queixar-nos.

2. Que he neceſſario deſejar que Deos nos negue tudo aquillo, que lhe pedimos levados de cubiça, e que não nos conceda ſenão o que o meſmo Senhor conhece que póde contribuir para a noſſa ſalvação. [b]

§. 9. *Da poſtura, com que devemos orar.*

P. Em que poſtura devemos orar?

R. He preciſo neſte ponto fazer differença entre as Orações públicas, e as particulares. Pelo que reſpeita ás Orações públicas, o melhor he conformar-nos com a poſtura do Clero.

Não ha Lei, que preſcreva qual deva ſer a ſituação do corpo na Oração particular. Em qualquer poſtura que eſtejamos, quando fazemos Oração, com tanto que a alma ſe applique ſynceramente a Deos, e que a Oração ſeja fervoroſa, oramos ſempre bem. [c]

Com

a S. Ag. ſob. o Pſ. 26. Serm. 2. n. 7. e 14. ſob. o Pſ. 144. n. 19. e 22. Tr. 73. ſob. S. João. Epiſt. 130. ou 121. a Proba, cap. 14. Tr. 6. ſob. a 1. Epiſt. de S. João.

b S. Ag. ibid. e ſob. o Pſ. 53. n. 5. e 10.

c S. Ag. L. 2. a Simplic. q. 4.

Com tudo he conveniente, 1. Orar cada dia de joelhos, á imitação de S. Paulo. [a]

2. No tempo Pascal, e em todos os Domingos do anno, a intenção da Igreja he que oremos de pé: o mesmo se póde fazer em particular.

3. Será bom tambem que oremos algumas vezes prostrados por terra, á imitação de Jesus Christo. [b]

4. Podemos orar assentados, como Elias. [c]

5. Podemos na Oração levantar algumas vezes as mãos, e os olhos ao Ceo, á imitação de Moysés, de David, e de Jesus Christo. [d]

6. Podemos virar-nos para o Oriente, como fazião os primeiros Christãos, seguindo nisto a Tradição dos Apostolos. [e]

7. He prática muito santa o voltar-nos para a Igreja, em que está o Santissimo Sacramento, á imitação dos Judeos, que em qualquer parte que estivessem, se viravão para o Templo de Jerusalem. [f]

Todas estas differentes situações tem sua utilidade, com tanto que a alma se applique á Oração, e que tenhamos cuidado de excitar nella com estes movimentos exteriores do nosso corpo, os sentimentos interiores, de que deve estar penetrada quando ora, e sem os quaes não póde a Oração agradar a Deos. [g]

P. Por que razão ora de pé a Igreja nos Domingos, e tempo Pascal?

R. Em memoria da Resurreição de Jesus Christo.

P. Por que razão se voltavão para o Oriente os primeiros Christãos, quando oravão?

R. Para mostrar com esta postura que se reputavão na terra como em lugar de desterro, e que suspiravão por

a Efes. iii. 14.
b Matth. xxvi. 39.
c 3. Reg. xviii. 42.
d Exod. xvii. 11. Ps. cxx. 2. Joan. xviii. 1.
e Tertull. Apolog. cap. 16. S. Basil. L. do S. Espirito, cap. 27. S. João Damasceno, L. 4. da Fé Orthodoxa, cap. 13.
f Dan. vi. 10.
g S. Agost. L. do Cuidado dos mortos, cap. 5.

por Jesus Christo, que he chamado o Oriente nas Sagradas Escrituras, e que se voltou para o Oriente, quando quiz subir ao Ceo, como consta de huma piedosa Tradição. [a]

P. Não ha alguns abusos que evitar neste particular?

R. Sim. Seria abuso o guardar com muita religião a exterior situação do corpo, e ao mesmo tempo descuidar-se do fervor, e instancia do espirito, que deve acompanhar estas posturas corporaes. Orar-se-hia então como Judeo, e não como Christão.

Para impedir o cahirmos neste abuso, devemos lembrar-nos que Deos pede principalmente o nosso coração, e que quer ser servido, e supplicado em espirito, e verdade. Estas posturas do corpo sómente são uteis, quando são sinaes exteriores da disposição do nosso coração. [b] Sem isso as mais das vezes são momos, que irritão a Deos, como consta da Escritura. [c] Com maior razão he Deos irritado, quando com posturas indecentes, e immodestas escandalizamos o proximo nas Igrejas, fazendo ver com o mesmo exterior que vamos aos Templos mais para insultar de algum modo ao Senhor, do que para orar a elle. Ponto he este, em que devião cuidar sériamente os Christãos. [d]

§. 10. *Dos tempos, dos dias, e das horas, que devem ser dedicadas á Oração.*

P. Estamos obrigados a destinar certos tempos particulares á Oração?

R. A Oração póde tomar-se ou pela disposição permanente de hum coração, que ama a Deos, que dese-

a S. João Damasceno assima citado. S.Ag. Explicação do Serm. sob. o Monte, L. 2. cap. 5.

b S. Agost. nos lugares assima citados.

c Isai. i. 15. lviii. 3.

d Amos vi. 1. &c.

ſeja unir-ſe com elle, poſſuillo, que refere tudo a Deos; e que vive para Deos unicamente, ou pela elevação actual da noſſa alma a Deos com actos de adoração, louvor, acção de graças, petição, ou oblação.

A Oração tomada no primeiro ſentido deve occupar toda a noſſa vida, porque não ha momento do dia, ou da noite, no qual todo o Chriſtão não ſeja obrigado a amar a Deos, a deſejar unir-ſe com elle, e a viver unicamente para Deos. Neſta diſpoſição ſe acha o cumprimento á letra do que diz Jeſus Chriſto, que he neceſſario orar ſempre, e nunca afrouxar, como aſſima fica dito. [a]

As occupações porém indiſpenſaveis da vida, e a noſſa fraqueza não nos permittem eſtar ſempre em huma elevação actual da noſſa alma a Deos, por iſſo nos achamos na neceſſidade, e com a obrigação de empregar certos tempos particulares neſte ſanto exercicio.

1. Para nos excitarmos a amar a Deos ſem ceſſar, e a adiantar-nos neſte amor.

2. Para impedir que o deſejo, com que devemos ſuſpirar por Deos, não afrouxe.

3. Para renovarmos o fervor do eſpirito, e dar materia ao fogo Divino, que deve abrazar o noſſo coração, e que eſtá ſujeito a apagar-ſe, ſenão velamos para entretello.

4. Para impedir não deixemos enganar-nos com o encanto das vaidades, nem cahir no grande numero de tentações, que nos cercão.

5. Para reconhecer, e expiar as culpas, em que a fragilidade humana nos precipita cada dia, e implorar a miſericordia de Deos. [b]

P. Quaes são os tempos, que devemos deſtinar particularmente á Oração?

R.

a Veja-ſe o §. 6. deſte cap. Proba ſob. o Pſal, 37. n. 24.
b S. Agoſt. Epiſt. 130. ou 121, a

R. Ha dias, que são particularmente consagrados á Oração: taes são os dias de Domingo, de Festa, e os dias de jejum. Devemos ser fieis em orar nestes santos dias mais que nos outros. Além destes dias, que a Igreja destina particularmente á Oração, ha tempos, em que os Fieis devem orar com mais especialidade.

Devemos fazello, 1. Quando estamos enfermos, afflictos, tentados, perseguidos, em perigo da alma, ou do corpo: em huma palavra, todas as vezes que sentimos algum trabalho extraordinario. [a]

2. No tempo de afflicção, e de calamidade pública. [b]

3. Quando se dá principio, ou fim a alguma empreza, ou acção de consequencia, á imitação de Jesus Christo. [c]

4. Quando recebemos de Deos algum favor extraordinario. [d]

5. Devemos multiplicar as Orações pelo proximo, quando se acha em occasiões, em que devêramos multiplicallas por nós.

Temos nos Psalmos modelos excellentes das Orações, que devemos fazer em todas as occurrencias.

P. Não devemos destinar em cada dia certas horas para a Oração?

R. Sim. E este he hum dos modos de cumprir o preceito de Jesus Christo, o qual diz que devemos orar sempre. [e] Estamos obrigados ao menos a orar pela manhã, e á noite: e nenhuma cousa he tão util, como o repetir a mesma Oração por intervallos no decurso do dia. O Rei David orava no dia sete vezes, e além disto levantava-se de noite para orar, não lhe servindo de embaraço as occupações do reinado. [f]

A Igre-

[a] Ps. xlix. 15. Sant-Iago v. 15. Tob. iii. 1.

[b] Judith iv. 8. 1. Machab. iii. 44. Oseas vi. 1.

[c] Luc. vi. 12. 1. Machab. iii. 4. e seg.

[d] Vejão-se todos os Cant. do antigo Testamento.

[e] Luc. xviii. 1. S. Agost. Heresia 57.

[f] Ps. cxviii. 66. 164.

A Igreja para imitar este santo modelo, distribuio em sete as horas do seu Officio, além das preces da noite. Ora de noite, e até tres vezes em certos dias. Ora de dia antes do nascer do Sol, ao nascer do Sol, ás nove horas, ao meiodia, ás tres horas, antes do pôr do Sol, e quando o Sol está posto: e isto he o que se chamão os tres Nocturnos, Laudes, Prima, Tercia, Sexta, Noa, Vesperas, e Completas. [a]

Antigamente assistia o povo cada dia por devoção aos Officios públicos da Igreja, quanto lhe era possivel. Assistia-se principalmente ao Officio de Laudes, [b] que se celebrava ao romper do dia; e ao de Vesperas, que se cantava ao pôr do Sol. [c]

Os póvos começavão assim, e acabavão o seu trabalho pela assistencia á Oração pública da Igreja. Daqui veio o costume, que ainda hoje se pratíca, de cantar o Officio de Laudes, e o de Vesperas mais solemnemente que os outros do dia, e da noite.

He huma prática esta de devoção muito louvavel para os Fieis o fazer o mesmo ainda hoje; e não sendo possivel o executallo, seguir ao menos, quanto está da sua parte, a intenção da Igreja, levantando o coração a Deos sete vezes no dia com Orações breves, mas fervorosas. [d]

P. Que devemos fazer na Oração de manhã?

R. 1. Adorar a Deos por Jesus Christo.

2. Dar-lhe graças pelos beneficios recebidos, e prin-ci-

a S. Clem. ou o Author das Constit. Apostol. L. 8. cap. 34. S. Jeron. Epist. 57. ou 7. a Leta. O P. Thomass. Discip. da Igreja, Part. 1. L. 2. cap. 71.

b Que se chamava então Matinas: *Matutinæ Laudes*; e o que chamamos hoje Matinas, se chamava Officio da noite: *Officium nocturnorum*.

c Era chamado *Lucernarium*, porque como se celebrava á entrada da noite, era preciso accender os cirios. E não se accendião aos Officios de Prima, Tercia, Sexta, e Noa, porque erão celebrados de dia. O uso de não se accenderem cirios aos Officios do dia, tem-se conservado até o presente em Narbonna, París, e talvez em outras partes.

d S. Jeron. Epist. 18. ou 22. a Eustoch.

cipalmente por nos haver conſervado no tempo da noite.

3. Pedir-lhe perdão de noſſas culpas.

4. Prever as obras, e acções do dia; e offerecer-lhas.

5. Pedir-lhe as graças neceſſarias para não offendello em todo o dia.

6. Será bom, e util implorar para eſte fim o patrocinio da Santiſſima Virgem, dos Anjos da guarda, e dos Santos. [a]

P. Que devemos fazer na Oração da noite?

R. 1. Adorar a Deos por Jeſus Chriſto.

2. Dar-lhe graças por todos os beneficios recebidos; principalmente neſte dia.

3. Examinar a propria conſciencia ſobre todos os peccados, de que nos ſentimos culpados.

4. Pedir ſynceramente perdão a Deos de havellos commettido.

5. Fazer propoſito determinado de nunca mais os commetter, mas antes expiallos pela penitencia.

6. Pedir a Deos nos preſerve de todo o mal, de todo o peccado, e das illusões do demonio durante a noite.

7. Em fim ſerá bom, e util implorar para todas eſtas couſas, como de manhã, o patrocinio da Santiſſima Virgem, dos Anjos da guarda, e dos Santos.

§. II. *Do lugar deſtinado para a Oração, e do reſpeito devido ás Igrejas.*

P. Em que lugar devemos orar?

R. 1. Em todo o lugar ſe ha de cumprir o preceito de Oração contínua; porque em qualquer lugar que eſ-

[a] Encontrão-ſe modelos de tudo iſto nas formulas de Orações para de manhã, e para a noite, que eſtão no fim deſte Livro.

estejamos, devemos amar a Deos, suspirar por elle, e desejar unir-nos com o Senhor.

2. A Oração pública, ou commua, deve fazer-se na Igreja, ou em outro qualquer lugar especialmente determinado para isso.

3. A Oração particular não tem lugar assinado, porque se póde fazer em toda a parte. Em qualquer lugar que estejamos, he bom, e util elevar o coração a Deos frequentemente com santas jaculatorias, que Deos só ouça.

4. Ha com tudo precauções, que se devem tomar por respeito ao lugar da Oração particular para fazella efficaz.

P. Que precauções são estas?

R. 1. He preciso escolher hum lugar retirado, quanto for possivel, de todo o ruido, e remoto da vista dos homens, para orar com maior attenção, maior liberdade, e para evitar a tentação da vaidade. [a]

2. He bom ir á Igreja para orar nella ainda em particular. A presença de Jesus Christo renova a nossa fé, e a Igreja he hum lugar particularmente destinado, e consagrado á Oração, onde por conseguinte he mui louvavel o orar.

3. Quando oramos na Igreja, será bom nos apartemos, por respeito, do Altar mór, principalmente se somos grandes peccadores, imitando nisto ao Publicano do Evangelho. [b]

P. Em que lugar da Igreja devemos orar, quando se celebrão os Officios Divinos?

R. O Sanctuario, e o Coro são destinados para o Clero; a Nave para os leigos.

P. Nunca he permittido aos leigos o assistir no tempo dos Divinos Officios no Sanctuario, ou no Coro das Igrejas?

R.

a Matth. vi 5. 6. b Luc. xviii. 13.

R. 1. Não devem aſſiſtir, ou ficar dentro do Sanctuario, porque iſto he faltar com o reſpeito a eſte lugar ſanto.

2. As mulheres tambem não devem eſtar no Coro: o reſpeito que devem a Jeſus Chriſto, e a ſeus Miniſtros, e as Leis da Igreja lho prohibem.

3. Quando ha baſtantes Eccleſiaſticos para encher o Coro, não devem os homens leigos eſtar nelle no tempo dos Divinos Officios.

4. Se iſto ſe permitte em algumas Igrejas, he huma condeſcendencia eſta, de que não devem abuſar para perturbar o Officio, o canto, e as ceremonias da Igreja.

P. Eſtá dito tudo o que ha que dizer ſobre o reſpeito, que os Fieis devem ás Igrejas?

R. Ainda temos para dar alguns aviſos importantes.

1. S. Paulo quer que as mulheres não appareção nos Templos, ſenão cubertas. [a] Mas ellas eſtão bem longe de obedecer a eſte preceito do Apoſtolo, quando fazem deſte lugar ſanto o theatro da propria vaidade, não buſcando outra couſa mais que o fazer-ſe ver nelle com infeites inteiramente oppoſtos á modeſtia, e ſimplicidade Chriſtã.

2. Devemos aſſiſtir nas Igrejas com poſtura reſpeitoſa, e edificante.

3. Não devemos fallar nellas indiſcretamente, mas guardar hum profundo ſilencio.

4. Amar o decóro da Caſa de Deos, e contribuir quanto nos for poſſivel, para o ſeu ornato, e aſſeio.

5. Não manchar as paredes interiores das Igrejas com inſignias fúnebres. Quem tem direito de as pôr nos Templos, nunca deve collocallas no Sanctuario, e as fará tirar logo que o anno de lucto tiver eſpirado, co-

a 1. Cor. xi. 5. 10.

como admoesta S. Carlos Borromeu. [a] Os Christãos não devem fazer consistir os seus privilegios em deshonrar a Casa de Deos.

6. Não fazer bordar as proprias armas nos ornamentos, que dermos á Igreja : he huma ostentação esta opposta ao espirito de Jesus Christo. [b]

7. Respeitar os Adros das Igrejas, e os Cemiterios, e não os fazer servir para cousas profanas. [c]

CAPITULO II

Da Oração particular, e primeiramente da Oração Mental.

§. I. *Que cousa seja a Oração Mental, e da sua necessidade, e facilidade.*

P. QUe cousa he Oração mental ?

R. He a que se faz no coração sem manifestarse exteriormente.

P. Esta Oração he util ?

R. He excellente quando se faz bem ; e della temos exemplos célebres na Sagrada Escritura. [d]

P. Esta Oração he mais difficultosa que a vocal ?

R. Não ; porque não he mais difficultoso orar a Deos com o entendimento, do que com a palavra.

P. He tão necessaria como a vocal ?

R. He ainda mais necessaria de algum modo. Porque podemos orar sem fallar ; mas o fallar não he orar, se

a S. Carl. *in Synod. Diœcef.* xi. *Act. Eccles. Mediol.* Part. 2. pagin. 323.

b Matth. vi. 1. e seg.

c 1. Conc. Provincial de Milão, convocado por S. Carlos, Tit. do respeito devido ás Igrejas. Veja-se tambem o L. de Thiers sob. os porticos das Igreias.

d Na pessoa de *Anna*, *mãi de Samuel*, 1. Reg. i. 11. E de *Elias*, 3. Reg. xviii. 42.

ſe o coração não concorda com a voz. Aſſim neſte ſentido a Oração interior he a mais neceſſaria indiſpenſavelmente.

P. Por que razão ſe reputa de ordinario o exercicio da Oração mental como huma couſa, de que nem todos são capazes?

R. Porque formamos huma falſa idéa da Oração mental, e cahimos muitas vezes ſobre eſte ponto em huma illusão groſſeira, fazendo conſiſtir a referida Oração na diligencia curioſa de muitos penſamentos eſpirituaes, e em diſcurſos abſtractos; e imaginando falſamente que todos aquelles, que não são capazes deſtes diſcurſos, nem deſta eſcolha de penſamentos, são inhabeis para a Oração mental.

P. Por que razão dizeis que iſto he illusão?

R. Porque a Oração não conſiſte em diſcurſos, mas no movimento da noſſa alma a Deos; e aſſim com tanto que o noſſo coração ſe levante ao Ceo ſynceramente, ora bem, e de hum modo efficaz, ainda quando o entendimento não foſſe capaz de diſcurſo profundo, nem de penſamentos eſcolhidos.

P. Qual he pois o verdadeiro modo de fazer Oração mental?

R. Fazemos boa Oração, ou fallemos, ou guardemos ſilencio, quando oramos, todas as vezes que o noſſo coração ſe levanta a Deos; que ſentimos a noſſa fraqueza, e neceſſidades; que eſtamos penetrados de dor á viſta dos noſſos peccados; que queremos ſynceramente expiallos pela penitencia; que tomamos a reſolução, e os meios neceſſarios para mudar de vida; que temos hum verdadeiro deſejo de trabalhar em a noſſa ſalvação; que pedimos a Deos com inſtancia as graças neceſſarias para eſte effeito; que lhe agradecemos as que já nos tem concedido; que lhe fazemos offerecimento ſyncero de todas as acções da vida, e ge-

ne-

neroſo ſacrificio de todas as paixões, e inclinações oppoſtas á ſua Lei.

P. Para fazermos todas eſtas couſas, não he util occupar-nos com ſantos penſamentos na Oração, e em boas reflexões ſobre eſtes penſamentos?

R. Eſtes ſantos penſamentos, e eſtas reflexões são não ſómente uteis, mas neceſſarias, porque o noſſo coração, e vontade ſó ſe movem, e determinão ao bem conhecido. Aſſim para nos excitarmos á dor das noſſas culpas, ao amor da verdade, e da juſtiça, ao reconhecimento dos beneficios de Deos, &c. o conhecimento dos noſſos peccados, da verdade, da juſtiça, dos beneficios de Deos he neceſſario: devemos pois cuidar em todas eſtas couſas, occupar-nos, e reflectir ſobre ellas.

P. Haveis dito aſſima que a Oração não conſiſtia nem em penſamentos, nem em diſcurſos, e dizeis agora que os penſamentos, e as reflexões são neceſſarias para a Oração: não he iſto contradizer-vos?

R. Não ha aqui alguma contradição. Conſiſte a Oração no movimento do coração para Deos: eſte movimento não ſe excita no coração ſenão com os penſamentos, e reflexões; mas eſtes penſamentos, e reflexões não são o movimento do coração. He neceſſario penſar, e reflectir; porém ſe ficamos aqui, não temos Oração: devemos pois juntar o deſejo, e os gemidos do coração a eſtes ſantos penſamentos, e piedoſas reflexões.

P. Logo he verdade o dizer que os que são incapazes deſtes penſamentos, e reflexões, são incapazes de fazer Oração?

R. Não ha dúvida; mas devemos confeſſar tambem que todos aquelles, que tem uſo de razão, são capazes deſtes penſamentos, e reflexões. Aſſim não ha peſſoa, que não poſſa fazer Oração mental. Hum exemplo

plo fará mais clara esta resposta, e tirarei este exemplo da disposição, em que deve achar-se todo o peccador, que, penetrado de compunção, pede a Deos perdão dos seus peccados.

A compunção não he outra cousa mais do que a dor de haver offendido a Deos, e a resolução de fazer huma nova vida, como já explicámos fallando da Contrição. [a] Ora para nos penetrarmos destes sentimentos, devemos saber o que Deos requer de nós, e quaes são as cousas, que o offendem: he necessario examinar se havemos commettido estas cousas: he preciso ver qual he a causa, que nos impede obedecer a Deos: he necessario applicar o juizo aos meios necessarios para executar o que Deos nos manda, e para vencer os obstaculos, que poderão offerecer-se: he preciso estar resoluto a fugir ás occasiões do peccado: he necessario conhecer por conseguinte quaes são estas occasiões: tudo isto se chama pensar, e reflectir. He pois muito certo que os pensamentos, e as reflexões são necessarias para orar. Ora qual he o homem capaz de peccar, que não seja tambem capaz de todos estes pensamentos, e reflexões? Não fazem isto sempre todos os que chegão ao Sacramento da Penitencia? Tanta força tem este exemplo, que he inutil apontar outros para mostrar clara esta verdade.

P. Qual he a razão pois de fazer-se tão grande mysterio do que se chama Oração mental?

R. Porque os homens muitas vezes se pagão das palavras, e sem profundar o sentido dellas, consultão não a razão, mas as suas prevenções, e a inclinação, ou aversão, que tem ás cousas, que estas palavras significão.

a Part. 3. Secç. 1. cap. 5. §. 3.

§. 2. *Da Meditação.*

P. Que cousa he meditar ?

R. Meditar alguma cousa, he occupar o juizo, e fazer reflexões sobre ella. Quando algum homem se occupa de certo estabelecimento, quando cuida em comprar hum cargo, e quando quer tomar o partido da retirada, se diz commummente que medita o estabelecimento, a acquisição do cargo, o retiro, porque se occupa nestas cousas, faz as reflexões convenientes, e elege os meios necessarios para conseguir o fim do seu intento.

P. Devemos occupar-nos com a Lei de Deos, e meditalla ?

R. Nada he mais necessario do que isto, e nenhuma cousa he tantas vezes, e tão vivamente recommendada nas Sagradas Escrituras, e Padres da Igreja. [a]

P. Em que tempo se ha de meditar a Lei de Deos ?

R. A Sagrada Escritura diz que isto se ha de fazer de dia, e de noite. [b]

P. Póde fazer-se que estejamos sempre actualmente occupados em fazer reflexões sobre a Lei de Deos ?

R. Não he possivel. Nem isto he tambem o que Deos requer, quando diz que devemos meditar a sua Lei de noite, e de dia. O sentido destas palavras he, que devemos obrar sempre por impressão da Lei de Deos: que he preciso termos o coração cheio, e penetrado desta Lei, para que em toda a occasião nos possa servir de guia; e que para este effeito devemos lembrar-nos muitas vezes do que Deos nos ordena; e occupar-nos, se for possivel, com esta lembrança a toda a hora.

P.

a Deuter. vi. 7. Psal. xxxiii. xxxvi. lxxii. lxxvi. e cxviii. &c. Prov. iv. 21. vi. 21. e seg. viii. 31. Ecclesi. iv. 17. Eccli. vi. 28. e 37. S. Ambr. L. 2. sob. Caim, e Abel, cap. 6. S. Basil. cap. 37. S. Agost. L. 11. das Confiss. cap. 2. e sob. o Ps. 36. e 123. &c.

b Deuter. vi. Ps. i. 2.

P. Qual he o tempo mais proprio para meditar actualmente a Lei de Deos?

R. De manhã, á imitação de David, para conformar com ella as acções do dia; e á noite para examinar em que se tem faltado contra esta Lei no tempo do dia. [a]

P. Os que não sabem ler, podem meditar a Lei de Deos?

R. Podem, e devem meditalla, e fazer reflexão sobre as verdades, de que Deos os instrue em público, e em particular, ou pelas leituras que ouvem, ou pelas exhortações dos Pastores, ou com os bons exemplos, ou com os successos do Mundo. Todas estas cousas dão materia ás reflexões, e meditações dos mais simples ignorantes.

P. Estas reflexões, e meditações são necessarias a toda a sorte de pessoas?

R. Nenhuma cousa he tão necessaria como esta. O Espirito Santo nos adverte, que todas as desordens procedem de não reflectirem os homens seriamente naquellas verdades, que devião trazellos sempre occupados. [b]

P. Quaes são as cousas, em que estamos obrigados a fazer mais sérias, e frequentes reflexões?

R. A Morte, o Juizo, o Inferno, o Paraiso, os peccados, os Mandamentos de Deos, as maximas do Evangelho, as obrigações particulares do proprio estado, &c.

Mas não devemos contentar-nos com huma reflexão, e meditação esteril; convem, e he preciso examinar o coração sobre as verdades, que lemos, ou ouvimos; lamentar a propria corrupção, fraqueza, e miseria;

C ii im-

[a] Ps. v. 5. e liv. 18. lxii. 27. S. Chrysostom. Homil. 2. sobre o Psal. l.

[b] Isai. lvii. 1. Jerem. xii. 11. Aggæo i. e ii. S. Bern. L. da Consideração.

implorar o auxilio de Deos ; tomar firmes resoluções ; velar na execução das mesmas resoluções ; e tudo isto junto se chama fazer Oração.

P. Todos os Christãos estão assim obrigados a fazer Oração ?

R. Do que acabámos de dizer se prova invencivelmente, que não ha pessoa, que possa dispensar-se desta obrigação, se está em estado de fazer uso do seu entendimento. Mas he cousa facil o mostrallo ainda com maior clareza. Não ha pessoa, que não deva penetrar-se da Lei de Deos, examinar a sua vida sobre a mesma Lei, gemer interiormente pelos peccados commettidos contra ella, pedir perdão a Deos, eleger meios, e tomar resoluções para emendar-se, e velar na execução destas boas resoluções. Ora executar tudo isto he o que se chama fazer Oração, e meditar.

P. He difficultosa esta Oração ?

R. Está claro, que quando o homem quer salvar-se, e tem verdadeiro desejo de unir-se a Deos, nada de tudo isto lhe parece difficultoso. Sómente ha difficuldade para aquelles, que querem viver sempre na desordem ; e que attendendo á má disposição do seu coração, nunca orão como convem, porque nunca cuidão em Deos, nem em si seriamente. [a]

CA-

[a] Quem quizer ver estas verdades tratadas fundamentalmente, lea o Tr. da Or. de Nicole, que he hum Livro excellente.

CAPITULO III

Da Oração vocal em geral.

P. He util a Oração vocal ?

R. Para nos convencermos da ſua utilidade, não he preciſo mais que diſcorrer pelos Pſalmos, Canticos da Eſcritura, Orações da Igreja, e ler o que S. Paulo diz para exhortar os Fieis a orar a Deos de boca, e a cantar os louvores do Senhor. [a]

P. A Oração vocal he neceſſaria ?

R. Sim. Devemos orar de boca, como de coração. Devemos rezar a Oração, que Jeſus Chriſto nos deixou por modelo. Devemos acompanhar as deprecações públicas da Igreja, e cantar com ella os louvores de Deos. Tudo iſto prova invencivelmente a neceſſidade da Oração vocal.

P. Todos aquelles, que orão de boca, o fazem utilmente ?

R. Não; mas ſómente aquelles, que orão com as condições neceſſarias.

P. Quaes são as condições neceſſarias para fazer util a Oração vocal ?

R. As condições são as meſmas, que havemos explicado, fallando da Oração em geral. [b] Ou ſe ore do coração, ou de boca; devemos fazello, 1. Em nome de Jeſus Chriſto. 2. Em eſpirito, e verdade. 3. Com humildade, e compunção. 4. Com attenção. 5. Com confiança. 6. Com perſeverança.

P. He couſa util rezar as formulas de Orações, que ſe encontrão nos Livros ?

R.

a Eféſ. v. 19. Coloſſ. iii. 16. b Cap. 1. §. 7. deſta Secç.

R. He huma coufa efta muito util. A Oração Dominical, os Pfalmos, e os Canticos, e as outras Orações da Igreja são as mais excellentes formulas, de que os Fieis podem fervir-fe para orar. Podem tambem fervir-fe utilmente das outras Orações, que fe achão nos Livros, quando forem approvadas pelos Superiores legitimos. Ha Livros de Orações, que são admiraveis, como v. g. as Horas impreffas por ordem do Senhor Cardeal de Noailles. [a]

P. Não fe podem introduzir abufos na reza deftas Orações?

R. Sim. Todos os dias fe eftá abufando das melhores coufas, e confifte efte abufo, que fe faz algumas vezes das Orações vocaes, no feguinte.

Succede com frequencia, 1. Que muitos fe contentão com rezar as referidas Orações, fem eftarem penetrados do que dizem; e orando com a boca, não orão com o coração. [b]

2. Imaginão que para eftarem penetrados do amor de Deos, da dor dos feus peccados, do reconhecimento, &c. bafta rezar com attenção os actos de amor de Deos, de contrição, e de agradecimento, que encontrão nos Livros.

3. Julgão que as dilatadas Orações vocaes, que rezão, he hum meio para ferem ouvidos mais depreffa, o que Jefus Chrifto reprehende. [c]

P. Que devemos fazer para não cahir neftes abufos?

R. He neceffario, 1. Que o coração concorde com a boca.

2. Fazer todos os esforços para excitar na vontade os fentimentos, que fe exprimem nos actos, de que fe rezão as formulas, e depois difto não imaginemos ef-

a Veja-fe tambem o L. das Orações tiradas da Sagrada Efcritura, que fe imprimio, e vende em París.

b Ifai. xxix. 13.

c Matth. vi. 7.

eſtar penetrados deſtes ſentimentos, por haver rezado os actos delles; mas orar ao Senhor, para que elle meſmo os infunda no intimo de noſſo coração por ſua graça.

3. Sejão breves, ou dilatadas as Orações, que rezamos, devemos perſuadir-nos que não ſeremos ouvidos ſenão á proporção do affecto, do fervor, e da fé, com que orarmos, ſem attenção a que ſejão curtas, ou extenſas as Orações, que rezamos. A Oração he muito dilatada, por breve que ſeja, quando não ſahe do coração: pelo contrario a mais extenſa he muito breve, quando o coração he que falla. [a]

P. Em que lingua ſe hão de rezar as Orações vocaes?

R. Se as Orações são particulares, ora-ſe com mais fruto, quando ſe comprehende o que ſe reza; porque então, como diz S. Paulo, concorda o entendimento com o coração, e com a lingua; quando porém ſe reza em idioma deſconhecido, ora o coração, e a lingua; mas o entendimento não póde occupar-ſe com aquillo, que ſe reza. [b] Porém no que reſpeita ás Orações públicas, devemos conformar-nos com a lingua da Igreja, pela razão que abaixo diremos, [c] moſtrando ao meſmo tempo que a Igreja Catholica ſe conforma niſto com a doutrina de S. Paulo.

C A-

a Matth. vi. 7. S. Agoſt. explicação do Serm. ſob. o Monte, L. 2. cap. 3.

b 1. Cor. xiv. 15. &c.

c Cap. 6. §. 1.

CAPITULO IV

Da Oração Dominical.

§. 1. *Idéa geral desta Oração, e explicação do seu Exordio.*

P. QUal he a mais excellente, e a mais perfeita de todas as Orações vocaes?

R. He a Oração Dominical, como já fica dito; [a] quero dizer, a oração do Senhor, assim chamada, porque Jesus Christo foi Author della. [b]

Esta Oração admiravel comprehende tudo aquillo, que devemos pedir, e a ordem, com que devemos pedillo. [c]

Compõe-se a mesma Oração de hum pequeno exordio, e de sete petições. [d]

O exordio he este.

Padre nosso, que estás nos Ceos. — *Pater noster, qui es in Cœlis.*

As petições são estas.

1. Santificado seja o teu nome. — 1. *Sanctificetur nomen tuum.*
2. Venha a nós o teu Reino. — 2. *Adveniat Regnum tuum.*
3. Seja feita a tua vontade assim na terra, como no Ceo. — 3. *Fiat voluntas tua sicut in Cœlo, & in terra.*

4. O

a Cap. 1. §. 1. desta Secç.
b Matth. vi. 9. e seg.
c S. Cypr. da Oração Dominical. S. Agost. Epist. 130. n. 121, a Proba.
d S. Agost. *Enchirid.* cap. 114. 115. 116. L. 2. do Serm. sob. o Monte, cap. 4.

4. O pão nosso de cada dia nos dá hoje.

5. Perdoa-nos as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores.

6. Não nos deixes cahir em tentação.

7. Mas livra-nos do mal. Amen.

4. *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie.*

5. *Et dimitte nobis debita nostra, sicut & nos dimittimus debitoribus nostris.*

6. *Et ne nos inducas in tentationem.*

7. *Sed libera nos a malo. Amen.*

A respeito destas sete petições deve notar-se, que as tres primeiras se referem a Deos directamente, e as quatro ultimas a nós, ainda que, fallando com propriedade, não ha huma só em todas ellas, que não se encaminhe ás nossas necessidades, como faremos ver, explicando cada petição em particular. [a]

P. Quando se ha de rezar esta Oração?

R. Todos os dias, porque he remedio contra os peccados quotidianos, como diz Santo Agostinho. [b]

P. Por que razão chamamos a Deos *Padre nosso* no principio desta Oração?

R. 1. Para conciliar a sua misericordia, expondo-lhe que temos a honra de ser seus filhos.

2. Para nos excitarmos a fazer-nos dignos da qualidade de filhos de Deos, e como taes a deprecar-lhe com confiança. [c]

P. Por que razão dizemos *Padre nosso*, e não Pai meu?

R. Para mostrar que o que pedimos não o pedimos para nós sós, mas para todos os Christãos, que são nos-

a No ?. 2. deste cap.
b S.Ag. Serm.17. ou Homil.28. Serm.181. ou 29. das palavras do Apostolo, cap. 6. Serm. 213, ou 119. *de Temp.* cap. 8. *Enchirid.* cap. 71.
c S. Cypr. e S. Agost. nos lugares citados.

nossos irmãos, e em nome da Igreja, de que somos membros. [a]

P. Por que razão ajuntamos aquellas palavras *que estás nos Ceos*, pois que Deos está em todo o lugar?

R. 1. Porque o Ceo he a parte mais nobre do universo, e aquella, em que Deos manifesta a sua gloria, e as suas perfeições com maior explendor.

2. Para nos excitarmos a desejar com ardor hum lugar na Gloria, em que nosso Pai habita, e onde se communica a seus Santos com tanta magnificencia. [b]

§. 2. *Explicação das petições da Oração Dominical.*

Primeira petição. *Santificado seja o teu nome.*

P. Quando dizemos a Deos *santificado seja o teu nome*, pedimos com estas palavras que o nome de Deos adquira algum novo gráo de santidade?

R. Não; porque Deos possue em gráo eminente a santidade, e todas as outras perfeições. O que pedimos he, que o nome de Deos seja conhecido, honrado, e servido por nós, e por todos os homens, como he em o Ceo. [c]

Daqui se segue, que pedimos a Deos com estas palavras, 1. Que os Infieis sejão convertidos.

2. Que todas as heresias sejão destruidas; e que os que estão separados da Igreja se reunão, e abracem a verdade.

3. Que todos os delictos, que deshonrão o santo nome de Deos entre os homens, sejão absolutamente abolidos.

4. Que todos os peccadores fação syncera penitencia.

5. Que as virtudes sejão praticadas por todos os homens. 6. Que

a S. Cypr. e S. Ag. ibid.
b S. Agost. ibid.
c S. Agost. nos lugares assima citados.

6. Que nós mefmos façamos ver com a noffa vida, e palavras, que não fomos indignos da qualidade de filhos de Deos, de que eftamos honrados.

7. Que nós, e todos os Chriftãos fe adiantem cada vez mais na perfeição, e perfeverem até o fim. [a]

P. Qual he o motivo defta petição?

R. A caridade; quero dizer, o amor de Deos, o amor bem ordenado de nós mefmos, e o amor do proximo.

(Póde fazer-fe a mefma pergunta, e a feguinte, e dar femelhantes refpoftas a todas as outras petições do *Pater.*)

P. Em que he a caridade motivo, ou principio defta petição?

R. Nifto. 1. Quando amamos a Deos, defejamos que o mefmo Senhor feja conhecido, fervido, e honrado.

2. Quando nos amamos a nós com amor bem ordenado, defejamos conhecer, fervir, e honrar o fanto nome de Deos.

3. Quando amamos o proximo como a nós mefmos, defejamos para elle tudo aquillo, que devemos defejar para nós.

P. Os que deshonrão o nome de Deos com blasfemias, juramentos, e outros delictos, não podem fazer a Deos efta Oração?

R. Se a fazem fem algum arrependimento, pronuncião a fua condemnação todas as vezes que a rezão, porque o feu coração defmente o mefmo que pronuncía a fua boca. Affirmão defejar que o nome de Deos feja fantificado, e honrado, e são os primeiros em profanallo, e deshonrallo.

P. Que devemos pois fazer para moftrar que fal-
la-

[a] S. Cypr. da Or. Dom. S. Ag. e do Dom da perfeverança, da Correcção, e da graça, cap. 6. cap. 2.

lamos fynceramente, quando dizemos a Deos *fantificado feja o teu nome?*

R. Devemos exprimir com as obras o que proferimos com a boca; trabalhar em fantificar o nome de Deos com a noffa boa vida; e fazer que os outros o fantifiquem com a fua.

Segunda petição. *Venha a nós o teu Reino.*

P. Que pedimos a Deos com eftas palavras: *Venha a nós o teu Reino?*

R. Que reine fobre os homens tão abfolutamente, como reina fobre os Santos Anjos.

Segue-fe daqui, que defejamos, e pedimos com eftas palavras, 1. Que o imperio abfoluto de Deos feja reconhecido de todos os homens, e que todos fe lhe fubmettão com alegria.

2. Que todos os juftos experimentem os effeitos da protecção paternal de Deos a feu refpeito, e que todos os feus perfeguidores fejão ou convertidos, ou confundidos.

3. Que a Igreja fe eftenda por todo o univerfo, e que todo o imperio do demonio, e do peccado feja deftruido, para dar lugar ao de Jefus Chrifto.

4. Que Jefus Chrifto fó reine em noffos corações, e no de todos os homens por fua graça, e que nelles eftabeleça o Reino da juftiça, e da fantidade.

5. Que nos faça reinar algum dia comfigo na patria Celefte.

6. Que venha julgar os homens, e triunfar fó depois de haver reduzido os feus inimigos a fervir-lhe de efcabello, como diz a Efcritura. [a]

P. Com que cara fe atrevem pois os peccadores impenitentes a rezar efta Oração, ao mefmo tempo que

[a] Pf.cix. S.Cypr. da Or. Dom. S. Agoft. Epift.130. ou 121. L.2. do Serm. fob. o Monte, cap. 6. Serm. 58. ou Hom. 42. Serm.56. ou 48. de *Diverf.* 57. ou 9. de *Diverf.* L. do Dom da perfeverança, cap. 2. Tr. 9. fob. S.João, num. 2.

que não se occupão mais que em firmar o reino da sua cubiça, e se oppõem com todas as forças ao estabelecimento do Reino de Jesus Christo em si, e nós-outros?

R. Pronuncião a sua propria condemnação, todas as vezes que rezão esta Oração, sem ter outro sentimento de compunção, porque dizem a Deos com a boca: *Venha a nós o teu Reino*, e contradizem isto mesmo com o coração.

P. Por que razão pedimos a Deos que venha a nós o seu Reino, depois de lhe haver pedido que seja santificado o seu nome?

R. Porque não podemos trabalhar em santificar o nome de Deos com a nossa vida, e costumes, se Jesus Christo não reina em nossos corações por sua graça.

Terceira petição. *Seja feita a tua vontade assim na terra, como no Ceo.*

P. Que pedimos a Deos com estas palavras: *Seja feita a tua vontade, &c.?*

R. Pedimos-lhe a graça de submetter-nos á sua vontade com tanto zelo, e amor, como o fazem no Ceo os Anjos, e os Santos.

P. Que entendeis por vontade de Deos?

R. Entendo, 1. O que Deos quer que façamos.

2. O que Deos dispõe por sua ineffavel providencia, assim a nosso respeito, como das outras creaturas.

P. Que quer Deos que nós façamos?

R. Quer, 1. Que não sigamos a nossa concupiscencia, e que trabalhemos incessantemente em vencer-nos.

2. Que evitemos toda a sorte de peccados, e que façamos penitencia dos que houvermos commettido.

3. Que pratiquemos todas as virtudes.

4. Que

4. Que abracemos o eſtado, e os empregos a que nos chama, e que eſtejamos attentos para conhecer os ſinaes da ſua vocação.

5. Que perſeveremos no eſtado, para o qual nos chamou, e cumpramos com todas as obrigações delle.

6. Que com os noſſos bons exemplos, preces, e exhortações incitemos os outros, quanto eſtiver da noſſa parte, para que fação todas as couſas que Deos quer.

Em huma palavra, quer Deos que trabalhemos em ſantificar-nos, e que ajudemos os outros quanto pudermos, para que ſe ſantifiquem. [a]

P. Que pedimos a Deos por reſpeito ao que eſte Senhor quer de nós?

R. Que nos conceda, e a todos os homens, a graça de obedecer-lhe, e de cumprir todas as noſſas obrigações geraes, particulares, e peſſoaes. Já deixámos dito em outra parte quaes ſejão eſtas obrigações. [b]

P. Quaes são as couſas, que Deos diſpõe por ſua providencia, aſſim por reſpeito a nós, como ás outras creaturas?

R. Tudo quanto ſuccede no Mundo eſtá na ordem da providencia, porque nada ſe faz ſem ordem, ou ſem permiſsão de Deos.

P. Que pedimos nós a Deos por reſpeito á ordem da ſua providencia, quando lhe dizemos: *Seja feita a tua vontade?*

R. 1. Pedimos-lhe a graça de ſubmetter-nos ſem reſiſtencia a tudo o que quer ordenar por reſpeito aos ſucceſſos, que nos pertencem, ou ás outras creaturas.

2. Pedimos-lhe que os mais homens ſe lhe ſubmettão tambem.

Ex-

a 1. Theſſal. iv. 3.   b 2. P. Secç. 1. cap. 2. §. ult.

EXPLICAÇÃO.

Ou eftes fucceffos fe conformão com as noffas inclinações : por exemplo, o vencimento da demanda, a acquifição da herança, do cargo, e o complemento dos noffos defejos; ou são oppoftos a ellas, v. g. a enfermidade, a morte do parente, do protector, o revéz da fortuna, a perda dos bens, a mortificação, a humiliação, &c.

Nos fucceffos, que fe conformão com a noffa inclinação, o fentido defta Oração : *Seja feita a tua vontade*, he de dar graças a Deos pelo bem, que nos tem feito, e de pedir-lhe, que fe efte mefmo bem ha de fer prejudicial á noffa falvação, nos prive delle, porque a vontade de Deos he que nos falvemos. Tudo o que he oppofto á falvação, he oppofto á vontade de Deos: pedir-lhe que a fua vontade feja feita, he pedir-lhe que fejamos privados daquillo, que ferve de obftaculo para a noffa falvação.

Nos fucceffos, que são oppoftos á inclinação da natureza corrupta, como são todas as adverfidades, o fentido da mefma Oração: *Seja feita a tua vontade*, he,

1. De nos fubmetter á ordem de Deos, e de dizerlhe á imitação de Jefus Chrifto: *Que fe faça a voffa vontade, e não a minha.* [a]

2. De dar graças a Deos pelas adverfidades, reconhecendo nellas a mão de Deos, que nos corrige como Pai caritativo. [b]

3. De lhe pedir a graça para fazer bom ufo das mefmas adverfidades, e de fupplicar-lhe que feja fervido obrar de modo, que eftas penas temporaes nos firvão para defapego do Mundo, e merecimento da Gloria.

P. Por que razão devemos pedir a Deos a graça de fazer a fua vontade, e de nos fubmetter ás ordens da fua providencia?

R.

a Matth. xxvi. 39. b Heb. xii. 5. e feg.

R. Porque temos em nós hum principio de corrupção, que se oppõe incessantemente ao que Deos quer de nós; e porque somos tão fracos, que sem o seu auxilio não podemos nem obedecer-lhe, nem perseverar na sua obediencia.

P. Por que razão pedimos a Deos que a sua vontade seja feita, immediatamente depois que lhe havemos pedido, que venha a nós o seu Reino?

R. Porque Jesus Christo reina em nossos corações por sua graça, e não nos póde fazer reinar algum dia com elle na sua gloria, senão quando houvermos feito a sua vontade, e nos tivermos submettido ás suas ordens.

P. Ha alguma connexão entre as primeiras tres petições do *Pater?*

R. Sim. E esta connexão se manifesta claramente do que temos dito até aqui.

Pedimos em primeiro lugar a graça de santificar com a nossa vida o santo nome de Deos. Não podemos fazello, se Jesus Christo não reinar em nossos corações: e este he o assumpto da segunda petição. Jesus Christo não reina em nós, se não cumprimos a sua vontade; e tal he o argumento da terceira petição. [a]

Quarta petição. *O pão nosso de cada dia nos dá hoje.*

P. Que pedimos a Deos com estas palavras: *O pão nosso de cada dia nos dá hoje?*

R. Que seja servido soccorrer cada dia todas as nossas necessidades espirituaes, e temporaes.

P. Por que razão se exprimem estas necessidades pelo nome de *pão?*

R.

[a] Sobre esta supplica vejão-se os lugares assima citados. S. Agost. L. 2. ou 3. contra Maximino Ariano, cap. 20. sob. os Ps. 31. e 35. n. 16. e Serm. sob. o Ps. 44. sob. o vers. 11. do Ps. 6. *Laudabuntur omnes recti corde.* S. Hilario sob. o Ps. 134. n. 22.

R. 1. Como o pão he a cousa mais necessaria para a vida, a Sagrada Escritura exprime ordinariamente por este nome todas as cousas necessarias, assim para a alma, como para o corpo. [a]

2. Quiz Jesus Christo fazer-nos comprehender com esta palavra, que não devemos pedir senão o necessario, e que não se deve desejar, nem pedir o superfluo.

P. Por que razão ajuntamos aquellas palavras *de cada dia?*

R. Para mostrar, 1. Que não devemos embaraçar-nos com o cuidado do dia de á manhã, mas contentar-nos com pedir a Deos o necessario para cada dia.

2. Que os mais ricos recebêrão da liberalidade de Deos o que possuem: que tem necessidade como os pobres de pedir-lhe cada dia o pão, que lhes he necessario; porque se Deos quizer, cahirão em huma extrema pobreza, como os mais pobres. [b]

3. Que os mais perfeitos tem necessidade que Deos soccorra cada dia a sua indigencia espiritual, do mesmo modo que os maiores peccadores.

4. Para nos movermos com todas estas considerações a viver em huma profunda humiliação a respeito de Deos, e em huma dependencia contínua da sua providencia.

P. Por que razão nos prohibio Jesus Christo que nos embaraçassemos com o cuidado do dia de á manhã?

R. Para que nos costumassemos a depender da providencia, e a viver contentes, e sem inquietação pelo que respeita ás cousas da vida presente.

a Gen. iii. 19. xviii. 5. xxviii. 20. Psalm. xiii. 4. xli. 4. lii. 5. Isai. 3. 7. iv. 1. Prov. ix. 5. xxx. 8. &c.

b 1. Reg. ii. 5. 6. 7. Veja-se na Escritura o exemplo de Job, e na Hist. o de Belisario, de que falla Baronio no anno de Jesus Christo de 561.

P. Toda a prevenção do futuro para a propria subsistencia, ou para a conservação da propria familia, he prohibida pelo preceito de Jesus Christo?

R. Não. Jesus Christo não condemna senão aquella, que se faz com inquietação, e desconfiança. Devemos fazer com paz, e resignação na vontade de Deos, pela propria subsistencia, o que fazem os homens carnaes com inquietações, e desconfianças, as quaes procedem da sua pouca fé, e de confiarem mais nos homens, do que em Deos. Mas devemos fazer isto, observando sempre a ordem da justiça, e da caridade.

P. Quaes são as cousas necessarias ao corpo, que pedimos a Deos debaixo do nome de pão?

R. Tudo aquillo, que he necessario para o sustento, vestido, e alojamento.

P. He licito pois desejar, e pedir estas cousas?

R. Sim, com tanto que isto se faça dentro dos limites da necessidade, e da justiça, e que se peça com disposição de sujeitar-se sem resistencia, e sem murmuração á vontade de Deos, se este Senhor quer que sejamos privados dellas. Por esta razão he que antes de fazermos a Deos a mesma petição, lhe protestamos que desejamos em primeiro lugar que a sua vontade seja feita, e não a nossa.

P. Por que razão permitte Deos algumas vezes que os seus servos se vejão privados das cousas mais necessarias á vida do corpo?

R. Para provar a sua fé, desapegallos do Mundo, obrigallos a fazer penitencia dos seus peccados nesta vida, dar-lhes lugar de exercer a paciencia, e coroallos em fim no Ceo: em huma palavra, obra Deos sempre assim, porque os ama, e deseja o seu maior bem. [a]

P.

[a] S. Chrysost. L. 1. da Provid. sob. o Ps. 136. n. 9. S. Ag. L. da Cid. de Deos, cap. 8. e 9. Serm. 1. sob. o Ps. 36. n. 8. S. Gregor. Mor. sob. Job, L. 18. cap. 13. L. 21. cap. 4. &c.

P. Quaes são as cousas necessarias á alma, que pedimos a Deos debaixo do nome de pão?

R. Tudo aquillo, que póde servir de alimento á nossa alma, e se reduz a tres cousas. 1. A palavra de Deos. 2. A graça de Jesus Christo. 3. A Sagrada Eucaristia.

P. Por que razão este pão, ou seja espiritual, ou corporal, he chamado pão nosso *de cada dia*?

R. Porque todos os dias temos necessidade delle: o que he bem claro a respeito do sustento corporal, vestidos, e alojamento. He cousa facil de mostrar, que o alimento espiritual não he menos necessario cada dia á nossa alma.

Jesus Christo o diz da palavra de Deos. [a]

A graça he tão necessaria, que sem ella não podemos nada: *Sem mim*, diz Jesus Christo, *nada podeis fazer.* [b] Assim a graça he o pão, que nos he necessario não sómente cada dia, mas ainda em cada momento.

Póde tambem dizer-se que a Sagrada Eucaristia he o nosso pão de cada dia; porque, segundo os Santos Padres da Igreja, foi instituida para ser o nosso alimento quotidiano. Por esta razão só deviamos viver tão santamente, que pudessemos achar-nos em estado de alimentar-nos com elle cada dia; e se não somos ainda tão santos como deveramos para isso, devemos ao menos caminhar a huma pureza de vida tão grande, que possa conduzir-nos a este fim. Esta he a intenção de Jesus Christo, e a mente da Igreja, porque todos os dias se offerece o santo Sacrificio, para que os que tiverem a santidade necessaria para commungar todos os dias, possão fazello. E antigamente nos dias, em que não se dizia mais que a Missa dos Presantificados, como fazemos hoje em sexta feira Santa, não se deixava de commungar.

a Matth. IV. 4. b Joan. XV. 5.

P. Qual he a connexão desta quarta petição do *Pater* com as tres precedentes?

R. Pedimos a Deos os auxilios da alma, e do corpo, que conhece ser-nos necessarios para cumprir a sua vontade, a fim de que cumprindo-a, reine em nós; e estabelecendo em nós o seu Reino, e a sua morada, seja santificado o seu nome em nós, e por nós. [a]

Quinta petição. *Perdoa-nos as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores.*

P. Que pedimos a Deos com estas palavras: *Perdoa-nos as nossas dividas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores?*

R. 1. Que tenha a bondade de perdoar os nossos peccados, assim como nós perdoamos as offensas, que temos recebido.

2. Que nos trate com misericordia a respeito do que nós lhe devemos, assim como nós tratamos com misericordia aos que são nossos devedores.

EXPLICAÇÃO.

Devemos ouvir nesta materia a Santo Agostinho, [b] cujas palavras são de grande instrucção. » Consta da » Sagrada Escritura, [c] que pela palavra de divida » (na quinta petição da Oração Dominical) devemos » entender os peccados.... Não são pois rigorosamen- » te as dividas de dinheiro, que somos incitados a » perdoar aos nossos devedores com estas palavras: » (*Perdoa-nos as nossas dividas, assim como nós perdoamos » aos nossos devedores*,) mas geralmente todas as faltas, » que tiverem commettido contra nós. Assima fica » (no

a Sobre o que fica dito, explicando esta quarta petição, veja-se o que fica assima citado. S. Ag. L. 2. do Serm. sob. o Monte, cap. 7. L. contra *Adimantum*, cap. 24. do Dom da perseverança, cap. 4. S. Ambros. L. 8. sob. S. Luc. S. Jeron. sob. o cap. 6. de S. Matt.

b S. Ag. L. 2. do Serm. sob. o Monte, cap. 8.

c Matth. v. 26. Luc. xiii. 1. 3. e 6.

» (no Sermão de Jesus Christo sobre o Monte) outro
» lugar, em que se falla do perdão, que devemos fa-
» zer do dinheiro , que nos he devido. Este lugar he
» aquelle, em que se diz : *Se alguem vos quer tirar a*
» *vossa tunica , e contender comvosco em juizo , deixai-lhe*
» *tambem a vossa capa.* [a] E ainda no mesmo lugar não
» se diz, que devemos perdoar absolutamente a todos
» os nossos devedores o dinheiro , que nos deverem,
» mas sómente aos que recusarem pagallo , e usarem
» de litigio para isso ; porque, como diz o Apostolo :
» *O servo de Deos não deve pleitear.* [b] Só no caso pois
» de não querer o devedor absolutamente pagar a sua
» divida he que devemos perdoar-lha. Com effeito não
» ha mais que duas razões, que possão determinallo a
» recusar a paga : ou faz isto porque não tem com que
» pagar , ou porque he avarento , e quer possuir os
» bens alheios. Ora em hum , e outro caso se acha el-
» le na indigencia, indigencia pecuniaria, ou indigen-
» cia espiritual. Qualquer pois que então não prosegue
» o pagamento da sua divida , perdoa ao necessitado, e
» faz huma acção christã ; mas he necessario nesta ma-
» teria seguir a regra, que nos ensina , que nos basta
» estar na disposição de perder o que nos he devido.
» Porque se algum homem toma com moderação os
» caminhos legitimos para fazer-se pagar , não tanto
» em consideração do dinheiro , que ha de embolçar,
» como pela correcção de seu proximo, o qual se per-
» de com a retenção injusta , e voluntaria do bem a-
» lheio, que póde restituir , não sómente não he máo
» este procedimento , mas antes proveitoso áquelle,
» contra o qual se pratíca , porque por este meio im-
» pedís que se perca , aproveitando-se do que não he
» seu. Daqui se segue, que aquellas palavras da quin-
» ta petição : *Perdoa-nos as nossas dividas* , não devem
» en-

a Matth. v. 40. b 2. Tim. ii. 24.

» entender-se rigorosamente do dinheiro, mas geral-
» mente de todas as faltas commettidas contra nós,
» e por isso tambem do dinheiro; porque aquelle, que
» podendo pagar-vos a quantia, que vos deve, não o
» faz, pecca contra vós. Se não perdoais este pecca-
» do, não podeis dizer: *Perdoa-nos, como nós havemos*
» *perdoado*; e se o perdoais, vede que Jesus Christo
» inspirando-nos esta Oração, nos adverte que perdoe-
» mos tambem na occasião o dinheiro, que nos he
» devido. »

P. Por que razão se exprimem os peccados nesta petição com o nome de dividas?

R. Porque nos fazem devedores á justiça de Deos, e são sempre castigados ou nesta vida, ou na outra.

São punidos nesta vida com castigos temporaes, que Deos envia, enfermidades, afflicções, adversidades, contradições, calamidades, ou com penitencias voluntarias dos peccados.

São castigados na outra vida ou temporalmente no Purgatorio, ou eternamente no Inferno. Eternamente, se forem peccados mortaes, de que se não houvesse obtido a remissão na terra; temporalmente, se forem peccados mortaes perdoados na terra, mas não expiados pela penitencia.

P. Os que não se sentem culpados de algum peccado, estão dispensados de pedir a Deos perdão dos seus peccados?

R. Não. Porque, 1. Ainda que o homem se não sinta culpado de alguma cousa, não fica por isso justificado; e porque o juizo de Deos, que penetra o intimo dos corações, he muitas vezes differente do nosso. [a]

2. Se dizemos que não somos reos de algum peccado, nos enganamos a nós mesmos, e não se acha em nós

[a] 1. Cor. iv. 4.

nós a verdade, diz S. João.[a] *Porque não ha homem, que não peque*, diz Salomão;[b] *exceptuando Jesus Christo*, (que foi impeccavel por natureza) *e a Santissima Virgem, a respeito da qual, quando se trata dos peccados, não deve fazer-se alguma questão, por causa do privilegio ineffavel de Mãi de Deos, com que foi honrada*, diz Santo Agostinho.[c]

P. Os que fazem a Deos esta Oração, recebem sempre a remissão dos seus peccados?

R. 1. Se elles não tem huma verdadeira dor das suas culpas, acompanhada de resolução syncera de mudar de vida, e de satisfazer a Deos, não são ouvidos; porque pedir a Deos perdão dos peccados, que se querem ainda commeter, he zombar de Deos.

2. Se tem dor, e os peccados são veniaes, esta Oração obtem a remissão delles, quando he bem feita.[d]

3. Se os peccados forem mortaes, ainda que esta Oração os não apaga, ao menos impetra a graça necessaria para receber dignamente os Sacramentos, com os quaes se remittem os peccados mortaes.[e]

P. Por que razão quiz Jesus Christo que ajuntassemos a esta petição aquella clausula, *assim como nós perdoamos aos nossos devedores?*

R. 1. Para mover a Deos a perdoar-nos, representando-lhe que da nossa parte perdoamos de boa vontade aos que nos tem offendido.

2. Para que entendamos que o perdão das injurias he huma condição, sem a qual não podemos ser ouvidos em nossas Orações.[f]

P.

a 1. Joan. i. 8.
b 3. Reg. viii. 46.
c S. Ag. L. da Natureza, e da Graça, cap. 36. L. 2. dos Merecimentos, e da Remissão dos peccados, cap. 10. e seg. L. da Perfeição da justiça quasi todo. S. Jeron. Epist. 43. *ad Ctesiphont.* Conc. de Tr. Sess. 6. Can. 23. da Justificaç.
d S. Ag. *Enchirid.* cap. 71. n. 19. L. 21. da Cid. de Deos, cap. 27. e em outros lugares com frequencia.
e S. Agost. ibid.
f Tertul. L. da Oração, cap. 7. S. Agost. Serm. 56. ou 48. *de Diversis*, &c.

P. Os que rezão esta Oração, conservando no animo alguma malevolencia contra o proximo, ou solicitando a vingança, orão pois inutilmente?

R. Não sómente rezão sem utilidade, mas pronuncião o seu proprio juizo, e a sua propria condemnação todas as vezes, que rezão esta Oração. Porque o dizer a Deos: Perdoai-nos como nós perdoamos, he dizer-lhe: Tratai-nos como nós tratamos os outros: não nos perdoeis, se nós não lhes perdoarmos. Tal he o sentido, que o mesmo Jesus Christo dá a estas palavras. [a]

P. Quem são aquelles, de quem se póde dizer com verdade que perdoão as offensas?

R. Aquelles sómente, que não se dão por offendidos, mas amão synceramente os seus inimigos como a si mesmos.

Assima deixamos explicado tudo aquillo, que respeita ao perdão das injurias. [b]

P. Qual he a connexão desta petição do *Pater* com as precedentes?

R. Desejamos glorificar a Deos, e reinar com elle. He necessario para isto fazer a sua vontade sobre a terra. Para fazella, temos necessidade, 1. Do seu auxilio espiritual, e temporal. 2. Da sua misericordia, para que os nossos peccados não sirvão de obstaculo a este auxilio, mas sejão remittidos, e perdoados.

Sexta petição. *Não nos deixes cahir em tentação.*

P. Que quer dizer a palavra *tentação*?

R. 1. Geralmente se toma pela experiencia, e prova, que se faz daquillo, que se ignora, a fim de conhecer a verdade. Neste sentido nunca Deos tenta, porque nada ignora. [c]

2. Tambem se toma pela prova, que Deos faz da vir-

a Matth. vi. 15.
b 2. P. Secç. 2. cap. 4. §. 6.
c Heb. iv. 13.

virtude de alguem, a fim de recompensalla, fazella conhecer, e propolla por modello: assim he que Deos tentou a Abrahão, com a ordem, que lhe deo, de immolar a seu filho unico. [a] Assim he que tenta aos homens com afflicções, enfermidades, pobreza, &c. Todas estas cousas são meios, de que Deos se serve para provar a nossa fé, e virtude, assim como o ouro se purifica, e prova no crysol: e isto se chama tentação na Escritura. [b]

3. Esta palavra finalmente se toma em má parte por inducção ao peccado; e neste sentido não convem senão ao demonio, que he chamado o tentador, e aos que obrão por inspiração do demonio. [c]

P. Que entendeis pela palavra de induzir á tentação?

R. Este modo de fallar tem muitos sentidos. Significa, 1. Mover alguem a fazer huma acção má.

2. Não impedir, podendo fazello, que algum homem caia na tentação, e offenda a Deos.

3. Pôr, ou deixar hum homem em circumstancias, que nada tenhão de máo em si mesmas; mas que, attendendo á sua fragilidade, e más disposições, serão para elle occasião de peccado, em que cahirá.

P. Deos induz á tentação do primeiro modo?

R. Não. Deos a ninguem incita ao peccado. Imaginar outra cousa seria horrivel blasfemia. [d]

P. Quem he que induz os homens á tentação do primeiro modo?

R. O Mundo, diabo, e carne. O Mundo com os máos exemplos, discursos, maximas perniciosas, ameaços, perseguições, favores, e deleites: o diabo com suggestões, e outros infinitos artificios; e a carne com inclinações perversas, e corruptas.

Já

a Gen. xxii. 1. 2.
b Deuter. xiii. 3. Tob. xii. 13. Prov. xvii. 3. Eccli. ii. 5.
c Matth. iv. 3.
d Sant-Iago i. 13.

Já explicámos mais largamente todas eftas differentes tentações na primeira Parte, fallando dos combates da Igreja na terra. [a]

P. Deos induz á tentação do fegundo modo?

R. Sim. Todos os que peccão o fazem affim, permittindo-o Deos por jufto, mas impenetravel juizo. [b]

P. Deos induz á tentação do terceiro modo?

R. Sim. Algumas vezes entrega Deos os homens aos defejos do feu coração, e lhes concede riquezas, honras, e outros bens temporaes, de que fabe que hão de abufar para offendello. [c]

P. Por que razão induz Deos os homens á tentação deftes dous ultimos modos?

R. Para exercer fobre elles a fua juftiça, e algumas vezes a fua mifericordia. [d]

P. Por que razão dizeis que Deos exercita a fua juftiça fobre aquelles, a quem defampara na tentação?

R. Porque os deixa nella para caftigo dos feus peccados.

P. Quando he effeito da mifericordia Divina o defamparo de Deos na tentação?

R. Quando aquelles, que cahem fe levantão, fazendo-os mais humildes, e vigilantes a experiencia da fua quéda. [e]

P. Que pedimos a Deos, quando lhe dizemos: *Não nos deixes cahir em tentação?*

R. 1. Que não permitta fejamos tentados pelo demonio, ou ao menos que não permitta o fejamos com excesso ás noffas forças.

2. Que não nos defampare no tempo da tentação, mas nos faça vencer todos os artificios do tentador.

3. Que não nos entregue aos defejos do noffo co-

ra-

a Secç. 2. cap. 3. §. 8. e 11.

b S. Agoft. Serm. 57. ou 9. de *Diverfis.*

c Rom. i. 24. e 28.

d S. Agoft. da Correcção, e da graça, e do Dom da perfeverança.

e S. Agoft. ibid.

ração, quando aquillo, que desejamos, nos he prejudicial, e nos dê forças para combater, e vencer as nossas concupiscencias.

4. Que nos envie antes afflicções temporaes, do que prosperidades, se a prosperidade ha de ser causa da nossa perca.

5. Que nos dê forças para vencer o Mundo, ou este nos queira enganar com falsos deleites, ou induzir aos seus erros, ou desanimar com perseguições. [a]

6. Que se nos deixa cahir na tentação, nos trate com misericordia, e nos dê a graça de levantar-nos.

P. He peccado o ser tentado pelo Mundo, diabo, e carne?

R. He peccado o cahir na tentação; mas a tentação em si mesma não he peccado, antes pelo contrario he occasião de merecimento, quando lhe resistimos, e a vencemos. Jesus Christo, que era impeccavel, quiz ser tentado. [b]

P. Que devemos fazer para não cahir nas tentações?

R. Devemos prevenillas, e preparar-nos para ellas com a Oração, e vigilancia. [c]

P. Em que consiste esta vigilancia?

R. 1. Em fugir cada hum ás occasiões da culpa. 2. Em estar sempre occupado na sua obrigação. 3. Em amar o retiro. 4 Em penetrar-se das verdades da Fé, para servir-se dellas na occasião, como de armas invenciveis contra os assaltos dos inimigos. [d]

P. Que devemos fazer quando actualmente somos tentados?

R. 1. Orar com mais instancia, e vehemencia. 2. Fazer o final da Cruz. 3. Trazer á memoria as verdades da Fé, que podem apartar-nos do mal, e confirmar-nos no

a S. Agost. Epist. 145. ou 144. S. Anast.

b Matth. iv. 1. Heb. iv. 15.

c Matth. xxvi. 41.

d Efes. vi. 16.

no bem. 4. Se a tentação continúa, e aperta, descubrilla ao Confessor, e sujeitar á sua direcção.

P. Que devemos fazer depois de haver cahido na tentação?

R. Pedir perdão a Deos, fazer prompta penitencia, e acautelar depois com maior vigilancia. *Meu filho, tendes peccado*, diz o Espirito Santo, *não torneis a peccar; mas orai pelas culpas passadas, para que vos sejão perdoadas.* [a]

P. Qual he a connexão desta petição do *Pater* com a precedente?

R. Depois de haver implorado a misericordia de Deos a respeito dos peccados já commettidos, lhe pedimos a graça de sermos preservados para o futuro daquelles, que a propria fragilidade póde fazer-nos commetter.

Setima petição. *Mas livra-nos do mal.*

P. Que pedimos a Deos com estas palavras: *Livra-nos do mal?*

R. Que nos livre, 1. Do imperio do demonio, e não permitta lhe estejamos sujeitos. 2. De todo o peccado, e não permitta que a iniquidade domine em nós, segundo a deprecação do Real Profeta. [b] 3. Das penas devidas ao peccado, ou seja no Purgatorio, ou no Inferno. 4. Dos males temporaes, quaes são a enfermidade, a pobreza, a guerra, a fome, a peste, e geralmente todos os males desta vida.

Mas não pedimos a izenção dos males temporaes, senão em quanto Deos conhece que póde ser util para a salvação o ver-nos livres delles, porque só pedimos a Deos nesta Oração nos livre de todo o mal. Fallando pois propriamente, não ha mal para nós senão aquelle, que he obstaculo para a nossa salvação: quando os trabalhos temporaes contribuem á nossa salvação, tão lon-

a Eccli. xxi. 1. b Ps. cxviii. 133.

longe eſtão de ſer males, que são bens para nós: pelo contrario, quando a proſperidade temporal he obſtaculo á noſſa ſalvação, e que abuſamos della para viver pelos dictames do ſeculo, em lugar de ſer bem, he o maior mal para nós.

P. Os ricos, que abusão das ſuas riquezas, e todos aquelles, que ſe perdem na proſperidade, pedem a Deos a adverſidade, quando lhe fazem eſta Oração?

R. Sim. Pois que as riquezas, e a proſperidade são males para elles, e porque pedem a Deos ver-ſe livres de todo o mal.

P. Orão logo falſamente, e mentem a Deos de ordinario, quando lhe dizem: *Livra-nos do mal?*

R. A dizer a verdade, ordinariamente não ſabem o que pedem, porque orão quaſi ſempre ſem attenção. Se oraſſem como convem, eſtarião ſynceramente diſpoſtos a deſejar, e pedir que Deos os atribulaſſe temporalmente, ſe a tribulação foſſe meio neceſſario para ſalvar-ſe. Se não ſe achão com eſta diſpoſição, he prova, e ſinal eſte, que o deſejo do ſeu coração he máo, e perverſo, e por conſeguinte que a ſua Oração he falſa, pedindo a Deos o que não deſejão, e ſendo a Oração o deſejo do coração, como já diſſemos com Santo Agoſtinho. [a]

P. Por que razão envia Deos afflicções temporaes?

R. 1. Para caſtigar os noſſos peccados, e dar-nos meio de expiallos. 2. Para que conheçamos a fragilidade das couſas humanas, e deſapeguemos dellas o noſſo coração. 3. Para augmentar o amor, que devemos ao meſmo Senhor, e para que ſeja mais puro. 4. Para que ſuſpiremos pelos bens da outra vida. Já diſſemos alguma couſa ſobre iſto, quando explicámos a terceira petição do *Pater*. [b]

P.

[a] S. Ag. ſob. o Pſ. 37. n. 14. Veja-ſe o cap. 1. §. 2. deſta Secç.

[b] Vejão-ſe os Padres aſſima citados.

P. De que modo devemos receber as afflicções temporaes ?

R. 1. Com paciencia, e resignação na vontade de Deos. 2. Com espirito de penitencia. 3. Com acção de graças.

P. Que connexão ha entre esta ultima petição do *Pater*, e as precedentes ?

R. He como a recapitulação de todas as outras petições ; porque pedir a Deos que nos livre de todo o mal, he pedir-lhe que nos preserve das tentações, que nos perdoe os peccados, que nos soccorra nas necessidades espirituaes, e temporaes, que nos ajude a fazer a sua vontade, que nos faça desejar o seu Reino, e nos conceda o viver de tal modo, que o seu santo Nome seja por nós santificado. [a]

Explicação da palavra Amen.

P. Que quer dizer a palavra *Amen*, que se diz no fim do *Pater*, e de todas as outras Orações da Igreja ?

R. He huma palavra Hebraica, que significa, 1. Isto he verdade, isto he assim. 2. Desejo que isto seja, assim seja. 3. Consinto no que fica dito, ou pedido.

P. Por que razão dizemos esta palavra no fim de todas as Orações ?

R. Para mostrar que damos o nosso consentimento a tudo aquillo, que se pede a Deos, ou seja que nós mesmos fizessemos a Oração, ou que a Oração fosse feita por outro em nome de todos. [b]

He necessario pois que esta palavra, que se diz no fim das Orações, nos excite a estar attentos ás Orações, que

a Sobre a explicação desta petição veja-se S. Cypr. S. Agost. e os outros Padres assima citados, a respeito da explicação de toda a Oração Dominical. Veja-se em particular S. Agost. L. 2. dos Merecimentos, e da Remissão dos peccados, cap. 4. Serm. 301. ou 110. de *Divers.* e sob. o Ps. 93.

b S. Ag. L. 2. contra a Epist. de Parmen. cap. 7.

que ſe fazem em commum , para que poſſamos dizer de coração, como de boca, *Amen.* [a]

P. Como póde o povo reſponder *Amen* ás Orações do Sacerdote , quando não entende a lingua, em que elle ora ?

R. 1. Os póvos coſtumados deſde a infancia a ouvir cantar as Orações públicas, ſabem em geral o que a Igreja pede a Deos ; e iſto baſta para poderem reſponder *Amen* , ainda que não entendão a lingua Latina.

2. As inſtrucções , que os Parocos são obrigados a fazer ao povo, ſegundo a ordem do Concilio de Trento, [b] podem ſupprir á ignorancia da lingua.

3. As traducções das Orações públicas da Igreja em lingua vulgar são tambem meio para ſupprir a iſſo. E todo o Mundo ſabe que em França são mui commuas, e authorizadas, e que as meſmas traducções forão diſtribuidas por ordem do Rei, ſupplicando-o os Biſpos, por todo o Reino. [c]

P. Quando ſe reza publicamente a Oração Dominical na Miſſa, não he o povo quem reſponde *Amen*; o povo diz a ultima petição : *Mas livra-nos do mal*, depois do Sacerdote haver ſó dito as ſeis primeiras: o Sacerdote he que ſómente reſponde no fim *Amen.* Qual he a razão deſte uſo , que não he o meſmo nas outras preces ? Porque em todas as outras preces reſponde o povo *Amen* , depois de haver orado o Sacerdote em nome de todos ?

R. A razão , que dá o Catecismo do Concilio de Trento, he eſta. O Sacerdote offerece o Sacrificio em nome de Jeſus Chriſto, e do povo : reza na acção do Sacrificio a Oração Dominical , que he o compendio de

[a] 1. Cor. xiv. S.Ag. Serm. 362. ou 121. de *Diverſ.* cap. 28.

[b] Seſſ. 22. cap. 8.

[c] Veja-ſe o que abaixo dizemos ſobre a lingua , de que a Igreja ſe ſerve nos Officios Divinos, cap. 6. §. 1. deſta Secç.

de todas as Orações: o povo, em nome de quem ſe rezou eſta Oração, diz alto a ſetima petição, que he como compendio de todas as outras petições; e o Sacerdote reſponde em nome de Jeſus Chriſto, cujo lugar occupa, *Amen*; como ſe diſſeſſe, que Deos tendo reſpeito á ſua Fé, e á ſynceridade das ſuas Orações, os ouvio pela virtude do Santo Sacrificio. [a]

CAPITULO V

De outras Orações particulares.

§. I. *Da Saudação Angelica.*

P. QUal he a Oração mais célebre, que a Igreja dirige á Santiſſima Virgem?

R. He a que ſe chama Saudação Angelica, aſſim chamada, porque o ſeu principio ſe compõe das palavras, que o Anjo Gabriel diſſe á Senhora, quando lhe annunciou a Encarnação do Verbo Eterno em ſeu ſeio. A Oração he a ſeguinte:

1. Ave Maria, cheia de graça, o Senhor he comtigo, benta es tu entre as mulheres.	1. *Ave Maria, gratia plena, Dominus tecum, benedicta tu in mulieribus.*
2. E bento he o fruto do teu ventre Jeſus.	2. *Et benedictus fructus ventris tui Jeſus.*
3. Santa Maria, Mãi de Deos, roga por nós peccadores, agora, e na hora da noſſa morte. Amen.	3. *Sancta Maria, Mater Dei, ora pro nobis peccatoribus nunc, & in hora mortis noſtræ. Amen.*

Com-

a Catecîſmo do Concilio de Trento, 4. Part. junto do fim ſobre a palavra *Amen*.

Compõe-se esta Oração de tres partes.

1. Das palavras do Anjo.

2. Das palavras de Santa Isabel, quando, estando pejada, recebeo a visita da Santissima Virgem.

3. Das palavras, que a devoção dos Fieis tem accrescentado, e que a Igreja authoriza com o seu uso.

Póde dizer-se que esta Oração encerra hum louvor, huma acção de graças, e huma petição.

P. Que louvor damos á Santissima Virgem com esta Oração?

R. O maior que creatura alguma recebeo nunca, e que consiste em lhe dizermos com o Anjo,

1. Que está cheia de graças.

2. Que o Senhor está com ella.

3. Que he bemdita sobre todas as mulheres.

P. Que significa esta palavra: *Cheia de graças?*

R. Que Deos a encheo de dons, favores espirituaes, e misericordias mais que outra alguma creatura.

P. Que significão estas palavras: *O Senhor he comtigo?*

R. Que a Santissima Virgem he de hum modo particular o Templo de Deos, pela plenitude das graças do Espirito Santo, e por sua Divina maternidade.

P. Qual he o sentido destas palavras: *Benta es tu entre as mulheres?*

R. Que entre todas as mulheres bemditas de Deos, ou que podem sello, não ha alguma, que tenha recebido, ou haja de receber favor semelhante ao que recebeo a Santissima Virgem, pois que ella só entre todas as mulheres foi escolhida para ser Mãi de Deos, sem por isso cessar de ser Virgem.

P. Qual he a acção de graças, que se contém nesta Oração?

R. Manifesta-se principalmente naquellas palavras de Santa Isabel: *Bento he o fruto do teu ventre Jesus;*

porque quando as pronunciamos, louvamos a Deos, e lhe damos graças, por nos haver dado a Jesus Christo por Maria, sendo este o maior favor, e a mais ineffavel misericordia, que Deos podia fazer aos homens.

P. Qual he a petição, que fazemos á Santissima Virgem nesta Oração?

R. Pedimos lhe, e rogamos-lhe que ore por nós.

P. Por que razão lhe dizemos: *Santa Maria, Mãi de Deos?*

R. 1. Porque ella o he effectivamente. 2. Porque esta qualidade he para nós hum penhor da authoridade, e poder, que esta Senhora tem com seu Filho.

P. Por que razão lhe dizemos *que nós somos peccadores?*

R. Para que a lembrança das nossas miserias a excite á compaixão, e a mova a pedir por nós misericordia a seu Filho.

P. Por que razão lhe pedimos que *rogue por nós agora?*

R. » Porque temos sempre novos peccados que ex» piar, novas necessidades, a que acudir, novas doen» ças, que curar, novos perigos, que correr, novas » obrigações, que cumprir, e para todas estas cousas » nos he necessaria a graça de Deos a cada instan» te. » [a]

P. Por que razão ajuntamos, *e na hora da nossa morte?*

R. Porque na hora da nossa morte he que os esforços do demonio, para perder-nos, são mais violentos, que as nossas necessidades são maiores, e as nossas quédas mais arriscadas.

P. Por que razão fazemos preceder esta Oração de hum louvor?

R.

a *Catech. Bitur. in Salut. Angel.*

R. Para honrar á Santiſſima Virgem com a meſma Saudação, que lhe fez o Anjo.

P. Por que razão ajuntamos ao louvor a acção de graças da Encarnação do Verbo no ſeio de Maria ?

R. 1. Porque a Encarnação do Verbo he no meſmo tempo a couſa mais glorioſa para a Santiſſima Virgem, a mais proveitoſa para nós, a mais capaz de excitar a noſſa eſperança, e augmentar a confiança das noſſas Orações.

2. Pois que Jeſus Chriſto não encarnou no ſeio de Maria ſenão para noſſa ſalvação, repreſentamos á meſma Senhora eſte grande favor, como huma razão, que nos dá direito de recorrer á Virgem, para obter por ſua intercesſão a ſalvação eterna, que Jeſus Chriſto ſeu Filho nos mereceo. [a]

P. Devemos dizer muitas vezes eſta Oração ?

R. He huma couſa eſta muito ſanta, e util. A intercesſão da Santiſſima Virgem he mais poderoſa que a de outro algum Santo, por cauſa de que nenhum teve, nem terá nunca união tão intima com Jeſus Chriſto.

P. Em que tempo principalmente convem rezar eſta Oração ?

R. De manhã, ao meio dia, á noite, quando nos achamos em algum perigo, quando nos ſentimos tentados, e quando eſtamos enfermos.

§. 2. *Explicação do* Angelus.

P. Por que razão ſe tocão os ſinos pela manhã, ao meio dia, e á noite, para fazermos a deprecação chamada *Angelus Domini* ?

[a] Veja-ſe a reſpeito da explicação deſta excellente Oração os Sermões de S. Bern. *Super Miſſus eſt.* S. Epif. dos louvores da Santiſſima Virgem. S. João Damaſceno, L. 4. da Fé Orthod. E o Catec. de Heſſel. tom. 1. pag. 176. e ſeg.

R. He este hum piedoso costume introduzido para advertir aos Fieis da obrigação que tem,

1. De consagrar á Oração o principio do dia.

2. De dar graças a Deos tres vezes no dia, pelo beneficio ineffavel da Encarnação do Filho de Deos.

3. De orar então a Deos, para que obre em nós o effeito deste Mysterio; que consiste em fazer-nos chegar á gloria da vida eterna pelos merecimentos da Paixão, e da Morte do Filho de Deos encarnado por nós.

4. De nos lembrarmos da parte, que teve a Santissima Virgem neste grande Mysterio.

5. De invocarmos a mesma Senhora, para que nos obtenha de Jesus Christo as graças, que são frutos delle. A Oração he a seguinte:

O Anjo annunciou a Maria, (*que seria Mãi de Deos*) e concebeo do Espirito Santo. Ave Maria, &c.

Angelus Domini nuntiavit Mariæ, & concepit de Spiritu Sancto. Ave Maria.

(*Maria respondeo:*)

Eu sou a serva do Senhor: faça-se em mim segundo a vossa palavra. Ave Maria, &c.

Ecce ancilla Domini: fiat mihi secundum verbum tuum. Ave Maria.

E o Verbo se fez carne, e habitou comnosco. Ave Maria, &c.

Et Verbum caro factum est, & habitavit in nobis. Ave Maria.

Oremos.

Oremus.

Senhor, nós vos supplicamos que infundais a vossa graça em nossos corações, a fim de que havendo conhecido o Mysterio da Encarnação de vosso Filho por mi-

Gratiam tuam quæsumus, Domine, mentibus nostris infunde, ut qui, Angelo nuntiante, Christi Filii tui Incarnationem cognovimus, per Passionem ejus, & Crucem

cem ad Resurrectionis gloriam perducamur. Per eundem Christum Dominum nostrum. Amen.

nisterio do Santo Anjo, que foi enviado para annuncial-lo a Maria, possamos pelo merecimento da sua Paixão, e Cruz ser conduzidos á gloria da sua Resurreição. Assim o pedimos pelos merecimentos de Jesus Christo nosso Senhor. Amen.

P. Estamos obrigados a rezar esta Oração?

R. Não ha obrigação para isso; mas he hum pio costume, com o qual nos conformaremos com muita utilidade.

P. Com que intenção devemos rezar esta Oração?

R. Com a mesma intenção, com que foi instituida, segundo o que acabámos de explicar: e não devemos dizella por costume, e sem alguma attenção, como succede quasi sempre á maior parte dos Fieis.

P. Qual he o meio mais capaz de evitar esta falta de attenção?

R. 1. He recolher-se cada hum por hum momento antes de principiar a Oração.

2. Rezar de joelhos, sendo possivel, excepto nos Domingos, e tempo Pascal, em cujo tempo se ora de pé.

CA-

CAPITULO VI

Das Orações públicas da Igreja.

§. 1. *Da lingua, de que se usa nas Orações públicas.*

P. POr que razão faz a Igreja as suas Orações públicas em huma lingua desconhecida ao povo?

R. 1. No principio celebrou a Igreja em cada Paiz os Divinos Officios na lingua vulgar; mas havendo cessado esta primeira lingua de ser vulgar, a Igreja a conservou sempre, e não fora possivel mudalla sem grandes inconvenientes. [a]

2. Ainda que a lingua Latina não seja a lingua vulgar de todos os póvos do Occidente, he com tudo entre todas a mais universal na Europa, e por conseguinte de que a Igreja se póde servir com menor inconveniente.

Não se póde provar que a Igreja se servisse nunca no Occidente de outra lingua, que não fosse a Latina em os Divinos Officios. Não obstante de Santo Agostinho consta, que no seu tempo havião lugares em Africa, nos quaes o povo não entendia o Latim. [b] E o Cardeal Bona na sua excellente Obra sobre a Liturgia, [c] prova muito bem, que quando os Alemães, os Francezes, os Inglezes, os Polacos, e os outros póvos Septentrionaes abraçárão o Christianismo, não entendião commummente o Latim, e com tudo não se mudou por isso a lingua, de que se havia usado até então no Occidente em os Divinos Officios.

P.

a Bocquillot, Tr. Hist. sob. a Liturg. L. 1. cap. 11.

b S. Ag. Epist. 209. ou 261. ao Papa Celestino, L. 2. das suas retractações, cap. 3. Exposição da Epist. aos Romanos, n. 13. Tr. 7. sob. S. João, n. 18.

c Bona, L. 1. cap. 5. n. 4.

P. Que inconveniente havia de introduzir a lingua vulgar nas deprecações públicas de cada Paiz?

R. 1. Se isto se permittisse, ficarião sujeitas as Orações públicas da Igreja a contínuas mudanças, porque as linguas vivas mudão incessantemente, e a lingua de hum povo não he a mesma no fim de cem annos.

2. Nestas contínuas mudanças poderião introduzir-se pouco a pouco, e insensivelmente algumas alterações essenciaes nos dogmas da Fé, cujo deposito se acha nas Orações públicas da Igreja.

3. Em hum mesmo Reino, por exemplo em França, seria necessario celebrar os Divinos Officios em tres, ou quatro linguas differentes, e em cada hum destes Paizes fazer mudanças á proporção, que fossem mudando as linguas. Sabe-se muito bem que na Bertanha baixa, em Alsacia, em Bearne, em muitos lugares de Languedoc, e de Provença não he entendido o Francez da gente popular. Seguir-se-hia daqui que os que vão de hum Paiz a outro, nada entenderião dos Divinos Officios; que seria necessaria huma applicação contínua em fazer mudanças, as quaes não remediarião o inconveniente de fallar huma lingua desconhecida, que os estrangeiros não entenderião; e que os Sacerdotes achando-se em Paiz, de que ignorassem a lingua vulgar, quasi nunca poderião dizer Missa.

4. A experiencia mostra que estas mudanças na lingua dos Divinos Officios, e nas cousas de uso ordinario, são da maior difficuldade.

Os mesmos Protestantes, sem ir mais longe, nos ministrão duas provas desta verdade.

1. A parafraze dos Psalmos, composta em Francez por Béza, e Marot, quasi se não entende. Todos sabem que os Ministros dos Protestantes tem feito quanto puderão para fazer receber em França nos seus congressos a versão de Conracio, que era mais Franceza,

sem

ſem nunca poderem conſeguillo. De ſorte, que ſe tiveſſem ſubſiſtido em França mais cem annos, ver-ſe-hião obrigados contra ſua vontade a ſervir-ſe de huma lingua deſconhecida em ſeus públicos congreſſos.

2. A Biblia em Francez impreſſa em Genebra, he de huma lingua tão velha, que apenas ſe entende. Não obſtante, como os Proteſtantes eſtão coſtumados á leitura deſta lingua, não citão a Sagrada Eſcritura nas ſuas Obras Francezas eſcritas com a maior pureza, ſenão conforme a eſta antiga Traducção, já quaſi intelligivel.

Tudo iſto moſtra quanto he difficultoſa, por não dizer impraticavel, a mudança de lingua nas couſas de uſo público, e contínuo. E eſta he huma das razões, por que as antigas linguas ſe tem conſervado nos Officios públicos da Igreja em todos os Paizes do Mundo.

P. Quando celebramos os Divinos Officios em lingua deſconhecida, não nos oppomos ao que S. Paulo enſina, capitulo 14. da primeira Epiſtola aos Corinthios?

R. Não. 1. Naquelle lugar não ſe trata dos Divinos Officios, que ſe fazião em Corintho na lingua Grega, e por conſeguinte em lingua deſconhecida.

2. S. Paulo approva o uſo da lingua deſconhecida nos congreſſos da Igreja, com tanto que o que ſe diz ſeja interpretado em favor daquelles, que o não entendem. [a] Ora a Igreja obriga os Paſtores a explicarem ao povo na lingua do Paiz tudo aquillo, que ſe diz, e ſe faz nos Divinos Officios. [b] Eſta interpretação ſe póde tambem fazer com traducções, como já fica dito na explicação da palavra *Amen*. [c]

P.

a 1. Cor. xiv. 5. 13. 26. 27. e 28.

b Conc. de Trento, Seſſ. 22. cap. 8.

c Cap. 4. ?. 2. deſta Secç. no fim da explicação da Oração Dominical.

P. Por que occafião falla S. Paulo contra a lingua defconhecida na Igreja ?

R. Por occafião do dom das linguas, e dos abufos, que fe tinhão introduzido por refpeito ao ufo defte dom.

Explicação.

No principio do Chriftianifmo, para converter maior numero de Gentios, dava Deos commummente aos Fieis o dom milagrofo de fallar as linguas defconhecidas. Muitas vezes fuccedia que os que havĩão recebido efte dom, não tinhão recebido o de explicar aos outros a fignificação deftas linguas ; e ifto fazia mais famofo o milagre. Outros tinhão recebido o dom de interpretar as linguas defconhecidas, fem haver recebido o de as fallar. Outros em fim, como S. Paulo, tinhão recebido o dom de as entender, de as fallar, e de as interpretar.

Dous abufos acontecêrão na Igreja de Corintho, por occafião deftes dons particulares. 1. Alguns Fieis querião fallar nos congreffos, ao paffo que fe fentião infpirados interiormente, fem efperar que os outros tiveffem acabado.

2. Muitas vezes fuccedia que não fe achava peffoa alguma no congreffo, que foubeffe interpretar a lingua, na qual fallava aquelle, que era infpirado. Tudo ifto caufava confusão.

Para remediar a eftes inconvenientes ordena S. Paulo duas coufas no capitulo 14. da primeira Epiftola aos Corinthios.

1. Que em cada congreffo fó duas, ou tres peffoas fallarão entre os que fe achão divinamente infpirados, e fallará hum depois do outro.

2. Que achando-fe alguma peffoa, que tenha o dom de interpretar as linguas defconhecidas, aquelle, que recebeo o dom de as fallar, fem poder fazer entender

o que

o que diz, se calará, contentando-se com orar interiormente na lingua, que o Espirito Santo lhe poz na boca; o que não se deve dizer em público, senão aquillo, que póde edificar aos que estão presentes; e huma lingua desconhecida, que ninguem póde explicar, não póde ser de alguma edificação. Que por esta razão não deve permittir-se a estes Profetas o dizer publicamente o que o Espirito Santo lhes inspira, senão quando se acha algum no congresso, que possa explicallo, para que todos sejão edificados; que he necessario, ainda que os que sabem interpretar, julguem se a cousa merece ser communicada a todo o congresso, porque diz S. Paulo, que *os espiritos dos Profetas estão submettidos aos Profetas*, as quaes palavras parecem significar que os que tem recebido o dom de explicar as linguas desconhecidas, podem julgar se as inspirações dos outros devem fazer-se públicas, ou não.

Lea-se todo este capitulo decimoquarto de S. Paulo, e não se achará nelle senão o que temos referido. E do mesmo capitulo consta, 1. Que nelle se não tratava absolutamente da lingua ordinaria, em que se devião fazer os Officios Divinos, porque esta não era a questão.

2. Que S. Paulo não tem por absurdo que se falle huma lingua absolutamente desconhecida nos congressos públicos, com tanto que haja algum para interpretalla, e se possa dar razão de tudo aquillo, que se diz, e se faz aos estranhos, que chegarem.

3. Não se póde reputar a lingua da Igreja como lingua de todo desconhecida. A maior parte dos que frequentão os Templos a entendem; e o grande habito, que os outros tem de rezar, e cantar desde a infancia as Orações públicas, faz que a maior parte do povo sabe, ou póde saber facilmente o que ellas querem dizer; e que quando responde *Amen*, não o faz sem alguma intelligencia, tendo instrucção ao menos pelo

grof-

groſſo daquillo, que o Sacerdote pede a Deos em nome de todos os aſſiſtentes, ſem fallar das Traducções, e das Inſtrucções dos Paſtores, de que já diſſemos alguma couſa em outra parte. [a]

§. 2. *Das Ceremonias da Igreja em geral.*

P. Por que razão acompanha a Igreja os Divinos Officios com muitas ceremonias?

R. Forão inſtituidas as ceremonias da Igreja, 1. Para mover o povo a Deos com eſte apparato exterior, e inſpirar-lhe reſpeito da ſoberana Mageſtade.

2. Para que os Fieis entendão melhor com eſtes ritos o que faz a Igreja, os Myſterios, que celébra, e o que pede a Deos.

3. Para conſagrar todas as creaturas ao ſerviço de Deos, e fazellas a ſeu modo ſervir ao culto Divino, já que pertencem a Deos.

4. A maior parte das ceremonias da Igreja são fundadas em razões puramente naturaes. Muitas forão inſtituidas por neceſſidade, ou por decencia, ou tiradas do uſo da vida civil.

5. Algumas ha, que são myſterioſas por ſua inſtituição, e forão eſtabelecidas para elevar noſſa alma á conſideração do que repreſentão.

6. A Igreja adoptou deſde o principio muitas ceremonias, que eſtavão em uſo entre os Judeos.

7. Os Gentios tinhão tomado muitas ceremonias dos Judeos, para ſervir-ſe dellas no exercicio público da ſua falſa Religião. A Igreja julgou conveniente, para facilitar a converſão dos Gentios, conſervar muitas deſtas ceremonias, e ſantificallas, referindo-as a Deos, como fazião os Judeos, em lugar de referillas aos demo-

a Explicando a palavra *Amen* no fim da Oração Dominical.

monios, como fazião os Gentios, ſendo eſtas ceremonias aliàs indifferentes por ſi meſmas.

P. Não fora melhor ter abolido eſtas ceremonias, quando os Gentios ſe convertêrão?

R. 1. Havendo ſido tomadas dos Judeos, erão boas em ſua origem, e por ſua natureza; e os Gentios convertidos, e doutrinados ſobre o ſeu verdadeiro uſo, as praticavão com piedade, e não com ſuperſtição.

2. Quando ſe quizeſſem abolir, não ſe poderia fazer. Todos ſabem qual he neſte ponto a força do coſtume, e quantos inconvenientes ſe achão em mudar os antigos uſos. He melhor deixallos, quando nada tem de abſurdo. [a]

3. Quando facilmente ſe pudeſſem ter abolido eſtas ceremonias, não devia fazer-ſe, porque são uteis, e ainda neceſſarias.

P. Não ſe oppõem eſtas ceremonias ao que diz Jeſus Chriſto, que devemos adorar a Deos em eſpirito, e verdade?

R. Não. Porque Jeſus Chriſto não exclue com eſtas palavras a adoração exterior: quer ſómente dizer que Deos deſeja ſer adorado de eſpirito, e coração principalmente; e que ſem eſta adoração de eſpirito, e coração, a outra he inutil. Seria abuſo parar neſte exterior, como fazia a maior parte dos Judeos, ſem applicar-ſe a Deos por meio deſtas acções exteriores. Pela meſma razão he preciſo que os Paſtores inſtruão aos póvos no fim que tem cada ceremonia, e que os póvos ſe aproveitem deſtas inſtrucções, e não reputem o meſmo exterior, ſenão como meio de elevar-ſe a Deos interiormente, ou como hum ſinal ſenſivel da diſpoſição interior, em que o ſeu coração deve eſtar a reſpeito de Deos. [b]

P.

[a] S. Ag. Epiſt. 54. ou 118. a Januar. n. 2. e 6.

[b] Eſta Obra póde contribuir, para que ſe perceba o fim dellas; pois na meſma Obra ſe explicão todas as ceremonias em geral, e hum grande numero dellas em particular com toda a miudeza.

P. Todo efte apparato exterior, e efta magnificencia, de que a Igreja fe ferve em feus ornamentos, nos Vafos fagrados, e adorno dos Templos, não fe oppõem á fimplicidade do Evangelho?

R. Não he nifto que confifte a fimplicidade do Evangelho, mas em que fejamos humildes, pobres do coração, e que defprezemos o fafto, e vaidades do feculo.

Todas eftas difpofições são compativeis com a magnificencia das Igrejas; e Jefus Chrifto quiz authorizar de algum modo efta magnificencia em huma célebre occafião, quando aquella pia mulher, de que falla o Evangelho, chegou a derramar fobre os feus pés na cafa de Simão o Leprofo o perfume preciofo, e de grande preço. [a] Póde dizer-fe que Jefus Chrifto quiz defte modo authorizar a magnificencia, e as defpezas, que fe fazem para confagrar ao feu ferviço as riquezas da terra, affim como Deos as tinha authorizado no antigo Teftamento pela magnificencia do Templo de Salomão, edificado por fua ordem.

P. Como fe portou a Igreja a efte refpeito nos primeiros feculos?

R. Durante os tres primeiros feculos, que foi tempo de perfeguições, não podia a Igreja empregar as riquezas da terra em ornato dos Templos, porque não tinha a liberdade de fazer congreffos públicos; mas logo que cessárão as perfeguições, forão edificados os Templos, e ornados magnificamente pelos Imperadores Chriftãos, confiderando a Igreja fempre efta magnificencia dos Principes como final da fua piedade. [b]

§. 3.

a Matth. xxvi.

b Eufeb. L. 10. da Hift. Eccleſ. cap. 4. S. Jeron. fob. o cap. 8. de Zac. &c.

§. 3. *Do uſo dos cirios, e alampadas.*

P. Por que razão ſe ſerve a Igreja de cirios accezos, e alampadas nas Orações públicas?

R. Quando de noite ſe celebra o Divino Officio, ſe fazem preciſas as luzes. Tambem foi neceſſario uſar dellas no tempo das perſeguições, quando os Fieis ſe vião obrigados a ajuntar-ſe nos lugares ſubterraneos.

Depois de acabadas as perſeguições continuou a Igreja a ſervir-ſe das luzes, ainda em claro dia; e tal era o uſo de todas as Igrejas do Oriente deſde o quarto ſeculo, como refere S. Jeronymo. Uſava a Igreja de luzes, 1. Para conſervar os veſtigios da antiguidade. 2. Em ſinal de alegria. 3. Para que as meſmas luzes foſſem ſymbolo de Jeſus Chriſto, que he a meſma Luz do Mundo. 4. Para teſtemunho da fé dos Ficis, da qual eſtes cirios são tambem ſymbolo; porque a Fé he luz eſpiritual, que nos allumia, e nos conduz. [a]

Outros Padres da Igreja moſtrão que o uſo de accender os cirios de dia nos Officios públicos ſubſiſtia deſde o terceiro ſeculo. [b]

P. Por que razão ſe levão cirios accezos, quando ſe vai cantar o Evangelho?

R. Póde dizer-ſe que eſte uſo foi introduzido pelo modelo, que ſe praticava antigamente nas ceremonias civís. Era coſtume, quando os Principes, e os Magiſtrados da primeira ordem ſahião com ceremonia, levar diante cirios accezos por honra, e decencia das ſuas peſſoas. Daqui talvez procedeo o coſtume de ſe levarem cirios diante dos Biſpos, e Sacerdotes, quando officiavão ſolemnemente, e diante do Livro dos Evangelhos levado pelo Diacono com ſolemnidade nas Miſſas ſolemnes.

Pó-

a Veja-ſe S. Jer. contr. Vig. Lour. S. Paulino, Hymno 3. ſobre S. Felis.
b Prudencio, Hymno ſobre São

Póde ajuntar-se a isto huma razão mysteriosa, tirada de que o Sacerdote officiante tem o lugar de Jesus Christo, que he Luz do Mundo : o que significa tambem o Livro do Evangelho, que o Diacono vai annunciar.

P. Por que razão os que vão á Oblação levão hum cirio accezo ?

R. Póde dizer-se que com esta ceremonia exterior mostrão que querem consumir-se no serviço de Deos como este cirio.

Mas a razão natural, e literal he que os Fieis tem costumado em todo o tempo levar á offerta o que he necessario para sustento dos Pastores, e para o serviço público da Igreja, e por conseguinte com que entreter a luz. Ha Igrejas, onde em lugar de hum cirio se leva azeite á offerta.

P. Por que razão se põe hum grande numero de cirios sobre os pães, que se levão á offerta ?

R. Já o dissemos. He o antigo costume de offerecer solemnemente o que he necessario para o culto Divino, e por conseguinte estes cirios.

P. Por que razão se põem hum grande numero de cirios á roda dos corpos mortos na ceremonia dos seus funeraes ?

R. Póde dizer-se que se quer mostrar com isto que elles forão allumiados no tempo da sua vida com a luz da Fé, e que esperamos pelo merecimento desta Fé, de que Jesus Christo he o fundamento, que terão parte na feliz resurreição.

Póde tambem dizer-se que isto se praticava assim, porque as exequias se celebravão de noite, e em lugares subterraneos, como consta dos antigos cemiterios de Roma.

P. Por que razão arde sempre huma alampada diante do Santissimo Sacramento ?

R.

R. A Igreja o ordenou assim para honra do Santissimo Sacramento, e para conformar-se com o que o mesmo Deos tinha mandado em outro tempo, que o fogo Divino arderia sempre diante da Arca.

Accrescento a isto que he conveniente ter sempre huma alampada acceza na Igreja para a necessidade, que póde haver de noite, e de dia, e em cada instante de luz, assim para os Officios públicos, como para outras differentes necessidades.

§. 4. *Do uso do incenso.*

P. O uso do incenso he muito antigo nos Officios públicos da Igreja?

R. Antiquissimo. Consta 1. Do quarto dos Canones, que se chamão Apostolicos, e que representão ao menos a Disciplina dos tres primeiros seculos da Igreja. 2. De Santo Ambrosio. [a] 3. Do uso de todas as Igrejas do Mundo. 4. Das Liturgias mais antigas, como v. g. das de S. Basilio, de S. Chrysostomo, sem fallar das que antes se praticavão. Em fim o mesmo Deos o tinha ordenado na antiga Lei. [b]

P. Por que razão se serve a Igreja de incenso?

R. Por muitas razões differentes, tendo respeito ás differentes occasiões, e circumstancias, em que a Igreja o emprega, e usa delle.

Offerecemos a Deos incenso, para render-lhe vassallagem como a nosso Soberano, e para mostrar-lhe o desejo, que temos de que as nossas Orações cheguem ao seu throno, como incenso de agradavel cheiro. [c]

Incensão-se os Altares para infundir-lhes bom cheiro, e para pedir a Jesus Christo, figurado no Apocaly-

a S. Ambr. L. 1. sob. o 2. cap. de S. Luc. n. 28.

b Exod. xxix. xxx. xl.

c Psal. cxl. 1.

lypfe pelo Altar, que receba as noffas Orações figuradas pelo incenfo. [a]

Incensão-fe as Cruzes, e Imagens, cuja honra fe refere aos originaes, a Jefus Chrifto, e aos Santos, a quem dirigimos o incenfo das noffas Orações, do modo que fica explicado no primeiro Mandamento. [b]

Incenfa-fe o Livro dos Evangelhos, para moftrar com efta ceremonia exterior o refpeito, que temos á palavra de Deos, e o bom cheiro, que eftá derramado, como diz S. Paulo, por todos aquelles, que praticão efta palavra. [c]

Incensão-fe as offertas, que fe fazem a Deos, para fupplicar-lhe que as receba como incenfo de agradavel cheiro. As Orações, de que a Igreja fe ferve para acompanhar hum tal incenfo, são prova defta explicação. [d]

Em fim incensão-fe os Fieis, 1. Para advertillos que fe elevem a Deos com o fervor das fuas Orações, que fe confumão em feu ferviço como incenfo, e que derramem por toda a parte o bom cheiro de Jefus Chrifto. Por efta razão he que eftes incenfos fe fazem nos tempos, em que os Fieis devem renovar a attenção, e o fervor das fuas Orações. Fazem-fe na Miffa antes, ou durante o Offertorio, que he o principio do Sacrificio, e durante o *Agnus Dei*, que precede á Communhão. Fazem-fe no Officio folemne, durante os Canticos *Benedictus*, e *Magnificat*, que precedem immediatamente á Oração, que fe chama Collecta: Oração, por meio da qual offerece a Igreja a Deos os votos de todos os Fieis antes de terminar o Officio.

2. Póde tambem dizer-fe, que eftes incenfos fe fazem para moftrar a união, que ha entre Jefus Chrifto, e os

a Apoc. v. 8.
b l. 5. cap. 2. Secç. 3. P. 2.
c 2. Cor. ii. 14. 15. e 16.
d Veja-fe o que diremos abaixo, explicando as Orações, e ceremonias da Miffa.

e os Fieis : e esta he a razão , por que se incensa ao principio o Altar , que representa a Jesus Christo , e depois os Fieis , que são os seus membros , e que devem orar em Jesus Christo, por Jesus Christo, e com Jesus Christo.

Todas estas razões, ainda que mysteriosas, são muito solidas : encontrão-se vestigios dellas nas Sagradas Escrituras , e os Santos Padres recorrêrão a esta fonte para explicar as ceremonias do incenso. Não serve isto de embaraço , para que possa dizer-se com verdade, que razões naturaes derão lugar ao uso do incenso nos primeiros seculos. Talvez se quizesse por este meio expellir o máo cheiro , causado pela multidão do povo junto com frequencia nos lugares escuros , e subterraneos : he tambem provavel que se attenderia ao uso estabelecido então no Mundo de fazer queimar perfumes por honra , e decencia dos congressos solemnes.

Colhe-se das ordens Romanas mais antigas , que os thuribulos erão feitos antigamente em fórma de cassoulas ; e que o modo de incensar os Fieis consistia em presentar-lhes estas cassoulas fumegando incenso , de que os Fieis tomavão com a sua mão o fumo para levallo ao nariz.

P. Por que razão se incensão em particular os Bispos, os Sacerdotes, os Reis, os Principes, as Princezas, e as outras pessoas de distinção ?

R. Por honra , que se faz ao seu caracter , e á sua dignidade : o restante do povo he incensado em commum, e as pessoas distinctas o são em particular ; mas a razão destes incensos he a mesma para huns, e para outros.

P. Por que razão se dão a huns tres thurificações, a outros duas, e a outros huma ?

R. Porque são sinaes de distinção differentes por respeito á differença das pessoas.

P.

P. Por que razão ſe incensão as Reliquias dos Santos?

R. Para moſtrar que o bom cheiro de Jeſus Chriſto ſe derramou por elles no tempo da ſua vida, e ſe derrama ainda depois da ſua morte.

P. Por que razão ſe incensão os corpos mortos, e os ſepulcros dos Fieis?

R. Não ſe faz iſto ſómente para infundir nelles bons cheiros, e expellir os máos, que a infecção dos corpos mortos poderia cauſar; mas pratica-ſe tambem aſſim, e muito principalmente para moſtrar que a memoria dos Fieis, que morrem no gremio da Igreja, he de bom cheiro, e que a Igreja offerece por elles, como tambem pelos que vivem, o incenſo das ſuas Orações.

P. Recorrer a eſtas explicações myſteriofas, e figuradas, não he voltar aos elementos da antiga Lei, onde tudo ſe paſſava em figura? A realidade não ſuccedeo ás figuras em o novo Teſtamento?

R. 1. Prouvera a Deos que os que fórmão eſta difficuldade, eſtiveſſem perſuadidos que nas materias mais importantes, como he a da Eucariſtia, a realidade ſuccedeo ás figuras em o novo Teſtamento.

2. Já não ſe paſſa tudo em figuras entre os Chriſtãos, como acontecia entre os Judeos; mas tambem he certo que o tempo das figuras ainda não paſſou de todo. Neſta vida não conhecemos a Deos, ſenão por enigmas; e ſó no Ceo he que ſe ha de manifeſtar tudo claramente, ceſſando todas as ſombras, e figuras. [a]

3. Como ſomos compoſtos de corpo, e alma, temos neceſſidade de alguma couſa ſenſivel, que nos incite a elevar-nos ás couſas eſpirituaes.

4. Havemos tambem referido as razões naturaes, que podem haver dado lugar a eſtas ceremonias; e as ra-

F ii

a 1. Cor. xiii. 12.

razões myſterioſas não tem ſido imaginadas pela maior parte, ſegundo parece, ſenão depois que eſtas ceremonias eſtavão já eſtabelecidas. O fim deſtas explicações foi de elevar o eſpirito a Deos por meio de couſas ſenſiveis, e exteriores, cujo uſo havia ſido introduzido por motivos, e razões puramente naturaes.

§. 5. *Dos varios, e differentes uſos de cada Igreja nos ritos, e ceremonias dos Officios Divinos.*

P. Por que razão os uſos, e ceremonias da Igreja não são os meſmos em toda a parte?

R. Ha uſos, e ceremonias, que são univerſalmente os meſmos; ha outros, que são differentes em cada Paiz, e em cada Diecefe. A razão deſta differença conſiſte, em que tudo aquillo, que foi regulado pelos Apoſtolos, e recebido por Tradição, he o meſmo em toda a parte. Aquellas couſas porém que os Apoſtolos deixárão á prudencia dos ſeus ſucceſſores, não ſe achão uniformes em todo o lugar, e eſtão ſujeitas a mudanças, e variações.[a]

Os Apoſtolos não regulárão tudo por ſi meſmos, porque muitas couſas para regular-ſe dependião das circumſtancias dos tempos, dos lugares, e das peſſoas, e devião mudar-ſe por reſpeito a eſtas differentes circumſtancias. Pelo que toca ao culto exterior, não ordenárão os Apoſtolos ſenão aquillo, que era independente de ſemelhantes circumſtancias, e o que havia de ſer obſervado por todos os póvos, e em todos os Paizes.

P. Por que razão aquellas couſas, que não forão ordenadas pelos Apoſtolos, padecem tanta variedade, e eſtão ſujeitas a tantas mudanças?

R.

[a] Bona, L. 1. da Liturgia Sagrada, cap. 6. Reſpoſta de S. Gregor. Magno á 3. pergunta de S. Agoſtinho Biſpo dos Inglezes.

R. 1. Porque quando os homens ſe achão diſtantes huns dos outros; quando não communicão ſeus penſamentos; e quando não tem inſtrucções uniformes do meſmo Meſtre, não he poſſivel que convenhão nas meſmas práticas, uſos, e ceremonias, principalmente nas couſas arbitrarias.

2. Os coſtumes dos póvos, as neceſſidades, e outras conjunções, ás quaes ſe attende na inſtituição, ou conſervação deſtes uſos, não são os meſmos em cada lugar, e eſtão ſujeitos á mudança das couſas humanas. [a]

Daqui devemos concluir, que não havendo podido concordar os homens nas couſas indifferentes, e que tendo cada Paiz, e cada Diecefe ſobre eſte ponto os ſeus uſos, e coſtumes particulares, ſobre os quaes ainda tem havido muitas mudanças em cada Igreja; quando vemos que todos eſtes póvos, e Igrejas convem em algum uſo, prática, ceremonia, dogma, he huma prova infallivel que iſto não veio de novo; e ſe não ſe lhe conhece origem certa, devemos concluir ſem heſitar, diz Santo Agoſtinho, que os Apoſtolos são os que o deixárão a cada Igreja por Tradição. [b]

Aſſim nada he mais capaz de fortificar a Tradição da Igreja, e de fazer que nos ſeja veneravel, do que a diverſidade, que achamos nos uſos, nos ritos, e nas ceremonias de cada Paiz.

P. Como devemos portar-nos a reſpeito deſtes differentes uſos das Igrejas nos ritos, e ceremonias?

R. Devemos conformar-nos com a prática da Igreja; em que nos acharmos, e não cenſurar ligeiramente o que

[a] S. Ag. Epiſt. 54. ou 118. a Januario. Eſta Epiſt. he admiravel ſobre eſta materia, e ſob. outras muitas importantiſſimas.

[b] S. Agoſt. L. 2. do Baptiſmo contra os Donatiſtas, cap. 7. L. 4. cap. 24. Epiſt. 54. ou 118. a Januario, &c. por reſpeito ás mudancas, que ſuccedem em cada Igreja ſobre os Ritos, e Ceremon. Lea-ſe o Card. Bona ibid. O P. Mabil. Comment. ſob. a Ord. Rom. n. 21. e Bocquil. Tr. Hiſt. ſob. a Liturg. L. 1. cap. 2.

que nella virmos praticar, fem manifeftamente nos conftar que eftas coufas foffem más, e abufivas. [a]

§. 6. *Do ufo do canto, da mufica, e dos orgãos.*

P. He antigo na Igreja o ufo do canto nos Divinos Officios?

R. Antiquiffimo. Mas tem havido fobre ifto algumas mudanças na difciplina da Igreja. O coftume de muitas Igrejas no principio era, que hum fó cantava os Pfalmos no congreffo, que todos os affiftentes ouvião em filencio, unindo-fe interiormente á voz do Cantor. Ao depois fe introduzio em toda a parte o ufo de cantar em commum, e alternativamente, como fe faz hoje. [b]

P. He coufa louvavel o empregar os inftrumentos de mufica nos Divinos Officios?

R. Efte ufo he louvavel, fendo animado de huma verdadeira religião, e o Efpirito Santo o infinúa com frequencia nos Pfalmos. [c]

P. O ufo dos orgãos he antigo na Igreja?

R. Ha Igrejas antigas, em que nunca forão recebidos, nem ainda o são, como tambem os outros inftrumentos de mufica. Tal he em Roma a Capella do Papa, e em Leão de França a célebre Igreja de S. João. Mas ha hum grande numero de outras, em que os orgãos,

a S. Agoft. Epift. 54. ou 118. a Januario. Epift. 36. ou 86. a Cafulano, cap. 1. e 14. Pedro Veneravel, Abbade de Clunes, Epift. a S. Bern. fob. os differentes ufos da Ordem de Cluny, e da Ordem de Cifter, principalmente os num. 8. e 9. principiando por aquellas palavras: *Nonne, chariffime, totus orbis terrarum.* Efta Epift. fe acha impreffa com as de S. Bern. e he a 229. na edição do P. Mabil.

b Cardeal Bona, L. da Pfalmod. cap. 16. Thom. Difcipl. da Igreja, P. 1. L. 2. cap. 71. Baron. fob. o an. 60. de J. C. n. 24. e feg. S. Ag. Epift. 54. ou 118. a Januario.

c Pfal. cxlix. 2. e cl. 3. 4. 5. Bona, ibid.

gãos, e os outros inſtrumentos de muſica ſe usão ha largo tempo. [a]

P. Que uſo devemos fazer na Igreja dos orgãos, e dos outros inſtrumentos de muſica?

R. 1. Devemos ſervir-nos delles unicamente para louvar a Deos, e para aliviar o Clero, e o povo no canto dos Divinos Officios, e não para uſos profanos.

2. Nunca fazer ſervir eſtes inſtrumentos para alguma aria laſciva, e profana. Chamo aſſim ás arias de muſica, que eſtão determinadas para uſo dos cantos profanos, ou que forão feitas para os theatros. Que connexão póde haver entre a Igreja, e o theatro, entre Jeſus Chriſto, e Belial? [b]

3. Evitar duas extremidades no toque dos orgãos, das quaes huma conſiſte na exceſſiva demora, e a outra em huma tal precipitação, que o Coro gaſte mais tempo no canto do verſo, do que o orgão em acompanhallo.

4. Tudo aquillo, que ſe faz na Igreja, deve fazer-ſe com ordem, e edificação, diz S. Paulo. [c]

P. Que devemos obſervar na Igreja a reſpeito do canto?

R. 1. Devemos cantar com gravidade, modeſtia, ſem precipitação, e de ſorte que hum dos Córos não principie hum verſo ſem que o outro tenha acabado o ſeu.

2. Pronunciar diſtinctamente todas as palavras.

3. Guardar exactamente as pauſas entre cada verſo dos Pſalmos.

4. Seguir o Coro de modo, que ſe comece, e aca-

[a] Bona no meſmo lugar, e L. 1. da Liturg. cap. 5. n. 19. Du Cange Gloſſar. Lat. ſob. a palavra *Organum*, prova que o uſo dos orgãos começou no 8. ou 9. ſeculo.

[b] 2. Cor. vi. 14. 15. Conc. de Trent. Seſſ. 22. Decr. ſob. o que ſe deve obſervar, e evitar durante a Miſſa.

[c] 1. Cor. xiv. 40.

cabe com elle, conformando com o mesmo o tom da voz.

5. Cantar de coração mais ainda que de boca, e lembrar que Deos quer ser servido, louvado, e adorado em espirito, e verdade. [a]

CAPITULO VII

Do Sacrificio da Missa.

§. I. *Do Sacrificio em geral, assim interior, como exterior.*

P. QUal he a mais excellente de todas as Orações da Igreja?

R. He o santo sacrificio da Missa.

P. Que entendeis pela palavra *Sacrificio?*

R. Por esta palavra entendo em geral todos os actos de Religião, por meio dos quaes se offerece a Deos, e une com elle a creatura racional. [b] A Oração, os louvores de Deos, a contrição, a misericordia, as outras boas obras, e a observancia da Lei, são chamadas sacrificios na Sagrada Escritura. [c]

Póde tambem tomar-se o Sacrificio em huma significação propria, e distincta dos outros actos de Religião. Neste sentido pela palavra *Sacrificio* entendo a offerta de huma cousa exterior, e sensivel feita a Deos por Ministro legitimo, com alguma destruição, ou mudan-

a Veja-se no L. de Gariel, intit. *Series Præsul. Magalon.* o aviso em verso, que se julga ser composto por Guilherme Bispo Magalon. que vivia no duodecimo seculo. Estes versos começão assim: *Clerice pausando dic horas non properando, &c.* Veja-se tambem S. Bern. Serm. 47. sob. os Cantic. n. 8. o Conc. de Bale, Sess. 21. Can. 3. e 5.

b S. Agost. L. 10. da Cid. de Deos, cap. 6.

c Psal. iv. 6. xlix. 14. l. 19. Eccli. xxxv. 2. Hebr. xiii. 15. &c.

dança da cousa offerecida, para reconhecer por este meio o poder de Deos, e render-lhe as vassallagens devidas a sua Magestade soberana pelas creaturas racionaes.

P. Por que razão dizeis *a offerta de huma cousa exterior, e sensivel?*

R. Para distinguir o sacrificio exterior, e visivel do sacrificio interior, e invisivel.

P. Que cousa he sacrificio interior, e invisivel?

R. He offerta, que fazemos a Deos de nós mesmos, para unir-nos com elle, e fazer em tudo a sua vontade. [a] Encontra-se hum modelo perfeito deste sacrificio interior na pessoa de Jesus Christo, *o qual*, como adverte S. Paulo, *entrando no Mundo*, disse interiormente a seu Pai aquellas palavras do Psalmo 49. *Os holocaustos, e os sacrificios, que os homens offerecêrão por seus peccados, não vos forão agradaveis.* Então disse: *Aqui estou eu para fazer a vossa vontade. Sim, meu Deos, eu quero fazella, e trago a vossa Lei no meu coração.* [b]

Nós não fazemos a Deos, fallando propriamente, huma semelhante offerta, senão quando o amamos. Por isso diz Santo Agostinho, que não podemos dar a Deos a honra, e o culto, que lhe são devidos, sem amallo. [c]

P. Que cousa he sacrificio exterior, e visivel?

R. He a offerta de alguma cousa exterior, como erão antigamente as offertas dos animaes, e aves, e como agora he a offerta do corpo, e do sangue de Jesus Christo, debaixo das especies de pão, e de vinho.

Mas para honrar a Deos com os sacrificios exteriores, he necessario que a offerta, que lhe fazemos, seja interior, ainda que a cousa offerecida seja exterior, e sen-

a S. Ag. Cid. de Deos, L. 10. cap. 6.
b Hebr. x. 5. 6. e 7.
c S. Ag. Epist. 140. ou 120. a Honorato, cap. 18. sob. o Ps. 77. n. 20. L. 10. da Cid. de Deos, cap. 3. ou 4.

sensivel; porque *Deos he espirito, e se faz preciso que os que o adorão, o fação em espirito, e verdade*, diz Jesus Christo. [a]

Assim aquelles, que offerecião antigamente os sacrificios exteriores, não honravão a Deos, senão juntavão á offerta exterior a oblação interior de si mesmos, e de seu amor, de que a offerta exterior não era mais que sinal. Por esta razão he que Deos repudiava muitas vezes os sacrificios dos Judeos, como consta da Sagrada Escritura. [b] Desprezava Deos estes sacrificios, quando os Judeos se contentavão de offerecer a Deos o que nelles havia de exterior, sem offerecerem o sacrificio interior de seu coração.

O mesmo succede aos Christãos. Quando offerecem o santo Sacrificio da Missa pelas mãos dos Sacerdotes, devem elles mesmos offerecer-se a Deos com Jesus Christo. Se o não offerecem assim, sempre o sacrificio he agradavel a Deos por causa dos merecimentos de Jesus Christo, que he offerecido, e que elle mesmo se offerece; mas a acção dos Fieis, que offerecem a Jesus Christo pelas mãos dos Sacerdotes, não honra a Deos; porque não se honra a Deos, diz Santo Agostinho, sem amallo. Assim he sempre verdade o dizer que o sacrificio exterior nunca deve separar-se do interior, de que he sinal. [c]

P. Por que razão dizeis que o sacrificio he huma offerta *feita a Deos?*

R. Porque só a Deos devemos hum culto soberano. Foi sempre reputado o sacrificio, ainda entre os Infieis, como sinal do supremo culto, que devemos a Deos. Por esta razão he que os demonios, os quaes quizerão ser adorados em lugar de Deos, solicitárão sempre a offerta dos sacrificios; mas nenhum homem sacrificou nun-

a Joan. iv. 24.

b Isai. i. 11. Mich. vi. 7. Jerem. vii. 21. Ps. l. 18.

c S. Agost. L. 10. da Cid. de Deos, cap. 5. 6. e 19.

nunca ſenão áquelle , que ſabia , ou julgava que era Deos , ou a quem pertendia fazer reputar por Deos, diz Santo Agoſtinho. [a]

P. Por que razão dizeis , que o ſacrificio he huma offerta feita a Deos *por Miniſtro legitimo?*

R. Porque pela inſtituição do meſmo Deos não devião ſer offerecidos os ſacrificios exteriores, ſenão por Miniſtros eſcolhidos da parte de Deos para offerecellos.

Na Lei de Moyſés ſó era permittido exercer a função de Sacrificador aos deſcendentes de Aaron. Na Lei nova não he iſto permittido ſenão aos Biſpos , e aos Sacerdotes legitimamente ordenados. Antes de Moyſés, e no tempo chamado da Lei da natureza , temos motivo para julgar que havião tambem Miniſtros deſtinados para offerecer o ſacrificio , pois ſe nota que Melchiſedech era Sacerdote do Altiſſimo ; o que não teria ſido notado pelo Eſpirito Santo , ſe a todos foſſe permittido exercer a função de Sacerdote. Não ſe ſabe poſitivamente quaes erão os Sacrificadores na Lei da natureza , porque a Eſcritura nada diz a eſte reſpeito ; mas commummente ſe crê que erão huns cabeças de familia. Vemos não obſtante que Caim, e Abel dous irmãos forão ambos ſacrificadores ; mas póde dizer-ſe que todos aquelles, que naſcêrão immediatamente de Adão, e Eva, forão reputados como cabeças de familia, ainda vivendo Adão, por cauſa de que devião eſpalhar-ſe por toda a terra para povoalla. Seja como for, o que ſe diz de Melchiſedech, faz julgar com fundamento, que não era então permittido a todos o exercer a função de Sacrificador.

Por eſta razão he que os demonios , os quaes pertendêrão dos homens , ſujeitos ao ſeu imperio , hum cul-

[a] S. Agoſt. L. 10. da Cid. de Deos, cap. 4. e 19. L. 20. contra Fauſto, cap. 20.

culto ſemelhante ao que ſó he devido a Deos, affectárão ter Miniſtros eſcolhidos, e deſtinados para offerecer-lhes ſacrificios ſacrilegos: e fizerão chamar a eſtes Miniſtros Sacerdotes, e Pontifices, á imitação dos do povo de Deos.

P. Por que razão dizeis, que o ſacrificio he huma offerta feita *com alguma deſtruição, ou mudança da couſa offerecida?*

R. Para diſtinguir o ſacrificio propriamente dito da ſimples offerta.

Quando Aaron offereceo a Deos os Levitas em nome de todo o povo, [a] era eſta huma ſimples offerta, que não continha nem deſtruição, nem mudança nos que erão offerecidos; fallando com propriedade, não foi iſto hum ſacrificio. O meſmo ſe ha de dizer das offertas, que os Iſraelitas fizerão a Deos do ouro, da prata, e dos outros metaes para ſervir no Tabernaculo: todas eſtas offertas não erão ſacrificios, fallando com propriedade. Mas quando ſe matavão os animaes, e depois erão conſumidos pelo fogo em tudo, ou em parte; quando o ſal, a farinha, o incenſo ſe queimavão; quando o ſangue, o vinho erão derramados ſobre o Altar, ou no fogo, davão-ſe então verdadeiros ſacrificios por cauſa da deſtruição, e da mudança ſuccedida ás couſas offerecidas.

Eſta mudança ſe fazia ordinariamente pela deſtruição real da couſa offerecida, como conſta dos ſacrificios das couſas animadas, a quem ſe dava a morte, e depois erão queimadas em tudo, ou em parte; e dos ſacrificios das couſas inanimadas, como o ſal, o oleo, o vinho, a agua, &c. que erão conſumidas ſobre o Altar.

Algumas vezes não ſe deſtruia o que era offerecido a Deos, ſenão para produzir por meio da ſua deſtruição ou-

a Num. viii. 21.

outra couſa, que o Sacrificador intentava offerecer principalmente: por exemplo, quando ſe offerecia a Deos em ſacrificio o incenſo, e os perfumes, não ſe deſtruia eſte incenſo, e eſtes perfumes, ſenão para produzirem pela ſua deſtruição o vapor, e o fumo, que delles exhalava: e eſte vapor, e fumo, ou para fallar mais juſtamente, a couſa ſignificada por eſte vapor, he que fazia aceitar o ſacrificio: por iſſo na Sagrada Eſcritura ſe diz ordinariamente: *O Senhor aceita eſte ſacrificio como incenſo de agradavel cheiro.* [a] Do meſmo modo na acção do Sacrificio da Miſſa não ſe offerece a Deos o pão, e o vinho, ſenão para convertellos pela conſagração no Corpo, e Sangue de Jeſus Chriſto, que he o grande Sacrificio, que Jeſus Chriſto, e a Igreja offerecem a Deos, como explicaremos mais largamente. [b]

Tambem algumas vezes ſuccedia offerecerem-ſe verdadeiros ſacrificios, ſem deſtruição real da couſa offerecida. Baſtava que aconteceſſe á couſa offerecida huma mudança de eſtado, e de condição, que foſſe reputada como huma eſpecie de deſtruição myſtica. Tal era na Lei de Moyſés o ſacrificio do bode emiſſario, conhecido pelos Proteſtantes com o nome de bode *Hazazel*, que he a palavra Hebraica. Eſte bode nem era immolado, nem queimado. O grande Sacerdote o offerecia a Deos, o carregava de todos os peccados do povo, e o enviava depois ao deſerto. Eſta expulsão do bode para o deſerto era reputada como huma eſpecie de deſtruição myſtica a reſpeito do povo, diante de cujos olhos não tornava a apparecer. Eſta ceremonia era hum verdadeiro ſacrificio, como abaixo diremos largamente. [c]

P.

a Exod. xxix. 18. 25. e 41. Levit. i. 9. 13. e 17. iii. 5. e 16. iv. 31. &c.

b §. 9. deſte cap.

c §. 4. deſte cap.

P. Como se chama a cousa, que se offerece em sacrificio?

R. Victima, ou Hostia. Mas o nome de Victima não convem senão ás cousas animadas offerecidas em sacrificio. O nome de Hostia convem a humas, e outras.

P. Como se chama a acção, com a qual se dá morte á Victima?

R. Chama-se immolação.

P. Como se chama o Ministro, que sacrifica a Victima, ou que destroe a Hostia?

R. Sacerdote, Sacrificador, Pontifice. Mas a palavra de Pontifice no uso da Escritura não convem senão ao Summo Sacerdote. [a]

P. Por que razão dizeis que o Sacrificio he huma offerta feita a Deos para *reconhecer o seu poder, e render-lhe as vassallagens devidas a sua Magestade soberana pelas creaturas racionaes?*

R. Porque as creaturas racionaes não podem imaginar cousa alguma mais propria do que o sacrificio, para dar a Deos a honra, e o culto, que lhe são devidos.

P. Dá-se a Deos este culto pelo sacrificio interior, ou pelo exterior?

R. Por hum, e outro sacrificio.

Pelo sacrificio interior; porque não se póde dar a Deos maior prova da estimação, que fazemos de sua Magestade soberana, do que entregando-nos ao mesmo Senhor sem reserva. Isto fazemos, quando amamos a Deos sobre todas as cousas, e neste amor he que consiste o sacrificio, como já fica dito. [b]

Pelo sacrificio exterior; porque sendo o final do interior, como nota Santo Agostinho, mostrão os homens a Deos a disposição, em que se achão a seu respeito.

P.

a Levit. xxi. 10. b No principio deste §.

P. De que modo manifestão os homens a disposição de seu coração a respeito de Deos, por meio do sacrificio exterior?

R. Porque pela destruição, ou mudança, que acontece á cousa offerecida, protestão a Deos, 1. Que o reconhecem como Senhor absoluto de todas as cousas, e diante do qual todas as creaturas são como senão fossem. [a]

2. Que não tem necessidade dos seus bens, pois que os destroem, quando lhos offerecem. [b]

3. Deos he o Senhor absoluto da sua vida, e da sua morte, e que estão promptos para morrer, quando elle o determinar.

4. Que pelo peccado merecêrão a morte, e que não podendo dalla a si mesmos, substituem outra victima em seu lugar, de cuja morte pedem a Deos se agrade, para satisfazer por elles á sua justiça.

5. Que estão dispostos a sacrificar-se, e consumir-se em seu serviço, assim como a Hostia offerecida em sacrificio se consome toda em honra de Deos.

P. Os que antigamente offerecião a Deos os sacrificios exteriores, sem terem as referidas disposições interiores, honravão a Deos com os seus sacrificios?

R. Não, como já temos dito, [c] antes pelo contrario o deshonravão, porque erão hypocritas; porque he ser hypocrita o protestar exteriormente aquillo, que não ha no coração, e por isso he que Deos desprezava ordinariamente os sacrificios dos Judeos. [d]

P. Quaes são os outros obsequios, que fazemos a Deos com os sacrificios?

R. Damos-lhe graças pelos beneficios recebidos; imploramos a sua misericordia, para obter o perdão das cul-

a Psal. xxxviii. 6.
b Psal. xv. 1.
c No principio deste §.
d Isai. xxix. 13. Matth. xv. 8. Vejão-se os capitulos assima citados do L. 10. da Cid. de Deos de S. Agost.

culpas; pedimos-lhe todas as graças neceſſarias para a ſaude da alma, e do corpo. [a]

§. 2. *Da obrigação, que temos de offerecer a Deos o ſacrificio interior.*

P. Eſtamos obrigados a offerecer a Deos algum ſacrificio?

R. He huma obrigação indiſpenſavel para todas as creaturas racionaes o offerecer a Deos o ſacrificio interior; quero dizer, amar a Deos ſobre todas as couſas.

P. Em que ſe funda eſta obrigação?

R. Funda-ſe 1. Em que Deos fez as creaturas racionaes para ſer honrado, e glorificado por ellas. Ora eſtas meſmas creaturas não podem honrallo, e glorificallo ſenão por hum acto livre da ſua vontade, e por conſeguinte do ſeu amor.

2. He muito ajuſtado á boa ordem que a creatura racional ſe ſubmetta ao ſeu Creador; mas não ſe ſujeitará verdadeiramente, ſem querer o que Deos quer. Ora nenhuma creatura ſe acha neſta diſpoſição, ſenão quando ama a Deos.

3. He juſto pagar o que ſe deve. Ora nada temos, que o não tenhamos recebido de Deos: tudo pois lhe devemos; até nos devemos a nós, porque devemos a Deos tudo o que ſomos: não podemos pois dar-nos a Deos, ſenão amando-o. Eſte he o primeiro ſacrificio, que lhe devemos: com eſte ſacrificio lhe offerecemos quanto temos, e quanto ſomos, e lhe damos graça por tudo.

4. Os homens eſtão ſujeitos a offender a Deos; tem continuamente neceſſidade da miſericordia do Senhor; devem pois applacar a ſua juſtiça. Ora não podem applacar eſta ſoberana juſtiça, ſenão amando. Quando

cel-

a Vejão-ſe *les Conferences de la Rochelle.*

cessamos de amar a Deos, então o offendemos: quando começamos a amallo, o applacamos, e fazemos que nos seja favoravel, e propicio.

5. Temos necessidade sem cessar do auxilio de Deos, e dos seus beneficios. Ora não podemos fazer-nos dignos delles, senão unindo-nos com Deos por amor.

De tudo isto resulta, que o sacrificio interior he necessario, 1. Para honrar a Deos, como nosso Soberano. 2. Para reconhecer os seus beneficios. 3. Para obter o perdão dos peccados. 4. Para impetrar os auxilios necessarios para a saude da alma, e do corpo.

P. Faz-se alguma destruição, ou mudança no sacrificio interior, que as creaturas racionaes offerecem a Deos?

R. Os Anjos offerecem a Deos o sacrificio de seu amor, sem que se faça na sua vontade alguma destruição, ou mudança, porque a sua vontade está plenamente submettida a Deos, e nada ha que se opponha a esta submissão. O mesmo succedia ao homem no estado da innocencia antes do peccado de nossos primeiros pais; mas depois do peccado, a rebelião contínua das nossas paixões, e da nossa concupiscencia, faz que não possamos offerecer a Deos o sacrificio de nosso amor, sem destruir quanto nos he possivel estas reliquias da concupiscencia, que nos estimulão incessantemente. Assim não podemos amar a Deos como convem sem morrer a nós mesmos; quero dizer, sem vencer as nossas perversas inclinações, e sem trabalhar em destruir em nós tudo o que se oppõe á vontade de Deos. Esta morte, esta destruição espiritual, sem a qual não podemos amar a Deos, faz que o nosso amor para com Deos seja hum verdadeiro sacrificio.

P. Quando he que estamos obrigados a offerecer á Deos o sacrificio interior de nosso amor?

R. Em todo o tempo, e em todo o lugar; pois que não ha tempo, nem lugar, no qual não estejamos obrigados a amar a Deos, a unir-nos com elle, a obrar por seu amor, a fazer a sua vontade, a submetter-nos á sua providencia, e a fazer todas as violencias necessarias para cumprir estas grandes obrigações.

Mas não nos he possivel elevar-nos a Deos incessantemente com actos de amor, nem isto tambem nos he mandado. Basta que façamos estes actos de tempos em tempos, para excitar-nos ao amor de Deos, e para despertar com elles a nossa fé.

§. 3. *Da obrigação de offerecer a Deos sacrificios exteriores, e sensiveis. Quaes fossem estes sacrificios antes, e depois da Lei de Moysés.*

P. Temos tambem obrigação de offerecer a Deos algum sacrificio exterior?

R. Temos; e os demonios não exigírão dos homens em outro tempo sacrificios exteriores, senão porque sabião que erão obrigados a offerecellos a Deos, diz Santo Agostinho. [a]

P. Em que se funda esta obrigação?

R. Em estarmos obrigados a mostrar publicamente, e por meio de algum final sensivel, a disposição de nosso coração a respeito da soberana Magestade de Deos.

P. Por que razão devemos mostrar a Deos exteriormente, e por meio de algum final sensivel, a disposição de nosso coração a respeito de sua Divina Magestade?

R. 1. Para nos excitarmos com estas cousas exteriores, que nos movem mais vivamente áquelle affecto interior para com Deos, de que ellas são finaes.

2. Pa-

a L. 10. da Cid. de Deos, cap. 19.

2. Para edificar o proximo, e movello com o nosso exemplo a dar a Deos o culto, que lhe he devido.

3. Para obedecer a Deos, que requer de nós hum culto não só interior, mas tambem exterior.

P. Não podemos mostrar a Deos esta disposição interior, senão com sacrificios exteriores?

R. O sacrificio exterior he, e foi sempre reputado por todos os póvos da terra como meio o mais accommodado para dar testemunho a Deos da disposição do nosso coração para com sua Divina Magestade, cuja verdade fizemos já patente, explicando o modo, com que devemos honrar a Deos com os sacrificios exteriores. [a]

P. Quaes são as cousas exteriores, que devemos offerecer a Deos em sacrificio?

R. Antes da Lei de Moysés era livre a cada hum offerecer a Deos as cousas, que julgasse mais dignas da sua grandeza, e as mais proprias para mostrar-lhe o seu reconhecimento. Abel offerecia o que tinha de melhor em seus rebanhos. Caim offerecia os frutos da terra. Noé sahindo da Arca sacrificou aves, e animaes. Melchisedech offereceo em sacrificio pão, e vinho. Na Lei escrita determinou Deos aos Judeos por Moysés as regras para os sacrificios. Ordenou quaes serião as victimas, e as hostias, que queria lhe fossem offerecidas, e quaes devião ser as ceremonias de todos estes differentes sacrificios. Em fim todos estes antigos sacrificios forão abolidos por Jesus Christo, de que erão sombra, e figura, e que lhes dava toda a sua força; e não foi mais licito offerecer a Deos outras victimas, que não fossem o mesmo Jesus Christo, que por seu Sacrificio consummou, e aperfeiçoou todos os outros, e nos poz em estado de dar a Deos hum culto digno da sua grandeza. [b]

G ii P.

a Veja-se assima o §. 1. deste capitul.

b S. Ag. L. 10. da Cid. de Deos, cap. 19. e 20.

P. Por que razão não he já permittido, como antigamente, offerecer a Deos animaes, e aves em sacrificio?

R. Porque Deos não aceitava antigamente estes sacrificios, senão em consideração do Sacrificio de Jesus Christo, de que erão figura. Jesus Christo os abolio todos com o seu Sacrificio. A sombra cedeo á verdade: e faria injuria a Jesus Christo quem offerecesse a Deos presentemente outro sacrificio, que não fosse o seu.

P. Por que razão dizeis que os antigos sacrificios não erão aceitos, senão em consideração do de Jesus Christo, de que erão sombra, e figura?

R. Porque era impossivel que o sangue dos bodes, e dos touros pudesse applacar a Deos, e fazello benigno, diz S. Paulo.[a] Era impossivel que os homens pudessem por sua propria virtude applacar a Deos com o sacrificio do seu coração. Tinhão necessidade de serem reconhecidos com Deos pelo sangue do Mediador. Assim se Deos aceitava estes antigos sacrificios, não era senão porque os homens por meio delles manifestavão a Deos as disposições interiores do seu coração, e a fé que tinhão no Messias, que esperavão, e que era representado, e para o dizer assim, offerecido por todos estes sacrificios. Toda a força, que tinhão estes sacrificios para reconciliarem os peccadores com Deos, lhes procedia sempre do sangue de Jesus Christo, que obrava por anticipação estas maravilhas; suspendendo-se porém o completo effeito da mesma reconciliação até que o sangue do Salvador fosse real, e effectivamente derramado. Por esta razão he que todos os Santos do antigo Testamento se vírão obrigados a esperar, que o Sacrificio de Jesus Christo fosse offerecido, e que Jesus Christo viesse libertallos para condu-
zil-

a Heb. x. 4.

zillos comſigo em triunfo ao Ceo, cujas portas lhes tinha aberto com o ſeu ſangue, alcançando a victoria ſobre a morte, como canta a Igreja. [a]

§. 4. *Explicação mais particular dos ſacrificios dos Judeos.*

P. Explicai-nos com mais miudeza quaes erão os ſacrificios dos Judeos?

R. Havia entre elles duas ſortes de ſacrificios, huns cruentos, e outros incruentos. Os ſacrificios cruentos erão aquelles, que ſe fazião com effusão de ſangue. Os ſacrificios incruentos ſe fazião ſem effusão de ſangue.

Os ſacrificios cruentos erão de tres ſortes. 1. O holocauſto. 2. O ſacrificio da Hoſtia pacifica. 3. O ſacrificio pelo peccado.

O holocauſto era hum ſacrificio, em que a victima immolada era inteiramente devorada, e conſumida pelo fogo, para dar ſinaes por meio deſta immolação, e conſumpção de toda a victima de huma perfeita ſervidão, e completa vaſſallagem á ſoberana Mageſtade de Deos, e de adorallo com o mais profundo, e humilde reſpeito. As outras victimas não erão queimadas ſenão em parte.

O ſacrificio da Hoſtia pacifica era inſtituido para dar graças a Deos pelos beneficios recebidos, ou para impetrar outros de novo. [b] Chamava-ſe eſte ſacrificio da Hoſtia *pacifica*, porque na lingua Hebraica ſe uſa da palavra *paz* para ſignificar todos os bens, que ſe podem deſejar; e porque eſte ſacrificio era offerecido pelos bens, que ſe tinhão recebido, ou ſe querião receber.

Os

[a] Collecta do dia de Paſcoa. Veja-ſe tambem Hebr. vi. vii. viii. ix. e x.

[b] Levit. iii.

Os ſacrificios pelo peccado erão aquelles, que ſe offerecião para expiação dos peccados. [a]

P. Quaes erão as principaes ceremonias dos ſacrificios cruentos?

R. As que erão communs a todos os ſacrificios são as ſeguintes, exceptuando o ſacrificio da vaca ruiva, e o da expiação das caſas infectas de lepra, dos quaes fallaremos abaixo.

Quem queria que pela ſua peſſoa ſe offereceſſe algum cruento ſacrificio, punha a mão ſobre a cabeça da victima á porta do Tabernaculo, e a entregava ao Sacerdote, que immolava a meſma victima ſobre o Altar dos holocauſtos, e derramava o ſeu ſangue ao redor do Altar, offerecendo-o ao Senhor. [b]

Se era Sacerdote quem queria offerecer algum ſacrificio por ſi meſmo, punha a mão ſobre a cabeça da victima á porta do Tabernaculo, e immolava depois a meſma victima ſobre o Altar. [c] Quando ſe offerecia algum ſacrificio pelo povo todo, os principaes do povo punhão a mão ſobre a cabeça da victima, e a offerecião ao Sacerdote. [d]

Iſto he o que havia de commum em todos os ſacrificios cruentos. Agora direi o que era particular a cada hum delles.

No holocauſto toda a victima ſe punha no Altar, para ſer conſumida pelo fogo, tirada primeiro a pelle, que pertencia ao Sacerdote: a ninguem era licito o comer da carne deſta victima. [e]

Nos ſacrificios offerecidos pelo peccado dos particulares, e nos ſacrificios pacificos, huma parte da victima era queimada ſobre o Altar dos holocauſtos, outra parte da victima era conſumida pelo fogo fóra do campo, e a terceira parte era comida com reſpeito, ou ſómente

a Levit. iv. e v.
b Levit. i. 4. 5. iii. 2. &c.
c Levit. iv. 4.
d Levit. iv. 15.
e Levit. i. vii. 8.

te pelos Sacerdotes, se o sacrificio se tinha offerecido pelos peccados do povo, ou pelos Sacerdotes, e pelo povo, se o sacrificio era Eucaristico; mas se algum Sacerdote offerecia hum sacrificio pelo seu proprio peccado, ninguem comia da victima immolada. Tudo aquillo, que não era queimado sobre o Altar dos holocaustos, se queimava fóra do campo. [a]

Nunca se offerecia sacrificio pelo peccado, que não se offerecesse no mesmo tempo hum holocausto, e sempre se principiava pelo holocausto. [b]

Quando o peccado, que se queria expiar pelo sacrificio, era algum peccado commettido pelo Summo Sacerdote, o qual delinquindo havia feito peccar ao povo, ou quando se querião expiar as ignorancias de todo o povo em commum, então o Summo Pontifice tomava em hum vaso hum pouco de sangue das victimas immoladas, e entrando no lugar santo, aspergia sete vezes com este sangue o véo, que separava o lugar santo do Santo dos Santos; e depois desta aspersão punha parte do mesmo Sangue sobre os lados do Altar dos perfumes, que estava no lugar santo, derramando o restante á roda do Altar dos holocaustos. [c]

No sacrificio solemne, que o Summo Pontifice offerecia huma vez cada anno por seus proprios peccados, e pelos do povo em commum, e para purificar o Tabernaculo, tomava do sangue das victimas immoladas, e entrava com este sangue no Santo dos Santos além do segundo véo. Achando-se neste lugar, molhava o dedo no mesmo sangue, fazendo com elle por sete vezes a aspersão para a parte do Propiciatorio da Arca da Aliança, offerecendo-o assim ao Senhor. Daqui voltava para o lugar santo, onde fazia de novo por se-

te

a Levit. vi. e vii.
b Levit. xii. xiv. e xvi.
c Levit. iv. desde o verso 1, até 22.

te vezes a aſpersão do ſangue das victimas, tocando com o meſmo ſangue os lados do Altar dos perfumes. [a]

O Summo Pontifice tão ſómente tinha direito de levar o ſangue das victimas ao lugar ſanto. A elle ſó competia o entrar no Santo dos Santos, e iſto huma ſó vez no anno, levando comſigo o ſangue das victimas immoladas.

Ninguem comia das victimas, cujo ſangue havia ſido conduzido ou ao lugar ſanto, além do primeiro véo, ou ao Santo dos Santos, além do ſegundo véo. Mas tudo aquillo, que neſtes ſacrificios não era queimado ſobre o Altar dos holocauſtos, era conſumido pelas chammas fóra do campo. [b]

Quando ſe offerecia algum ſacrificio pelo peccado dos particulares, o Sacerdote que o offerecia molhava o dedo no ſangue da victima immolada, e com elle tocava os lados do Altar dos holocauſtos ſem entrar no Sanctuario. Eſta ceremonia não ſe fazia nos ſacrificios das Hoſtias pacificas, cujo ſangue nunca era levado ao Sanctuario. [c]

Tal era a Lei dos ſacrificios cruentos; mas as ceremonias para o ſacrificio ſolemne da vaca ruiva erão eſpeciaes. Os ritos deſte ſacrificio, que o Summo Pontifice tão ſómente tinha direito de offerecer, são os ſeguintes.

Trazia o povo ao Summo Sacerdote huma vaca ruiva, de idade perfeita, que foſſe ſem macula, e não tiveſſe levado o jugo. O Summo Pontifice havendo recebido a victima das mãos do povo, a conduzia fóra do campo; quero dizer, fóra da Cidade, quando os Iſraelitas eſtavão de poſſe da terra promettida: elle a immolava na preſença de todo o povo, e molhando o de-

a Levit. xvi. Hebr. ix.
b Levit. vi. 30. xvi. 27. Heb. xiii. 11.
c Levit. iv. 25. 30. e 34.

dedo no ſangue da victima, aſpergia a porta do Tabernaculo por ſete vezes com eſte ſangue. Fazia depois queimar á viſta de todos a victima inteira, ſem tirar-lhe a pelle. Lançava no fogo do ſacrificio [a] páo de cédro, hyſſopo, e eſcarlata tinta duas vezes; e depois de haver offerecido eſte ſacrificio, era obrigado a lavar os ſeus veſtidos, e o ſeu corpo, e a permanecer impuro até á tarde. Aquelle, que por ordem do Summo Pontifice tinha poſto a victima ſobre a fogueira, em que havia de ſer conſumida, ficava tambem impuro até á tarde. Guardavão-ſe por todo o anno as cinzas deſta victima, miſturavão-ſe com a agua, que ſervia para as expiações; e nada ſe podia purificar, ſegundo a Lei, ſem a agua miſturada com eſtas cinzas. [b]

Abaixo fallaremos do ſacrificio da expiação das caſas infectas de lepra, que era outra eſpecie de ſacrificio, em parte cruento.

P. Por que razão não comia o povo alguma parte do ſacrificio pelo peccado, quando comia huma parte do ſacrificio das Hoſtias pacificas?

R. Porque era neceſſario eſtar puro, e ſem mancha para comer huma porção do ſacrificio; e aquelles, por quem ſe offerecia o ſacrificio pelo peccado, erão julgados impuros, pois tinhão neceſſidade de ſerem purificados pelo tal ſacrificio. Por eſta razão he que offerecendo qualquer Sacerdote hum ſacrificio pelo ſeu proprio peccado, ninguem comia das carnes ſacrificadas; mas tudo aquillo, que não era queimado ſobre o Altar, ſe conſumia pelo fogo fóra do campo; e no ſacrificio ſolemne, que ſómente o Summo Pontifice tinha direito de offerecer, e que ſe offerecia huma ſó vez cada an-

a Ha Interpretes, os quaes julgão que eſte páo de cédro junto ao hyſſopo, e á eſcarlata, devia ſervir para fazer hum aſperſorio, e que não ſe fazia mais que paſſallos pelas chammas para purificallos. Vejão-ſe os Interpretes ſobre o cap. xix. dos Num.

b Num. xix.

anno pelos peccados do Summo Pontifice, e de todo o povo, nenhum comia das victimas immoladas, sendo queimado fóra do campo tudo quanto restava de ser consumido pelo fogo sobre o Altar. [a]

P. Quaes erão os sacrificios incruentos?

R. Erão de tres modos. O sacrificio, 1. Da flor da farinha. 2. Do bode emissario conhecido pelos Protestantes com o nome de bode *Hazazel*, que he palavra Hebraica. 3. Do passaro, que se deixava voar, sem fallar do dos perfumes, e das libações do vinho, que se derramava sobre todos os sacrificios.

P. Como se fazia o sacrificio da flor da farinha?

R. De hum dos tres modos seguintes. 1. Tomavão a flor da farinha, borrifavão-na com oleo, e lhe punhão incenso. Os Sacerdotes offerecião tudo a Deos: tomavão depois huma mão cheia desta farinha assim misturada, e offerecida a Deos, e a queimavão sobre o Altar. O restante da farinha offerecida era para elles.

2. Fazião-se pães, e bolos sem fermento da flor da farinha cozidos no forno, ou sobre as grelhas, ou em huma fregideira: borrifavão-se por sima com azeite, e offerecia-se tudo a Deos. O Sacerdote depois de haver feito esta offerta, queimava huma parte della sobre o Altar, e guardava o restante.

3. Amassava-se a farinha misturada com azeite sem fermento: cozia-se esta massa no forno, ou sobre as grelhas, ou em huma fregideira. O Sacerdote a offerecia a Deos, queimava huma parte sobre o Altar, e guardava o restante. [b]

P. Que era o sacrificio do bode emissario?

R. O Summo Pontifice offerecia a Deos dous bodes, dos quaes immolava hum, e o offerecia pelo peccado. Carregava outro de todos os peccados do po-

vo,

[a] Levit. iv. 12. e vi. 23. e xvi. 27. Heb. xiii. 11.

[b] Levit. ii.

vo, offerecia-o depois a Deos, e o enviava para o deserto. [a]

P. Que era o sacrificio do passaro, que se deixava voar?

R. Quando se queria purificar alguma casa, que havia sido infecta de lepra, tomava o Sacerdote dous passaros, dos quaes immolava hum com as ceremonias, que podem ler-se no Levitico. Tingia o passaro vivo no sangue do passaro immolado, e o deixava voar. [b]

A immolação do passaro não se fazia sobre o Altar á entrada do Tabernaculo, mas á entrada da casa, que se queria purificar. Este sacrificio, e o da vaca ruiva erão os unicos, que não se offerecião sobre o Altar dos holocaustos.

P. Como se fazia o sacrificio dos perfumes?

R. Havia huma composição de perfumes, que o mesmo Deos tinha ordenado. Queimavão-se estes perfumes sobre o Altar chamado o Altar dos perfumes, e se offerecia a Deos o fumo delles. [c]

P. Que entendeis pelas libações do vinho?

R. Esta palavra *libação* quer dizer *effusão* de hum licor, que se offerece a Deos derramando-o; porque ordenava a Lei que se derramasse huma certa quantidade de vinho sobre todos os sacrificios. [d]

P. Para formarmos huma justa idéa destes sacrificios, que devemos considerar nelles?

R. Oito cousas principalmente. 1. Aquelle, a quem o sacrificio era offerecido, que he Deos só.

2. A victima, ou a Hostia offerecida. Esta victima era, 1. Escolhida entre as outras creaturas da mesma especie, para ser offerecida em sacrificio, e por meio des-

a Levit. xvi.
b Levit. xiv. 49. e seg.
c Exod. xxx.
d Genes. xxxv. 14. Exod. xxxix. 40. Levit. vii. 29. ix. 17. xiv. 31. xxiii. 13. Numer. vi. 17. xv. 4. 5. &c.

desta escolha ficava separada do uso ordinario ; e para o dizer assim , benta , e santificada. 2. Era offerecida a Deos. 3. Era immolada , quero dizer , entregue á morte. 4. Era queimada totalmente , ou em parte. 5. Tudo aquillo , que o fogo não devorava , era comido.

3. Deve considerar-se o sacrificador, ou o Sacerdote , que immolava , offerecia a Deos , e queimava a Hostia , ou a victima , e que depois comia della , se convinha fazello assim.

4. O povo , que fazia offerecer o sacrificio , e que nelle commungava , para o dizer assim , ou corporalmente , comendo a sua parte das victimas , se os sacrificios erão pacificos , ou espiritualmente , unindo-se de coração , e de espirito ás mesmas victimas , quando não era permittido comer dellas.

5. Todas as ceremonias prescriptas para cada sacrificio em particular ; porque não havia huma só destas ceremonias , que não tivesse a sua razão.

6. O Templo , e o Altar , em que se offerecia o sacrificio.

7. Devem attender-se os fins , e razões , por que era offerecido o sacrificio. Já deixamos dito , [a] que em offerecer os sacrificios havia sempre hum destes quatro fins. 1. Reconhecer , e honrar o dominio supremo de Deos sobre todas as creaturas. 2. Obter a remissão dos peccados. 3. Dar graças a Deos pelos beneficios recebidos. 4. Pedir-lhe o seu auxilio , e as suas graças necessarias para a saude da alma , e do corpo.

8. Tudo aquillo , que era significado , e representado por cada hum destes sacrificios , e pelas ceremonias , que os acompanhavão ; pois já que sabemos por São Paulo , que todas estas cousas erão figuras do que havia de succeder algum dia , convem , e he importante de-

a §. 2. deste capitul.

declarar, e manifeſtar todas eſtas figuras. (Iſto he o que agora faremos.)

§. 5. *Explicação das couſas figuradas, e repreſentadas pelos ſacrificios offerecidos antes da Lei de Moyſés.*

P. De que ſervião todos eſtes antigos ſacrificios?

R. Servião, como temos dito, [a] 1. De moſtrar a Deos, por meio de alguma couſa ſenſivel, o ſacrificio interior do coração.

2. De figurar o ſacrificio offerecido por Jeſus Chriſto ſobre a Cruz, e continuado ou ſobre o Altar por toda a terra na Igreja, ou no Ceo, como explica São Paulo. [b]

P. Todos os ſacrificios antigos ſignificavão a meſma couſa?

R. Erão na verdade imperfeitos, para ſignificar todo o ſacrificio de Jeſus Chriſto em toda a ſua extensão: por iſſo he que huns ſignificavão huma circumſtancia, outros outra, como ſerá facil moſtrar com clareza. [c]

P. Que ſignificavão os ſacrificios cruentos dos animaes, ou das aves immoladas entregues á morte?

R. Significavão a Jeſus Chriſto, que havia de morrer ſobre a Cruz. Por eſta razão he que Jeſus Chriſto ſe chama no Apocalyſe [d] *o Cordeiro morto deſde o principio do Mundo.* Era de algum modo immolado em todos eſtes animaes, porque o ſeu ſangue, e a ſua morte he que obrava pelo ſangue, e pela morte das antigas victimas, para fazellas efficazes, e agradaveis a Deos, como aſſima fica dito. [e]

P.

[a] No §. 3. deſte cap.

[b] Heb. ix. S. Agoſt. L. 10. da Cid. de Deos, cap. 5. e 20. Veja-ſe o §. 6. deſte cap.

[c] S. Agoſt. ibid.

[d] Apocal. xiii.

[e] No §. 3. deſte cap.

P. Que ſignificava o ſacrificio do pão, e do vinho offerecido por Melchiſedech?

R. Significava o ſacrificio do corpo, e do ſangue de Jeſus Chriſto, que havia de ſer offerecido por toda a terra debaixo das eſpecies de pão, e de vinho. [a]

P. Por que razão pois S. Paulo, que na ſua Epiſtola aos Hebreos declara que Melchiſedech era figura de Jeſus Chriſto, não diz que o ſacrificio de Melchiſedech ſeja figura da Eucariſtia?

R. Porque o fim de S. Paulo, quando fallou de Melchiſedech, não foi comparar o ſacrificio de Jeſus Chriſto com o ſacrificio de Melchiſedech, mas ſómente a peſſoa de Jeſus Chriſto Sacerdote com a peſſoa do Sacerdote Melchiſedech.

EXPLICAÇÃO.

O intento de S. Paulo na Epiſtola aos Hebreos he moſtrar que o Sacerdocio da antiga Lei era imperfeito, e devia acabar, ſendo unicamente huma ſombra, e figura do Sacerdocio de Jeſus Chriſto. Diz o Apoſtolo, que o Eſpirito Santo quiz fazer-nos comprehender eſta verdade, profetizando que o Meſſias ſeria *Sacerdote ſegundo a ordem de Melchiſedech.* S. Paulo nota que não ſe diſſe que ſeria Sacerdote *ſegundo a ordem de Aaron*, mas *ſegundo a ordem de Melchiſedech.*

1. Porque o Sacerdocio de Aaron não era hum Sacerdocio eterno, pois que Aaron devia deixar por ſucceſsão o ſeu Sacerdocio a ſeus filhos: em lugar de que Melchiſedech repreſentado na Eſcritura *ſem pai*, *ſem mãi*, *ſem genealogia*, *ſem principio*, *nem fim*, e para aſſim

a S. Clem. Alex. L. 4. *Stromatum.* S. Cypr. Epiſt. 63. a Cecil. Euſeb. L. 5. da Demonſtração Evangelica, cap. 3. S. Jeron. Epiſt. a Marcela. S. Agoſt. L. das 83. queſt. q. 61. n. 2. Cidad. de Deos, L. 16. cap. 22. L. 17. cap. 20. L. 18. cap. 35. S. Ambroſ. ou o Author do L. dos Sacram. L. 5. cap. 1. Theodoreto ſob. o Pſ. 109. &c.

ſim dizer, como Sacerdote ſempre ſubſiſtente, repreſenta niſto maravilhoſamente a eternidade do Sacerdocio de Jeſus Chriſto, que he chamado no Pſalmo 109. Sacerdote ETERNO ſegundo a ordem de Melchiſedech. [a]

2. Melchiſedech abençoou a Abrahão, e na ſua peſſoa a Aaron ſeu neto. Era logo maior que Abrahão, e por conſeguinte maior que Aaron. [b]

3. Abrahão avó, e por conſeguinte ſuperior de Aaron, reconheceo a Melchiſedech por ſeu ſuperior, offerecendo-lhe a decima. [c]

4. Melchiſedech era Rei, e *Rei de juſtiça*, ſegundo a ſignificação de ſeu nome; [d] *Rei de paz*, ſegundo a ſignificação da palavra *Salem*, [e] que era o nome do ſeu Reino. Eſtas qualidades não convem a Aaron, mas ſim a Jeſus Chriſto. [f]

Tudo iſto moſtra que Melchiſedech, e o ſeu Sacerdocio era mais conſideravel que Aaron, e o ſeu Sacerdocio; e que por conſeguinte tendo vaticinado o Eſpirito Santo pela boca de David, que havia de vir hum Sacerdote ſegundo a ordem de Melchiſedech, devia entender-ſe que haveria hum Sacerdocio maior, e mais perfeito que o de Aaron; e que por neceſſaria conſequencia o Sacerdocio de Aaron, e os ſacrificios Judaicos havião de ter fim. [g] Nenhuma couſa he tão forte contra os Judeos como eſte diſcurſo de S. Paulo.

Conſta de tudo iſto que S. Paulo diz ſobre Melchiſedech por reſpeito a Jeſus Chriſto, que S. Paulo não compara mais que a peſſoa de Melchiſedech com a peſſoa de Jeſus Chriſto, e não o ſacrificio de Melchi-

ſe-

a Hebr. vii. 3.

b Hebr. vii. 1. 6. e 7.

c Hebr. vii. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. e 9.

d A palavra *Melech* ſignifica *Rei*. A palavra *Tſedech* ſignifica *Juſtiça*.

e A palavra *Scalem* ſignifica *Inteiro*, *Perfeito*, *Feliz*. Daqui vem a palavra *Salem*, que ſignifica *Paz*, *Proſperidade*.

f Hebr. vii. 2.

g Hebr. vii. 11. 15. 16. e 17.

ſedech, do qual não diz huma ſó palavra. Não compara eſte ſacrificio nem com os de Aaron, nem com o de Jeſus Chriſto, porque não era eſta a queſtão. S. Paulo ſó falla do que fazia ao ſeu ponto, e proteſta que tinha outras muitas couſas que dizer de Melchiſèdech, mas que as deixava de propoſito em ſilencio. [a] Eſte ſilencio de S. Paulo ſe explica pela Tradição, cujas provas ficão aſſima referidas. [b]

§. 6. *Explicação das couſas figuradas, e repreſentadas pelos ſacrificios Judaicos.*

P. Que ſignificavão os ſacrificios cruentos dos Judeos?

R. Significavão o ſacrificio da Cruz, em que Jeſus Chriſto derramou o ſeu ſangue.

P. Que ſignificavão os ſacrificios incruentos?

R. Podem conſiderar-ſe como figura do ſanto Sacrificio da Miſſa, que ſe faz ſem effusão de ſangue.

P. Por que razão ſe queimavão as victimas totalmente, ou em parte, depois de haverem ſido immoladas?

R. 1. Para moſtrar pela ſua deſtruição o ſupremo dominio de Deos ſobre as creaturas.

2. Para que o fumo das victimas ſubiſſe ao Throno de Deos, e foſſe por elle recebido como agradavel cheiro.

P. Que repreſentava o fumo das victimas immoladas, ſubindo ao Throno de Deos?

R. Póde conſiderar-ſe como imagem de Jeſus Chriſto, que depois de haver ſido immolado ſobre a Cruz, havia de reſuſcitar glorioſo, e elevar-ſe pela ſua Aſcensão até o Throno de Deos. [c]

P.

a Hebr. v. 11. e 12.
b Vejão-ſe as citações deſte num. 5. meſmo §. na letra *a*, pag. 110.
c S. Ag. q. 33. ſobre os Num.

P. Haveis dito que toda a victima se queimava no holocausto, ao mesmo tempo que nos sacrificios pacificos, ou pelos peccados dos particulares não era consumida pelo fogo mais que huma parte della, e que o restante era comido ou pelos Sacerdotes sómente, ou pelos Sacerdotes, e povo: que representava isto?

R. O holocausto, que era o mais perfeito dos sacrificios antigos, pelo qual significava o homem a Deos, que se offerecia todo ao Senhor como huma Hostia viva: o holocausto, digo, representava mais expressamente o sacrificio immolado sobre a Cruz, e consummado pela Resurreição, e Ascensão de Jesus Christo, porque Jesus Christo resuscitou, e subio ao Ceo todo inteiro, assim como no holocausto se elevava ao alto o fumo da victima inteira.

Os sacrificios pacificos, e pelo peccado representavão o Sacrificio da Missa, porque nestes sacrificios só os Sacerdotes, ou os Sacerdotes juntamente com o povo comião a victima, que havia sido offerecida. Ninguem commungava no sacrificio do holocausto; só os Sacerdotes commungavão nos sacrificios offerecidos pelos peccados do povo; e o Sacerdote, e o povo commungavão nos sacrificios pacificos, assim como o Sacerdote, e o povo commungão no Sacrificio da Missa.

Pelo que respeita aos sacrificios, nos quaes pessoa alguma commungava, era queimado fóra do campo tudo aquillo, que o fogo não consumia sobre o Altar, para mostrar, como nota S. Paulo, que Jesus Christo havia de padecer fóra da porta da Cidade de Jerusalem.

P. Por que razão nunca se offerecia algum sacrificio pelo peccado, sem que antes se offerecesse hum holocausto?

R. Para significar que os peccados não podião ser perdoados, sem que o sacrificio de Jesus Christo, que

havia de immolar-se em holocausto sobre a Cruz, tivesse sido antes offerecido; ou que o homem peccador não tinha direito de presentar-se diante de Deos, para offerecer-lhe hum holocausto, sem reconhecer no mesmo tempo que era peccador, offerecendo hum sacrificio por seus peccados.

Póde tambem dizer-se que a união destes dous sacrificios fazia ver, que o Sacrificio da Missa não he separado do da Cruz, mas continuação delle. A imperfeição dos sacrificios dos Judeos era causa de não poderem ser representados tantos Mysterios por huma só acção; mas o Sacrificio da Missa, como explicaremos,[a] he no mesmo tempo holocausto, sacrificio pacifico, e sacrificio pelo peccado: he o mesmo sacrificio que o da Cruz, e elle só comprehende todos os antigos sacrificios, como diz Santo Agostinho.[b]

P. Deixais dito que todos aquelles, que fazião offerecer os sacrificios pelo peccado, não commungavão nelles: que quer isto significar?

R. Significa a grande pureza de consciencia, que he necessaria para commungar no sacrificio da nova Lei. Podem os Sacerdotes offerecer o Sacrificio do Altar pelos peccadores, mas devem estes estar reconciliados com Deos antes de commungarem delle.

Tambem isto fazia ver a imperfeição dos sacrificios offerecidos pelo peccado na antiga Lei. Estes sacrificios não podião purificar aos peccadores, que por conseguinte permanecião sempre carregados com os seus peccados, depois que o sacrificio se havia offerecido, e que por esta razão não podião commungar das victimas offerecidas; mas pelo que a nós respeita, temos hum Altar, como diz S. Paulo, em que se offerece huma victima, que nos purifica dos nossos peccados; de forte,

a Nos §§. 9. e 10. deste cap.

b S. Agost. L. 10. da Cidad. de Deos, cap. 20. L. 17. cap. 20. num. 2.

te, que podemos commungar della depois de offerecido o ſacrificio. [a]

P. Por que razão os que offerecião, ou fazião offerecer por elles o ſacrificio, punhão a mão ſobre a cabeça da victima, que havia de ſer immolada?

R. Para moſtrar com eſta ceremonia que ſubſtituião a victima em ſeu lugar; que devião ſoffrer a morte como ella; e que eſtavão diſpoſtos para morrer, ſe Deos aſſim o determinaſſe.

P. Haveis dito que os Sacerdotes, depois de ter dado a morte ás victimas, derramavão o ſangue dellas á roda do Altar: que ſignificava iſto?

R. Significava que o ſangue de Jeſus Chriſto havia de ſer derramado depois da ſua morte á roda da Cruz pela abertura do ſeu lado.

P. Que ſignificava a immolação das victimas ſobre o Altar dos holocauſtos, que eſtava fóra do Tabernaculo?

R. Que Jeſus Chriſto havia de padecer ſobre o Calvario fóra da Cidade de Jeruſalem. O meſmo ſe repreſentava de hum modo ainda mais expreſſo no ſacrificio da vaca ruiva, que era immolada, e queimada fóra do campo. [b]

P. Que repreſentava o ſacrificio da vaca ruiva?

R. Eſtá claro por todas as circumſtancias deſte ſacrificio, que era huma figura muito expreſſa da morte de Jeſus Chriſto.

1. O Summo Pontifice conduzia a victima fóra do campo para a ſacrificar. O Summo Pontifice dos Judeos julgou a Jeſus Chriſto digno de morte, e eſte meſmo Senhor foi levado fóra da Cidade para padecer.

2. A victima era immolada em preſença de todo o povo. Jeſus Chriſto foi crucificado na preſença de todo o povo.

a Hebr. xiii. 10. b Hebr. xiii. 12.

3. O Summo Pontifice fazia fete vezes a afpersão com o fangue da victima para a porta do Tabernaculo, cujo véo eftava fempre fechado. Com ifto moftrava o ardor, com que devia defejar que aquelle, cujo fangue era figurado no fangue da victima, vieffe abrir aos homens a entrada do Ceo por feu fangue.

4. Tudo fe queimava, ainda a mefma pelle da victima. Imagem era efta da plenitude do Sacrificio de Jefus Chrifto, e, como explica Santo Agoftinho, da fua Refurreição; que confumio, para o dizer affim, tudo o que era mortal em Jefus Chrifto.

5. O páo de cédro, o hyffopo, e a efcarlata, que o Summo Pontifice lançava no fogo do facrificio, ou que fazia paffar pelo fogo para fervir ás afpersões, moftravão, fegundo Santo Agoftinho, a Fé, a Efperança, e a Caridade, que tirão todo o feu merecimento do Sacrificio de Jefus Chrifto.

6. O Summo Pontifice, que tinha immolado a victima, e aquelle, que por ordem fua a tinha queimado, permanecião impuros até á tarde. Póde reputar-fe efta circumftancia como imagem do eftado, em que eftarão os Judeos até o fim do Mundo, por haverem dado a morte a Jefus Chrifto.

7. A agua luftral não podia purificar fenão em virtude da cinza defta victima, que com ella fe mifturava. Nós tambem não fomos purificados, e não recebemos alguma graça, fenão pela applicação da morte de Jefus Chrifto. [a]

P. Haveis dito que nos facrificios offerecidos pelos peccados dos particulares tocava o Sacerdote, que os offerecia, os lados do Altar dos holocauftos com o fangue da victima immolada: que nos facrificios offereci-

[a] S. Jeron. Epift. 86. ou 27. S. Agoft. q. 33. fobre os Numer. Theod. q. 33. fobre os Numer, S. Ifid. de Sevilha, cap. 16. fob. os Num. E todos os Interpretes antigos, e modernos.

cidos pelos peccados de todo o povo entrava o Summo Pontifice no Tabernaculo com o ſangue da victima immolada, para com elle fazer a aſpersão contra o véo do Sanctuario, e para tocar com elle nos lados do Altar dos perfumes; e que no ſacrificio offerecido huma vez cada anno para purificar o Tabernaculo, e para expiar os ſeus peccados, e os de todo o povo, entrava no Santo dos Santos, levando comſigo o ſangue das victimas immoladas: que repreſentava tudo iſto?

R. Tocava o Sacerdote os lados do Altar com o ſangue das victimas immoladas pelo peccado, para moſtrar que os peccados não podião ſer apagados ſenão por Jeſus Chriſto figurado pelo Altar, ou foſſe o dos holocauſtos, ou dos perfumes; e que eſtas victimas immoladas tiravão toda a ſua virtude do Sacrificio de Jeſus Chriſto, e da ſua Cruz.

O ſangue das victimas immoladas, levado ſómente pelo Summo Pontifice ao Tabernaculo nos ſacrificios mais ſolemnes offerecidos pelo peccado, moſtrava mais expreſſamente que os peccados não podião ſer apagados ſenão por Jeſus Chriſto, e pela virtude do Sacrificio, que offereceo em a nova Lei; porque a primeira parte do Tabernaculo era imagem de Jeſus Chriſto em carne mortal, e do eſtado preſente da Igreja.

Em fim a entrada de Jeſus Chriſto no Ceo ſe repreſentava, como nota S. Paulo, de hum modo expreſſo pelo ſacrificio ſolemne, que ſe offerecia huma ſó vez cada anno. Sómente o Summo Pontifice, que era figura mais expreſſa de Jeſus Chriſto, he quem o offerecia. Depois de haver immolado a victima ſobre o Altar dos holocauſtos, imagem da Cruz, paſſava á primeira parte do Sanctuario: penetrava o véo, que, conforme S. Paulo, era imagem de Jeſus Chriſto em ſua carne; e daqui entrava no Santo dos Santos, imagem

do

do Ceo, continúa S. Paulo. Entrava neste lugar levando comsigo o sangue das victimas immoladas para offerecello a Deos; porque Jesus Christo havia de entrar no Ceo para nelle offerecer incessantemente o sangue, que havia derramado por nós. Entrava neste lugar huma só vez cada anno, porque Jesus Christo não havia de entrar mais que huma só vez no Ceo. E em cada anno offerecia o Summo Pontifice hum semelhante sacrificio com as mesmas ceremonias, para mostrar que estes sacrificios antigos não erão mais que sombra do futuro; que os peccados subsistião sempre depois de offerecidos os mesmos sacrificios, e que Deos não estava ainda applacado. Ao mesmo tempo que Jesus Christo applacou a Deos, e nos reconciliou inteiramente com elle por meio de hum só sacrificio, não sendo já necessario offerecer outros. Este unico sacrificio foi bastante para levantar o véo, que nos fechava a entrada do Ceo, e para que elle nos ficasse aberto para sempre. [a]

P. Se isto he assim, não se deve offerecer já algum sacrificio; e com tudo a Igreja cada dia offerece muitas Missas, que reputa como verdadeiros sacrificios: como se ha de concordar huma tal contradição?

R. Aqui não ha contradição alguma. O Sacrificio da Missa não he outra cousa mais que continuação do sacrificio offerecido por Jesus Christo sobre a Cruz, e delle tira toda a sua força: assim não he hum novo sacrificio, como abaixo explicaremos mais largamente. [b]

P. Que significavão os sacrificios da flor da farinha?

R. Significavão o santo Sacrificio da Missa, em que Je-

a Para completa intelligencia de tudo aquillo, que fica dito, lea-se com cuidado o cap. 9. de S. Paulo aos Hebreos, com os Commentarios mais exactos sobre este cap. S. Paulo diz neste lugar tudo o que acabamos de explicar.

b No §. 9. deste cap.

Jesus Christo se offerece debaixo das duas especies de pão, e de vinho, sem effusão de sangue.

P. Por que razão se misturava azeite, e incenso com a farinha, que era offerecida?

R. O azeite significava a Unção do Espirito Santo, de que estava cheio Jesus Christo, figurado pela farinha: o incenso era figura da Oração; quero dizer, da elevação do coração a Deos, sem a qual as offertas, que se lhe fazião, não podião ser-lhe agradaveis.

P. Que significava o sacrificio do bode emissario?

R. Significava o Sacrificio da Missa, que se faz sem destruição actual da cousa offerecida, porque Jesus Christo não padece nelle morte actualmente.

P. Deixais dito que quando se offerecia este sacrificio, se tomavão dous bodes, dos quaes hum era immolado, e o outro despedido, depois de o haverem carregado com a iniquidade de todo o povo: que significava isto?

R. 1. Que o Sacrificio da Missa havia de tirar toda a sua força do Sacrificio da Cruz: isto he o que se significava pelo sangue do bode, que havia sido degollado, e com cujo sangue se fazia a aspersão sobre o bode emissario; e estes dous sacrificios não fazião mais que hum.

2. Que Jesus Christo innocente havia de tomar sobre si os peccados de todos os homens.

3. O bode immolado figurava a natureza humana de Jesus Christo, que padeceo a morte: o bode enviado a natureza Divina, que não podia morrer. Estes dous bodes offerecidos juntamente a Deos não fazião mais que hum sacrificio. Jesus Christo, Deos, e homem, se offerece a Deos, o homem morre, e Deos subsiste; mas o Homem Deos quiz encarregar-se dos peccados do Mundo, e tomar a fórma de homem

pec-

peccador, e por efte meio nos livrou dos noffos peccados. [a]

P. Que fignificava o facrificio do paffaro, que fe deixava voar?

R. O mefmo que o do bode emiffario: affim havia muita connexão entre eftes dous facrificios. [b]

P. Tendes dito que a Lei ordenava, que fe derramaffe vinho fobre todos os facrificios: que fignificava ifto?

R. O vinho póde fer aqui reputado como figura do fangue de Jefus Chrifto, o qual por antecipação fazia agradaveis a Deos todos eftes antigos facrificios. No Genefis fe diz, [c] que o Meffias havia de lavar em vinho a fua veftidura, para fignificar que havia de derramar o feu fangue fobre a Cruz. [d]

P. Que fignificava o facrificio dos perfumes?

R. 1. Significava o facrificio das noffas Orações, que havião de fubir a Deos como perfume de agradavel cheiro.

2. Póde confiderar-fe efte facrificio como imagem do Sacrificio da Miffa; porque affim como o fumo, que fe produzia pela deftruição deftes perfumes, era a principal coufa, que fe intentava offerecer a Deos nefte facrificio, affim o corpo, e o fangue de Jefus Chrifto feito prefente pela mudança da fubftancia do pão, e do vinho, he que fe offerece a Deos no Sacrificio da Miffa com a imagem, e apparencias de pão, e de vinho.

P. Encontrão-fe no Sacrificio de Jefus Chrifto todas as coufas, que tendes notado em os facrificios dos antigos?

R.

a Theod. fob. o Levit. q. 22. S. Cyrillo de Alex. Epift. a Acacio fob. o bode emiffario.

b Levit. xiv. Theod. q. 19. fob. o Levit. S. Cypr. ibid.

c Genef. xlix. 11.

d Tertullian. contra Marc. L. 4. Theod. q. 110. fobre o Genef.

R. Todas se encontrão no Sacrificio da Missa. Encontra-se nelle hum povo, que presenta ao Sacerdote o que ha de fazer a materia do sacrificio; [a] que offerece o sacrificio a Deos pelas mãos do Sacerdote; que o offerece para adorar a suprema grandeza de Deos, para expiar os seus peccados, para expressar a Deos o seu reconhecimento, e para pedir-lhe os auxilios necessarios; que communga no sacrificio. No sacrificio da Cruz se vê na verdade hum Sacerdote, huma Hostia, huma offerta, huma immolação, &c. mas não se vê nelle nem povo, que offereça o sacrificio pelas mãos do Sacerdote, nem communhão corporal deste povo no sacrificio. Quiz Deos que houvesse na sua Igreja hum sacrificio exterior, que reunisse todas estas cousas juntamente, e que fosse cumprimento de tudo aquillo que havia sido figurado, e representado pelos antigos sacrificios dos Judeos. Este sacrificio exterior da nova Lei he o Sacrificio da Missa.

Abaixo mostraremos mais particularmente [b] como este sacrificio encerra tudo aquillo, que temos notado nos antigos sacrificios, e em que he cumprimento delles, como diz Santo Agostinho. [c]

§. 7. *Que houve, e haverá sempre na Igreja hum sacrificio exterior, e sensivel.*

P. Donde nos consta que ha na Igreja hum sacrificio exterior, e sensivel, que ha de ser offerecido a Deos até á consummação dos seculos?

R. Sabemos esta verdade pela Sagrada Escritura, e Tradição.

P. Donde se prova pela Escritura?

R.

[a] Abaixo explicaremos isto, quando fallarmos das Orações, e das ceremonias da Missa, §. 22.

[b] No §. 10. deste cap.

[c] S. Ag. Cid. de Deos, L. 10. cap. 20.

R. Prova-se do antigo, e novo Testamento.

As principaes provas do antigo Testamento são fundadas em figuras, que representárão este sacrificio, e em profecias, que o tem vaticinado. Já explicámos [a] as figuras, que o havião representado; a saber, o sacrificio de Melchisedech, e os sacrificios dos Judeos. Agora vamos fallar das profecias.

A profecia mais célebre deste sacrificio he a de Malaquias, cujas palavras são as seguintes: *Eu não recebo contentamento em vós-outros*, diz o Senhor dos Exercitos ao povo Judaico, *nem da vossa mão me será agradavel o presente, porque desde o Nascente até o Poente se me sacrifica em todo o lugar, e se offerece a meu Nome huma oblação pura, porque he grande o meu Nome entre todas as Nações.* [b]

Tres cousas se vem nesta profecia. 1. Que Deos rejeita os sacrificios dos Judeos. 2. Que substitue em seu lugar hum sacrificio novo de huma oblação pura, e santa. 3. Que este sacrificio ha de ser offerecido por toda a terra.

O sacrificio da Cruz não he offerecido por toda a terra, e em todo o lugar; o sacrificio interior do nosso amor não he, conforme o principio dos mesmos Protestantes, huma oblação, que se possa chamar absolutamente pura, e santa. Tambem não he hum sacrificio novo, que deva ser substituido aos antigos, porque foi offerecido em todos os tempos por todos aquelles, que se presentárão a Deos com hum coração syncero. Logo aqui se trata de hum sacrificio exterior, e esta he tambem a força da palavra original *Minchah*, que neste lugar se emprega pelo Profeta, e que significava entre os Judeos huma oblação de farinha, de azeite, e de vinho, que os Judeos erão obrigados de of-

a Nos dous §§. precedentes. b Malaquias i. 10. e seg.

offerecer a Deos duas vezes cada dia, huma vez de manhã, e outra de tarde. [a] Este sacrificio não póde ser senão o da Missa, que se offerece em todos os lugares, e por todas as Nações: e neste sentido he que todos os Santos Padres explicárão a referida profecia, quando fallárão della. Podem consultar-se sobre isto S. Justino, [b] Santo Ireneo, [c] Tertulliano, [d] Eusebio, [e] S. Chrysostomo, [f] Santo Agostinho, [g] S. Jeronymo, [h] sendo inutil citar outros. Os mesmos Protestantes confessão que esta fora a opinião de todos os Padres antigos: [i] confissão, que devia abrir os olhos aos que buscão synceramente a verdade, porque desta confissão se segue, que nós cremos o que toda a Igreja creo nos sinco primeiros seculos, que os Protestantes chamão os dias bellos da Igreja.

Do novo Testamento se prova tambem a mesma verdade.

1. Pelas palavras da instituição da Eucaristia.

2. Pelos escritos dos Apostolos, dos quaes consta que havia Altares, onde se commungava, e onde elles mesmos offerecião o santo Sacrificio.

3. Em fim pela célebre visão, que S. João refere no Apocalypse.

1. Os Evangelistas, e os Apostolos, referindo a historia da instituição da Sagrada Eucaristia, notão que Je-

a Vejão-se os Interpretes do 1. cap. de Malaquias, e do cap. 7. do Levit. vers. 29. E o Diccionario Hebraico de Buxtorf sob. a palavra Hebraica *Minchah*.

b S. Justino, Dial. contra Trifon.

c S. Ireneo, L. 4. contra as heres. cap. 32.

d Tertull. L. 3. contra Marc. cap. 22.

e Euseb. L. 1. da Demonstr. Evang. cap. 6.

f S. Chrys. sob. o Ps. 95.

g S. Agost. L. 18. da Cid. de Deos, cap. 35.

h S. Jeron. sob. o 1. cap. de Malaq. &c.

i Os que quizerem convencer-se desta verdade, podem ler o Commentario de Malaquias no L. intitulado *Synopsis Critic.* Com effeito as authoridades dos Santos Padres são tão formaes neste ponto, que he necessario ter bem pouca synceridade para negar que elles tenhão entendido esta profecia da Sagrada Eucaristia.

Jesus Christo disse estas palavras : *Isto he meu corpo, que he roto*, ou *entregue por vós. Isto he meu sangue, que he derramado por vós.* Jesus Christo não disse, segundo o texto Grego, *que será roto*, ou *entregue*; *que será derramado*; mas *que he roto*, ou *entregue*, *que he derramado*, [a] para mostrar a immolação mystica, que fez então do seu corpo, e do seu sangue pela salvação de seus Apostolos, e dos outros homens.

2. S. Paulo na sua primeira Epistola aos Corinthios [b] faz hum parallelo entre o Altar, em que os Gentios, e os Judeos offerecião os seus sacrificios, e a meza, em que os Christãos comem o corpo de Jesus Christo; e diz que succede aos Christãos, quando commungão, como succedia aos Gentios, e Judeos, quando comião das victimas, que tinhão sido immoladas sobre o Altar. Suppõe logo que a meza dos Christãos he hum verdadeiro Altar, no qual Jesus Christo he offerecido, e immolado mysticamente, e depois comido. Fortifica-se esta reflexão com o que diz o mesmo Apostolo na sua Epistola aos Hebreos, [c] nestes termos: *Temos hum Altar, do qual os Ministros do Tabernaculo não tem poder de participar.* Ora não ha Altar sem sacrificio.

Se

a *Isto he meu sangue, que he derramado por muitos para remissão dos peccados.* Estas são as palavras de S. Matth. xxvi. 28.

S. Marc. diz, como S. Matth. *que he derramado.* Marc. xiv. 24.

S. Luc. xxii. 19. e 20. diz estas palavras : *Isto he meu corpo, que he entregue por vós. Este calis he a nova aliança em meu sangue, o qual he derramado por vós.*

S. Paulo 1. Cor. xi. 24. dá a mesma idéa, referindo as palavras da instituição da Sagrada Eucaristia : *Isto he meu corpo, que he roto por vós*, ou *que he entregue*, ou *dado por vós*, como diz S. Luc. que he o mesmo. Por estas palavras *que he derramado*, *que he entregue*, ou *dado*, ou *roto*, he claro que os Apostolos, que no texto original as referem uniformemente no tempo presente, quizerão notar huma offerta actual do corpo, e do sangue de Jesus Christo, o que se significa de hum modo ainda mais expresso nestas palavras de S. Matth. *Isto he meu sangue, que he derramado por muitos para remissão dos peccados*; porque dar o seu corpo, e derramar o seu sangue para remissão dos peccados, não he offerecer hum verdadeiro sacrificio, e hum sacrificio propiciatorio. Veja-se esta explicação mais largamente nos Interpretes.

b 1. Cor. x. vers. 14. até 21.

c Heb. xiii. 10. e seg.

Se alguem quizer dar attenção ao discurso de São Paulo neste lugar da sua Epistola aos Hebreos, achará que he admiravel para provar o santo Sacrificio da Missa.

O que S. Paulo diz neste particular, se reduz ao seguinte: *Temos hum Altar, do qual os Ministros do Tabernaculo* Judaico *não podem comer; porque os corpos dos animaes, cujo sangue he levado pelo Summo Pontifice ao Sanctuario,* para expiação dos peccados, *são queimados fóra do campo: e esta he a razão, por que Jesus Christo padeceo fóra da Cidade.*

O que affima dissemos explicando as ceremonias dos sacrificios Judaicos, [a] faz bastantemente comprehender o sentido destas palavras, e a consequencia do discurso de S. Paulo, que póde reduzir-se ás proposições seguintes para melhor clareza.

Levamos huma grande ventagem aos Sacerdotes dos Judeos, e por conseguinte ao povo; porque quando elles offereciáo algum sacrificio pelos peccados de todo o povo, não podião nelle commungar corporalmente. Por quanto neste sacrificio huma parte do sangue das victimas immoladas era levada pelo Summo Pontifice ao Sanctuario, e então ninguem comia da carne destas victimas; mas tudo aquillo, que não era devorado pelo fogo sobre o Altar dos holocaustos, era consumido pelas chammas fóra do campo. Assim não havia communhão corporal neste sacrificio.

Mas pelo que a nós respeita temos hum Altar, onde se offerece Jesus Christo, que quiz morrer fóra da Cidade de Jerusalem, para mostrar que havia sido figurado por estas antigas victimas queimadas fóra do campo. Elle he que foi immolado por nossos peccados, e o seu sangue conduzido, não ao sanctuario figurativo feito pela mão dos homens, mas ao Sanctuario

rio

a Neste mesmo cap. 7. 4.

rio verdadeiro, ao meſmo Ceo: e nós participamos deſta victima, nós a comemos realmente; o que os Miniſtros do Tabernaculo Judaico não podem fazer por reſpeito ás victimas, que ſacrificão por ſeus peccados.

Eſtá patente que eſte he o diſcurſo de S. Paulo mais diſtinctamente explicado. Falla S. Paulo de hum verdadeiro Altar, de hum verdadeiro ſacrificio, e de huma communhão corporal. A allusão, que elle faz ao Altar, ao ſacrificio dos Judeos, ás victimas queimadas fóra do campo, e não comidas pelos Sacerdotes, he huma prova deſta verdade. Se não ſe trataſſe aqui mais que de huma communhão eſpiritual, parece que o diſcurſo de S. Paulo não teria a meſma força; porque os Judeos podião, e devião commungar eſpiritualmente as victimas, cujo ſangue era levado ao Sanctuario pelo Summo Pontifice. Tambem podião, e ainda devião commungar eſpiritualmente a Jeſus Chriſto figurado neſtas antigas victimas, como S. Paulo nos enſina em outro lugar. [a] Se não ſe trataſſe pois mais que de huma communhão eſpiritual, não teriamos niſto alguma preeminencia ſobre os antigos Judeos. Commungamos realmente a victima offerecida por noſſos peccados, e cujo ſangue foi levado ao Ceo; e temos actualmente hum Altar, em que ſe cumpre eſta grande maravilha. Que couſa mais forte que eſte diſcurſo de S. Paulo para provar o ſacrificio exterior da Igreja Catholica!

Na verdade S. Thomaz, e muitos Theologos Catholicos entendem eſte Altar, de que falla aqui S. Paulo, do Altar da Cruz; e dizem que o ſentido deſte lugar he, que a inclinação ás ceremonias Judaicas he hum obſtaculo para receber o fruto da morte de Jeſus Chriſto, que nos he applicado a nós, que eſtamos af-

fe-

a 1. Cor. 10, 2. e 3.

fectos, não á figura como os Judeos, mas á realidade. Mas além de que este segundo sentido, que he verdadeiro, não exclue o primeiro, o que acabamos de dizer prova que o primeiro, que he o que S. Chrysostomo, Theodoreto, e outros muitos Padres dos primeiros seculos derão a este lugar, he mais natural, e tem mais connexão com as palavras de S. Paulo. [a]

3. S. Lucas [b] faz menção do santo Sacrificio offerecido a Deos pelos Apostolos na Cidade de Antioquia. As suas palavras, segundo o texto Grego, são estas: *Em quanto sacrificavão ao Senhor, e jejuavão, o Espirito Santo lhes disse: Separai-me a Paulo, e a Barnabé para a obra, á qual os tenho chamado.* He certo que a palavra Grega, que aqui se traduz pela de sacrificar, foi sempre empregada, e consagrada pela Igreja para significar o Sacrificio da Missa.

4. Póde tambem tirar-se huma prova consideravel do santo Sacrificio dos nossos Altares daquillo, que se diz no Apocalypse, [c] que S. João vio no meio do Throno, e dos quatro animaes, e dos vinte e quatro Anciãos, o Cordeiro, que estava em pé como morto, ou, segundo o texto Grego, como immolado, e que os quatro animaes, do mesmo modo que os vinte e quatro Anciãos, se prostrárão diante do Cordeiro, e lhe disserão: [d] *Vós fostes morto, e nos haveis resgatado pelo vosso sangue, tirando-nos de todos os póvos, de todas as tribus, de todas as linguas, de todas as Nações do Mundo, e nos haveis feito Reis, e Sacerdotes para gloria do nosso Deos, &c.* Muitos sabios Interpretes julgão com razão que

a Veja-se sobre este lugar de S. Paulo, S. Chrys. Theod. Theofil. Ecumen. Primas. S. Anselmo, Menoch. Tir. &c. os quaes concordão comnosco no sentido deste lugar. E sobre tudo Luiz Tena, que no seu Commentario sob. a Epist. aos Hebr. prova em huma Dissertação, que esta he a verdadeira interpretação do texto de S. Paulo.

b Act. xiii. 2.

c Apocal. v. 6.

d Ibid vers. 10.

que o Espirito Santo não inspirou estas expressões a S. João, senão para fazer allusão ao modo, de que Jesus Christo se offerece a Deos na Eucaristia. Este Cordeiro, sendo morto, foi resuscitado: por isso S. João o vê de pé, e vivo diante do Throno de Deos: *Stantem.* [a] Mas a Igreja da terra composta toda de Sacerdotes, e de Reis, como diz S. Pedro, [b] offerece todos os dias a Deos este Cordeiro, sacrificando-o mysticamente sobre o Altar Eucaristico, como abaixo explicaremos. [c] Assim ainda que esteja vivo, e que S. João o veja como tal, o mesmo Apostolo o vê com tudo *como immolado: Tanquam occisum.* [d]

Todas estas provas tiradas do antigo, e novo Testamento se corroborão, e fortificão com o testemunho da Tradição, do qual consta claramente, que sempre se offereceo a Deos na Igreja hum sacrificio exterior, e que este sacrificio não he outra cousa mais que o corpo, e o sangue de Jesus Christo, offerecido debaixo das especies, ou apparencias do pão, e do vinho.

1. Os Concilios mostrão esta verdade com evidencia. O primeiro Concilio geral celebrado em Nicea no anno de 325; [e] os de Ancira, [f] de Laodicea, [g] e o segundo de Carthago, [h] que forão celebrados no quarto seculo; o de Agda do anno 506; [i] o primeiro de Orleans do anno de 508; [K] o terceiro de Orleans do anno de 540; [l] o duodecimo de Toledo do anno de 681, [m] &c. Nunca acabariamos, se fosse preciso referil-

a Apoc. v. 6.

b *Vós sois a geração escolhida, a ordem dos Sacerdotes, a Nação santa, o povo conquistado.* 1. Petr. ii. 9.

c No §. 9. deste cap.

d Veja-se esta prova do santo Sacrificio da Eucaristia em Nicoláo de Lira, Aureolo, Tirino, &c. nos seus Commentarios sobre o Apocal. cap. 5. vers. 6.

e 1. Conc. de Nicea, Can. 16.

f Conc. de Ancira, Can. 1.

g Conc. de Laodicea, Can. 19.

h 2. Conc. de Carthag. Can. 3. 8. 9.

i Conc. de Agda, Can. 14. 47.

K 1. Conc. de Orleans, Can. 6.

l 3. Conc. de Orleans, Can. 6. 7. 14.

m 12. Conc. de Toledo, Can. 5. &c.

tillos todos. Suppõem eſtes Concilios uniformemente que na Igreja ſe offerece o ſacrificio exterior do corpo, e do ſangue de Jeſus Chriſto, e fizerão Canones por reſpeito ao meſmo ſacrificio.

2. Póde ajuntar-ſe á authoridade dos Concilios as provas, que ſe tirão claramente do anathema 11. de S. Cyrillo, referido, e approvado no Concilio geral de Efeſo, celebrado no anno de 431, e da queixa dos Biſpos de Libia contra Dioſcoro no Concilio Calcedonenſe, celebrado no anno de 451, porque elle por cauſa de avareza não miniſtrára por muito tempo o vinho neceſſario para a celebração do ſanto Sacrificio, e que por eſta razão ſe havia eſtado por largo tempo ſem offerecello, queixa admittida no Concilio geral.

3. A meſma verdade ſe prova das Liturgias, ou Miſſaes de todas as Igrejas do Mundo. S. Baſilio, e S. Chryſoſtomo, que vivêrão no quarto ſeculo da Igreja, compuzerão as que ainda ſe uſão em todo o Oriente. A que ſerve hoje em todo o Occidente não he menos antiga, ſem fallar das Liturgias ainda mais anteriores, cujos Authores não são tão certos. Ora de todos eſtes Livros conſta, que a Igreja offereceo ſempre hum verdadeiro ſacrificio exterior debaixo das eſpecies de pão, e de vinho.

4. Prova-ſe tambem iſto das palavras *Altar*, *ſacrificio*, *oblação*, *immolação myſtica*, *Sacerdote*, de que uſou ſempre toda a antiguidade. [a]

5. Dos teſtemunhos formaes de todos os Padres da Igreja, que tiverão occaſião de fallar da Eucariſtia nos eſcritos, que temos delles. [b] S. Juſtino no primeiro ſeculo, [c]

[a] Veja-ſe ſobre iſto a Inſtrucção de M. de S. Poncio ſob. a Eucariſtia, L. excellente.

[b] Já temos citado muitos, fallando do ſacrificio de Melchiſedech, ʔ. 5. e da profecia de Malaq. ʔ. 7.

[c] S. Juſtino aſſima citado, ʔ. 7.

Santo Ireneo, [a] e Tertulliano [b] no segundo, S. Cypriano [c] no terceiro, Eusebio, [d] Santo Optato, [e] S. Gregorio Nazianzeno, [f] S. Cyrillo de Jerusalem, [g] S. Chrysostomo, [h] S. Jeronymo, [i] e Santo Agostinho [K] no quarto, e quinto, sem fallar dos outros, porque seria necessario nomeallos todos.

6. He certo que o santo Sacrificio da Missa era offerecido em toda a terra por todos os Christãos do Mundo, e ainda pelas sociedades hereticas, quando apparecêrão Luthero, e Calvino para abolillo. Este facto não póde contrastar-se: tambem não póde assinar-se hum tempo, em que a oblação do sacrificio tenha começado na Igreja. Este segundo facto não he menos incontrastavel que o primeiro: logo a oblação do sacrificio he de Tradição Apostolica, porque he huma regra certa, como já provámos, fallando das Tradições: *Que tudo aquillo, que a Igreja Catholica observa uniformemente, sem que se conheça o seu principio, não foi inventado de novo, mas procede de Tradição Apostolica.* Santo Agostinho he quem estabeleceo esta regra fundada na boa razão. [m]

§. 8.

a S. Ireneo, L. 3. contra as heresias, cap. 18. ou 34.

b Tertull. L. 3. contra Marc. cap. 22.

c S. Cyprian. Epist. 66. ao Clero, e ao povo de Furn.

d Eufeb. L. 5. da Demonstração Evang. cap. 3. e L. 1. capit. 6.

e S. Optato, L. 6. contra os Donatistas, n. 1. e 2.

f S. Gregor. Nazianz. Or. 1. Apol. e Or. 2. contra Juliano.

g S. Cyrillo de Jerusalem, Catec. 5. Myst.

h S. Chrysost. L. 6. do Sacerdocio, cap. 4.

i S. Jeron. sob. o 1. cap. de Malaq.

K S. Agost. Epist. 140. ou 120. L. 9. das Confissões, cap. 13. Cidad. de Deos, L. 10. cap. 20. Serm. 2. sob. o Ps. 33. n. 2. &c.

l 2. Part. Secc. 2. cap. 2. §. 4.

m L. 4. do Bapt. contra os Donatistas, cap. 24.

§. 8. *Das palavras de Liturgia, e de Missa, de que se usa para exprimir o sacrificio exterior da Igreja Catholica.*

P. Como se chama o sacrificio exterior da Religião Christã?

R. Os Gregos o chamão *Liturgia*; os Latinos o chamão *Missa*. Tambem se lhe dão outros muitos nomes, mas estes dous são os mais célebres.

P. Que quer dizer a palavra *Liturgia*?

R. He huma palavra Grega, que significa toda a sorte de ministerios, e funções públicas; mas foi determinada por toda a Tradição para significar o santo Sacrificio, e he huma palavra consagrada a esta unica significação entre os Christãos.

P. Que quer dizer a palavra *Missa*?

R. Alguns tiverão para si que era huma palavra tirada da lingua Hebraica: outros julgárão que esta palavra se tirou da antiga lingua dos póvos Septentrionaes, que se derramárão pelo Occidente; outros lhe attribuírão differente etymologia. He mais provavel o dizer que he huma palavra tirada do Latim, *Missa*, ou *Missio*, que quer dizer mandado, [a] porque antigamente se mandava, quero dizer, se fazia sahir publicamente, depois das preces solemnes, os Catecumenos, e os Penitentes antes de principiar a acção do sacrificio, e se enviavão os Fieis, quando o sacrificio estava acabado, como se faz ainda hoje. Esta duplicada despedida fez ordinario este modo de fallar *Missa*. (quero dizer, *Despedida dos Catecumenos*, *Missa dos Fieis*.) Usou-se depois da palavra de *Missa dos Catecumenos*, para significar todo o corpo das Orações, ás quaes os Catecumenos, e os Penitentes tinhão obrigação de assistir; e *Missa dos Fieis*, para significar o santo Sacrificio,

[a] Bona, L. 1. da Liturg. cap. 1.

cio, ao qual sómente assistião os Fieis. Assim he que a palavra *Missa* foi consagrada pelo uso para significar o santo Sacrificio do Altar.

P. Este uso he antigo?

R. Desde o quarto seculo da Igreja se usava já desta palavra para significar o santo Sacrificio. [a]

§. 9. *Que cousa seja o Sacrificio da Missa.*

P. Que he o Sacrificio da Missa?

R. He o sacrificio do corpo, e do sangue de Jesus Christo, que Jesus Christo, e a Igreja offerecem a Deos por ministerio dos Sacerdotes, debaixo das especies, e apparencias do pão, e do vinho, para continuar, e representar o sacrificio da Cruz.

P. A definição do sacrificio exterior assima referida póde convir ao Sacrificio da Missa?

R. Sim. Porque este sacrificio he offerta de huma cousa exterior, e sensivel, feita a Deos por Ministro legitimo, com alguma destruição, ou mudança da cousa offerecida, por todos os fins, pelos quaes os sacrificios devem ser offerecidos a Deos.

He offerta de huma cousa exterior; quero dizer, do corpo, e do sangue de Jesus Christo, offerecido debaixo das especies sensiveis do pão, e do vinho.

Feita a Deos, porque a Deos só he que o Sacrificio da Missa, como tambem todos os outros, he offerecido. Faz-se na Missa memoria dos Santos, mas não se lhes offerece o sacrificio, diz Santo Agostinho. [b]

Por Ministro legitimo; quero dizer, pelos Bispos, ou pelos Sacerdotes, que nisto são os Ministros de Jesus Christo, cujo lugar occupão; e do povo, em nome do qual o offerecem.

Com

[a] S. Ambros. Epist. 20. ou 14. ou 33. a sua irmã, n. 4. S. Leão, Epist. 11. ou 81. a Diosc. Bona, Liturg. L. 1. cap. 3.

[b] S. Ag. L. 20. contra Fausto cap. 21.

Com alguma destruição, ou mudança da cousa offerecida. Esta destruição, ou mudança foi real, e effectiva sobre a Cruz, em que Jesus Christo morreo; mas sobre o Altar Eucaristico a morte de Jesus Christo he sómente representada. Não he necessario que na Missa haja huma destruição real, differente da que se fez sobre a Cruz, porque o Sacrificio da Missa, e o da Cruz fazem hum só sacrificio. Quando o Summo Pontifice offerecia a Deos no Sanctuario o sangue da victima, que antes havia sido degollada sobre o Altar dos holocaustos, fazia hum verdadeiro sacrificio, ainda que a immolação cruenta não fosse então renovada.

Dá-se com tudo no Sacrificio da Missa huma destruição mystica, e representativa da cousa offerecida. Porque, 1. A consagração separada do corpo de Jesus Christo debaixo da especie de pão, e do sangue de Jesus Christo debaixo da especie de vinho, he representação da separação do corpo, e do sangue de Jesus Christo feita sobre a Cruz.

2. As palavras da consagração, em virtude das quaes se acha o corpo debaixo da especie de pão, e o sangue debaixo da especie de vinho, são huma separação mystica do corpo de Jesus Christo; porque pela virtude destas palavras, o corpo só se acharia debaixo da especie de vinho, se de outra parte Jesus Christo não fosse vivo, e animado.

Além disso, o pão, e o vinho, que são offerecidos, se destroem, e não são destruidos senão para converter-se no corpo, e sangue de Jesus Christo, que he a unica, e verdadeira Hostia deste grande Sacrificio: como antigamente nos sacrificios dos perfumes não erão estes perfumes queimados, e destruidos pelo fogo, senão para produzirem pela sua destruição o fumo de agradavel cheiro, que principalmente se intentava offerecer a Deos.

Em

Em fim a Miſſa he offerecida a Deos *por todos os motivos, ou fins, pelos quaes ſe offerecêrão ſempre a Deos os ſacrificios.* Abaixo explicaremos tudo iſto com mais largueza. [a]

P. Por que razão dizeis que neſte Sacrificio tem os Biſpos, e os Sacerdotes o lugar de Jeſus Chriſto, e são os ſeus Miniſtros?

R. Porque Jeſus Chriſto he o primeiro, e principal Sacerdote deſte Sacrificio. Elle he que muda o pão em ſeu proprio corpo, e o vinho em ſeu ſangue. Elle he que ſe offerece a Deos Padre, obrando eſta mudança ineffavel.

P. Os Biſpos, e os Sacerdotes não obrão tambem eſta ineffavel mudança?

R. Sim; mas como orgãos, e inſtrumentos animados, de que Jeſus Chriſto ſe ſerve. Jeſus Chriſto he que falla por ſua boca, que obra por ſuas mãos, e ſe offerece a Deos Padre. Por eſta razão he que o Sacerdote, quando conſagra, ſe ſerve das meſmas palavras de Jeſus Chriſto, e falla em ſua peſſoa: *Iſto he meu corpo: iſto he meu ſangue.* [b]

P. Se iſto he aſſim, os Biſpos, e os Sacerdotes devem pois ſer chamados tão ſómente Miniſtros de Jeſus Chriſto, e não ſe lhes deve dar o nome de Sacerdotes, que ſó convem aos Sacrificadores, que immolão as victimas?

R. Jeſus Chriſto he o unico Sacerdote, que ſe immolou realmente ſobre a Cruz; os Biſpos, e os Sacerdotes não são mais que Sacerdotes ſubalternos por reſpeito a eſte ſoberano Sacerdote. Mas são verdadeiros Sacerdotes, e Sacrificadores, porque verdadeiramente offerecem Jeſus Chriſto a Deos, e o immolão myſticamente ſobre o Altar, pronunciando as palavras da conſagração.

P.

a §. 10. deſte cap.

b S. Ambr. ou Author do L. dos Sacram. L. 4. cap. 4.

P. Por que razão dizeis que os Sacerdotes são tambem neste ponto Ministros da Igreja?

R. Porque são escolhidos, e deputados pela Igreja para offerecerem o santo Sacrificio em seu nome.

Explicação.

No santo Sacrificio da Missa offerece a Igreja a Jesus Christo, e ella mesma se offerece a Deos com Jesus Christo, e por Jesus Christo; e pelo ministerio dos Sacerdotes he que faz esta duplicada offerta. [a] Assim a Missa he o Sacrificio offerecido no mesmo tempo por Jesus Christo, pelos Sacerdotes, por toda a Igreja, e por cada hum dos Fieis, que se acha presente, ou que o faz offerecer. *Por Jesus Christo*, que he o unico Sacerdote, a quem esta qualidade convem sem alguma restricção, porque elle só he que faz a immolação real da victima offerecida. *Pelos Bispos, ou pelos Sacerdotes*, que são os Sacrificadores, por ministerio dos quaes se immola Jesus Christo mysticamente, e se offerece sobre o Altar. *Por Jesus Christo, e pelos Fieis*, que se unem a Jesus Christo, e aos Sacerdotes para offerecer este sacrificio, e que elles mesmos se offerecem em sacrificio com Jesus Christo. [b]

Digo que Jesus Christo fez só a immolação da victima offerecida; porque ainda que os Judeos, e os Gentios lhe tenhão dado a morte, he com tudo verdade o dizer, que elle só se immolou sobre a Cruz, assim porque os algozes, que o crucificavão, não cuidavão em offerecer a Deos hum verdadeiro sacrificio, tendo Jesus Christo tão sómente então este pensamento, como porque elle mesmo disse: *Ninguem me tira a vida, mas eu mesmo a quero entregar.* [c]

P.

a S. Agost. L. 10. da Cid. de Deos, cap. 6. e 10.

b S. Agost. ibid.

c Joan. x. 18.

P. Por que razão dizeis que este sacrificio não he mais que huma continuação do da Cruz?

R. Porque em hum, e outro sacrificio a victima he a mesma, o mesmo Sacerdote; nem ha mais differença que no modo de fazer a offerta.

EXPLICAÇÃO.

Sobre a Cruz, e sobre o Altar se offerece Jesus Christo, e he offerecido; mas no Altar se offerece sem effusão actual de sangue. Esta offerta differente não multiplica os sacrificios: porque S. Paulo nos ensina, que Jesus Christo se offerece incessantemente no Ceo para expiação dos nossos peccados. [a] Esta offerta, que Jesus Christo faz por nós em o Ceo do seu sangue derramado sobre a Cruz, não he mais que huma continuação do sacrificio da Cruz. A offerta, que elle faz deste mesmo sangue pelas mãos dos Sacerdotes, tambem não he mais que continuação do sacrificio da Cruz. A multiplicação das victimas immoladas, e não a multiplicação das offertas de huma mesma victima, he que multiplica os sacrificios. Assim ainda que se offereção muitas Missas, he verdade o dizer, que não ha na Igreja mais que hum só sacrificio, que he o sacrificio da Cruz continuado, e representado em cada Missa. E quando, recommendando-se alguem ás orações de hum Bispo, ou de hum Sacerdote, lhe diz: *Eu me encommendo nos vossos sacrificios*, não se pertende affirmar com isto que haja muitos sacrificios na Igreja, mas sómente se entende que ha muitas offertas do mesmo sacrificio de Jesus Christo, renovadas em cada Missa. Temos huma imagem do que acabamos de dizer nos sacrificios dos Judeos offerecidos pelos peccados de todo o povo. Nestes sacrificios offerecia o Sacerdote a Deos a victima, immolando-a, e depois hia offerecer de

a Heb. ix. 24.

de novo o ſangue da meſma victima no Sanctuario. Eſta duplicada oblação não multiplicava o ſacrificio. [a]

P. Quando inſtituio Jeſus Chriſto eſte ſacrificio?

R. Na veſpera da ſua Paixão, quando, tomando o pão, e o calis, diſſe: *Iſto he meu corpo roto, e entregue por vós: Iſto he meu ſangue derramado por vós. Fazei iſto em minha memoria.* [b] Com eſtas palavras: *Fazei iſto em minha memoria*, deo Jeſus Chriſto poder aos Apoſtolos, e aos ſeus ſucceſſores neſta função de fazerem o meſmo que elle, e de offerecer o ſacrificio como elle o tinha offerecido. [c]

§. 10. *Porque fins, e razões ſe offerece o Sacrificio da Miſſa.*

P. Quaes são as razões, por que ſe offerece o ſanto Sacrificio da Miſſa?

R. Por todas as razões, pelas quaes ſe podião offerecer os antigos ſacrificios entre os Judeos, porque ella ſó he o complemento de todos os antigos ſacrificios. [d]

Explicação.

1. O Sacrificio da Miſſa he hum *holocauſto* offerecido a Deos em reconhecimento da ſua ſuprema grandeza, porque nelle ſe offerece Jeſus Chriſto todo a Deos Padre, do modo que ſe offereceo ſobre a Cruz, e como ſe offerece no Ceo; e não podem os Fieis honrar a Mageſtade de Deos com acto de religião, que lhe ſeja mais agradavel, do que offerecendo-lhe a Jeſus Chriſto, e offerecendo-ſe com Jeſus Chriſto.

2. A

[a] Veja-ſe o que aſſima diſſemos no §. 4. deſte cap.

[b] 1. Cor. xi. 24. 25. &c.

[c] Veja-ſe o 12. Conc. de Toledo, Can. 5. O Conc. de Trento, Seſſ. 22. cap. 1. do Sacrificio da Miſſa. E o que aſſima deixamos dito ſob. as palavras da Inſtit. da Eucariſtia, §. 6. deſte cap.

[d] S. Chryſ. ſob. o Pſal. 115. e S. Ag. L. 16. da Cid. de Deos, cap. 20.

2. A Miſſa he hum ſacrificio *propiciatorio*, quero dizer, hum ſacrificio offerecido para expiação dos peccados. Prova-ſe iſto das palavras da inſtituição deſte meſmo ſacrificio: *Iſto he meu corpo roto por vós: iſto he meu ſangue derramado por vós, e por muitos para remiſsão dos peccados.* Prova-ſe tambem eſta verdade pela Tradição. A Igreja reputou ſempre eſte ſacrificio como propiciatorio. Lêão-ſe as provas diſſo na maior parte das authoridades aſſima referidas. Em fim prova-ſe a meſma verdade pela razão, porque nada he mais capaz de applacar a Deos, e de conciliar os ſeus favores, do que offerecer-lhe o corpo, e o ſangue de Jeſus Chriſto, derramado por nós ſobre a Cruz. Na antiga Lei os ſacrificios das victimas offerecidos a Deos applacavão verdadeiramente a ſua ira, pela virtude do ſangue de Jeſus Chriſto, de que erão figura. Em a nova Lei o corpo, e o ſangue de Jeſus Chriſto offerecidos ſobre o Altar não em figura, mas realmente, como fica provado, [a] devem com maior razão applacar a Deos, e conciliar-nos o ſeu favor. Só o ſacrificio da Cruz dava efficacia aos antigos ſacrificios, que erão figura delle. O ſacrificio da Cruz ſómente dá efficacia ao Sacrificio da Miſſa, que he a ſua continuação. He, e foi ſempre verdade o dizer, que os peccados dos homens não podem ſer perdoados, ſenão pelo ſangue de Jeſus Chriſto, derramado por elles ſobre a Cruz. Mas iſto não impede que os ſacrificios dos antigos tenhão ſido, e que o Sacrificio da Miſſa ſeja verdadeiramente propiciatorio; com eſta differença, que os antigos ſacrificios não erão de ſi propiciatorios, porque não fazião mais que repreſentar o ſacrificio da Cruz, ao meſmo tempo que o Sacrificio da Miſſa he de ſi propiciatorio, porque não ſómente repreſenta a morte de Jeſus Chriſto, como os antigos, mas contém a realidade,

de

a §. 4. deſte cap.

de que os antigos sacrificios não tinhão mais que a sombra, e a figura.

3. A santa Missa he hum sacrificio de acção de graças: por esta razão se chama *Eucaristia* por excellencia, porque a palavra *Eucaristia* he huma palavra Grega, que significa *acção de graças.* [a]

4. Em fim he hum sacrificio *impetratorio*, quero dizer, offerecido para obter de Deos todos os soccorros temporaes, e espirituaes, que nos são necessarios. Nada podemos obter de Deos senão por Jesus Christo, e neste sacrificio offerecemos a Deos o mesmo Jesus Christo, que he o unico Mediador, por quem podemos ter accesso com Deos. [b]

P. Se o Sacrificio da Missa se offerece para remissão dos peccados, bastará logo ouvir a Missa com fé, para obter a remissão das culpas, sem que seja necessario recorrer ao Sacramento da Penitencia?

R. A Missa, ouvida com fé, obtem de Deos a remissão dos peccados veniaes, sem que seja necessario recorrer ao Sacramento da Penitencia. Pelo que respeita aos mortaes, o effeito, que produz a santa Missa, he de applacar a Deos, e de obter a graça, e as disposições necessarias para receber com fruto o Sacramento da Penitencia. [c]

Assim he que o sacrificio da Cruz, de que o da Missa tira toda a sua força, e virtude, he propiciatorio: nem os peccados se apagão depois do sacrificio da Cruz, senão por meio dos Sacramentos; mas os Sacramentos tirão toda a sua virtude, e efficacia do sacrificio da Cruz, e só pelo merecimento deste sacrificio he

[a] S. Chrysost. Hom. 18. sob. a 2. aos Corinth. S. Ag. Epist. 140. ou 120. a Honor. cap. 19.

[b] S. Agost. Epist. 149. ou 59. a Paulino, cap. 2. Tertull. L. 4. a Scapula, cap. 2. Euseb. Vida de Constant. L. 4. cap. 45. S. Cyrillo de Jerus. Catec. 5. Mystag. &c.

[c] Veja-se o Conc. de Trento, Sess. 22. cap. 2. do Sacrificio da Missa.

he que obtemos de Deos as difpofições neceffarias para receber com fruto os Sacramentos.

§. II. *A quem fe offerece o Sacrificio da Miffa, e a razão, por que nelle fe faz memoria dos Santos.*

P. A quem fe offerece o Sacrificio da Miffa?

R. A Deos fó, como já temos dito. [a] Facilmente nos convenceremos defta verdade pelas mefmas Orações da Miffa: na Igreja Grega, como na Latina todas ellas fe dirigem a Deos. [b]

P. Por que razão pois coftumamos fervir-nos defta expreſsão: Miffa de S. Pedro, Miffa de S. Paulo, Miffa de N. Senhora, Miffa dos Defuntos?

R. Para exprimir a Miffa, que fe celebra em memoria da Santiffima Virgem, de S. Pedro, de S. Paulo, dos vivos, e dos defuntos.

EXPLICAÇÃO.

Algumas vezes fe ufava da palavra *Miffa dos Santos*, para fignificar a *Fefta dos Santos:* affim fe dizia a Miffa de S. Martinho, para fignificar a Fefta de S. Martinho. Tomou-fe tambem a palavra Miffa por todos os Officios públicos da Igreja; mas depois que efta palavra foi determinada para fignificar fómente o Sacrificio do Altar, a Miffa dos Santos não he outra coufa mais que o facrificio, que fe offerece a Deos no dia da fua Fefta, e em que fe faz huma particular memoria delles nas Orações, que precedem o facrificio; e chama-fe Miffa dos Defuntos aquella, que fe diz com ornamentos negros, e a em que a maior parte das Orações, e das Inftrucções, que precedem, tem relação mais parti-

a §. 10. defte cap.

b S. Ag. L. 20. contra Faufto, cap. 21. L. 8. da Cid. de Deos, cap. 27. L. 22. cap. 10. Conc. de Trento, Seff. 22. cap. 3. do Sacrificio da Miffa.

ticular com os Defuntos ; mas na ſubſtancia todas as Miſſas celebradas em qualquer dia do anno que ſeja, são offerecidas a Deos ſó em memoria dos Santos, pelos Fieis vivos, e defuntos. [a]

P. Por que razão em todas as Miſſas ſe faz memoria dos Santos, e dos Fieis vivos, e defuntos?

R. Porque o ſanto Sacrificio da Miſſa he o ſacrificio de toda a Igreja. Jeſus Chriſto, Cabeça da Igreja, o offerece; a Igreja Militante ſe une a Jeſus Chriſto, ſua Cabeça, para offerecello com elle: ella ſe une tambem pela meſma razão á Igreja Triunfante; e huma, e outra Igreja implora a miſericordia de Deos por Jeſus Chriſto para a Igreja padecente. Adiante fallaremos mais largamente deſta materia, explicando as Orações da Miſſa. [b]

P. Por que razão ſe faz memoria dos Anjos, e dos Santos no Sacrificio da Miſſa?

R. 1. Para nos unirmos á Igreja do Ceo, com a qual a Igreja da terra faz hum ſó corpo, como acabámos de dizer, e explicar.

2. Para nos alegrarmos do ſeu triunfo, e das ſuas victorias, e darmos por ellas graças a Deos.

3. Para nos movermos a imitallo.

4. Para obtermos por ſua intercefsão de Jeſus Chriſto as graças, que pedimos. [c]

P. He prática muito antiga o fazer memoria dos Santos no ſanto Sacrificio da Miſſa?

R. He eſte hum coſtume, que foi ſempre obſervado em toda a Igreja. Póde cada hum convencer-ſe deſta verdade pelas Orações das Liturgias mais antigas, e pelo teſtemunho dos Padres dos primeiros ſeculos da Igreja, S. Juſtino, [d] S. Cypriano, [e] S. Cyrillo de

[a] Bona, L. 1. da Liturgia, cap. 2.

[b] §. 22. deſte cap. n. 12. 17. e 24.

[c] Conc. de Trento, Seſſ. 22. cap. 3. do Sacrificio da Miſſa.

[d] S. Juſtino, Apol. 2.

[e] S. Cypr. Epiſt. 34. e 37.

de Jerusalem, [a] S. Chrysostomo, [b] Santo Agostinho, [c] &c.

§. 12. *Por quem se offereça o santo Sacrificio da Missa.*

P. Por quem se offerece o santo Sacrificio da Missa?

R. Por todos os homens vivos, principalmente pelos Fieis, e pelos defuntos, que se achão no Purgatorio.

Explicação.

Não se nomeão publicamente na Missa senão os Fieis Catholicos, nem temos na Liturgia Latina alguma menção expressa dos Infieis. Sómente em sexta feira Santa he que se fazem por elles presentemente Orações públicas. Antigamente se dizião estas mesmas Orações em todas as Missas, ao menos naquellas, que os Bispos celebravão, [d] e ainda hoje em todas as Igrejas Catholicas dos Paizes Baixos, na ultima das Collectas do principio, e do fim da Missa, se pede a Deos cada dia a vocação dos Gentios á Fé. A intenção da Igreja he orar por elles ao menos secretamente, e pedir a Deos a sua conversão, como tambem a dos Hereges, e dos Scismaticos. Estes votos da Igreja pelos Infieis, e pelos excommungados, estão encerrados, como temos explicado, nas petições do *Pater*. Assim a Igreja ora por elles indirectamente, rezando a Oração Dominical. Esta he tambem a mente de S. Paulo, o qual diz, *que devemos orar por todos os homens, e que estas sortes de Orações são agradaveis a Jesus Christo, que quer que todos os*

[a] S. Cyrill. de Jerusal. Catec. Myst. 5.

[b] S. Chrysost. Hom. 21. sobre os Act.

[c] S. Ag. L. S. da Cid. de Deos, cap. 27. e L. 22. cap. 10. L. 20. contra Fausto, cap. 21. &c.

[d] Veja-se S. Celestino, Epist. 1. aos Bispos de França, cap. 11. e o L. *de Vocat. omnium gentium*, que se julga ser de S. Leão, L. 1. cap. 12.

os homens sejão salvos, e que cheguem ao conhecimento da verdade. [a]

P. Offerece-se o santo Sacrificio pelos condemnados?

R. Não; porque as suas penas são eternas, e não podem ser nem diminuidas, nem abbreviadas. [b]

P. Como podereis provar que se possa offerecer o santo Sacrificio pelos mortos, que se achão no Purgatorio?

R. Com a Tradição de todos os seculos, e de todas as Igrejas do Mundo.

1. Prova-se esta Tradição pelo testemunho de todos os Padres da Igreja, Tertulliano, [c] S. Cypriano, [d] Eusebio, [e] S. Cyrillo de Jerusalem, [f] Santo Epifanio, que põe no numero das heresias de Aerio o haver defendido, que as Orações, as esmolas, e o santo Sacrificio offerecido pelos mortos, erão inuteis, [g] S. Chrysostomo, [h] Santo Ambrosio, [i] Santo Agostinho. [K] Se quizessemos referir maior numero, seria necessario nomeallos todos.

2. Pelos Concilios: o quarto Concilio de Carthago, [l] o segundo Concilio Vasense, [m] o segundo de Orleans, [n] o segundo Concilio Bracarense, [o] o Concilio de

a 1. Tim. ii. 1. e seg. Tertull. Apolog. cap. 30. S. Chrys. Hom. 6. sob. a Epist. 1. a Timot. cap. 2. S. Ag. Epist. 217. ou 107. a Vital, cap. 1. S. Thom. in 4. dist. 18. q. 2. art. 1.

b Lea-se S. Ag. da origem da alma, cap. 12. Enchir. cap. 110. Da Cid. de Deos, L. 21. cap. 24. Conc. de Braga, Can. 16. e 17. de Trib. anno de 895. Can. 31. &c.

c Tertull. L. da Coroa do soldado, cap. 3. da exhortação á castidade, cap. 11. da Monogamia, cap. 10.

d S. Cypr. Epist. 66.

e Euseb. Vida de Constant.

f S. Cyrill. de Jerusalem, Catec. Myst. 5.

g S. Epif. no seu L. das heres. Heres. 75.

h S. Chrys. Hom. 3. sob. a Epist. aos Filipp.

i S. Ambr. Epist. 19. ou 8. ou 61. a Faustino sob. a morte de sua irmã.

K S. Ag. L. 9. das suas Confiss. cap. 12. e 13. Enchir. cap. 109. e 110. Do cuidado dos mortos, c. 1. e 18. E Serm. 159. ou 17. das palavras do Apostolo, cap. 9.

l O Conc. 4. de Carth. em 398. Can. 79. &c.

m Conc. 2. Vasense, em 529. Can. 3.

n Conc. 2. de Orleans, em 533. Can. 15.

o Conc. de Brag. em 563. Can. 16. e 17.

de Auxerra, [a] e outros muitos, que deixo em ſilencio para abbreviar, ſem que ſe poſſa referir hum ſó, que favoreça ſobre eſte ponto a pertenção temeraria dos Proteſtantes.

3. Pelas Liturgias de todos os ſeculos. Não ha huma ſó, que não faça menção deſtas Orações. A Igreja obſerva hoje por toda a terra o uſo de offerecer o ſanto Sacrificio pelos defuntos. Ella meſma o obſervava já univerſalmente no tempo de S. Chryſoſtomo, que o diz claramente, [b] e no tempo de Santo Agoſtinho, que o affirma tambem em termos expreſſos. [c] Obſervava-o a Igreja do meſmo modo, quando Luthero, e Calvino, á imitação de Aerio, quizerão abolillo. Não ſe póde aſſinar tempo, em que eſta prática tenha começado: he pois logo Tradição Apoſtolica, ſegundo a maxima de Santo Agoſtinho, referida já muitas vezes em outras occaſiões. [d]

P. Por que razão offerece a Igreja a Deos o ſanto Sacrificio pelos vivos?

R. Para pedir-lhe a conversão dos peccadores, a perſeverança dos juſtos, e a ſalvação de todos. Aſſima deixamos explicados os outros fins do ſanto Sacrificio. [e]

§. 13. *Explicação mais particular de muitas couſas pertencentes á Miſſa dos defuntos.*

P. Qual he a intenção da Igreja, quando offerece a Deos o ſanto Sacrificio pelos defuntos?

R. Obter de Deos que as ſuas almas ſejão aliviadas nas penas que padecem, e que ſejão livres dellas para entrar na poſſe da vida eterna.

P.

a Conc. de Auxerra, em 578. Can. 17.

b S. Chryſ. Hom. 69. ao povo de Antioq.

c S. Ag. Serm. 172. ou 32. das palavras do Apoſtolo.

d Part. 2. Secç. 2. cap. 2. §. 4. &c. S. Ag. L. 4. do Bapt. cap. 24. &c. Veja-ſe tambem S. Iſidor. de Sevilha, L. dos Offic. Eccleſ. cap. 18.

e §. 10. deſte cap.

P. Póde dizer-se que por certo numero de Missas, ou dizendo-se Missa em Altar privilegiado, se livra infallivelmente alguma Alma do Purgatorio?

R. Não. Devemos seguir unicamente o que a Igreja creo sempre, e nos tem ensinado, a saber: *Que as almas dos Fieis defuntos, que se achão no Purgatorio, são aliviadas pelas orações, esmolas, e saudavel sacrificio.* Estas são as palavras de Santo Agostinho. [a] Tudo o que se disser de mais he incerto, e devemos abster-nos neste particular, como em outros quaesquer, de todas as questões, que não servem mais que de alimentar, e entreter a curiosidade. [b]

P. Offerecia-se antigamente, como se faz hoje, o Sacrificio da Missa por cada defunto em particular?

R. Antigamente, assim como agora, nunca se offereceo o santo Sacrificio por algum Fiel vivo, ou defunto, que não se offerecesse no mesmo tempo por todos; porque a Missa he, e foi sempre o Sacrificio de toda a Igreja.

Mas além desta applicação geral do Sacrificio, sempre se applicou este em particular, como se faz ainda hoje pelos Fieis vivos, ou defuntos, que cada hum quiz recommendar particularmente. Assim consta dos antigos Concilios, [c] e dos Santos Padres: Tertulliano, [d] S. Cypriano, [e] Eusebio, [f] Santo Ambrosio, [g] Santo Agostinho, [h] S. Gregorio, [i] &c.

 P.

[a] S. Ag. Serm. 173. assima citado.

[b] Veja-se a Constituição do Arcebispo de Reims sobre os Altares privilegiados do ultimo de Outubro de 1694. E o que temos dito, fallando das Indulgencias concedidas a favor dos mortos, P. 3. Secc. 1. cap. 5. ?. 20.

[c] Estes Concilios ficão citados no ?. precedente.

[d] Tertul. L. da Monog. cap. 10.

[e] S. Cypr. Epist. 1. ou 66. ao Clero, e ao povo de Furn.

[f] Euseb. L. 4. da Vida de Constant. cap. 71.

[g] S. Ambr. Oraç. funebres de Valentiniano, de Theodosio, de Satir.

[h] S. Agost. L. 9. das Confiss. cap. 12.

[i] S. Gregor. no seu Sacrament. &c.

P. Em que dias se offerece o santo Sacrificio por cada defunto?

R. 1. No mesmo dia da morte, estando presente o corpo morto. [a]

2. No terceiro dia depois da morte, pela razão de que Jesus Christo resuscitou no terceiro dia depois da sua. [b]

3. No setimo dia, porque este he o dia de descanço de Deos. [c]

4. No dia trinta, porque he o fim do mez passado depois da morte. [d]

5. No anniversario, porque he o fim do anno depois da morte. [e]

P. Não ha superstição em observar assim os dias?

R. A observação dos dias he huma superstição, quando se faz sem motivo legitimo; mas quando temos huma boa razão para fazer alguma cousa mais em hum dia, que em outro, não he isto superstição. Assim como não he superstição observar o Domingo, e os outros dias, nos quaes os Mysterios de Jesus Christo forão celebrados. Do que temos dito se colhe, que o costume de celebrar a Missa pelos defuntos no primeiro, terceiro, setimo, trigesimo dia, e no Anniversario da sua morte, se funda em legitima razão. Por conseguinte observar ainda hoje esta antiga prática, he huma cousa santa, e louvavel.

P. Não se póde cahir em algum abuso por respeito ás Missas dos defuntos?

R. Sim; porque todos os dias se abusa das melhores cousas.

P.

a Tertul. L. da alma, cap. 51. Euseb. Vida de Constant. L. 4. cap. 71. S. Ag. L. 9. das Confiss. cap. 12.

b Constit. Apost. L. 8. cap. 42. Alcuino, L. dos Divinos Offic. cap. 50.

c S. Ambr. Or. da Fé da Resurreição. Amalar. L. 3. dos Offic. Eccles. cap. 54.

d Amalar. ibid.

e Tertull. L. da Coroa do soldado, cap. 3. As Constit. Apost. L. 8. cap. 42. Amalar. no lugar assima citado.

P. Em que podem consistir estes abusos?

R. Em não seguir sempre neste particular a intenção da Igreja, a qual deseja que nos Divinos Officios celebrados pelos mortos se evite o fasto, e a vaidade; que não se faça alguma despeza superflua, e superior á propria condição, e que não haja desvio em cousa alguma das outras regras prescriptas pela Igreja. Seria cousa mui dilatada o transcrever aqui todas estas regras, bastará para sabellas que cada hum consulte os Livros, que se chamão Rituaes, ou os Missaes; mas he necessario referir ao menos hum exemplo, que servirá de evitar hum abuso muito commum.

Quer, e ordena a Igreja, que, fóra de certos casos extraordinarios, se conforme a Missa com o Officio do dia. Os póvos pouco instruidos querem de ordinario, quando mandão dizer alguma Missa pelos seus parentes, ou amigos já defuntos, que se diga a que se chama Missa de *Requiem*, sem examinarem se he permittido, ou não o dizer-se nesse dia. Ha Sacerdotes, que neste ponto condescendem muito facilmente com a vontade dos póvos, e dizem Missas de *Requiem* quasi todos os dias: he este hum abuso. Para desarreigallo, he preciso que os póvos saibão que não ha Missas, que não sejão uteis aos vivos, e aos mortos, como pouco ha explicámos. [a] Naquellas, que não são de *Requiem*, ora-se em particular pelos mortos, que queremos recommendar especialmente a Deos, como nas outras. Para a solemnidade dos funeraes, e dos outros Officios, que se celebrão pelos mortos em certos dias assima citados, he que a Igreja dirigio as Orações, e as instrucções, que se lem nas Missas de *Requiem*. Não quer a Igreja que se faça habito de se dizerem estas Missas em outros dias. Os póvos, que assim o pedem algumas vezes com ancia por causa de huma devoção mal en-

K ii ten-

[a] No ?. 12. deste cap.

tendida, perturbão a ordem da Igreja, e por efte meio não dão a feus parentes defuntos maior alivio. Os Sacerdotes, que o permittem, entretem com efta facilidade os póvos em hum abufo, em que não quereriáo perfeverar, fe foffem inftruidos.

P. He antigo o ufo das Orações funebres nas Miffas dos defuntos?

R. Muito antigo. Affima citámos [a] as Orações funebres, que Santo Ambrofio recitou nos funeraes dos Imperadores Valentiniano, e Theodofio, e de feu proprio irmão chamado Satyro. S. Gregorio Nazianzeno fez a Oração funebre de feu proprio pai, Bifpo de Nazianzo. A intenção da Igreja neftes difcurfos he de mover os Fieis ao defapego do Mundo, e ao exercicio da penitencia pela confideração da morte, e de lhes propôr ou exemplos que imitar nas peffoas, que fazem o affumpto deftes difcurfos, ou motivos para orar por ellas.

§. 14. *Das Miffas cantadas, das Miffas rezadas, e daquellas, em que fó communga o Sacerdote.*

P. De quantos modos fe póde celebrar a fanta Miffa?

R. De dous modos. 1. Solemnemente, e com todo o apparato das ceremonias da Igreja. 2. Sem folemnidade, fem Diacono, nem Subdiacono, e fem canto. Chama-fe *Miffa cantada* o primeiro modo de celebrar; e o fegundo *Miffa rezada.*

P. Vemos na antiguidade eftes dous differentes modos de offerecer o fanto Sacrificio?

R. Vemos a ordem da Miffa folemne em S. Juftino Martyr. [b] Tertulliano faz tambem allusão a ella em

a Nefte mefmo ?. debaixo da letra g, pag. 145.

b S. Juftino, Apolog. 2. pela Religião Chriftá.

em huma das suas obras. [a] Encontra-se no Livro das Constituições Apostolicas, attribuido a S. Clemente, livro, que todo o Mundo reconhece ser da primeira antiguidade. [b] Encontrão-se finalmente vestigios della em toda a antiguidade.

O uso das Missas rezadas não he menos antigo. Encontrão-se provas delle incontrastaveis em Tertulliano, [c] em S. Cypriano, [d] em Eusebio, [e] em Sozomeno, [f] em S. Gregorio Nazianzeno, [g] na Vida de Santo Ambrosio, [h] em Santo Agostinho, [i] em S. Gregorio Magno. [K] Nos Concilios; no de Agda do anno de 506, [l] no primeiro Concilio de Orleans do anno de 511, [m] no Concilio Vasense do anno de 429; [n] em huma palavra, na Antiguidade a mais venerada, [o] e reconhecida por veneravel pelos mesmos Protestantes, que chamão aos seis primeiros seculos da Igreja os seculos puros.

P. He permittido dizer Missa, sem que alguma pessoa commungue a ella?

R. O Sacerdote, que offerece o santo Sacrificio, deve sempre commungar nelle sacramentalmente; o povo, que lhe assiste, deve ao menos commungar espiritualmente. Desejaria a Igreja que todos aquelles, que assistem á Missa, fossem tão puros, que nella pudessem commungar sacramentalmente, ou ao menos que succe-

a Tertull. Apolog. cap. 39.
b Constit. Apost. L. 8. desde o cap. 6. até o cap. 16.
c Tertull. L. da fugida durante a perseguição, cap. 14.
d S. Cypr. Epist. 5.
e Euseb. L.4. da Vida de Constantino, cap. 45.
f Sozomeno, L. 1. da Histor. Eccles. cap. 18.
g S. Gregor. Nazianz. Oração funebre de seu pai, e na de sua irmã.
h Vida de S. Ambros. escrita por Paulino Diacono, seu discipulo, n. 10.
i S. Ag. L. 22. da Cidad. de Deos, cap. 8.
K S. Greg. Magno, Hom. 37. sob. os Evang. n. 7. 8. e 9. e Epist. 43. ou 42. e 44. ou 43. do L. 6. ou 5.
l Conc. de Agda, Can. 21.
m 1. Conc. de Orleans, Can. 24.
n Conc. 2. Vasense, Can. 3.
o Bona, L. 1. da Liturg. cap. 14. Bocquil. Tr. historico da Liturg. L. 7. cap. 7.

cedesse isto a algum ; mas não prohibe por esta causa as Missas , em que só o Sacerdote communga sacramentalmente , antes pelo contrario as authoriza como boas , e santas. [a]

P. Por que razão deve commungar o Sacerdote, que offerece o santo Sacrificio ?

R. 1. Porque a communhão do Sacerdote he necessaria ao menos para a integridade do Sacrificio. 2. Porque a Igreja ordena que os Sacerdotes communguem todas as vezes que dizem Missa. [b]

P. Por que razão deve o povo, que assiste á Missa, commungar nella ao menos espiritualmente ?

R. Porque a Missa he o Sacrificio do povo , como do Sacerdote : o povo deve unir-se aos Sacerdotes para offerecello , e por conseguinte deve participar delle ao menos de coração, e de hum modo espiritual.

P. Por que razão desejaria a Igreja que o povo , que assiste á Missa , tivesse toda a pureza necessaria para commungar sacramentalmente ?

R. Porque commungando participaria do Sacrificio com mais fruto ; mas as Missas , em que sómente o Sacerdote communga , não deixão de ser boas , e santas.

1. Porque não são por esta causa sacrificios particulares. Sempre ficão sendo o sacrificio de toda a Igreja ; sacrificio commum , e geral , verdadeiro sacrificio ; assim como os sacrificios , nos quaes o Sacerdote commungava na antiga Lei , erão verdadeiros sacrificios : sacrificio , que honra a Deos perfeitamente , que o applaca , que lhe dá graças pelos seus beneficios , e que obtem os seus favores. A communhão sacramental do povo não he necessaria para algum destes fins do sacrificio.

2. A

a Conc. de Trento , Sess. 22. cap. 6. do Sacrificio da Missa. *b* Concil. 12. de Toledo ; Can. 5.

2. A Igreja nunca prohibio as Miſſas, em que ſó commungaſſe ſacramentalmente o Sacerdote: não ſe moſtrará huma ſó prohibição da Igreja neſte ponto. Prova-ſe com tudo por muitos teſtemunhos authenticos, que o uſo das Miſſas, em que ſó communga o Sacerdote, he muito antigo, ſem que ſe poſſa dizer quando começou eſte uſo. [a]

§. 15. *Dos lugares, em que deve celebrar-ſe a Miſſa, e dos Oratorios domeſticos.*

P. Em que lugar ſe deve celebrar o Sacrificio da Miſſa?

R. Os Apoſtolos o offerecião ordinariamente nas caſas particulares. [b] Colhe-ſe não obſtante de S. Paulo, que do principio havião lugares unicamente deſtinados para as Orações, e que eſtes lugares ſe chamavão Igreja. [c] Durante o tempo das perſeguições offerecia-ſe o ſanto Sacrificio em toda a parte, em que os Chriſtãos ſe podião ajuntar; nas prizões, nas eſtalagens, nas cavernas, &c. [d] Mas logo que os Chriſtãos ſe vírão livres, tiverão lugares deſtinados unicamente para as Orações públicas, e para o ſanto Sacrificio; [e] o que não impedia que em caſos extraordinarios ſe celebraſſe a Miſſa em caſas particulares. [f] Fóra deſtes caſos extraordinarios, que tem ſempre devido ſer approvados pelo Biſpo, he, e foi ſempre prohibido offerecer o ſanto Sacrificio em outra parte, que não ſeja nas

a Bona, L. 1. da Liturg. cap. 14. Confer. de Lucon, tom. 5. Confer. 15. Bocquil. 3. Trat. Hiſt. ſob. a Liturg. L. 2. cap. 7.

b Act. ii. 46.

c 1. Cor. xi. 22.

d Euſeb. Hiſt. Eccl. L. 7. c. 22.

e Tertul. de *Pudicitia*, cap. 4. Euſeb. Hiſt. Eccleſ. L. 8. cap. 1. S. Ireneo, L. 4. contra as heret. cap. 20. e 34. Orig. Hom. 11. ſob. os Num. S. Optato, L. 1. &c.

f S. Ag. L. 22. da Cidad. de Deos, cap. 8. S. Greg. Nazianz. Or. 19. Paulino Diacono, Vida de S. Ambr. Uran. Vida de S. Paulino Biſpo de Nola, n. 1.

nas Igrejas, ou Capellas ſagradas, ou bentas para eſte effeito. [a] Adiante fallaremos da ſagração das Igrejas. [b]

P. O uſo dos Oratorios domeſticos he antigo? he louvavel? he permittido?

R. O Imperador Conſtantino fez edificar hum no ſeu Palacio, como refere Euſebio. [c] Ha muito tempo que os Biſpos dão aos Principes, e aos grandes ſenhores a meſma permiſsão. [d] Permitte-ſe tambem a algumas peſſoas em caſo de neceſſidade: por exemplo, quando a Igreja da Paroquia eſtá muito longe, e que a difficuldade dos caminhos, e a ſituação dos lugares, ou outras circumſtancias, fazem que eſſas peſſoas fiquem expoſtas ſem eſte indulto a faltar com frequencia á Miſſa. [e] Mas a intenção da Igreja he que nunca ſe celébre a ſanta Miſſa nos Oratorios domeſticos, ſenão com as precauções ſeguintes, ſem as quaes ſeria abuſo fazello.

1. Não he permittido fazer dizer Miſſa nos Oratorios particulares em os dias de grandes ſolemnidades. Neſtes dias devem ir todos á Paroquia. [f]

2. Não deve permittir-ſe que algum Sacerdote eſtranho, e deſconhecido celébre nos referidos Oratorios ſem a permiſsão dos Biſpos, ou dos que para iſſo tem as ſuas vezes. [g]

3. Não ſe deve crer que a permiſsão, que ſe tem obtido para fazer dizer Miſſa em hum Oratorio domeſtico, diſpenſe a obrigação de aſſiſtir á Miſſa ao menos de

a Conc. de Trent. Seſſ. 22. do que ſe ha de obſervar na celebração das Miſſas. Conc. de Reims anno de 1583. Conc. de Burges 1584. Conc. de Toloſa 1590. &c.

b Cap. 8. 7. 7. e 8.

c Vida de Conſtant. L. 4. capit. 17. Sozom. L. 1. da Hiſt. Eccleſ. cap. 8.

d Capit. de Carlos Magno, L. 6. cap. 102. Bocquil. Liturg. L. 2. cap. 7.

e Capit. L. 5. cap. 334.

f Conc. de Agda do anno de 506. Can. 21.

g Conc. de Paris no anno de 1212. Can. 9.

de tres Domingos hum, e com mais frequencia, sendo possivel commodamente. [a]

4. Convem seguir exactamente os Estatutos, que os Bispos fazem em cada Diecese por respeito aos Oratorios domesticos.

5. He preciso ter cuidado que os vasos sagrados, e os ornamentos das Igrejas se conservem com decencia, e com asseio, e nada falte do que he necessario para o decóro de tão grande Sacrificio.

6. Deve o Paroco visitar de tempos em tempos todos os Oratorios domesticos da sua Paroquia, para vèr se nelles se celébra com a decencia conveniente, e dar aviso ao Superior daquillo a que se faltar, e do que se fizer contra as regras. Os Estatutos Synodaes de quasi todas as Dieceses ordenão estas precauções, e outras, que são particulares em cada Paiz. [b]

§. 16. *Dos Altares, nos quaes se deve celebrar o santo Sacrificio, e da roupa, vasos sagrados, paramentos, e ornamentos, que servem ao Altar.*

P. O uso dos Altares para offerecer o santo Sacrificio da Missa he antigo na Igreja?

R. Este uso vem dos Apostolos; S. Paulo falla delle. [c] Todos os Santos Padres fazem tambem menção delle; Tertulliano, [d] Santo Ireneo, [e] S. Cypriano, [f] Santo Optato, [g] S. Chrysostomo, [h] Santo Agostinho, [i] &c.

P.

a Conc. de Elvira, Can. 21. Conc. Sardic. do anno de 374. Can. 11. Conc. de Lavaur do anno de 1368 Can. 84. &c. Veja-se assima P. 2. Secc. 4. cap. 3.

b Conc. de Trento, Sess. 22. cap. do que he preciso observar, e evitar na celebração das Missas. Act. da Igreja de Milão, tit. das Capellas domesticas.

c 1. Cor. x. 21. e Heb. xiii. 10.

d Tertull. L. 1. a sua mulher, cap. 7.

e S. Ireneo, L. 4. contra as heres. cap. 34.

f S. Cyprian. Epist. 1. ou 66.

g S. Optato, L. 6. contra os Donatistas.

h S. Chrysost. L. 6. do Sacerdocio, &c.

i S. Agost. L. 9. das Confiss. cap. 11.

P. De que materia erão estes Altares na antiguidade?

R. Parece que erão indifferentemente de madeira, ou de pedra, durante as perseguições, porque então se offerecia o santo Sacrificio em toda a parte, em que se achava commodidade, e os Altares portateis não estavão ainda em uso. No quarto seculo da Igreja se usava indifferentemente dos Altares de madeira, ou de pedra. S. Gregorio Nisseno falla de hum Altar de pedra; [a] Santo Athanasio falla de hum Altar de páo. [b] Vem-se tambem na antiguidade Altares de ouro, e de prata. Ha largo tempo que a Igreja tem prohibido offerecer o santo Sacrificio sobre Altar, que não seja de pedra. Alguns julgárão que o Papa S. Sylvestre, que vivia no tempo do Imperador Constantino em o quarto seculo, era o author desta Lei; mas não se dão provas certas desta verdade. Seja como for, o uso dos Altares de pedra está estabelecido ha largo tempo. [c]

P. Por que razão ordenou a Igreja que os Altares fossem de pedra?

R. Porque o Altar representa particularmente a Jesus Christo, que he chamado na Escritura a Pedra angular. [d]

P. O uso de pôr as reliquias dos Santos debaixo dos Altares he antigo na Igreja?

R. Não sabemos o seu principio; mas vemos este uso geralmente estabelecido desde o quarto seculo da Igreja. [e] O que podia dar fundamento a este uso he, 1. O que está escrito no Apocalypse, que S. João vio debaixo do Altar as almas dos Martyres. [f] 2. A neces-

si-

a S. Greg. Niss. Or. sob. o Baptismo de Jesus Christo.

b S. Athanas. Epist. aos Solitarios, n. 56.

c Bocquil. L. 1. da Liturg. cap. 5.

d Ps. cxvii. 22. Matth. xxi. 42. Efes. ii. 20.

e S. Jeron. contra Vigilancio. S. Agost. L. 20. contra Fausto, cap. 21. &c.

f Apocal. vi. 9.

ſidade, em que ſe eſtava no tempo da perſeguição de dizer a Miſſa nos lugares ſubterraneos ſobre os ſepulcros dos Martyres. E a Igreja manifeſta por meio deſte uſo, que os Santos eſtão unidos, e incorporados a Jeſus Chriſto, figurados pelo Altar no lugar do Apocalypſe, que fica citado. [a]

P. O uſo de levantar muitos Altares na meſma Igreja he antigo?

R. Na Igreja Grega nunca houve mais de hum Altar na meſma Igreja, porque nunca ſe diſſe mais que huma Miſſa por dia em cada Igreja. Mas junto dos grandes Templos ha ſempre muitas Capellas ſeparadas delles, e que não fazem hum meſmo corpo de edificio com a Igreja principal. Neſtas Capellas ſe diz Miſſa.

Na Igreja Latina as referidas Capellas fazem hum meſmo corpo de edificio com a Igreja principal; e o uſo de haver nella muitos Altares he antiquiſſimo. Santo Ambroſio faz a eſte ponto allusão em huma carta a ſua irmã. [b] S. Gregorio Magno eſcrevendo a Paladio Biſpo Santonenſe, o exhorta a prover á ſubſiſtencia dos Sacerdotes, que ſe occupaſſem no ſerviço de todos eſtes Altares. [c]

P. O uſo das pequenas mezas de pedra, ou de marmore conſagradas pelo Biſpo para offerecer o ſanto Sacrificio nos lugares, onde não ha Altares fixos, que ſejão conſagrados; eſte uſo, digo, he antigo?

R. O uſo dos Altares portateis, porque aſſim ſe chamão eſtas pedras conſagradas, he antigo na Igreja Latina. O Veneravel Beda, que vivia no ſetimo ſeculo, faz menção delles. [d] Hincmar Arcebiſpo de Reims, que vivia no nono ſeculo, tambem falla delles. [e]

Be-

a S. Ambr. ou o Author dos Livros ſob. os Sacram. L.4. cap.2. e L. 5. cap. 2.

b Epiſt. 20. ou 33. ou 14.

c Epiſt. 50. do L. 5. Bona, L. 1. da Liturg. cap. 14. Bocquil. ibid.

d L. 5. da ſua hiſt. cap. 11.

e Nos Capit. do anno 12. de ſeu Epiſcopato.

Beda he o Author mais antigo, que fallou destes Altares: Antes deste tempo não se acha vestigio delles.

Os Gregos em lugar dos Altares portateis de pedra, ou de marmore, de que usão os Latinos, consagrão com muitas Orações, e ceremonias toalhas de panno branco, que estendem sobre os Altares não consagrados, em que querem dizer Missa. A estas toalhas consagradas chamão elles *Antiminsia*, e o seu uso he antigo na Igreja Grega. [a]

P. O uso das toalhas, com que se cobre o Altar; dos corporaes, das pallas, dos calices, das patenas, e dos paramentos do Altar, he muito antigo na Igreja?

R. Tudo isto he antiquissimo; mas tem acontecido algumas mudanças no modo de usar de muitas destas cousas, e na sua antiga fórma. [b]

P. O uso de pôr flores sobre os Altares he muito antigo?

R. Antigamente não se punhão jarras de flores sobre os Altares, o contrario uso he novo, e ainda não está recebido nas Igrejas mais célebres, e apenas usado em alguma Cathedral; mas o costume de derramar flores ou sobre o Altar, ou á roda delle, he antiquissimo. Santo Agostinho faz menção deste uso no Capitulo 8. do Livro 22. da Cidade de Deos, onde refere o milagre, que Deos obrou para recompensar a fé de hum homem, que tomou algumas flores do Altar de huma Igreja, em que se conservavão as Reliquias do Santo Estevão, primeiro Martyr, e que metteo estas flores debaixo da cabeça de hum enfermo, do qual desejava obter a cura, e a conversão. Santo Agostinho para manifestar que este milagre havia sido obrado por intercessão de Santo Estevão, como tambem outros

mui-

a Veja-se Goar nas suas notas sob. o Euchol. Bona, L. 2. da Liturg. cap. 20. Ducange, *Glossarium Graecum*.

b Bona, L. 1. da Liturg. cap. 25. Bocquil. Trat. Hist. sob. a Liturg. L. 1. cap. 5. e 8.

muitos, que refere no mesmo lugar, nota que o referido homem sendo curado, e convertido, conservou sempre depois as seguintes palavras na boca: *Senhor Jesus, recebei o meu espirito.* O que elle dizia (accrescenta Santo Agostinho) sem saber que Santo Estevão era o primeiro, que havia pronunciado estas palavras estando para espirar. Que favoraveis testemunhos para a Igreja Catholica nesta só relação de Santo Agostinho! [a]

P. De que materia devem ser os calices, e as patenas para o uso do santo Sacrificio?

R. Usou a antiguidade de calices de páo, de pedra, de vidro, de ponta de boi, de metal, de estanho, de prata, e de ouro; mas ha largo tempo que a Igreja tem ordenado, que os calices não sejão senão de ouro, ou de prata; e sendo de prata, deve ser dourada por dentro a copa delles. O mesmo se deve dizer da patena. [b]

Ainda hoje se vem calices de metal em algumas Igrejas muito pobres; mas os Bispos geralmente ordenão, que ao menos a copa do calis seja de prata. Sobre este particular deve seguir-se exactamente o estatuto de cada Bispo.

P. He permittido que cada hum grave as armas da sua familia nos calices, e patenas, que der ás Igrejas?

R. Não he licito. O mais que se póde permittir he, que se gravem estas armas no pé do calis pela parte interior, e que fica debaixo; e na parte exterior do mesmo pé deve insculpir-se huma cruz. Quanto á patena ha de ser dourada por dentro sem mais nada.

§. 17.

a Veja-se S. Agost. no mesmo lugar.

b Bona, L. 1. da Liturg. cap. 25.

§. 17. *Das Vestimentas sagradas, que servem aos Bispos, e aos Sacerdotes, quando dizem Missa, e das dos Ministros inferiores, como tambem da sua antiguidade, e significação.*

P. Por que razão se servem os Bispos, e os Sacerdotes, quando celebrão, de habitos, ou vestidos differentes do que usão ordinariamente?

R. Antigamente a fórma das vestimentas, de que se usava nas funções sagradas, era a mesma que a dos vestidos ordinarios, assim para os Bispos, como para os Sacerdotes, e Ministros inferiores. Com tudo para maior asseio se servia a Igreja de vestidos, que não erão destinados senão para as funções do Ministerio, e que por esta razão erão mais preciosos. Se hoje ha differença entre a fórma das vestimentas sagradas, e a dos outros vestidos, derão causa a ella as modas do seculo, em lugar de que a Igreja conservou sempre a antiga fórma das vestimentas; e se tem havido nesta parte alguma mudança, he pouco consideravel, comparada com a que costuma succeder com as modas do seculo. [a]

P. He cousa louvavel que os Ministros da Igreja se sirvão de vestidos particulares para o uso das funções sagradas?

R. Se he mui conveniente que na administração da justiça, ou nas ceremonias civís se sirvão os Ministros, e outras pessoas de vestidos destinados unicamente para estas funções, como se ha de reputar por máo que na mais augusta de todas as ceremonias da Religião se sirvão os seus Ministros de vestidos destinados para esta

a Ferrarius de *re vestiaria.* Bona, L. 1. da Liturg. cap. 44. Thomass. Disciplina da Igreja, P. 1. L. 2. cap. 45. 47. 49. e 52. da edição Latina. Bocquil. L. 1. da Liturg. cap. 47.

ta só acção? Que ha nisto, que não se conforme á boa razão, e ás regras da Fé? O mesmo Deos tinha ordenado na antiga Lei, que os Sacerdotes, e os outros Ministros do Templo fizessem as suas funções com vestidos particulares. O mesmo uso se observou tambem sempre na Igreja, como se vê nos Livros assima citados. Este uso era universal até o tempo, em que os Protestantes o abolírão em muitos lugares, porque elles o não desterrárão de toda a parte, e se observa ainda em Inglaterra pelos que seguem a Liturgia Anglicana. He preciso ter bem vontade de disputar com a Igreja, para fazer-lhe crime de hum uso tão racionavel, e de outra parte tão indifferente como este.

P. Por que razão usa a Igreja humas vezes de huma côr, outras de outra, nas vestimentas sagradas?

R. Para representar com estas cores os Mysterios, que se honrão, ou as Festas, que se celebrão. Em Roma se usa, por exemplo, da côr branca nos Mysterios gloriosos de Jesus Christo, nas Festas das Virgens, &c.; da vermelha nas Festas dos Martyres; e da roxa nos dias de penitencia; da negra nas exequias funebres; da verde nos Domingos, e ferias do anno. Neste particular ha em muitas Igrejas differentes usos, como sobre todas as outras cousas, que são unicamente de Disciplina Ecclesiastica, e de uso arbitrario.

P. Tem estas vestimentas algumas significações mysteriosas?

R. O Pontifical Romano lhes dá algumas, e os Santos Padres fazem tambem allusões moraes sobre as mesmas vestimentas. [a] Mas estas significações espirituaes, e moraes, que se attribuem ás referidas vestimentas, fallando com propriedade, não são mais que reflexões pi-

[a] S. Chrys. Hom. 82. ou 83. sob. S. Matth. &c.

piedosas para ajudar os Ministros do Senhor a elevar-se a Deos, quando usão das mesmas vestimentas.

O amicto, que os Sacerdotes, os Diaconos, e os Subdiaconos põem sobre a cabeça, e á roda do pescoço, he reputado como symbolo da circumspecção, que devem ter no ver, e fallar.

A alva, e sobrepelliz por sua alvura, são imagem da pureza, e da candidez, de que os Sacerdotes, e os outros Ministros devem estar revestidos.

O cingulo, que se põe sobre a alva, he final da castidade. *Que os vossos rins estejão cingidos*, diz Jesus Christo; [a] isto he, *sede castos*, como interpreta S. Gregorio. [b]

O manipulo, que se põe no braço esquerdo, e que antigamente era huma especie de lenço, que servia aos Ministros de alimpar as mãos, e o rosto, indica os frutos das boas obras. [c]

A tunica dos Subdiaconos, e a dalmatica dos Diaconos, são ornamentos de alegria, e de solemnidade, que mostrão a santa alegria, com que os Ministros do Senhor devem servir ao Altar. [d]

A estola he reputada como final do poder ligado ao caracter. Antigamente os Bispos, e os Sacerdotes trazião sempre a estola, ainda fóra do tempo das funções Ecclesiasticas. O Papa he o unico hoje, que tem conservado este antigo uso. [e] Os Diaconos põem a estola sobre hum dos hombros, em lugar de que os Sacerdotes a põem sobre ambos. Procede este uso da antiga fórma das estolas, que, conforme a significação desta palavra em Latim, erão vestiduras largas, e compridas. Accrescentárão-se-lhes depois humas grandes faxas de estofo unidas por diante sobre as bordas da vestidura. Deixou-se em fim o uso da vestidura, e conser-

a Luc. xii. 35.
b Hom. 13. sob. os Evang.
c Pontifical.
d Pontifical.
e Gavanto sob. as Rubr. P. 2. tit. 6.

ſervárão-ſe ſómente como ornamento as faxas, dando-lhes ſempre o nome de eſtola. Os Diaconos para commodidade do miniſterio dobravão a referida veſtidura, e a tomavão ſobre o braço eſquerdo, para ficarem com os braços mais livres. Por eſta razão he que ainda hoje usão da eſtola aſſim tomada, conforme o antigo Decreto do quarto Concilio de Toledo. [a] Seja como for, os Diaconos ſe diſtinguem dos Sacerdotes por meio deſte ſinal exterior, como he juſto; porque os Diaconos não tem mais que huma porção do caracter Sacerdotal. Os Sacerdotes usão hoje da eſtola cruzada diante do peito, para demonſtração que o ſeu poder tem toda a ſua força, e virtude da Cruz de Jeſus Chriſto. Os Biſpos não cruzão a eſtola ſobre o peito como os Sacerdotes, porque a cruz de ouro que trazem ſuppre a iſſo. Antigamente na maior parte das Igrejas não cruzavão os Sacerdotes a eſtola á maneira dos Biſpos; e tal he ainda o coſtume dos Cartuchos, e dos Religioſos de Cluni. Eſtas couſas são de arbitraria diſciplina, e por iſſo cada hum deve ſeguir o ſeu uſo.

A caſúla não era antigamente como agora: ella póde conſiderar-ſe como ſymbolo da caridade, e da authoridade Sacerdotal. [b]

As caligas, e ſandalhas, de que uſavão os Biſpos, podem fazellos lembrar, que devem ter, como diz S. Paulo, hum calçado, que os diſponha a ſeguir, e annunciar aos outros o Evangelho da paz. [c] Os Sacerdotes, e os Miniſtros inferiores uſavão antigamente das caligas, e ſandalhas, de que hoje ſómente usão os Biſpos.

A tunica, e a dalmatica, que os Biſpos põem huma ſobre outra debaixo da caſúla, quando celebrão ponti-

[a] Conc. 4. de Toledo do anno de 633. Can. 40.

[b] Pontifical.

[c] Efeſ. vi. 15.

ficalmente, podem ſignificar as differentes virtudes, de que devem eſtar reveſtidos: e todos eſtes ornamentos ſe cobrem com a caſúla, ſymbolo da caridade, que ſó incerra todas as virtudes.

O pallio, que o Papa envia aos Arcebiſpos, he reputado como ſinal da plenitude do poder Archiepiſcopal. [a]

Aſſima fallámos dos outros ornamentos dos Biſpos, explicando a ceremonia da ſua ſagração. [b]

P. Donde veio o uſo das capas, chamadas antigamente pluviaes?

R. Erão antigamente huns capotes, que ſe trazião em tempo de chuva nas Procisſões; e o capello, que tem por detrás, era hum capuz para cubrir a cabeça. Depois ſe fizerão eſtes capotes de hum eſtofo mais precioſo, e ſe uſárão na Igreja como ornamento nos Officios ſolemnes. [c]

P. Qual era a antiga fórma das caſúlas?

R. A caſúla antigamente era toda redonda, e aberta no meio: veſtia-ſe por ſima da cabeça, como agora ſe faz, e cubria todo o corpo igualmente por toda a parte de ſorte, que occultava os braços. Ainda ſe vem deſtas antigas caſúlas em muitas Igrejas. Os Cartuchos de Avinhão conſervão huma muito precioſa, que lhes foi dada por hum Papa: e tal era o ordinario veſtido, de que uſavão os antigos no exercicio da vida civil. [d]

Eſta antiga fórma das caſúlas deo occaſião a muitas ceremonias, que ainda eſtão em uſo.

1. O Sacerdote tinha a caſúla eſtendida de todo, quando dizia a Confisſão com os Miniſtros ao pé do Al-

a Thomaſſ. Diſciplina da Igreja, P. 1. L. 2. cap. 53. até 57. da edição Latina.

b Secç. 1. deſta P. cap. 7. §. 13. Vejão-ſe as outras ſignificações eſpirituaes de todos eſtes ornamentos em Gavanto, P. 2. tit. 1. n. 3. 4. 5. e 6.

c Ferrar. L. 1. cap. 39. Thomaſſ. nos lugares aſſima citados.

d Ferrar. de *re veſtiaria*, L. 1. cap. 1.

Altar: não lhe era tomada ſobre os braços, ſenão quando ſubia ao Altar; e então ſómente ſe lhe punha o manipulo no braço eſquerdo, porque ſeria inutil terlho poſto antes, por não poder ſer de algum uſo. Eſta he a razão, por que ainda hoje ſe não dá o manipulo aos Biſpos, ſenão depois de feita a Confiſsão ao pé do Altar. [a]

2. O pezo da caſúla fazia que o Sacerdote levantaſſe os braços com difficuldade; e quando era obrigado a levantallos, lhe ſuſtinhão a caſúla. Daqui vem o coſtume de levantar a caſula do Sacerdote, quando elle eleva a Hoſtia, ou o Calis depois da conſagração. [b]

3. Os Diaconos, e os Subdiaconos ſe ſervião antigamente das caſúlas da meſma fórma que os Sacerdotes; e para não ſe verem embaraçados com ellas nas funções do Miniſterio, em que lhes era neceſſario ter livres os braços, dobravão inteiramente as caſúlas por diante até a altura dos braços; e o Diacono, que depois do Evangelho até o fim da Communhão tem mais que fazer que no reſtante da Miſſa, largava a caſúla ao Evangelho para ficar com os braços mais deſembaraçados, e não a tornava a tomar ſenão depois da Communhão. Em muitas Igrejas não a largava; mas a dobrava, e a trazia tomada debaixo do braço eſquerdo em fórma de eſtola: uſo, que na Quareſma ſe tem conſervado até ao preſente em Narbonna, Reims, Ruam, Sens, Toul, e em outras partes.

Daqui vem o uſo, que ſubſiſte ainda em Roma, e em muitas Igrejas, que ſeguem o rito Romano, que nos dias de jejum, ou de penitencia, dias, nos quaes ſe tem conſervado em muitas couſas os veſtigios da antiguidade, o Diacono, e o Subdiacono ſervem ao Altar

a Bona, L. 2. da Liturg. cap. 24. n. 5.

b Bona, L. 1. da Liturg. cap. 24. n. 8.

com casúlas tomadas por diante, e o Diacono larga a casúla, quando vai cantar o Evangelho, sem que a torne a tomar senão depois da Communhão, e neste meio tempo traz huma grande, e larga estola tomada debaixo do braço esquerdo, cujo uso he menos antigo, servindo assim a referida estola em lugar de casúla, que se dobrava, e tomava tambem debaixo do braço. [a] Em París nos dias de penitencia, em lugar das casúlas dobradas por diante, trazem os Diaconos, e os Subdiaconos as mesmas casúlas postas de través, e as largão quando fazem as funções, em que a casúla os pudessem embaraçar. Trazem-na assim para conservar de huma parte este vestigio da antiguidade, e pôr da outra differença entre a vestidura do Sacerdote, e a de seus Ministros. Estas cousas são de arbitraria disciplina.

Talvez que por esta mesma razão he que na ceremonia da Ordenação dá o Bispo aos novos Sacerdotes a casúla tomada por detrás com differença dos Diaconos, que a tinhão dobrada por diante. O Bispo não lha desdobra inteiramente senão no fim da Missa, no qual tempo não tem os novos Sacerdotes já necessidade do uso das mãos no que resta a fazer.

Os Gregos conservárão até o presente a antiga fórma das casúlas. Os Latinos a tem aberto pouco a pouco pelos lados para commodidade do Ministerio. Tem-se feito isto sem alguma ordem da Igreja; e esta abertura chegou em fim pela succesão do tempo até ao ponto, em que a vemos hoje. Não ha mais de sessenta annos que as antigas casúlas em certas Igrejas de França, e em outras partes descião da parte dos lados mais de hum covado. [b] Esta antiga fórma das casúlas, que cubrião todo o corpo, podia considerar-se co-

a Bona ibid.

b Bona ibid. Bocquil. L. 1. da Liturg. cap. 7.

como final expreſſo da caridade, que abraça tudo, e de que o Sacerdote deve eſtar, para o dizer aſſim, cuberto todo, e todo penetrado, para cumprir dignamente as funções do ſeu miniſterio.

§. 18. *Dos dias, e das horas da celebração do ſanto Sacrificio da Miſſa.*

P. Quaes são os dias, em que a Miſſa deve ſer celebrada?

R. 1. He certo que Jeſus Chriſto inſtituio o Sacrificio da Miſſa para ſer celebrado na Igreja até o fim dos ſeculos. [a]

2. He veroſimel que na Igreja de Jeruſalem, fundada pelos Apoſtolos logo depois da deſcida do Eſpirito Santo, ſe dizia a Miſſa todos os dias. S. Lucas diz aſſim: *Hião os Apoſtolos* TODOS OS DIAS *ao Templo, permanecendo unidos na Oração, e* PARTINDO O PAÕ PELAS CASAS. [b] Pouco antes tinha dito, que os *Fieis perſeveravão na doutrina dos Apoſtolos, e na communhão da* FRACÇAÕ DO PAÕ. Daqui ſe colhe que S. Lucas quer indicar a Eucariſtia pela palavra de *Fracção do pão*; e por conſeguinte que intenta perſuadir-nos, que os Apoſtolos celebrárão cada dia o ſanto Sacrificio da Miſſa pelas caſas.

3. He facto eſte conſtante pela Tradição, e de que temos veſtigios na Sagrada Eſcritura, [c] que em cada Domingo ſe ajuntavão ſempre todos os Fieis para a celebração do Sacrificio. O meſmo ſe ha de dizer dos dias de Feſta, dos quaes muitos são de Tradição Apoſtolica, como já havemos dito. [d]

4. No que reſpeita aos dias de trabalho, a Diſciplina da Igreja não tem ſido uniforme em toda a parte.

Ha

a 1. Cor. xi. 24. 25. &c.
b Act. ii. 42. e 46.
c Act. xx. 6. 7. e 8.

d No 1. Mandamento da Igreja, §. 1. P. 2. Secç. 4. cap. 2. E no 4. cap. 5.

Ha Igrejas, diz Santo Agostinho, [a] *nas quaes se offerece todos os dias o Sacrificio; outras ha, em que se offerece o Sacrificio nos sabbados, e Domingos sómente; e outras só nos Domingos.* Santo Agostinho accrescenta, que neste particular deve cada Igreja seguir o seu uso. Antigamente se celebrava, ou ao menos se commungava todos os dias na Igreja de Roma, e na de Alexandria. Isto mesmo se fazia mais raramente na maior parte das Igrejas do Oriente. Ainda agora se costuma nas Igrejas Orientaes o não dizer Missa na Quaresma, senão nos sabbados, e Domingos. Na Igreja de Milão nunca na Quaresma se diz Missa nas sextas feiras; mas todo o restante da Igreja Latina a diz presentemente todos os dias, exceptuando sexta feira Santa. Na maior parte dos antigos Mosteiros do Occidente não se celebrava ordinariamente a Missa, senão nos Domingos, e Festas; e tal foi por largo tempo o uso dos Cartuchos. Estes differentes usos são de huma disciplina, que póde mudar. Cada hum deve seguir neste ponto, como diz Santo Agostinho, o que se pratíca na sua Igreja, sem reprehender as outras. Mas o que não he, nem foi nunca indifferente, he a celebração do santo Sacrificio nos Domingos, e dias festivos; [b] e os Protestantes, que reduzírão a quatro vezes no anno a celebração da sua Cea, se tem nisto apartado certamente da prática dos Apostolos, e de todas as Igrejas do Mundo em todos os seculos. Glorião-se de seguir inviolavelmente a Sagrada Escritura, e manifestamente se oppõem a ella neste particular, e em outros muitos, por não dizer que o fazem em todos os pontos, em que são oppostos á Igreja Catholica. Cada hum delles poderá convencer-se facilmente desta verdade, lendo a presente Obra sem prevenção. Mate-

a Epist. 54. ou 118. a Januar. 14. e 18. Bocquil. Trat. Historico sob. a Liturg. L. 2. cap. 3.
cap. 2.
b Bona, L. 1. da Liturg. cap.

teria he esta, em que devem abrir os olhos os que se achão com boa intenção; e isto mesmo se lhes pede pelas entranhas da misericordia de Jesus Christo, e por todo o zelo, que são obrigados a ter para a sua propria salvação.

P. O uso de dizer muitas Missas cada dia na mesma Igreja he antigo?

R. Já temos dito que no Oriente não ha mais de hum Altar em cada Igreja, e que nunca se dizem duas Missas por dia no mesmo Altar. Este uso he antigo na Igreja Grega.

O uso de dizer muitas Missas em cada Igreja ou no mesmo Altar, ou em differentes, he tambem muito antigo no Occidente. E muitas vezes o mesmo Sacerdote he que dizia estas differentes Missas, como ainda se pratíca entre nós no dia de Natal. Mas não era tão ordinario na antiguidade, que cada Sacerdote, ao menos nos dias de Domingos, e Festas, dissesse a Missa separada. Todos assistião á Missa commua, e offerecião juntamente o santo Sacrificio com o Bispo, ou com o Sacerdote officiante. Temos hum vestigio deste uso nas Ordenações dos Bispos, e dos Sacerdotes: os novos Bispos, e os novos Sacerdotes dizem então a Missa juntamente com o Bispo consecrante. O mesmo se pratíca ainda, seguindo o antigo uso, em París, Vienna, e noutras Igrejas célebres em Quinta feira Santa, e em outros dias solemnes, nos quaes o Bispo diz a Missa acompanhado de muitos Sacerdotes, que celebrão com elle.

A necessidade de satisfazer ás differentes fundações, ou por outras razões, tem sido causa de que depois dissesse cada Sacerdote a Missa separadamente, ainda nos Domingos; e assim he que se introduzio pouco a pouco o uso, que hoje existe. Cousas são es-

tas

tas de arbitraria disciplina, e que nada mudão á fé da Igreja. [a]

P. Em que hora se offerecia antigamente o santo Sacrificio da Missa?

R. Jesus Christo o instituio, como temos dito, em huma quinta feira á noite depois da cea, na vespera da sua Paixão. [b]

Mas a Igreja, seguindo a Tradição dos Apostolos, julgou que o respeito devido a Jesus Christo pedia que não se commungasse senão em jejum. Tal foi em todos os tempos a prática da Igreja. [c]

Com tudo por largo tempo se exceptuou desta regra o dia de Quinta feira Santa, no qual se dizia antigamente a Missa depois de cea, para representar neste dia mais exactamente o que Jesus Christo tinha feito. [d] Tambem em alguns lugares se exceptuou desta regra a necessidade de commungar hum enfermo em perigo de morte, quando não havião Hostias consagradas, porque então se permittia em algumas Dieceses celebrar a Missa de tarde, ainda que se tivesse já dito a Missa de manhã, e que o Sacerdote não se achasse em jejum. [e] Mas estes usos já não subsistem, nem he permittido aos Sacerdotes particulares o reduzillos á prática.

Em consequencia desta Tradição da Igreja de dizer a Missa em jejum, a hora della antigamente se adiantava, ou retardava, segundo se adiantava, ou retardava a hora da comida. A Missa solemne se dizia ordinariamente depois de Terça, isto he, depois das nove ho-

a Bona ibid. Bocquil. ibid. e cap. 1. e 4. do mesmo L.

b 1. Cor. xi. &c.

c S. Ag. Epist. 54. ou 118. a Januar. Tertull. L. 2. dirigido a sua mulher, cap. 5. S. Cyprian. Epist. 63. S. Basil. cap. 1. Hom. 1. do jejum. S. Greg. Nazianz. Discurs. 40. n. 41.

d Conc. 3. de Carth. do anno de 397. Can. 29. Conc. 2. de Macon do anno de 585. Can. 6. Conc. de Auxerra do anno de 578. Can. 19. &c.

e Veja se o Synodo de Langres do anno de 1404. Os de 1452. e 1455.

horas da manhã. Nos dias de jejum ordinarios começava a Missa depois da Sexta; quero dizer, depois da hora do meio dia, porque não se comia senão ás tres horas depois do meio dia; e nos dias de jejum da Quaresma não começava senão depois de Noa, isto he, tres horas depois do meio dia, porque não se comia senão depois de Vesperas, que se dizião depois da Missa pelas sinco, ou seis horas da tarde.

Vem-se ainda vestigios deste antigo uso nas Igrejas, em que se celebra o Officio Canonico, porque se diz a Missa ordinariamente depois do Officio da Terça. Nos dias de Vigilias, e das quatro Temporas, depois do Officio de Sexta, e nos dias de jejum da Quaresma, depois do Officio de Noa. Mas a hora destes Officios foi anticipada nos dias de jejum, como já temos dito, fallando do jejum da Quaresma. [a]

P. Qual he presentemente a hora destinada para a Missa?

R. As Missas rezadas podem celebrar-se desde o romper do dia até ao meio dia: e o Missal de París nota que nos dias de jejum se póde começar hum pouco depois de dado o meio dia, no que se confórma com o antigo uso. Neste particular deve seguir-se o costume dos lugares, e os Estatutos dos Bispos. Não he licito ao Paroco adiantar a hora da Missa da Paroquia em attenção de alguma pessoa nobre; e as Ordenações do Reino prohibem expressamente aos Senhores que violentem os Parocos para isso. [b]

§. 19.

[a] 2. P. Secç. 4. cap. 6. §. 2. Bocquil. L. 2. da Liturg. ca-
[b] Edicto de Carlos IX. art. 3. pit. 6.

§. 19. *Da ſantidade, e das diſpoſições interiores, com que devem achar-ſe os que dizem Miſſa.* (*)

P. Qual déve ſer a diſpoſição interior, e a ſantidade daquelle, que diz Miſſa?

R. A diſpoſição de hum homem, que tem o lugar de Jeſus Chriſto na acção mais importante da Religião, e que he o depoſitario, para o dizer aſſim, dos votos de toda a Igreja. Era preciſo ſer Santo na antiga Lei para ſe achar em eſtado de fazer queimar os perfumes ſobre o Altar do Sanctuario, e para pôr os Pães de Prepoſição ſobre a Meza deſtinada para recebellos. *Os Sacerdotes*, diz a Eſcritura, [a] *ſe conſervarão Santos para com o ſeu Deos, porque offerecem o incenſo do Senhor, e os pães do ſeu Deos: por iſſo ſerão Santos.* E para moſtrar a precisão deſta ſantidade, não podião os Sacerdotes entrar no Sanctuario ſem ter lavado primeiro as mãos, e ſegundo muitos Interpretes, os pés no mar de cobre, que eſtava collocado na entrada do veſtibulo do Sanctuario. Qual deve pois ſer a ſantidade daquelle, que offerece o Santo dos Santos, que o faz preſente ſobre o Altar, que o immola myſticamente, e que eſtá carregado de hum miniſterio elevado ſobre todas as funções dos Santos Anjos? Parece que não póde haver temor de exaggeração neſte particular, e que tudo o que ſe diſſer da ſantidade, em que os Biſpos, e os Sacerdotes devem viver, e da pureza, com que hão de aſſiſtir ao Altar, fica abaixo da verdade.

Com tudo como eſte Miniſterio, por grande que ſeja, deve ſer exercido na terra por homens mortaes, e por conſeguinte peccadores, he certo que a ſantidade, que

(*) Não convem que ſe lea eſte §. 19. publicamente nas Igrejas.

a Levit. xxi. 6.

que Deos requer dos Bispos, e dos Sacerdotes, não chega a pedir-lhes que sejão izentos de culpas veniaes; porque se isto assim fosse, nenhum poderia ser elevado ao Sacerdocio. Mas devem ao menos, para achar-se em estado de offerecer dignamente o Santo Sacrificio, não ter algum affecto ao peccado venial; estar verdadeiramente desapegados do Mundo, e de si mesmos; viver unidos intimamente com Jesus Christo; suspirar com ardor pelo Ceo; e reputar-se, principalmente quando vão dizer Missa, como victimas sempre promptas a immolar-se por Jesus Christo, a quem offerecem, e com quem devem offerecer-se a Deos. Os Sacerdotes, que por sua precipitação, e exterior decipado, mostrão que celebrão a Missa sem estar penetrados destas grandes verdades, preparão para si hum juizo bem terrivel; e com razão ainda mais forte os que se atrevem a chegar ao Altar santo com huma consciencia manchada de grave culpa.

Desejaria a Igreja, que os que dizem Missa tivessem conservado a innocencia do seu Baptismo. Ella permitte hoje na verdade que aquelles, que a tem reparado com larga, e syncera penitencia, sejão ordenados Sacerdotes, quando não tiverem feito huma vida notoriamente infame, ou escandalosa; se de outra parte podem com o seu zelo, e talentos supprir ao que lhes falta da parte da primeira innocencia. Mas ao menos deseja a Igreja que aquelles, que por graves culpas deshonrárão a santidade do seu caracter depois de ordenados, se retirem do Altar, julgando-se indignos por motivo de penitencia de offerecer já mais o santo Sacrificio; e estes mesmos não devem dispensar-se desta regra, senão em casos fundados em huma necessidade evidente, e precisão urgentissima da Igreja; a respeito da qual convem se submettão ao

jui-

juizo dos Superiores, os quaes ainda então não devem usar de indulgencia, senão com grande temor, e cautéla. [a]

§. 20. *Das disposições, com que devemos assistir á Missa, e qual seja o melhor modo de assistir a ella.*

P. Com que disposições devemos assistir á Missa?

R. Com huma disposição syncera de fé, de confiança, e de respeito.

De fé, porque a fé só nos faz descubrir os grandes Mysterios comprehendidos neste santo Sacrificio.

De confiança, porque nada he mais capaz de excitar a confiança dos peccadores, do que a vista de Jesus Christo, que se offerece por nós a Deos Padre.

De respeito, porque esta he a acção mais santa da Religião: nella se offerece o mesmo Jesus Christo a Deos Padre, offerece a Igreja a Christo pelas mãos do Sacerdote, offerece-se a Igreja, e qualquer Christão como hostia a Deos por Christo, e em Christo, para que com esta oblação se applaque Deos, se impetre sua Divina misericordia, se lhe dem graças pelos beneficios recebidos, e se lhe tributem adorações. Todos estes motivos nos obrigão a assistir á Missa com o mais profundo respeito.

P. Quem são os que peccão contra a reverencia devida a tão grande Sacrificio?

R. 1. Os que assistem de hum modo escandaloso, e fazem ver com immodestas distracções, com posturas indecentes, com conversações pouco edificantes, e com enfeites totalmente profanos, que não tem algum sentimento de Religião.

2. Os que achando-se em peccado mortal assistem á Mis-

a Veja-se o Disc. 1. de S. Greg. Nazianz. S. Chrysost. do Sacerd. Pastor, de S. Greg. P. 2. Toleto, Instrucç. nos Sacerd. Bona sob. a preparação para a Missa.

á Missa sem algum affecto á penitencia, e sem algum desejo de converter-se.

P. Que postura devemos guardar, assistindo á Missa?

R. Se a Missa for rezada, será conveniente ouvilla toda inteira de joelhos, se for possivel, exceptuando os dous Evangelhos, que se ouvem de pé. Se a Missa for cantada, nenhuma cousa podemos fazer melhor do que conformar-nos com a postura do Coro; estando em pé, quando elle estiver de pé; assentados, quando elle estiver assentado; de joelhos, quando o mesmo Coro assim estiver. Se com tudo quizermos estar de joelhos durante o Canon, ainda que o Coro esteja de pé, será louvavel; mas não convem então que alguem se assente, a não ser por causa de incommodidade.

P. Por que razão dizeis, que os peccadores, que se achão actualmente na impenitencia, faltão a Deos com o respeito, quando assistem á Missa com esta disposição de impenitencia?

R. Porque são hypocritas, e mentirosos. Apparentemente vem honrar a Deos para render-lhe vassallagem, para obter misericordia; e com tudo o seu coração desmente estas demonstrações exteriores, pois que pela disposição da impenitencia, em que se achão, deshonrão a Deos, e o irritão, em lugar de applacallo, servindo mais de insulto, que de obsequio o seu apparente culto. [a]

P. Por que razão pois obriga a Igreja aos peccadores, para que assistão á Missa?

R. Obrigando-nos a isso, os adverte a Igreja que o fação com sentimentos de fé, humildade, e compunção, de que he justo que estejão penetrados.

Ex-

[a] Veja-se o Tr. da Or. em geral, cap. 1. §. 5. onde referimos os lugares da Escritura, e dos Padres, que authorizão esta resposta.

EXPLICAÇÃO.

Como a Igreja não póde julgar do intimo dos corações, julga dos affectos interiores pela postura exterior: e quer tão absolutamente que se assista á Missa com fé, e respeito, que são sentimentos interiores incompativeis com a disposição da impenitencia, que prohibe ao Sacerdote de a dizer, *se os que se achão presentes a ella, não manifestão por seu exterior composto que estão presentes não só de corpo, mas tambem de espirito, e com huma santa attenção.* São palavras estas do Concilio de Trento. [a]

P. Hum peccador, que não tem ainda o espirito de penitencia, mas que deseja tello, e que o pede a Deos, pecca quando assiste á Missa com esta disposição?

R. Bem longe de peccar nisto, faz huma acção louvavel: e he precisamente o que devem fazer os peccadores, quando assistem á Missa, sem se acharem ainda penetrados dos sentimentos de compunção, que devião ter. Isto he o que a Igreja requer delles, quando os obriga a assistir á Missa com os demais Fieis.

P. Com que intenção devemos assistir á Missa?

R. Com a mesma que a Igreja tem, quando offerece a Deos este santo Sacrificio.

EXPLICAÇÃO.

A Missa he, como temos dito muitas vezes, [b] o Sacrificio do povo, como do Sacerdote. He necessario pois que o povo tenha a mesma intenção assistindo a elle, e offerecendo-o pelas mãos do Sacerdote, que o Sacerdote tem quando o offerece.

Dissemos assima, [c] que a Igreja offerece este Sacrificio por quatro fins. 1. Para honrar a Deos, e render-

[a] Secç. 22. das cousas, que se devem evitar na celebração das Missas.

[b] §. 9. deste cap.

[c] §. 10. deste cap.

der-lhe o culto ſoberano, que lhe he devido. 2. Para dar-lhe graças por todos os beneficios recebidos. 3. Para pedir-lhe perdão dos peccados. 4. Para ſupplicar-lhe todas as graças neceſſarias aos Fieis vivos, e defuntos; e a Igreja da terra ſe une com a do Ceo para fazer todas eſtas couſas com Jeſus Chriſto, e por Jeſus Chriſto. Os que aſſiſtem á Miſſa devem ter todas eſtas intençóes.

P. Que oraçóes devem fazer os que aſſiſtem á Miſſa?

R. Com tanto que aſſiſtão a ella com reſpeito, com fé, e confiança, e que tenhão huma intenção geral de unir-ſe com o Sacerdote, e offerecer por ſuas mãos o ſanto Sacrificio pelos meſmos fins, por que a Igreja o offerece; de pedir a Deos por Jeſus Chriſto em geral tudo aquillo, que o Sacerdote pede ao Altar: baſta iſto, abſolutamente fallando. Havendo eſtas diſpoſiçóes, e eſta intenção, todas as oraçóes feitas com fé são boas, e uteis, e ſe aſſiſte com fruto á Miſſa; mas he melhor, e mais conforme ao eſpirito da Igreja ſeguir interiormente o Sacerdote em todas as acçóes, e oraçóes que faz: unir-ſe com elle não ſómente em geral, mas ainda em particular em cada huma das ſuas inſtrucçóes, oraçóes, e ceremonias. Por eſte meio acompanhão melhor os aſſiſtentes o Sacrificio, as Oraçóes, e as ceremonias da Miſſa, porque tudo nella he commum entre o Sacerdote, e o povo.

Explicação.

O povo diz a Confiſsão com o Sacerdote, o povo canta o *Introito*, e os *Kyrios*, o *Gloria*, o *Gradual*, o *Credo*, o *Offertorio*, o *Sanctus*, &c. O povo reſponde *Amen* a todas as Oraçóes do Sacerdote, o que ſuppóe que eſtá attento a ellas: a Epiſtola, e o Evangelho ſe lem para inſtrucção do povo, o qual eſtá de pé durante o Evangelho, para moſtrar a ſua attenção. Em

fim

fim na acção do Sacrificio, como se colhe das mesmas Orações do Sacrificio, faz o povo quasi tudo juntamente com o Sacerdote, e offerece o Sacrificio com elle: por esta razão he que o Sacerdote eleva a voz, quando acaba o Canon, e as outras Orações, que diz em voz baixa, para que o povo respondendo *Amen*, manifeste publicamente que se unio a todas estas Orações. Não satisfaz plenamente á intenção da Igreja quem não segue em tudo o Sacerdote, podendo fazello; e só os simples, e ignorantes he que estão contentes seguindo em geral a mente da Igreja. Não se póde dizer com tudo, que os que faltão a isto voluntariamente commettão culpa, se de outra parte se achão com as disposições assima explicadas; mas he certo que obrarião melhor, se seguissem em tudo as Orações da Igreja ou dizendo-as, ou unindo-se a ellas. Nós faremos ver isto com mais clareza, quando explicarmos cada Oração, e cada ceremonia da Missa em particular. [a]

§. 21. *Da ordem da Missa em geral.*

P. De quantas partes se compõe a Missa?

R. De duas partes: a primeira, (que se chamava antigamente a *Missa dos Catechumenos*, porque os Catechumenos podião assistir a ella) comprehende tudo aquillo, que se diz desde o principio até á recitação do Symbolo. [b] A segunda, (que se chamava *Missa dos Fieis*, porque só os Fieis podião assistir a ella) comprehende tudo aquillo, que se diz desde a recitação do Symbolo até o fim; quero dizer, a preparação ao Sacrificio, o Sacrificio em si mesmo, e a acção de graças depois do Sacrificio.

P.

[a] Veja-se o L. intitulado *Manière d'entendre la Messe*, impresso em Paris.

[b] S. Ambr. Epist. 20. ou 14. ou 33. a sua irmã. Constit. Apost. L. 8. cap. 8. e 9. S. Ag. Serm. 49. ou 237. de *Temp*. n. 8.

P. Antigamente erão só os Catecumenos os que tinhão permissão de assistir á primeira parte da Missa?

R. Tolerava a Igreja que não só os Catecumenos, mas tambem os penitentes, os excommungados, e ainda os infieis estivessem presentes a esta primeira parte do Sacrificio, por causa das instrucções, que nella se fazião. Por este motivo he que antigamente nas Orações preliminares nunca se fazia menção do Sacrificio, do qual se fallava sómente em presença dos que erão baptizados; mas depois da instrucção se fazião sahir os Catecumenos, os Energumenos, se os havia, os excommungados, os infieis, os penitentes do segundo, e terceiro grão de penitencia, e o Diacono dizia em alta voz: *Sancta Sanctis: foris canes. As cousas santas são para os Santos: que os cães se retirem*, fazendo allusão a estas palavras de Jesus Christo: *Não deis as cousas santas aos cães*; [a] e áquellas do Apocalypse: *Fóra daqui cães, e feiticeiros, impudicos, homicidas, idolatras, e todos aquelles, que amão, ou commettem a mentira.* [b] E só ficavão os Fieis.

P. Em que consiste a Missa dos Catecumenos?

R. No que se chama Confissão, Introito, *Kyrie eleison*, *Gloria in excelsis*, Collecta, Epistola, Gradual, e Evangelho. Tudo isto he precedido nas Missas solemnes cada Domingo pela benção, e aspersão da agua, e pela Procissão; e nas Paroquias se faz o Sermão familiar depois do Evangelho.

P. Em que consiste a Missa chamada dos Fieis?

R. Na recitação do Symbolo, Offertorio, Lavatorio, Orações, que se chamão Secretas, Prefacio, *Sanctus*, Canon, que incerra muitas Orações, das quaes humas precedem a consagração, outras a seguem; Oração do Senhor, fracção da Hostia, *Agnus Dei*, Osculo de

 paz,

a Matth. vii. 6.

b Apoc. xxii. 15. Bocquil. L. 1. da Liturg. cap. 1.

paz, Communhão, e acção de graças depois da Communhão.

Todas estas Orações são acompanhadas de ceremonias, que são antigas, e admiraveis. Humas são communs a todas as Missas, outras são sómente para as Missas solemnes. Nós explicaremos todas. [a]

P. A ordem da Missa he a mesma na Igreja Grega, que na Latina?

R. He a mesma nas cousas principaes, e só ha differença naquillo, que não he essencial: por exemplo, na distribuição das Orações, nos termos, de que as mesmas Orações são concedidas, que não obstante tem hum mesmo fim; e na escolha das instrucções. Mas vê-se na Missa dos Gregos, como na nossa, o Offertorio, a Consagração, a fracção da Hostia, a Communhão, a Oração do Senhor, as Preces pelos vivos, e pelos defuntos, a memoria dos Santos, a lição da Escritura, a recitação do Symbolo, e outras muitas conformidades, que se podem ver na sua Liturgia. Vem-se tambem nella os ornamentos sagrados, e as ceremonias em tão grande numero, pelo menos como na Igreja Latina.

P. As preces da Missa, de que a Igreja usa agora, são antigas?

R. Muito antigas. Os Padres mais antigos fazendo a descripção do santo Sacrificio offerecido no seu tempo, referem tudo aquillo, que se pratica ainda hoje. [b] Todos os sabios reconhecem que S. Basilio, e S. Chrysostomo são reputados com fundamento por Authores das Liturgias, que tem o seu nome, e que estão ainda em uso nas Igrejas do Oriente; sem fallar das Liturgias, que tem nomes ainda mais veneraveis, e mais antigos, cuja data certamente não he conhecida, nem

a §. 21. deste cap.

b S. Justino, Apolog. 2. O Author das Constit. Apostol. L. 2. cap. 57. e L. 8. cap. 5. e seguint. S. Cyril. de Jerus. Catec. 5. Mystag. &c.

nem os ſeus Authores, ainda que ſeja certo que ellas ſão antiquiſſimas. As Igrejas de França antigamente tinhão huma Liturgia, que lhes era propria, e que ſe conformava em muitas couſas ás da Igreja Oriental, ainda por reſpeito á ordem, e diſtribuição das Orações. O que moſtra que havia ſido tranſportada daquelle paiz pelos primeiros Biſpos de França, que erão Gregos de origem. A Miſſa Mozarabica, que ainda ſe uſa em huma Capella da Igreja Metropolitana de Toledo, he muito ſemelhante á antiga Miſſa Gallicana. Só depois do Reinado de Pepino, pai de Carlos Magno, he que ſe começou a ſervir em França da Liturgia Romana, a qual eſtá ainda hoje em uſo em todo o Occidente. Eſta Liturgia he da primeira antiguidade, como conſta do Sacramentario de S. Gregorio Magno. S. Gregorio não tinha feito mais que retocar, e abbreviar a Liturgia ordenada pelo Papa S. Gelaſio I, que vivia no quinto ſeculo. O meſmo S. Gelaſio, de que o Padre Thomaſio nos deo a Liturgia, não era Author della: elle não fez mais no ſeu tempo que pôr em ordem, e diſtribuir com algumas mudanças pouco importantes, o que eſtava em uſo neſte ponto de tempo immemorial na Igreja de Roma. De ſorte que ſe deve reputar a Liturgia, de que hoje nos ſervimos, como ſendo da primeira antiguidade. A da Igreja de Santo Ambroſio em Milão, que he em muitas couſas differente da de Roma, não he menos antiga. Chama-ſe a Miſſa Ambroſiana, porque ſe crê com razão que he a Miſſa tal qual a dizia Santo Ambroſio. E Santo Agoſtinho nos adverte, que no ſeu tempo havia differença entre os uſos Eccleſiaſticos de Milão, e de Roma. [a]

[a] Veja-ſe o L. do Cardeal Bona ſob. a Liturg. que he huma Obra muito ſabia, e exacta. O Comment. do P. Mabil. ſob. a Ord. Rom. a ſua douta Obra ſob. a Liturg. Galic. e o Tr. Hiſt. ſob. a Liturg. de Bocquil.

§. 22. *Explicação literal das preces, e ceremonias da Missa. E o que devemos fazer para conformar-nos com o espirito destas preces, e destas ceremonias.*

I. *Missa dos Catecumenos. Psalmo* Judica.

P. Por que razão nos Domingos se faz antes da Missa a benção, e aspersão da agua, e além disso huma Procissão, como se faz tambem nas Festas solemnes antes da Missa?

R. Adiante explicaremos estas ceremonias, fallando das Bençãos, e das Procissões. [a]

P. Por que razão se começa a Missa pelo final da Cruz, invocando expressamente a Santissima Trindade com estas palavras:

✠ *In nomine Patris, & Filii, & Spiritus Sancti. Amen.*	✠ Em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo. Amen.

R. Porque em nome da Santissima Trindade he que nos ajuntamos para celebrar a memoria da Paixão de Jesus Christo. [b]

P. Por que razão se reza o Psalmo 42. *Judica me Deus?*

R. Para excitar o Sacerdote, e o povo, que o dizem alternativamente, a chegar com confiança, e alegria ao santo Altar, em que o Sacrificio ha de ser offerecido.

EXPLICAÇÃO.

Este Psalmo foi composto por David, quando perseguido por Saul, e obrigado a viver no desterro, se ani-

[a] Cap. 8. §. 10. e cap. 9. desta Secç.

[b] Veja-se o L. intitulado *L'idée du Sacerdoce, e du Sacrifice de Jesus Christ*, impresso em Paris.

animava com a eſperança de voltar algum dia a Jeruſalem, e de ſe apreſentar a Deos diante do ſeu Altar para offerecer-lhe ſacrificios. A applicação he facil de fazer, porque he natural. Nós eſtamos deſterrados do Ceo, que he a noſſa patria: devemos animar-nos, e conſolar-nos com a eſperança de chegar a ella. O Altar he a figura do Ceo: devemos chegar-nos a elle com confiança, e com ſanta alegria.

O Pſalmo inteiro he o ſeguinte, cujas palavras poderão ajudar-nos a fazer mais facilmente a applicação.

O Sacerdote reza primeiro com os Miniſtros huma Antifona tirada do meſmo Pſalmo.

Introibo ad Altare Dei.	Chegar-me-hei ao Altar de Deos.
℟. *Ad Deum, qui lætificat juventutem meam.*	℟. De Deos, que enche a minha mocidade de ſanta alegria.

Depois diz alternativamente com o povo o Pſalmo inteiro.

Judica me, Deus, & diſcerne cauſam meam de gente non ſancta, ab homine iniquo, & doloſo erue me.	Julgai-me, Senhor, e ſeparai a minha cauſa da gente, que não he ſanta: livrai-me do homem injuſto, e enganador.
Quia tu es, Deus, fortitudo mea, quare me repuliſti, & quare triſtis incedo, dum affligit me inimicus?	Porque vós, ó meu Deos; he que ſois a minha força. Por que razão me haveis rejeitado? E por que razão andarei eu triſte, quando me afflige o meu inimigo?

Emit-

Emitte lucem tuam, & veritatem tuam, ipsa me deduxerunt, & adduxerunt in montem sanctum tuum, & in tabernacula tua.	Fazei resplandecer a vossa luz, e a vossa verdade: ellas são as que me tem conduzido, e guiado ao vosso monte santo, e aos vossos tabernaculos.
Et introibo ad altare Dei, ad Deum, qui lætificat juventutem meam.	E eu me chegarei ao Altar de Deos, de Deos, que enche a minha mocidade de santa alegria.
Confitebor tibi in cithara, Deus Deus meus: quare tristis es, anima mea, & quare conturbas me?	Cantarei os vossos louvores sobre a harpa, ó Senhor, e Deos meu. Por que razão, alma minha, estás triste? e por que me perturbas?
Spera in Deo, quoniam adhuc confitebor illi salutare vultus mei, & Deus meus.	Espera em Deos, porque ainda lhe renderei acções de graças: elle he a saude, e a alegria do meu rosto, e o meu Deos.
Gloria Patri, & Filio, & Spiritui Sancto.	Gloria ao Padre, ao Filho, e ao Espirito Santo.
Sicut erat in principio, & nunc & semper, & in sæcula sæculorum. Amen.	Assim como era no principio, agora, e sempre, e por todos os seculos dos seculos. Amen.

P. Por que razão reza o Sacerdote este Psalmo alternativamente com os seus Ministros?

R. Porque o povo, como o Sacerdote, deve excitar-se a chegar com sentimentos de fé, e confiança ao Altar santo, para nelle offerecer o santo Sacrificio pelas mãos do Sacerdote. Assim a intenção da Igreja he, que os assistentes rezem secretamente este Psalmo com o Sacerdote.

P.

P. Por que razão se reza este Psalmo ao pé do Altar?

R. Porque serve de preparação para subir ao Altar.

P. Por que razão não se diz na Missa dos defuntos, e em todo o tempo da Paixão?

R. Alguns dizem que he porque no tempo da Paixão, e nas Missas dos defuntos se abstem a Igreja nos Divinos Officios de toda a demonstração de alegria; e este Psalmo, como acabámos de dizer, he hum Psalmo de alegria; mas póde dizer-se com mais verosimilidade que he hum vestigio este da antiguidade.

Os Cartuchos, os Dominicanos, os Carmelitas, e outras Congregações, ou Igrejas nunca dizem este Psalmo ao Altar, mas dizem em seu lugar alguns versos tirados de outros Psalmos. O costume destas santas Congregações, e destas Igrejas he antigo, e em outro tempo era praticado mais universalmente. Antigamente na Liturgia Romana não se dizia este Psalmo antes da Missa: foi ajuntado depois, mas sómente para ser rezado na Sacristia, a fim de servir de preparação á Missa, ou para se dizer indo da Sacristia para o Altar; em fim se introduzio o costume de se dizer ao Altar; mas o antigo uso foi conservado por largo tempo em França, e o he ainda em muitas Igrejas. [a] Em Laon nos dias de solemnidade se reza este Psalmo pelo Sacerdote na entrada do Coro. [b]

II.

[a] Veja-se o antigo Missal de Paris, impresso por ordem de Pedro de Gondy, e pelo de Henrique de Gondy, seu successor, de que se usou até o anno de 1608. Não se dizia então em Paris o Psal. *Judica* ao Altar.

[b] Veja-se o L. intitulado *Ritus Eccles. Laudunens. rediv.*

II. *Confiſsão. Orações, que ſe ſeguem até o Introito.*

P. Por que razão depois da reza do Pſalmo 42. fazem a Deos a ſua Confiſsão geral aſſim o Sacerdote, como o povo?

R. Para purificar-ſe por meio deſta Confiſsão dos mais leves peccados, que poderião embaraçallos a chegar com confiança, e alegria ao Altar ſanto.

P. Em que termos he concebida eſta Confiſsão geral, que o Sacerdote, e o povo fazem dos ſeus peccados?

R. O Sacerdote começa rezando o verſo do Pſalmo 123. 8.

Adjutorium noſtrum in nomine Domini.	O noſſo auxilio he em nome do Senhor.

O povo reſponde:

Qui fecit Cœlum, & terram.	Que fez o Ceo, e a terra.

Depois faz o Sacerdote a Confiſsão neſtes termos:

Confiteor Deo omnipotenti, Beatæ Mariæ ſemper Virgini, Beato Michaeli Archangelo, Beato Joanni Baptiſtæ, Sanctis Apoſtolis Petro, & Paulo, omnibus Sanctis, & vobis fratres, (& tibi Pater) quia peccavi nimis cogitatione, verbo, & opere, mea culpa, mea culpa, mea ma-	Eu peccador me confeſſo a Deos Todo Poderoſo, e á Bemaventurada ſempre Virgem Maria, e ao Bemaventurado S. Miguel Archanjo, e ao Bemaventurado S. João Baptiſta, e aos Santos Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo, a todos os Santos, e a vós irmãos, (*diz o Sacerdote*) e a vós Padre, (*diz o povo*) que

que pequei muitas vezes por penſamento, palavra, e obra, por minha culpa, minha culpa, minha grande culpa. Por tanto peço, e rogo á Bemaventurada ſempre Virgem Maria, ao Bemaventurado S. Miguel Archanjo, ao Bemaventurado S. João Baptiſta, e aos Santos Apoſtolos S. Pedro, e S. Paulo, a todos os Santos, e a vós irmãos, (*diz o Sacerdote*) e a vós Padre, (*diz o povo*) que rogueis por mim a Deos noſſo Senhor.

xima culpa. Ideo precor Beatam Mariam ſemper Virginem, Beatum Michaelem Archangelum, Beatum Joannem Baptiſtam, Sanctos Apoſtolos Petrum, & Paulum, omnes Sanctos, & vos fratres, (& te Pater) orare pro me ad Dominum Deum noſtrum.

Antigamente havia differença entre a formula da Confiſsão, de que então ſe uſava, e a preſente. A Igreja de Narbona, e outras muitas conſervão ainda a ſua antiga formula, mas eſta differença não he conſideravel. [a]

Depois da Confiſsão do Sacerdote diz o povo:

Deos Todo Poderoſo vos conceda miſericordia, e perdoados os voſſos peccados vos conduza á vida eterna. ℟. Amen.

Miſereatur tui omnipotens Deus, & dimiſſis peccatis tuis perducat te ad vitam æternam. ℟. *Amen.*

O Sacerdote diz a meſma Oração pelo povo, feita que ſeja por elle a Confiſsão geral, e pede depois miſericordia a Deos para ſi, e para o povo com a ſeguinte Oração.

In-

[a] Vejão-ſe os Miſſaes dos Cartuchos, dos Dominicanos, &c. Os Breviarios de Narbona, o antigo, e o novo, &c.

Indulgentiam, absolutionem, & remissionem peccatorum nostrorum tribuat nobis omnipotens, & misericors Dominus. ℟. *Amen.*

O Senhor Todo Poderoso, e todo misericordioso nos conceda a indulgencia, a absolvição, e a remissão dos nossos peccados. *O povo responde* Amen.

P. Por que razão fazem alternativamente o Sacerdote, e o povo a referida Confissão, e Oração?

R. Para pedir a Deos misericordia, o povo pelas Orações do Sacerdote, e o Sacerdote pelas Orações do povo, a fim de que huns, e outros possão offerecer o santo Sacrificio com confiança, pela esperança que tem de que Deos attendendo ás suas Orações, se dignará purificar huns, e outros das menores culpas.

P. Por que razão, quando fazemos a Confissão geral, dizemos que nos confessamos *a Deos, á Santissima Virgem, a S. Miguel, aos Santos, e ao Sacerdote?*

R. Queremos dizer com isto que reconhecemos em presença *de Deos, e dos Anjos, e dos Santos*, e diante de toda a Igreja do Ceo, e da terra, que somos réos de muitos peccados. Fazemos esta Confissão a Deos, que está offendido, e aos Santos, que hão de julgar o Mundo no fim dos seculos com Jesus Christo, e que se interessão todos nas offensas, que se fazem contra Deos.[a] Imploramos com esta Confissão o auxilio da Igreja Triunfante, e Militante, para obter a remissão dos peccados; e entre todos os Santos nomeamos aquelles, que a Igreja reputa como seus principaes Protectores para com Jesus Christo.

P. Por que razão batemos no peito, quando fazemos a Confissão geral?

R.

a Ps. cxlix. 5. 7. e 8. Matth. xix. 28. 1. Cor. vi. 2. S. Judas vers. 14.

R. Para imitar a acção do Publicano, que obteve misericordia, reconhecendo que era peccador, e ferindo então o peito em final de compunção. [a]

P. Quaes são as Orações, que o Sacerdote faz alternativamente com o povo depois da Confissão geral?

R. São humas Orações tiradas da Escritura, para pedir a Deos a remissão dos peccados, e a pureza necessaria para celebrar dignamente o santo Sacrificio da Missa. Com esta intenção he que o povo as deve dizer. As Orações são estas:

Deus, tu conversus vivificabis nos.	Meu Deos, olhai para nós favoravelmente: por este meio nos dareis huma nova vida.
℟. *Et plebs tua lætabitur in te.*	℟. E o vosso povo se alegrará em vós. [b]
Ostende nobis, Domine, misericordiam tuam.	Fazei-nos experimentar, Senhor, os effeitos da vossa misericordia.
℟. *Et salutare tuum da nobis.*	℟. E dai-nos o salvador, que vem de vós. [c]
Domine, exaudi orationem meam.	Senhor, ouvi as minhas orações.
℟. *Et clamor meus ad te veniat.*	℟. E os meus clamores cheguem até vós. [d]
Dominus vobiscum.	O Senhor seja comvosco. [e]
℟. *Et cum spiritu tuo.*	℟. E com o vosso espirito. [f]

O Sacerdote diz em voz baixa as Orações seguintes, subindo ao Altar.

Ore-

a Luc. xviii. 13.
b Psal. lxxxiv. 7.
c Ibid. vers. 8.
d Psal. ci. 1.
e Ruth ii. 4.
f Galat. vi. 18.

Oremus.

Aufer a nobis, quæsumus Domine, iniquitates noſtras, ut ad Sancta Sanctorum puris mereamur mentibus introire. Per Chriſtum Dominum noſtrum. Amen.

Oremos.

Nós vos ſupplicamos, Senhor, que aparteis de nós todas as noſſas iniquidades, para que poſſamos chegar ao Santo dos Santos com a pureza conveniente, e neceſſaria. Por Jeſus Chriſto noſſo Senhor. Amen.

Oramus te, Domine, per merita Sanctorum tuorum, quorum reliquia hic ſunt; & omnium Sanctorum, ut indulgere digneris omnia peccata mea.

Nós vos ſupplicamos, Senhor, pelos merecimentos dos Santos, cujas Reliquias eſtão aqui, (*diz o Sacerdote beijando o Altar*) vos digneis perdoar todos os meus peccados.

P. Deve o povo fazer as meſmas Orações?

R. Nenhuma couſa poderá fazer melhor, do que dizellas particularmente no meſmo tempo que o faz o Sacerdote: tal he a mente da Igreja; e por iſſo he que o Sacerdote antes de as dizer em voz baixa, diz em tom mais alto *Oremus*, para mover ao povo a orar como elle, e com elle.

P. Por que razão ſe dizem tão frequentemente na Miſſa as ſeguintes palavras:

Dominus vobiſcum. — O Senhor ſeja comvoſco.
Et cum ſpiritu tuo? — E com o voſſo eſpirito.

R. He eſta huma ſaudação mutua do Sacerdote, e do povo. O Sacerdote com eſtas palavras: *O Senhor ſeja comvoſco*, excita o povo a eſtar mais attento; o povo com a ſua reſpoſta manifeſta a ſua attenção.

P. Por que razão beija o Sacerdote o Altar, quando a elle chega, e faz o meſmo quaſi ſempre que delle ſe aparta?

R.

R. Para o ſaudar, e unir-ſe a Jeſus Chriſto, que he o verdadeiro Altar, de que eſte não he mais que figura, e no qual os Santos eſtão incorporados.

Em muitos lugares ſauda o Sacerdote o Altar ſó com huma inclinação de cabeça. Eſte he o coſtume dos Cartuchos, dos Dominicanos, &c. Mas a razão de hum, e outro rito he a meſma.

III. *Introito. Razões, por que ſe dizem as Orações da Miſſa humas ao lado direito, outras ao lado eſquerdo, e outras no meio do Altar.*

P. Qual he a oração, que o Sacerdote diz no lado direito, quando a elle chega?

R. He huma Antifona compoſta ordinariamente do verſo de algum Pſalmo; e antigamente ſe cantava o Pſalmo inteiro, donde ſe tirava eſte verſo. O uſo da Igreja he de ajuntar Antifonas ao canto dos Pſalmos.

Diz-ſe ainda no fim deſte verſo: *Gloria Patri*, &c. *Gloria ao Padre, e ao Filho*, &c. que ſe diz no fim de todos os Pſalmos, ſegundo o uſo da Igreja, fundado na Tradição dos Apoſtolos. [a]

P. Como ſe chama eſta Oração?

R. *Introito*; quero dizer, entrada; porque eſte Pſalmo ſe canta, como antigamente, no tempo, em que o Sacerdote ſahe da Sacriſtia para ir ao Altar; e porque he a primeira oração, que o Sacerdote reza em voz alta, quando chega ao Altar.

P. Deve o povo dizer a Oração, que ſe chama Introito?

R. Tal he a intenção da Igreja; e por iſſo he que nas Miſſas ſolemnes ſe canta por todo o congreſſo. E he

a Bona, cap. 16. do L. da Pſalmodia, §. 6.

he ſanto coſtume o rezar em particular, quando ouvimos a Miſſa rezada, o que canta o Coro nas Miſſas ſolemnes.

P. O Sacerdote diz no lado direito do Altar o Introito, e as outras Orações até o Evangelho, diz o Evangelho no lado eſquerdo do Altar, diz no meio do Altar a *Gloria*, e o *Credo*, e todas as Orações do Sacrificio. Volta ao lado direito do Altar para dizer as Orações de acção de graças depois do Sacrificio. Qual he a razão deſtas ceremonias? Não ſeria melhor dizer tudo no meſmo lugar? Donde procede que o Sacerdote muda tão frequentemente de ſituação?

R. Para reſponder a eſta pergunta, huns recorrem a razões naturaes, e literarias, outros a razões eſpirituaes. Humas, e outras vamos agora referir; mas he neceſſario aſſentar, que as razões eſpirituaes não derão lugar a eſte uſo, e que não forão achadas ſenão para nutrir a piedade, depois de eſtabelecido.

Segundo o antigo uſo, de que ainda vemos hum veſtigio nas Miſſas Pontificaes, e em todas as Miſſas cantadas em Laon, e em outras muitas Igrejas, não ſubia o Sacerdote ao Altar ſenão para a Miſſa dos Fieis, quero dizer, para a acção do Sacrificio. Em quanto duravão as Orações da Miſſa dos Catecumenos, eſtava aſſentado no lugar deſtinado para o Celebrante fóra do Altar. Daqui ouvia a Epiſtola cantada pelo Subdiacono, e o Evangelho cantado pelo Diacono, e não os lia: tal he ainda neſte ultimo ponto a prática dos Cartuchos, e dos Religioſos de Cluni. Então o Sacerdote dizia no meio do Altar tudo o que ſe dizia ao Altar. Por conſeguinte era neceſſario que ſe levaſſe o Livro ao lado eſquerdo, e iſto por duas razões. 1. Para commodidade do Sacerdote, que eſtando no meio do Altar, devia ler as Orações do Sacrificio neſte Livro. 2. Porque o lado direito eſtava occupado

com

com as offertas do povo, que nelle se punhão. Tal era o uso das Missas solemnes. [a]

Para distinguir nas Missas rezadas as cousas, que nas solemnes não se dizião senão ao Altar, das que se dizião fóra do Altar, se continuou a dizer no meio do Altar o que se dizia neste lugar, e se diz no lado direito o que se dizia fóra do Altar, impedindo o calis, que está no meio do Altar, que se faça de outro modo; e este uso se introduzio pouco a pouco nas Missas solemnes. Pelo que respeita ao Evangelho se acostumárão os Sacerdotes nas Missas rezadas a dizello no lado esquerdo; porque nas Missas solemnes, em quanto o Diacono cantava o Evangelho, estava o Missal do Sacerdote no lado esquerdo, aonde havia sido levado logo depois da Collecta, não tendo então mais nada que ler o Sacerdote no Missal até á primeira Secreta, que se dizia quando as offertas estavão no lado direito do Altar. O Livro pois ficava no lado esquerdo desde a Collecta até depois da Communhão. Então o Sacerdote não tendo mais nada que fazer no Altar pelo que respeita ao Sacrificio, voltava ao seu primeiro lugar para nelle cantar a acção de graças depois da Communhão: tal he ainda hoje o uso da Igreja de Laon nas Missas cantadas. Esta he a razão literal da mudança de situação, segundo a nota do Micrologo, Author, que escrevia ha quinhentos, ou seiscentos annos.

A razão espiritual, que se refere ordinariamente he, que o lado direito do Altar representa os Judeos, que são os primeiros chamados á Fé, e que o lado esquerdo representa os Gentios, que recebêrão com alegria o Evangelho rejeitado pelos Judeos; que para trazer á memoria este grande Mysterio da vocação dos Gentios de-

[a] Veja-se a prova disto na antiga Ord. Rom. e em Bocquillot, L. 1. da Liturg. cap. 9.

depois da repulſa dos Judeos, he que ſe lê no lado direito do Altar tudo aquillo, que precede o Evangelho, e que no lado eſquerdo ſe canta, ou lê o Evangelho. Mas que em fim os Judeos ſe convertêrão, e que por iſſo acabada a Miſſa he que ſe leva o Miſſal para o lado direito. Para ſeguir até o fim eſta allegoria, parece ſeria neceſſario ler tambem do lado direito do Altar o Evangelho de S. João, que ſe lê no fim da Miſſa, pois que eſte Evangelho ſe lê depois das Orações, que dizem reſpeito á ultima conversão dos Judeos.

A iſto ſe reſponde que eſte Evangelho, fallando com propriedade, não faz parte da Miſſa. Que antigamente ſe dizia ſó na Sacriſtia, ou não ſe dizia abſolutamente. Que ainda agora em muitas Dieceſes não ſe lê ao Altar nas Miſſas ſolemnes, e que por eſta razão he que nunca ſe canta. Que ſendo muito novo o coſtume de ler ao Altar eſte ultimo Evangelho, e não havendo ſido introduzido ſenão no tempo, em que eſtava eſtabelecido o uſo de ler o primeiro Evangelho ao lado eſquerdo, ſe julgou dever reputar eſte lado como deſtinado para a leitura de todos os Evangelhos, e por conſeguinte ler nelle o ſegundo como o primeiro. [a]

Eſta razão eſpiritual tomada da allegoria da conversão dos Judeos he piedoſa; mas he preciſo aſſentar, que o uſo de ler o Evangelho no lado eſquerdo não procede daqui. Não ha mais de ſeiscentos annos que em Roma cantava o Diacono ordinariamente o Evangelho, eſtando voltado para a parte direita da Igreja; porque eſte era o lugar ordinario, em que eſtavão os homens, ficando as mulheres do lado eſquerdo. Voltava-ſe o Diacono para os homens. Á imitação dos Sacerdotes, que nas Miſſas rezadas, pela razão que fica ex-

a Microlog. cap. 9.

explicada, lião o Evangelho do lado esquerdo: á imitação dos Sacerdotes, digo, he que alguns Diaconos começárão haverá quasi quinhentos annos a voltar-se ordinariamente para o lado esquerdo cantando o Evangelho, e este costume passou em fim a lei. [a]

IV. *Kyrie eleison.* Gloria in excelsis.

P. Que significa a Oração *Kyrie eleison?* &c.

R. He huma fraze Grega, que significa: *Senhor, tende compaixão de nós: Jesus Christo, compadecei-vos de nós.*

P. Por que motivo se diz esta Oração em Grego, e não em Latim?

R. He hum uso este antiquissimo, de que não se sabe a origem, mas estava estabelecido desde o sexto seculo, como consta do Concilio Vasense. [b] A Igreja nas Orações da Missa serve-se tambem, por costume emanado dos Apostolos, de algumas palavras Hebraicas, como são as palavras *Amen*, *Alleluia*, *Hosanna*, *Sabaoth.* Os Fieis estão instruidos da significação destas palavras, sejão Hebraicas, ou Gregas; a Igreja usa dellas para mostrar a união de toda a Igreja, não obstante a diversidade das linguas.

Estas tres linguas, a Hebraica, ou Caldaica, a Grega, e a Latina, são as tres, que forão de algum modo consagradas pelo titulo da Cruz de Jesus Christo; e as Liturgias mais antigas forão escritas em huma destas tres linguas.

P. Por que razão se repete por nove vezes o *Kyrie eleison?*

R. A Igreja dirige esta Oração tres vezes a cada huma das Pessoas da Santissima Trindade. Por esta ra-

a Microlog. ibid.

b Conc. Vasense, Can. 4.

zão he que os tres segundos se encaminhão a Jesus Christo : *Christe eleison : Jesus Christo , tende piedade de nós.*

Antigamente em Roma o numero dos *Kyrie* não era fixo a nove ; mas se cantava esta Oração pelo Coro, até que o Celebrante fizesse final de acabar. [a]

P. Por que razão incensa o Sacerdote o Altar no tempo, em que o Coro canta o *Kyrie eleison* nas Missas solemnes ?

R. Para offerecer a Deos as Orações do povo, que pede misericordia, e supplicar a sua Divina Magestade que receba estas Orações como incenso de agradavel cheiro, por Jesus Christo, de que he figura o Altar.

P. Que deve fazer o povo durante o *Kyrie eleison ?*

R. Deve rezallo particularmente, ou cantallo, se a Missa he solemne; mas para acompanhar o espirito desta Oração, deve dizella com grandes sentimentos de humildade , e com a disposição de hum coração, que sente a sua miseria, e que pede misericordia. Por esta razão he que a Igreja repete tantas vezes: *Kyrie eleison : Senhor , tende piedade de nós.*

P. Que Oração he a que se chama *Gloria in excelsis Deo ?*

R. He hum Hymno , cujo principio foi composto pelos Anjos , e ensinado por elles aos homens. [b] O restante foi composto pela Igreja. Nada he mais penetrante do que esta Oração , que aqui transcrevo toda inteira.

Gloria in excelsis Deo , & in terra pax hominibus bonæ voluntatis. Laudamus te. Benedicimus te.	Gloria a Deos nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade. Nós vos louvamos, bemdizemos, ado-

a Veja-se a antiga Ord. Rom.

b Luc. ii. 14.

adoramos, e glorificamos. Nós vos damos graças em consideração de vossa infinita gloria. Ó Senhor Rei do Ceo. Ó Deos Todo Poderoso. Ó Senhor Filho unico de Deos, Jesus Christo. Ó Senhor Deos, Cordeiro de Deos, Filho do Padre. Ó vós que tirais os peccados do Mundo, tende piedade de nós. Ó vós que tirais os peccados do Mundo, recebei a nossa humilde deprecação. Ó vós que estais assentado á mão direita do Padre, tende piedade de nós. Porque só vós sois Santo, só vós Senhor, só vós Altissimo, ó Jesus Christo, com o Santo Espirito na gloria de Deos Padre. Amen.

Adoramus te. Glorificamus te. Gratias agimus tibi propter magnam gloriam tuam. Domine Deus Rex Cœlestis; Deus Pater omnipotens. Domine Fili unigenite Jesu Christe. Domine Deus, Agnus Dei, Filius Patris. Qui tollis peccata Mundi, miserere nobis. Qui tollis peccata Mundi, suscipe deprecationem nostram. Qui sedes ad dexteram Patris, miserere nobis. Quoniam tu solus Sanctus, tu solus Dominus, tu solus Altissimus, Jesu Christe, cum Sancto Spiritu in gloria Dei Patris. Amen.

P. Que deve fazer o povo durante a *Gloria in excelsis?*

R. Rezalla particularmente no mesmo tempo que o faz o Sacerdote; ou se a Missa for cantada, cantalla. Mas deve fazer-se isto mais do coração, que de boca, e com todo o fervor, de que cada hum for capaz: tal he a mente da Igreja.

P. Por que razão não se diz este Hymno nas Missas dos defuntos, e nos dias de penitencia?

R. Porque a Igreja reputa esta Oração como hum cantico de alegria, e de solemnidade.

V. *Dominus vobiscum.* A Collecta.

P. Por que razão se volta o Sacerdote para o povo, quando diz: *Dominus vobiscum: O Senhor seja comvosco?*

R. Porque he natural o voltar-nos para as pessoas, com quem fallamos, e a quem queremos saudar. Ha em Roma Igrejas antigas, em que a disposição do Altar faz que o Celebrante esteja virado para o povo, quando diz a Missa. Nestas Igrejas não se volta o Celebrante para dizer *Dominus vobiscum.* [a]

P. Por que razão não se volta elle para o povo tambem, quando diz *Oremus?* porque em lugar disso levanta os olhos, e as mãos ao Crucifixo, ou ao Santissimo Sacramento, quando está sobre o Altar?

R. Porque com esta palavra *Oremus* falla o Sacerdote não só ao povo, mas tambem comsigo mesmo para excitar-se a orar; e para manifestar, que com esta palavra eleva sua alma a Deos, levanta os olhos, e as mãos á imagem de Jesus Christo crucificado; ou ao mesmo Jesus Christo, quando está sacramentado sobre o Altar, para que o povo á sua imitação eleve tambem o seu coração a Deos.

P. Por que razão, quando os Bispos celebrão a Missa, não dizem como os Presbyteros: *Dominus vobiscum: O Senhor seja comvosco;* mas *Pax vobis: A paz seja comvosco?*

R. He este hum differente modo de saudar, que os Bispos tem conservado. Os Presbyteros usão da mesma formula depois da fracção da Hostia, dizendo: *Pax Domini sit semper vobiscum: Que a paz do Senhor seja sempre comvosco.*

P.

a S. Chrysost. Hom. 18. sob. a 2. Epist. aos Corinth.

P. Por que razão nos dias de penitencia dizem os Bispos ao povo como aos Presbyteros: *Dominus vobiscum*; e não *Pax vobis*: *A paz seja comvosco?*

R. Porque a saudação, que o Bispo dá com estas palavras *Pax vobis*, he reputada como huma saudação de alegria; e nos dias de penitencia desterra a Igreja das suas Orações tudo aquillo, que a póde manifestar. Devemos com tudo confessar que são cousas estas, que dependem de arbitraria disciplina; porque nos dias de penitencia, como nos outros, dizem os Bispos, e os Presbyteros depois do *Pater*: *Pax Domini sit semper vobiscum.*

P. Quando o Celebrante diz *Dominus vobiscum*: *O Senhor seja comvosco*, dizendo esta palavra *Dominus*, estende as mãos; e dizendo *vobiscum*, as ajunta: qual he a razão desta ceremonia?

R. He huma acção esta, que falla. O Sacerdote manifesta com este gésto o desejo que tem que Deos se una ao povo, e que esteja com elle. Antigamente (e isto se pratíca ainda entre os Cartuchos) fazia o Sacerdote huma inclinação ao Altar, dizendo: *Dominus*, e se voltáva para o povo quando dizia *vobiscum.*

P. Que Oração he a que se chama Collecta?

R. He huma Oração, que a Igreja offerece a Deos pela boca do Sacerdote, para pedir-lhe as suas graças. Esta Oração se diversifica, segundo a differença das solemnidades, dos Mysterios, e dos tempos do anno.

P. Por que razão se chama esta Oração *Collecta?*

R. A palavra Latina *Collecta* significa *congresso*, *recolhimento.*

1. Antigamente entrava o povo depois do Clero na Igreja em quanto se cantava a Oração, que se chama Introito, e cada hum tomava seu lugar. Cantava-se depois, como agora, o *Kyrie eleison*; e a *Gloria in excelsis.* A Oração, que se segue ao *Kyrie*, e á *Gloria*

se

ſe chama Collecta, porque era a primeira, que ſe dizia depois que todo o povo eſtava junto, e poſto em ſeu lugar. Eſta he a primeira ſignificação da palavra *Collecta.* [a]

2. Por meio deſta Oração recolhe o Sacerdote, para o dizer aſſim, os votos do povo, e os offerece a Deos: eſte he o ſegundo motivo, por que eſta Oração ſe chama *Collecta.*

Explicação.

Para bem ſe entender eſta ſegunda razão, devemos ſaber que antigamente, quando o Sacerdote tinha dito *Oremus*, todo o povo orava por algum tempo em ſilencio, e o Sacerdote depois deſte ſilencio recolhia, para o dizer aſſim, os votos do povo, que dizia a Oração, que ſe chama *Collecta.* Ainda agora ſe pratíca iſto na Ordem de Cluni; e vemos hum veſtigio deſte uſo nas Miſſas dos dias de jejum, porque neſtes dias, logo que o Sacerdote diz *Oremus*, o Diacono diz: *Flectamus genua: Dobremos os joelhos*, e depois *Levate: Levantai-vos*; mas antigamente (e iſto ſe pratíca ainda em París, ſegundo o novo Miſſal, e talvez em outras Igrejas) não ſe dizia *Levate: Levantai-vos*, ſenão depois que o povo havia orado de joelhos por algum tempo em ſilencio. Então ſe levantava para ouvir de pé a Collecta.

P. Por que razão tem o Sacerdote as mãos eſtendidas, e hum pouco elevadas, quando diz a Collecta, e a maior parte das outras Orações da Miſſa?

R. S. Paulo deo lugar a eſta ceremonia com aquellas palavras dirigidas a Timotheo: *Quero que os homens orem em todo o lugar, elevando as mãos puras, &c.* [b] A Igreja imita tambem niſto a acção de Moyſés, que orava, tendo as mãos elevadas, em quanto Joſué combatia contra os Amalecitas. [c]

P.

a Bona, L.2. da Liturg. cap.5. num. 3.

b 1. Tim. ii. 8.

c Exod. xvii. 11.

P. Por que razão responde o povo *Amen*, depois da Collecta, e depois das outras Orações da Igreja?

R. Já fica explicado,[a] que he para mostrar que pedio a Deos a mesma cousa, que o Sacerdote acaba de pedir em nome do congresso.

A intenção da Igreja por conseguinte he, que o povo esteja attento á Collecta, e se una ao Sacerdote, que a diz, para pedir a Deos o que o Sacerdote pede em nome do congresso.

VI. *A Epistola, o Gradual, a Alleluia, o Tracto.*

P. Que cousa he Epistola?

R. He huma lição da Sagrada Escritura, que se faz ao povo para instruillo, e para preparallo com ella ao Sacrificio. Chama-se *Epistola*, porque ordinariamente he tirada de alguma Epistola de S. Paulo, ou dos outros Apostolos. Com tudo se tira tambem algumas vezes do antigo Testamento; e outras se lem duas Epistolas, huma do antigo Testamento, outra do novo. He hum vestigio este do que se praticava antigamente em todas as Missas; e este uso se conservou sómente nas Missas de certos dias de jejum.[b]

P. Que deve fazer o povo durante a Epistola?

R. Ouvilla com attenção, e pedir a Deos a graça de aproveitar-se desta leitura.

P. Que Orações são as que se cantão entre a Epistola, e o Evangelho?

R. Estas Orações ordinariamente são tiradas de algum Psalmo, ou de outro qualquer lugar da Escritura. Diversificão-se segundo a diversidade dos tempos, e das solemnidades, e servem de preparação ao Evangelho.

Ex-

[a] Cap. 4. §. 2. depois da 7. pergunta.

[b] Mabil. Liturg. Galic. L. 1. cap. 3. n. 10.

Explicação.

Antigamente, e isto se pratíca ainda na maior parte das Igrejas, se cantava a Epistola, e o Evangelho no pulpito, [a] lugar elevado entre o Coro, e a nave da Igreja, donde se póde mais facilmente ser entendido de todo o povo. Entre a Epistola, e o Evangelho ha varias ceremonias que fazer: por exemplo, a benção do incenso, a benção do Diacono, que vai cantar o Evangelho, a procissão do Diacono, que precedido pelo Subdiacono, e pelos Acolythos, leva solemnemente o Livro do Evangelho ao lugar, em que o Evangelho deve ser cantado. Para occupar o Coro em quanto se fazem estas ceremonias, e para dar tempo ao povo de meditar sobre a Epistola, que acaba de ser lida, se cantão versos dos Psalmos, ou outras Orações tiradas da Sagrada Escritura. Este canto se chama *Gradual*, porque se canta em Roma sobre os degráos da estante, ou do pulpito, *in gradu Ambonis*; e em outras Igrejas, por exemplo, na de Reims, sobre os degráos do Sanctuario, *in gradibus Presbyterii.* Havião dias, em que o Gradual se cantava tambem em Roma sobre os degráos do Sanctuario.

O Gradual he seguido da *Alleluia*, que he hum canto de alegria, que quer dizer *Louvai a Deos.* Por meio deste canto manifestamos a Deos a alegria, e o reconhecimento, que temos da graça, que nos fez em dar-nos o conhecimento da verdade.

A *Alleluia* se cantava antigamente como agora com hum tom, que indicava alegria. Por esta razão he que no fim se ajuntava huma multiplicação de notas de Cantochão, que se chamou *Pneuma*, ou *Jubilus*, isto he, canto de alegria. Houverão Igrejas, onde se ajuntá-

a Veja-se Mabill. Comment. sob. a Ord. Rom. n. 3. Du Cange, Gloss. Lat. sob. a palavra *Ambo*. Bocquill. Tr. Hist. sob. a Liturg. L. 1. cap. 3. e 4. &c.

tárão ao depois algumas palavras, para ſerem cantadas ou ſobre eſtas notas de Cantochão, ou em ſeu lugar, mas ſempre com hum tom de alegria. Eſtas palavras forão chamadas *Sequentia*, iſto he, *continuação da Alleluia*, e em alguns lugares *Proſa*, iſto he, *palavras, que não são compoſtas em verſo.* Eſta he a origem das Proſas, que ſe cantão ainda algumas vezes na Miſſa depois da *Alleluia.* Tinhão-ſe eſtas multiplicado muito em algumas Igrejas nos ultimos ſeculos. Ha Miſſaes, em que ſe achão algumas particulares para cada Miſſa. Tal he o Miſſal de París, de que ſe uſou até 1608; mas na correcção dos Miſſaes, feita depois do Concilio de Trento, ſe abolírão quaſi todas, deixando ſómente algumas para as Feſtas mais ſolemnes. Ainda hoje, quando ſe canta huma Proſa na Miſſa, ſe córta o *neuma* da Alleluia, ſeguindo a primeira inſtituição. [a]

Sendo iſto aſſim, não ſe devião dizer Proſas nas Miſſas dos defuntos, ſeguindo-ſe a primeira intenção das Proſas na ſua inſtituição, pois que neſtas Miſſas nunca ſe canta a *Alleluia.* Guiadas algumas Igrejas por eſta razão, nunca introduzírão Proſa nas Miſſas dos defuntos, ſervindo de exemplo a Igreja de Sens. Na correcção dos Miſſaes de Roma, e de París ſe conſervou aquella Proſa, que principia por eſtas palavras *Dies iræ*, por ſer de huma belleza admiravel, e não ſe julgar que houveſſe grande inconveniente em deixalla.

Havião-ſe ao depois introduzido em muitas Igrejas ſemelhantes Proſas, para ſe cantarem pelas notas do *Kyrie eleiſon*, e algumas vezes depois do *Introito.* Eſte uſo ſubſiſte ainda em Laon, em Troyes, e talvez em outras partes, mas eſtá abolido em Roma, e na maior parte das Igrejas.

Nos

[a] Bona, L. 2. da Liturg. cap. 6. O Abbade Ruperto, L. 1. dos Divinos Offic. cap. 35. Hugo de S. Victor *de Myſt. Eccleſ.* cap. 7. &c.

Nos dias de jejum , ou de penitencia não se canta a *Alleluia* , mas em seu lugar se cantão alguns versos tirados dos Psalmos : e este canto se chama *Tracto*, porque estes versos se cantão continuadamente , sem interrupção, e sem que o Coro responda aos Cantores. Nisto differe o *Tracto* do que se chama *Responsorio*, no qual o Coro responde o verso cantado pelos Cantores.

P. Que deve fazer o povo durante o *Gradual*, a *Alleluia*, a *Prosa*, ou o *Tracto*?

R. Deve ou cantar estas cousas com o Clero , ou meditar nas instrucções, que encerra a Epistola , que se leo , ou occupar-se com outro qualquer bom pensamento , ou fazer alguma oração em particular até o Evangelho.

VII. *O Evangelho.*

P. Qual he a Oração , que o Diacono diz de joelhos ao pé do Altar, antes de receber a benção do Sacerdote para cantar o Evangelho ?

R. He esta.

Munda cor meum, & labia mea , Omnipotens Deus, qui labia Isaiæ Prophetæ calculo mundasti ignito. Ità me tua grata miseratione mundare digneris ; ut digne sanctum Evangelium tuum valeam nuntiare. Per Christum Dominum nostrum. Amen.

Purificai meu coração , e meus labios , ó Deos Todo Poderoso, assim como purificastes os labios do Profeta Isaias com hum carvão de fogo : fazei-me a graça por vossa misericordia de purificar-me de modo , que possa annunciar dignamente o vosso santo Evangelho. Por Jesus Christo nosso Senhor. Amen.

O

O Sacerdote faz a mefma Oração profundamente inclinado no meio do Altar, antes de ler o Evangelho nas Miffas rezadas, e ainda nas Miffas cantadas nas Igrejas, em que o Sacerdote Officiante lê o Evangelho em particular.

P. Que deve fazer o povo em quanto fe faz efta Oração?

R. Pedir a Deos a graça de aproveitar-fe do Evangelho, que fe vai ler.

P. Por que razão põe o Diacono o Livro dos Evangelhos no meio do Altar, antes de fazer a Deos efta Oração?

R. Para moftrar com efta ceremonia, que não quer annunciar o Evangelho fenão em nome, e da parte de Jefus Chrifto, figurado pelo Altar, e que as palavras do Evangelho são as palavras do mefmo Jefus Chrifto.

P. Qual he a Oração, que o Sacerdote diz, quando dá a fua benção ao Diacono?

R. A feguinte.

Dominus fit in corde tuo, & in labiis tuis, ut digne, & competenter annunties fanctum Evangelium. In nomine Patris, ✠ *& Filii, & Spiritus Sancti. Amen.*	O Senhor efteja em o voffo coração, e na voffa boca, para que annuncieis dignamente, e como convem o feu fanto Evangelho. Em nome do Padre, ✠ e do Filho, e do Efpirito Santo. Amen.

P. Por que razão eftá o Coro de pé, quando o Diacono vai cantar o Evangelho?

R. Por refpeito para o Livro dos Evangelhos.

P. Por que razão he então precedido o Diacono dos Acolythos, que levão o incenfo, e os cirios?

R. Póde dizer-fe que com efte rito fe quer fignificar que o Evangelho accende luz no entendimento, in-

infunde a caridade no coração, e derrama por toda a parte o bom cheiro de Jesus Christo.

Assima deixamos referida huma razão literal desta ceremonia. [a] Ella tem por fundamento hum uso antigo, e praticado a respeito dos grandes Magistrados, quando sahem a público com ceremonia.

P. Por que razão o Diacono, ou Sacerdote, que ha de ler o Evangelho, diz antes estas palavras: *Dominus vobiscum: O Senhor seja comvosco?*

R. Para saudar o povo, a quem vai annunciar o Evangelho, e para excitallo a renovar a sua attenção.

P. Por que razão faz elle o sinal da Cruz sobre o Livro dos Evangelhos?

R. Para mostrar que toda a força, e virtude do Evangelho se deriva da Cruz de Christo.

P. Por que razão o que lê, e os que ouvem o Evangelho fazem tambem o sinal da Cruz sobre a testa, sobre a boca, e sobre o peito?

R. Para protestarem com este sinal, que nunca se hão de envergonhar das verdades do Evangelho, mas que as confessarão de boca, e as trarão sempre gravadas no coração. Convem pois que o povo faça então estes sinaes da Cruz sobre a testa, sobre a boca, e sobre o peito, com estas disposições.

P. Por que razão estão todos de pé, quando ouvem o Evangelho?

R. Para mostrar que estão promptos para obedecer á voz de Jesus Christo, que falla no Evangelho, e para manifestar com esta postura o respeito, com que ouvem as verdades, que lhes são annunciadas. Preciso he logo que cada hum se ache com estas disposições, quando ouve a lição do Evangelho.

P.

a Cap. 6. §. 3. e 4. desta Secç.

P. Por que razão em muitos lugares nas Missas solemnes se leva o Livro dos Evangelhos a beijar pelos assistentes?

R. Para que cada hum proteste o respeito, que tem á palavra deste santo Livro, e a fé, e a obediencia, com que se acha por respeito a todas as verdades acabadas de ler.

VIII. *Estação.*

P. Por que razão se faz a Estação depois do Evangelho?

R. 1. Para explicar ao povo o que acaba de ler-se, e os outros pontos da Religião, de que deve ser instruido.

2. Para fazer as Orações, que estão prescriptas em cada Ritual.

3. Para fazer as publicações das Festas, dos jejuns, das abstinencias, dos Matrimonios, dos Monitorios, das excommunhões, e geralmente de tudo aquillo, que a Igreja julgou conveniente denunciar ao povo.

P. Que se ha de fazer, para que as instrucções da Estação sejão taes, quaes a Igreja deseja que se fação?

R. Hão de proporcionar-se os discursos á capacidade dos ouvintes; e será bom que de tudo o que pertence á intelligencia da Religião, explique huma parte em cada Domingo de hum modo claro, e methodico, de sorte que o povo pela successsão dos tempos se ache plenamente instruido de tudo o que a Igreja crê, e pratíca, e possa penetrar o sentido, e o fim de todas as ceremonias da Igreja.

P. Que deve fazer o povo por respeito a estas instrucções?

R. Nunca faltar a ellas, e ouvillas com respeito, e docilidade, desejando aproveitar-se.

P.

P. Quaes são as Orações, que se fazem na Estação?

R. Ora-se por toda a Igreja, pelos Pastores, pelos Principes, pelos Magistrados, pelos Senhores, pelos Bemfeitores, e geralmente por todos os Fieis vivos, e defuntos; mas sobre tudo pelos Paroquianos.

P. Que deve fazer o povo em quanto durão as Orações da Estação?

R. Ou deve rezallas com o Sacerdote, ou unir-se a elle, e estar attento para poder responder *Amen* do intimo do coração.

P. Que se ha de observar por respeito ás publicações?

R. Deve cada hum a seu respeito seguir a intenção da Igreja, não as reputando como simples formalidades.

Publicão-se os Matrimonios, para descubrir se ha algum impedimento, e para mover o povo a orar a Deos pelos que se casão.

Publicão-se as Ordenações, para descubrir se os que hão de ser ordenados tem alguma irregularidade Canonica, e para encommendallos ás Orações dos Fieis, como tambem o Bispo, que os ha de ordenar.

Publicão-se os Monitorios, para obrigar os Fieis com pena de excommunhão a descubrir o que souberem a respeito dos factos denunciados.

Publicão-se as excommunhões, para obrigar os Fieis a evitarem os excommungados denunciados.

Publicão-se as Festas, os jejuns, e as abstinencias para advertir aos Fieis que os observem, e para lhes expôr qual he a mente da Igreja em cada huma destas Festas, jejuns, e abstinencias, e para movellos a seguir a intenção da mesma Igreja nestes santos dias.

Publicão-se as Pastoraes dos Bispos, para que sejão conhecidas, e dadas á execução.

Se-

Seguir a intenção da Igreja por respeito a estas publicações, he orar por aquelles, pelos quaes a Igreja quer que se ore: descubrir, ou declarar o que se sabe sobre aquillo, que ella quer que se declare: observar o que quer que se observe, e fazello com o fim, que ella deseja que se faça, &c. Aos Pastores toca instruir os póvos neste ponto com mais miudeza nos casos particulares. Nesta Obra se encontrão instrucções para cada huma destas cousas.

IX. *Missa dos Fieis. Recitação do Symbolo.*

P. Por onde começa a chamada Missa dos Fieis?
R. Pela recitação do Symbolo.

Explicação.

Não se permittia antigamente que os Catecumenos, infieis, e penitentes públicos assistissem á primeira parte da Missa, senão por causa das instrucções, que nella se fazião, e para não privallos de tão boa doutrina. Estas instrucções acabadas, erão obrigados a sahir.

P. Por que razão cantamos o Symbolo, ou a Profissão de Fé na Missa depois do Evangelho, e da Estação?

R. Para protestar solemnemente que cremos tudo aquillo, que se acabou de ler, e explicar, e geralmente tudo o que a Igreja crê.

P. Qual he esta profissão de Fé?

R. A seguinte.

Creio em hum só Deos, Padre Todo Poderoso, Creador do Ceo, e da terra, e de todas as cousas visiveis,	*Credo in unum Deum, Patrem Omnipotentem, factorem Cœli, & terræ, visibilium omnium, & invi-*

visibilium. Et in unum Dominum Jesum Christum Filium Dei unigenitum. Et ex Patre natum ante omnia sæcula. Deum de Deo, lumen de lumine, Deum verum de Deo vero. Genitum non factum, consubstantialem Patri, per quem omnia facta sunt. Qui propter nos homines, & propter nostram salutem, descendit de Cœlis. Et incarnatus est de Spiritu Sancto ex Maria Virgine, ET HOMO FACTUS EST. Crucifixus etiam pro nobis sub Pontio Pilato, passus, & sepultus est. Et resurrexit tertia die, secundum Scripturas. Et ascendit in Cœlum, sedet ad dexteram Patris. Et iterum venturus est cum gloria judicare vivos, & mortuos, cujus Regni non erit finis. Et in Spiritum Sanctum Dominum, & vivificantem, qui ex Patre Filioque procedit. Qui cum Patre, & Filio simul adoratur, & conglorificatur, qui locutus est per Prophetas. Et unam, Sanctam, Catholicam, & Apostolicam Ec-

e invisiveis. E em hum só Senhor Jesus Christo, Filho unico de Deos, e nascido do Padre antes de todos os seculos. Deos de Deos, luz de luz, verdadeiro Deos do verdadeiro Deos. Que não foi feito, mas gerado; que he consubstancial ao Padre, e por quem todas as cousas forão feitas. Que desceo dos Ceos por amor de nós, e por nossa salvação. Que encarnou, e nasceo de Maria Virgem por obra do Espirito Santo, E SE FEZ HOMEM. Que foi tambem crucificado por nós sob poder de Poncio Pilatos, padeceo, e foi sepultado. Que resuscitou no terceiro dia, segundo as Escrituras. Subio ao Ceo, está assentado á mão direita do Padre. Que ha de vir segunda vez cheio de gloria para julgar os vivos, e os mortos, cujo Reino não terá fim. Creio no Espirito Santo, que he tambem Senhor, e que dá vida; que procede do Padre, e do Filho; que he adorado, e glorificado juntamente com o Padre, e o Filho, que fallou pelos Profetas. Creio na Igreja, que

he

lhe Huma, Santa, Catholica, e Apoſtolica. Confeſſo hum ſó Baptiſmo para remiſsão dos peccados; e eſpero a reſurreição dos mortos, e a vida do futuro ſeculo. Amen.

clesiam. Confiteor unum Baptiſma, & in remiſſionem peccatorum. Et expecto reſurrectionem mortuorum. Et vitam venturi ſæculi. Amen.

P. Como ſe chama eſta profiſsão de Fé?

R. O Symbolo de Nicea, e de Conſtantinopla; porque os Padres congregados no primeiro Concilio geral de Nicea compuzerão eſta profiſsão de Fé quaſi toda inteira, para confundir o erro de Ario, que combatia a Divindade de Jeſus Chriſto; e porque o primeiro Concilio geral de Conſtantinopla lhe fez algumas addições.

Explicação.

Digo que os Padres de Nicea compuzerão eſta profiſsão de Fé *quaſi toda inteira*, porque alguns artigos ha nella, que a Igreja ajuntou depois deſſe tempo. O Symbolo de Nicea contentava-ſe com dizer: *Creio no Eſpirito Santo.* O erro de Macedonio, e de Eunomio, que negavão a Divindade do Santo Eſpirito, foi cauſa que os Padres congregados no primeiro Concilio de Conſtantinopla, para deſtruirem eſte erro, ajuntárão a eſtas palavras do Symbolo de Nicea *Creio no Eſpirito Santo*, eſtoutras: *Que he tambem Senhor, e que dá vida: que procede do Padre, e do Filho: que he adorado, e glorificado juntamente com o Padre, e o Filho, que fallou pelos Profetas.* Em fim para oppôr-ſe ao erro dos que concluião falſamente deſtas palavras ajuntadas pelo Concilio de Conſtantinopla, *que procede do Padre*, que o Eſpirito Santo não procede do Padre, e do Filho, ajuntou a Igreja a eſtas palavras, *que procede do Padre*, eſtoutras, *e do Filho.* Eſta ultima addição foi feita ao

principio por algumas Igrejas particulares, e depois authorizada pelos Soberanos Pontifices, e pelos Concilios geraes de Leão, Florença, e de Trento. Assim he que a Igreja ajunta, quando julga conveniente, novas expressões á sua profissão de Fé, para melhor fazer conceber a doutrina antiga, combatida pelas heresias, que se levantão de tempos em tempos.

Em Inglaterra os que seguem a Liturgia Anglicana, recitão esta mesma profissão de Fé com as mesmas addições.

P. Por que razão não se canta este Symbolo em todas as Missas?

R. Não se canta de ordinario na Liturgia Romana, senão nas Missas, que se dizem com mais solemnidade, como são as dos Domingos, e principaes Festas. Canta-se tambem em todas as Missas das Festas dos Apostolos, e dos Doutores da Igreja, por causa do que fizerão, e padecêrão pela Fé. Antigamente em Roma não se cantava na Missa. No Oriente faz parte da Liturgia depois de largo tempo. [a]

P. Que deve fazer o povo durante o Symbolo?

R. Rezallo do intimo do coração, ou ouvillo, ou cantallo, se a Missa he cantada.

X. *Offerta do povo. Pão bento.*

P. Que se faz na Missa depois da recitação do Symbolo?

R. O Sacerdote sauda o povo com estas palavras:

Dominus vobiscum: O Senhor seja comvosco.

E estando certo da sua attenção pela resposta:

Et cum spiritu tuo: E com o vosso espirito,

O ex-

a Bona, L. 1. da Liturg. capit. 8. Mabill. Comment. sobre a Ord. Rom. art. 6. n. 3.

O exhorta a renovar o fervor das ſuas Orações com eſtas palavras:

Oremus. Oremos.

P. Que faz depois o Sacerdote?

R. Recebe as offertas do povo, em quanto ſe canta no Coro huma Antifona tirada da Sagrada Eſcritura, e que ordinariamente diz reſpeito á acção, que então ſe faz. Eſta Antifona era em outro tempo acompanhada do canto de hum Pſalmo. Tem-ſe omittido o Pſalmo, contentando-ſe com dizer a Antifona, de que o Pſalmo era ſeguido.

P. Que offerece o povo?

R. Antigamente offerecia ao Sacerdote o pão, o vinho, e a agua, que havião ſervir no ſacrificio: preſentemente offerece o pão, que o Sacerdote benze ſolemnemente, e que depois ſe diſtribue pelo congreſſo em ſinal de communhão. Tambem offerece cirios, ou dinheiro para ſubſiſtencia dos Paſtores, e algumas vezes para conſervação da Igreja.

Explicação.

Entre os Judeos o povo, que queria fazer offerecer algum ſacrificio, depoſitava nas mãos do Sacerdote aquillo, que o Sacerdote havia depois offerecer a Deos. O Sacrificio da Miſſa he, como havemos dito,[a] o ſacrificio do povo, como tambem o do Sacerdote. O povo não póde depoſitar nas mãos do Sacerdote o Corpo de Jeſus Chriſto, que ha de ſer offerecido a Deos, mas dá em ſeu lugar o pão, o vinho, e a agua, que hão de ſer convertidos no Corpo, e no Sangue de Jeſus Chriſto. Iſto he o que elle faz pelas mãos do Diacono, que preſenta ao Sacerdote em nome do povo o pão, e depois o vinho miſturado com agua, que hão de ſervir de materia ao ſacrificio.

a ?. 5. deſte cap.

Antigamente todos os Fieis vinhão offerecer per si mesmos o pão, e o vinho, o que ainda se pratíca nas Missas solemnes dos defuntos. Tomava-se deste pão, e deste vinho o que he necessario para a communhão do Sacerdote, e para a do povo, e se consagrava depois de o haver offerecido a Deos. Consta este rito de muitas Orações, de que ainda se usa na Missa, pelas quaes se pede a Deos que receba favoravelmente os dons, que se lhe offerecem, e que vão a consagrar-se: dons, que cada hum dos Fieis tem offerecido: *Quod singuli obtulerunt.* [a]

Daqui vem que os que não tinhão direito de commungar na Missa, não tinhão direito de ir á oblação: consta assim do Concilio de Elvira, [b] e de outros muitos Concilios.

Pelo tempo adiante havendo sido confiado sómente aos Ecclesiasticos o cuidado de preparar os pães, que havião de servir para o Sacrificio, e para a Communhão; e tendo diminuido notavelmente o numero dos que havião de commungar pela relaxação dos Fieis, se continuou a offerta de hum, ou de muitos pães, contentando-se com benzellos, para distribuillos ao povo em final de Communhão; e os que não offerecião este pão, vinhão offerecer dinheiro para a subsistencia dos Pastores, e para a conservação da Igreja; o que se pratíca ainda hoje.

Consta pelo Concilio de Nantes, [c] celebrado, como se crê, no fim do nono seculo, que quando se tinha escolhido dos pães offerecidos o que era necessario para a communhão do Sacerdote, e do povo, se benzia o restante, e se distribuia depois pelos que assistião ao Sacrificio, sem commungar nelle: este costume era antiquissimo, e esta he a origem do pão bento. Punhão-se so-

a Mabil. Comment. sob. a Ord. Rom. n. 6. art. 4.

b Conc. de Elvira, Can. 27.

c Conc. de Nantes, Can. 9.

ſobre o Altar as offertas reſervadas para a Communhão; e fóra do Altar as offertas reſervadas para ſerem diſtribuidas em ſinal de Communhão. [a]

P. Devem ir á offerta os que aſſiſtem á Miſſa da Paroquia nos lugares, em que a offerta eſtá em uſo?

R. Sim; com tanto que não eſtejão excluidos pelas regras da Igreja por cauſa da ſua indignidade.

P. Quem são aquelles, dos quaes he prohibido receber offertas no tempo da Miſſa?

R. Todas as peſſoas infames; os peccadores públicos, e eſcandaloſos; os que vivem publicamente com inimizade: em huma palavra, os que são indignos de ſer admittidos á Communhão. [b]

P. Com que intenção deve cada hum ir á offerta?

R. 1. Deve offerecer-ſe inteiramente a Deos, no meſmo tempo que offerece o ſeu dom; porque a offerta exterior não deve ſer mais que ſinal ſenſivel da interior.

2. Deve ir á offerta com eſpirito de paz, conformando-ſe com o que diz Jeſus Chriſto: *Se offereceis o voſſo dom ao Altar, e vos lembrardes então que voſſo irmão tem alguma couſa contra vós, deixai o voſſo preſente diante do Altar, ide reconciliar-vos com voſſo irmão, e voltareis depois a offerecer o voſſo dom.* [c] Por eſta razão he que antigamente ſe abraçavão em muitas Igrejas antes da offerta, aſſim como o Clero o faz ainda hoje em muitas Igrejas antes da Communhão. [d] Por eſte meſmo motivo he que o Sacerdote, que diz a Miſſa, faz beijar ao povo, que vem á offerta, o Crucifixo, ou outro inſtrumento de paz, dizendo eſtas palavras: *Pax tibi: A paz ſeja comvoſco.*

3. De-

a Bona, L. 2. da Liturg. capit. 8. Bocquill. L. 2. da Liturg. cap. 2.

b Conc. de Carthag. 4. Can. 93. &c.

c Matth. v. 23. 24.

d Apolog. 2. de S. Juſt. Mart. num. 85.

3. Deve offerecer com alegria, e com liberalidade o que he neceſſario para a ſubſiſtencia dos Paſtores, e para as neceſſidades da Igreja. [a]

P. Com que ordem devemos ir á offerta?

R. O Clero deve principiar, os leigos ſeguir-ſe depois cada hum por ſua ordem. As mulheres não devem ir ſenão depois dos homens.

P. Não ha alguns abuſos que evitar por reſpeito á ceremonia da offerta?

R. Sim. E eſtes abuſos conſiſtem, 1. Em que os Fieis ou não vão á offerta, ou fazem deſta ceremonia hum troféo de vaidade, e cumprem com eſta obrigação com huma pompa de todo ſecular, e vã, contra a mente da Igreja.

2. Em que os Paſtores tem algumas vezes a fraqueza de receber á offerta aos que eſtão excluidos della pelas regras da Igreja. Para evitar eſte abuſo, ſem cahir em algum inconveniente, ſerá bom conſultar ſobre iſto os Superiores.

Em França não são reputados como peccadores públicos, que devão ſer excluſos da offerta, e da communhão, ſenão aquelles, que são infames por ſeu eſtado, como são, v. gr. os comediantes. [b] Não obſtante as mulheres, que ouſaſſem apreſentar-ſe com o ſeio deſcuberto, e de hum modo eſcandaloſamente immodeſto, devem ſer rejeitadas. O meſmo ſe deve dizer de outra qualquer peſſoa, que cauſaria actualmente hum eſcandalo público na Igreja, em que os Fieis eſtão juntos.

XI.

[a] 2. Cor. ix. 6. 7.

[b] Veja-ſe a Lei *Prætoris*, 1. neſta palavra *Qui artis ludricæ*, e a Lei *Quod ait*, 2. 7. *Ait Prætor* 5. *ff. de his, qui notantur infamia.*

XI. *Oblação feita a Deos pelo Sacerdote.*

P. Que faz o Sacerdote depois da offerta do povo?

R. Offerece a Deos os dons, que acabão de ser offerecidos pelo povo; e depois de haver feito esta offerta a Deos, incensa as mesmas oblações, e o Altar.

EXPLICAÇÃO.

O Sacerdote não offerece a Deos senão o pão, e o vinho misturado com agua, que lhe foi entregue em nome do povo pelo Diacono; e que o mesmo povo offerecia antigamente, como assima temos explicado.

P. Qual he a Oração, que o Sacerdote faz, quando offerece a Deos o pão?

R. He esta.

Suscipe, Sancte Pater, omnipotens, æterne Deus, hanc immaculatam hostiam, quam ego indignus famulus tuus offero tibi Deo meo vivo, & vero, pro innumerabilibus peccatis, offensionibus, & negligentiis meis, & pro omnibus circumstantibus, sed & pro omnibus Fidelibus Christianis, vivis atque defunctis, ut mihi & illis proficiat ad salutem, in vitam æternam. Amen.

Recebei, ó Padre Santo, Deos Todo Poderoso, e eterno, esta Hostia pura, e sem mancha, que eu indigno servo vosso vos offereço a vós, que sois meu Deos vivo, e verdadeiro. Eu vo-la offereço por meus peccados, offensas, e negligencias, que são innumeraveis, e por todos os circumstantes, e ainda por todos os Fieis Christãos vivos, e defuntos, para que ella nos procure a elles, e a mim a saude para a vida eterna. Amen.

P.

P. Se o que offerece o Sacerdote não he ainda mais que pão, qual he o motivo, por que elle se serve destas palavras: *Esta Hostia pura, e sem mancha?*

R. O Sacerdote chama assim muitas vezes ao pão, e ao vinho antes da consagração, não por respeito ao que são em si, mas por respeito á mudança maravilhosa, que se ha de fazer da sua substancia na do Corpo, e do Sangue de Jesus Christo, que he a unica Hostia pura, e sem mancha, cuja oblação possa lavar-nos dos nossos peccados.

P. Qual he a Oração, que o Sacerdote faz no tempo da mistura da agua com o vinho no Calis?

R. He esta.

Deus, qui humanæ substantiæ dignitatem mirabiliter condidisti, & mirabilius reformasti: da nobis per hujus aquæ, & vini mysterium, ejus divinitatis esse consortes, qui humanitatis nostræ fieri dignatus est particeps Jesus Christus Filius tuus Dominus noster, qui tecum vivit, & regnat in unitate Spiritus Sancti Deus. Per omnia sæcula sæculorum. Amen.

Ó Deos, que por hum effeito admiravel do vosso poder haveis creado o homem de huma natureza tão excellente, e que por huma maravilha ainda maior haveis reparado esta obra das vossas mãos: dai-nos pelo Mysterio, que esta mistura da agua, e do vinho nos representa, a graça de sermos participantes da Divindade de nosso Senhor Jesus Christo, que quiz fazer-se participante da nossa humanidade, elle, que sendo Deos vive, e reina comvosco na unidade do Espirito Santo. Por todos os seculos dos seculos. Amen.

P. Por que razão mistura a Igreja no Calis a agua com o vinho?

R.

R. Para fazer o que Jesus Christo fez, quando instituio a Sagrada Eucaristia, e para representar o Mysterio, que elle quiz representar por meio desta mistura. [a]

P. Donde nos consta que Jesus Christo misturou a agua com o vinho?

R. Pela Tradição, como dissemos, fallando da Eucaristia como Sacramento. [b]

P. Qual he o Mysterio representado pela mistura da agua com o vinho no Calis?

R. 1. A união real da natureza humana com a natureza Divina na Pessoa do Filho de Deos.

2. A união mystica dos Fieis com Jesus Christo sua Cabeça.

3. A agua, e o sangue, que corrêrão do Lado de Jesus Christo. [c]

P. O Sacerdote benzia a agua antes de a misturar no Calis com o vinho, e não benze o vinho: qual he a razão desta ceremonia?

R. Antigamente benzia a agua, e o vinho depois de misturados no Calis. Presentemente não benze mais que a agua. Durando dá a razão deste rito, dizendo, que o vinho representa aqui ao Filho de Deos, e que a agua representa ao povo, o qual só deve ser bento, e purificado para se unir com Jesus Christo; e que por isso benze o Sacerdote a agua só antes de a misturar com o vinho. [d]

P. Por que razão nas Missas dos defuntos não se benze a agua, que se mistura com o vinho?

R. Suppondo, como acabámos de dizer, que a agua re-

a S. Justin. Apolog. 2. S. Cypr. Epist. 63. a Cecil. O Author das Constit. Apostol. L. 8. cap. 12. &c.

b Sess. 1. cap. 4. §. 2. Vejão-se tambem os lugares dos Padres assima citados.

c Veja-se S. Cypr. Epist. 63. S. Ambr. ou o Author do L. dos Sacram. L. 5. cap. 1. Niceforo, L. 18. cap. 53. Missal dos Cartuchos, &c.

d Durando, L. 4. dos Ritos, cap. 30.

reprefenta aqui aos Fieis, que devem fer incorporados a Jefus Chrifto, o qual he figurado pelo vinho, em que fe miftura a agua: póde dizer-fe que a Igreja nifto confidera principalmente os Fieis do Purgatorio, que não benze, porque não eftão já debaixo da fua jurifdicção. Efta he a razão myftica, que dá Gavanto. [a]

P. Qual he a Oração, que diz o Sacerdote, quando offerece a Deos o que eftá no Calis?

R. He efta.

Offerimus tibi, Domine, Calicem falutaris, tuam deprecantes clementiam, ut in confpectu Divinæ Maieftatis tuæ pro noftra, & totius Mundi falute cum odore fuavitatis afcendat. Amen.

Nós vos offerecemos, Senhor, efte Calis faudavel e imploramos a voffa clemencia, para que faça de modo, que elle fuba como agradavel cheiro diante de voffa Divina Mageftade para noffa falvação, e de todo o Mundo. Amen.

Efta mefma Oração reza o Diacono juntamente com o Sacerdote, fuftentando o Calis pelo pé.

P. Por que razão diz o Diacono efta Oração com o Sacerdote?

R. Porque o myfterio da miftura da agua, e do vinho, que são offerecidos, nos faz conhecer fenfivelmente que o povo he offerecido á Miffa com Jefus Chrifto pelas mãos do Sacerdote. Confta affim da Oração, que deixamos affima referida, e que fe diz mifturando a agua com o vinho. Affim o Diacono, que tem o lugar de todo o povo, fe une ao Sacerdote, para fazer com elle efta offerta do vinho mifturado com a agua.

P.

a Veja-fe Gavanto fob. as Rubricas do Miffal, P. 2. tit. 7.

P. Por que razão o Calis, que não contém ainda mais que vinho, se chama *Calis saudavel?*

R. Chama-se assim em consideração do Sangue de Jesus Christo, no qual este vinho ha de ser bem depressa convertido.

P. Que faz o Sacerdote depois que offereceo o Calis?

R. Inclina-se profundamente diante de Deos, e lhe diz em nome de todo o povo a Oração seguinte tirada da Escritura.

In spiritu humilitatis, & in animo contrito suscipiamur a te, Domine, & sic fiat sacrificium nostrum in conspectu tuo hodie, ut placeat tibi, Domine Deus.

Nós nos presentamos a vós, Senhor, com hum espirito humilhado, e com hum coração contrito: recebei-nos favoravelmente, e que o nosso sacrificio seja tal, que possa ser-vos agradavel. [a]

Depois desta Oração levanta o Sacerdote os olhos, e as mãos ao Ceo, para fazer descer delle a graça, e a virtude do Espirito Santo, e faz o final da Cruz sobre o pão, e sobre o vinho. No mesmo tempo diz:

Veni, Sanctificator, Omnipotens, æterne Deus, & benedic hoc Sacrificium tuo sancto Nomini præparatum.

Vinde, Sanctificador, Deos Todo Poderoso, e eterno, e abençoai este Sacrificio destinado, e preparado para honrar o vosso santo Nome.

Depois disto benze o incenso, que lhe he presentado pelo Diacono, e incensa o pão, e o vinho, e depois o Altar. Toda a ceremonia do incenso vai acompanhada das Orações seguintes.

In-

a Dan. iii. 39. 40.

Incensando o pão, e o vinho offerecidos a Deos; diz:

Incensum istud a te benedictum ascendat ad te, Domine, & descendat super nos misericordia tua.

Este incenso, que acabais de benzer, suba até vós, Senhor, e desça sobre nós a vossa misericordia.

Incensando o Altar, diz as palavras seguintes tiradas do Psalmo 140. verso 2.

Dirigatur, Domine, oratio mea, sicut incensum in conspectu tuo. Elevatio manuum mearum sacrificium vespertinum. Pone, Domine, custodiam ori meo, & ostium circumstantiæ labiis meis; ut non declinet cor meum in verba malitiæ: ad excusandas excusationes in peccatis.

Eleve-se a minha oração; Senhor, á vossa presença, como o fumo do incenso: seja-vos agradavel a elevação das minhas mãos, como o sacrificio da tarde. Ponde, Senhor, huma guarda á minha boca, e huma porta a meus labios. Não permittais que o meu coração se desmande em palavras de malicia para buscar escusas em meus peccados.

Entregando o thuribulo ao Diacono, diz:

Ascendat in nobis Dominus ignem sui amoris, & flammam æternæ charitatis.

O Senhor accenda em nós o fogo do seu amor, e a chamma da sua eterna caridade.

P. Que deve fazer o povo, quando o Sacerdote diz estas Orações?

R. Deve dizellas secretamente com o Sacerdote, ou unir-se interiormente com elle para pedir a Deos o que elle pede.

P.

P. Que ha de fazer o povo em quanto dura o incenso ?

R. Elevar o coração a Deos, e duplicar o fervor das suas orações. Nenhuma cousa se póde fazer melhor, do que rezar os versos assima referidos do Psalmo 140. *Eleve-se a minha Oração, Senhor, á vossa presença, &c.*

XII. *Lavatorio dos dedos.* Suscipe Sancta Trinitas.

P. Por que razão lava o Sacerdote os dedos depois de haver incensado o Altar ?

R. 1. Tocando o thuribulo, e as offertas do povo, podião as suas mãos haver contrahido alguma mancha; e os dedos, que hão de tocar o Corpo de Jesus Christo, não podem purificar-se com excesso.

2. O lavatorio dos dedos he huma imagem da grande pureza, que devemos ter para offerecer o santo Sacrificio, reflexão já feita por S. Cyrillo de Jerusalem, explicando esta ceremonia da Missa aos novos baptizados, e pelos outros Padres. [a] Por esta razão he que lavando-se o Sacerdote, pede a Deos que acabe de purificar o seu coração das mais pequenas manchas, e por este motivo reza os versos seguintes do Psalmo 25.

Lavabo inter innocentes manus meas, & circumdabo altare tuum, Domine, ut audiam vocem laudis, & enarrem universa mirabilia tua. Domine, dilexi decorem domus tuæ, & locum habitationis gloriæ tuæ. Ne perdas cum impiis,

Lavarei minhas mãos com os innocentes, e cercarei o vosso Altar, Senhor, para ouvir todos os vossos louvores, e contar todas vossas maravilhas. Senhor, eu amei a formosura da vossa casa, e o lugar, em que habita a vossa gloria. Não percais a minha al-

[a] S. Cyrill. de Jeruf. Catec. 5. Myftag. Bona, L. 2. da Liturg. c. 9. n. 6.

alma com os impios, nem a minha vida com os homens de ſangue, que tem as ſuas mãos cheias de injuſtiças, e a direita cheia de preſentes. Mas pelo que a mim reſpeita, andei na innocencia, livrai-me, e tende piedade de mim. O meu pé permaneceo firme no caminho recto. Eu vos louvarei, Senhor, nos ſantos congreſſos. Gloria ao Padre, &c.

Deus, animam meam, & cum viris ſanguinum vitam meam, in quorum manibus iniquitates ſunt, dextera eorum repleta eſt muneribus. Ego autem in innocentia mea ingreſſus ſum, redime me, & miſerere mei. Pes meus ſtetit in directo. In Eccleſiis benedicam te, Domine. Gloria Patri, &c.

P. Que deve fazer o povo em quanto o Sacerdote lava os dedos?

R. Não póde fazer couſa melhor do que pedir a Deos que o purifique dos mais leves peccados, e rezar com eſta intenção os verſos do Pſalmo 25. que o Sacerdote reza.

P. Qual he a Oração, que o Sacerdote faz no meio do Altar depois de haver lavado os dedos?

R. He huma oblação, que faz a Deos ſegunda vez do pão, e do vinho já offerecidos ſeparadamente. Para eſte effeito levanta os olhos, e as mãos ao Ceo, e inclinando-ſe profundamente, diz:

Recebei, ó Trindade Santa, eſta oblação, que nós vos offerecemos em memoria da Paixão, da Reſurreição, e da Aſcensão de Jeſus Chriſto noſſo Senhor, e em honra da Bemaventurada ſempre Virgem Maria, de

Suſcipe, Sancta Trinitas, hanc oblationem, quam tibi offerimus ob memoriam Paſſionis, & Reſurrectionis, & Aſcenſionis Domini noſtri Jeſu Chriſti, & in honorem Beatæ Mariæ ſemper Virginis, & Beati Jo-

Joannis Baptistæ, & Sanctorum Apostolorum Petri, & Pauli, & istorum, & omnium Sanctorum, ut illis proficiat ad honorem, nobis autem ad salutem; & illi pro nobis intercedere dignentur in Cœlis, quorum memoriam agimus in terris. Per eumdem Christum Dominum nostrum. Amen.

S. João Baptista, dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, daquelles, (*quero dizer, daquelles, cujas reliquias estão debaixo do Altar*) e de todos os Santos, para que nella achem a sua gloria, e nós a nossa salvação; e que estes Santos, de que honramos a memoria sobre a terra, se dignem interceder por nós em o Ceo. Por Jesus Christo nosso Senhor. Amen.

P. Se o Sacerdote tem já offerecido o pão, e o vinho em particular, para que o torna a offerecer em commum?

R. Ha Igrejas, em que não se offerece em particular o pão, e em particular o vinho, mas só ambos juntos por meio desta Oração: *Suscipe, Sancta Trinitas, &c.* ou por meio de outra semelhante. Tal era o uso dos Dominicanos, dos Carmelitas, &c. Este era tambem o antigo uso da maior parte das Igrejas de França; mas ha outras Igrejas, onde de tempo immemorial se segue o uso, que a Igreja Romana pratíca hoje, que he de offerecer o pão, e o vinho cada hum em particular, e de os offerecer depois de novo em commum. Tal he o uso de Milão. Estas differenças não são consideraveis: cada hum deve seguir nisto o uso da sua Igreja, que he bom. [a]

Alguns sabios julgão que a Oração *Suscipe, Sancte Pater*, que havemos referido assima, e que o Sacerdote diz agora, quando offerece o pão, não era ao principio dita senão pelo povo, quando hia presentar á of-

a Bona, L. 2. da Liturg. cap. 9.

á offerta o pão, de que se havia de usar no Sacrificio. Consta isto do Livro das Orações de Carlos o Calvo, onde se acha esta Oração notada para isso. O povo tendo cessado de offerecer o pão, que ha de ser consagrado, o mesmo Sacerdote diz pelo povo a Oração, que dizião antes aquelles, que o offerecião. [a]

P. Por que razão diz o Sacerdote, que offerece este Sacrificio *em memoria da Paixão, da Resurreição, e da Ascensão de Jesus Christo?*

R. Para dar huma idéa com toda a sua extensão do Sacrificio de Jesus Christo, de que celebramos a memoria, e a continuação sobre o Altar.

EXPLICAÇÃO.

Para comprehender bem esta resposta, he necessario trazer á memoria o sacrificio dos Judeos, de que temos fallado, [b] que era a figura do de Jesus Christo. Nestes sacrificios fizemos notar sinco cousas. 1. A escolha, que se fazia da victima para offerecella a Deos, e por esta escolha ficava ella como santificada. 2. A offerta, que o Sacerdote fazia da mesma victima a Deos antes de a immolar. 3. A immolação sobre o Altar, onde se lhe dava a morte. 4. A consummação da victima, que era queimada, para que tudo o que nella houvesse de imperfeito, e de corruptivel, fosse destruido pelo fogo; que o fumo desta victima queimada pudesse elevar-se, para o dizer assim, até Deos, e que Deos o recebesse como cheiro de suavidade. 5. A communhão da victima pelo povo.

Tudo isto achamos nos Mysterios da Vida de Jesus Christo. 1. A sua Encarnação foi a santificação da victima, porque pela Encarnação he que a natureza humana se fez digna, em virtude da sua união com o Ver-

a Veja-se o L. intitulado *L' Idée du Sacerdoce, e du Sacrifice de Jesus Christ*, impresso em Bruxellas.

b §. 4. deste cap.

Verbo, de ser offerecida a Deos. 2. Encontramos a primeira offerta da victima em o Nascimento de Jesus Christo; porque S. Paulo nos ensina, que Jesus Christo entrando no Mundo, se offereceo a Deos Padre, e se substituio a todas as antigas victimas, que não tinhão feito mais que representallo. [a] 3. Esta Divina victima foi immolada sobre a Cruz. 4. Foi consummada, para o dizer assim, pela Resurreição, e Ascensão; porque pela Resurreição, tudo o que havia de mortal, e corruptivel em Jesus Christo foi destruido; então he que o seu corpo foi revestido da immortalidade; e pela Ascensão foi a mesma victima presentada diante de Deos. 5. Em fim achamos no dia do Pentecostes huma especie de communhão da victima; porque neste dia he que os Fieis, para o dizer assim, forão incorporados a Jesus Christo, tendo-se feito participantes do seu espirito, e membros do seu corpo, como diz S. Paulo em muitos lugares das suas Epistolas.

Para nos pôr á vista todas estas cousas, a Oração, que explicamos, continha antigamente na maior parte das Igrejas de França as palavras seguintes, a qual Oração se diz ainda em algumas Igrejas. [b]

Suscipe, Sancta Trinitàs, hanc oblationem, quam tibi offerimus ob memoriam Incarnationis, Nativitatis, Passionis, Resurrectionis, Ascensionis Jesu Christi Domini nostri, & adventus Spiritus Sancti, &c.

Recebei, ó Trindade Santa, esta oblação, que nós vos offerecemos em memoria da Encarnação, da Natividade, da Paixão, da Resurreição, da Ascensão de nosso Senhor Jesus Christo, e da descida do Espirito Santo, &c.

a Hebr. x. 5. 6. e 7.
b Lê-se no Missal de Paris, que cessou de usar-se no anno de 1604.

Os Gregos dizem ainda agora na ſua Liturgia eſta Oração com pouca differença.

E ſe no uſo, que praticamos hoje, não fazemos memoria ſenão da Paixão, Reſurreição, e Aſcensão de Jeſus Chriſto, he, porque eſtes tres Myſterios forão o complemento da immolação, e da conſummação do Sacrificio de Jeſus Chriſto; e pois que o Sacrificio da Miſſa não he mais que continuação, e memoria do Sacrificio de Jeſus Chriſto, he verdade o dizer que nós o offerecemos em memoria da ſua Paixão, da ſua Reſurreição, e da ſua Aſcensão. *Fazei iſto em minha memoria*, diz Jeſus Chriſto. [a]

Não ſómente fazemos memoria na Miſſa das ſinco partes do Sacrificio de Jeſus Chriſto aſſima explicadas, mas tambem as repreſentamos de algum modo na acção do Sacrificio da Miſſa.

A preparação, e a ſantificação da victima he repreſentada pela Cruz, e preparação, que ſe faz do pão, e do vinho offerecidos pelo povo, para ſerem convertidos no Corpo, e no Sangue de Jeſus Chriſto, e pela miſtura da agua com o vinho, como ſe colhe da Oração myſterioſa, que aſſima havemos explicado, fallando deſta miſtura. [b]

A offerta preparatoria da victima antes da ſua immolação he repreſentada pela oblação, que ſe faz do pão, e do vinho miſturado com agua antes da conſagração.

A immolação da victima he repreſentada pela conſagração do Corpo, e do Sangue de Jeſus Chriſto debaixo das eſpecies ſeparadas do pão, e do vinho.

A conſummação da victima, acção, pela qual he preſentada, como temos explicado, izenta de toda a corrupção diante do Throno de Deos depois da ſua immolação: eſta acção he repreſentada pela offerta, que

ſe

a 1. Cor. xi. 24.   b Num. xi. deſte §.

ſe faz a Deos do Corpo, e do Sangue de Jeſus Chriſto logo depois da conſagração.

Em fim a communhão da victima pelo povo ſe acha na Communhão.

Aſſim encontramos reunidos na Miſſa os Myſterios de Jeſus Chriſto, e os pomos, para o dizer aſſim, diante dos olhos, celebrando eſte auguſto Sacrificio.

P. Por que razão dizemos que ſe offerece tambem o Sacrificio da Miſſa em memoria dos Santos, e por ſua gloria?

R. Já aſſima explicámos porque razão ſe offerece o ſanto Sacrificio da Miſſa em memoria dos Santos. [a] Accreſcentamos que ſe offerece tambem por ſua gloria, 1. Porque os Santos não forão glorificados ſenão pela virtude do Sacrificio de Jeſus Chriſto, de que o da Miſſa não he mais que continuação. 2. Porque Jeſus Chriſto he glorificado pelo ſanto Sacrificio da Miſſa; e ſendo os Santos membros de Jeſus Chriſto, unidos inſeparavelmente á ſua Cabeça, a gloria da Cabeça ſe communica neceſſariamente aos membros. 3. Porque os Santos achão a ſua gloria, e a ſua honra em offerecer-ſe com Jeſus Chriſto ſua Cabeça, com quem eſtão unidos inſeparavelmente; e iſto he o que fazem no Sacrificio da Miſſa, que he o Sacrificio de Jeſus Chriſto todo inteiro, quero dizer, da cabeça, e dos membros.

P. Que deve fazer o povo, em quanto o Sacerdote reza a Oração, que fica explicada?

R. Deve ſeguir a intenção da Igreja, rezando-a com o meſmo fim, que ella teve em inſtituilla, ou unir-ſe ao Sacerdote, que a reza; e iſto he o que ſe póde fazer melhor.

a Veja-ſe o §. 11. deſte cap.

XIII. *Orate, fratres.* Oração ſecreta.

P. Que faz o Sacerdote, quando tem dito a Oração, que acaba de ſer explicada?

R. Beija o Altar, e ſe volta para o povo, dirigindo-lhe as palavras ſeguintes:

Orate, fratres, ut meum, ac veſtrum ſacrificium acceptabile fiat apud Deum Patrem Omnipotentem.	Orai, irmãos, para que o meu ſacrificio, que he tambem o voſſo, ſeja agradavel a Deos Padre Todo Poderoſo.

O povo obedece ao Sacerdote, unindo-ſe com elle para orar, e a ſua Oração he formada neſtes termos:

Suſcipiat Dominus hoc ſacrificium de manibus tuis, ad laudem, & gloriam nominis ſui, ad utilitatem quoque noſtram, totiusque Eccleſiæ ſuæ Sanctæ.	Receba o Senhor o ſacrificio, que lhe offereceis, e que nós lhe offerecemos tambem por voſſas mãos para honra, e gloria do ſeu nome, para noſſa particular utilidade, e para bem de toda a ſua Santa Igreja.

O povo deve dizer eſtas palavras do intimo do coração; e algumas reflexões importantes poderão ajudar-nos a penetrar o eſpirito deſtas meſmas palavras, que a Igreja põe na boca do Sacerdote, e na do povo. As referidas palavras fazem ver,

1. Que o Sacerdote, como aſſima havemos dito, [a] offerece o ſanto Sacrificio não ſómente em nome de Jeſus Chriſto, mas tambem em nome da Igreja, e que niſto he o Miniſtro do povo, como he Miniſtro de Jeſus Chriſto.

2. Que

a §. 9. deſte cap.

2. Que o povo deve unir-se ao Sacerdote, e offerecer o Sacrificio com elle, pois que este Sacrificio he seu, como he do Sacerdote.

3. Que o Sacrificio se offerece, 1. Para honrar a Deos. 2. Para utilidade do povo, que o offerece; quero dizer, para obter todas as cousas, de que temos necessidade; no que se incerra a remissão dos peccados, e toda a sorte de graças, e de beneficios, assim espirituaes, como temporaes.

4. Que todas as Missas, que se dizem, são para utilidade de toda a Igreja, e que não falla com fundamento quem chama Missas privadas, ou particulares, ás que se dizem sem solemnidade, e nas quaes se tem por fim recommendar a Deos alguma necessidade particular.

P. Que faz o Sacerdote depois disto?

R. Volta-se para o Altar, e faz a Deos huma Oração, que se chama Secreta, pela qual pede a Deos que receba favoravelmente as offertas, que forão feitas pelos Fieis. Esta Oração se diversifica segundo a diversidade dos Officios, e solemnidades.

P. Qual he o motivo, por que esta Oração se chama *Secreta*?

R. Alguns julgão que se chama assim, porque se reza sem canto, e em voz baixa, [a] ainda nas Missas cantadas: outros dão a esta palavra diversa origem.

EXPLICAÇÃO.

No Sacramentario de S. Gregorio Magno, e em muitos Missaes antigos se chama esta Oração *Oratio super oblata: Oração sobre as offertas.* Pessoas ha, que julgão que o nome de Oração secreta, que se lhe dá, não vem de não ser cantada, nem de que se diga em voz baixa, mas porque se reservava, como assima fica ex-

[a] Amalario, L. 1. cap. 20.

explicado, [a] huma parte das offertas do povo, para dellas se fazer a materia do Sacrificio; e se chamava, dizem elles, a Oração, que o Sacerdote fazia depois sobre estas offertas: *Oração sobre as offertas separadas, ou postas á parte: Oratio super oblata secreta, seu segregata.* Outros tendo respeito á mesma etymologia, dizem, que assim como se chamou Collecta a Oração, que se dizia quando todo o povo estava junto, assim se chamou tambem Secreta a que se dizia, quando os Catecumenos, e os penitentes tinhão sahido: *Collecta a collectis Fidelibus; Secreta a secretis Catechuminis, & pœnitentibus.*

Seja como for, claramente se vê qual he o espirito da Oração, que se chama Secreta, por aquella, que a Igreja reza no quinto Domingo depois do Pentecostes. Eu a ponho aqui, para que sirva de exemplo, e de prova ao que temos dito nesta materia.

Propitiare, Domine, supplicationibus nostris, & has oblationes famulorum tuorum benignus assume; ut quod singuli obtulerunt ad honorem Nominis tui, cunctis proficiat ad salutem. Per Dominum nostrum Jesum Christum Filium tuum, qui tecum vivit, & regnat in unitate Spiritus Sancti Deus. Per omnia sæcula sæculorum. Amen.

Rendei-vos, Senhor, favoravel ás nossas humildes deprecações, e tende a bondade de receber estas offertas de vossos servos, a fim de que o que cada hum delles tem offerecido para gloria do vosso Nome, seja util a todos para a sua salvação. Por nosso Senhor Jesus Christo vosso Filho, que vive, e reina comvosco na unidade do Espirito Santo. Por todos os seculos dos seculos. Amen.

A Igreja de Roma antigamente não tinha outra Oração para offerecer o pão, e o vinho, mais que a Ora-

a Num. 12. deste §.

Oração, que chamamos Secreta. As Orações *Suſcipe, Sancte Pater; Offerimus tibi, Domine;* e *Suſcipe, Sancta Trinitas*, forão depois mettidas na Liturgia de Roma, havendo ſido tomadas das Liturgias de outras Igrejas. Os Cartuchos praticão ainda agora o antigo uſo da Igreja Romana neſte particular. [a]

P. Por que razão diz o Sacerdote em voz baixa, e ſem canto a Oração, que ſe chama Secreta, e quaſi todas as do Canon da Miſſa?

R. He coſtume praticado ha largo tempo na Igreja Grega, como tambem na Latina, o rezar algumas Orações em voz baixa, e outras em voz alta. Póde ver-ſe eſte uſo nas Liturgias mais antigas. A Igreja o pratíca aſſim, não para occultar aos póvos o que pede a Deos por elles, pois que ella lho explica, e ordinariamente levanta a voz no fim deſtas Orações, para que o povo poſſa dar o ſeu conſentimento pela palavra *Amen*; mas a Igreja o faz aſſim, ou ſeja para honrar o ſilencio de Jeſus Chriſto no tempo da ſua Paixão, ou ſeja para que eſte ſilencio imprima reſpeito, e para que o povo permaneça attento, e applicado a Deos em quanto o Sacerdote ora em nome de todos os aſſiſtentes, [b] como ſe praticava no ſacrificio dos Judeos, quando o Summo Pontifice entrava ſó no Sanctuario para orar em nome de todo o povo.

P. Qual he o motivo, por que depois da Oração Secreta eleva o Sacerdote a voz para dizer:

Per omnia ſæcula ſæculorum: Por todos os ſeculos dos ſeculos.

R. Eſtas palavras são a conclusão da Oração Secreta: o Sacerdote eleva então a voz para pedir o conſentimento do povo, que reſponde *Amen*.

Ex-

[a] Veja-ſe a antiga Ord. Rom. Bona, L. 2. da Liturg. c. 9. n. 2. O Miſſal dos Cartuchos, e o Microl. cap. 11.

[b] Innoc. III. na ſua explicação dos Myſterios da Miſſa, L. 2. cap. 54.

EXPLICAÇÃO.

Todas as Orações da Igreja ſe terminão aſſim: *Por noſſo Senhor Jeſus Chriſto, que vive, e reina com o Padre, e o Eſpirito Santo por todos os ſeculos dos ſeculos. Amen.* Nas Orações, que ſe dizem em voz baixa, levanta ſempre o Sacerdote a voz neſtas ultimas palavras *Per omnia ſæcula ſæculorum:* Por todos os ſeculos dos ſeculos, quando o povo deve dar o ſeu conſentimento, como elle faz neſta occaſião, e o povo reſponde *Amen.*

Iſto manifeſta que o povo deve unir-ſe ao Sacerdote, que reza eſta Oração, e pedir a Deos o meſmo que elle pede, ou ſeja rezando a meſma Oração ſecretamente, ou ſeja unindo-ſe ao Sacerdote ſem a rezar.

XIV. *Prefacio.* Sanctus.

P. Que faz o Sacerdote, quando tem dito a Oração, que ſe chama Secreta?

R. Sauda ao povo com eſtas palavras ordinarias:

Dominus vobiſcum. O Senhor eſteja comvoſco.

E o povo reſponde a eſta ſaudação:

Et cum ſpiritu tuo. E com o voſſo eſpirito.

Depois diſto dirige o Sacerdote ao povo eſtas célebres palavras referidas por todos os Padres da Igreja, que fallárão da Ordem da Liturgia:

Surſum corda. Elevai ao alto os voſſos corações.

O povo reſponde:

Habemus ad Dominum. Nós os temos elevados ao Senhor.

O Sacerdote dá ao povo eſte aviſo, porque he neceſſario elevar-ſe ſobre os ſentidos, e achar-ſe em eſpirito no Ceo, para poder unir-ſe aos Coros dos Anjos, e can-

e cantar com elles o Cantico : Santo, Santo, Santo, &c. He neceſſario pois que o povo renove então effectivamente a ſua attenção, e que eleve o ſeu coração a Deos : ſem iſto he mentir o dizer *Habemus ad Dominum.*

Seguro o Sacerdote da attenção do povo, diz logo:

Gratias agamus Domino Deo noſtro. Demos graças ao Senhor noſſo Deos.

O povo reſponde :

Dignum, & juſtum eſt. He muito juſto, e racionavel.

Cuja reſpoſta deve ſahir do coração, quando ſe profere com a boca.

Depois diſto canta o Sacerdote a Oração ſeguinte, que ſe chama o Prefacio.

Verè dignum, & juſtum eſt, æquum & ſalutare, nos tibi ſemper, & ubique gratias agere, Domine Sancte, Pater Omnipotens, æterne Deus, per Chriſtum Dominum noſtrum, per quem Maieſtatem tuam laudant Angeli, adorant Dominationes, tremunt Poteſtates, Cœli cœlorumque virtutes, ac beata Seraphim ſocia exultatione concelebrant. Cum quibus, & noſtras voces, ut admitti jubeas deprecamur, ſupplici confeſſione dicentes :

Na verdade he muito juſto, conveniente, e racionavel que vos demos graças em todo o tempo, e em todos os lugares, ó Senhor Padre Santo, Deos Todo Poderoſo, e eterno, por Jeſus Chriſto noſſo Senhor, por quem os Anjos louvão a voſſa Mageſtade, as Dominações a adorão, as Potencias a honrão por meio de hum tremor reſpeitoſo, cuja gloria celebrão os Ceos, e os Serafins bemaventurados com impulſos de alegria. Nós vos pedimos que recebais as noſſas vozes, que unimos com as ſuas, dizendo-vos com humilde confiſsão :

San-

Sanctus, Sanctus, Sanctus Dominus Deus Sabaoth. Pleni ſunt Cœli, & terra gloria tua, Hoſanna in excelſis. Benedictus ✠ qui venit in nomine Domini. Hoſanna in excelſis.

Santo, Santo, Santo he o Senhor Deos dos Exercitos. A voſſa gloria enche o Ceo, e a terra, Hoſanna no mais alto dos Ceos. Bemdito ſeja ✠ o que vem em nome do Senhor. Hoſanna no mais alto dos Ceos.

Eſta acção de graças tão admiravel, e tão penetrante, pela qual a Igreja da terra ſe une com a do Ceo, e uſa das ſuas palavras para louvar a Deos, ſe chama Prefacio, porque ſerve de prefacio, e de preambulo ao Canon da Miſſa. Os Gregos a chamão Oração Eucariſtica, iſto he, Oração de acção de graças. Varía eſta Oração ſegundo a diverſidade das ſolemnidades. Nós referimos aqui ſómente a commua, e que ſe canta nos dias, que não tem aſſinada outra propria.

Mas todos os Prefacios são ſempre ſeguidos deſte canto admiravel: *Santo, Santo, Santo, &c.* canto, que o Profeta Iſaias, arrebatado em visão diante do Throno de Deos, ouvio cantar aos Querubins. [a] As outras palavras, que a Igreja accreſcenta, são as que os meninos Judeos cantárão em honra de Jeſus Chriſto, quando fez a ſua entrada em Jeruſalem: [b] *Bemdito ſeja o que vem em nome do Senhor. Hoſanna no mais alto dos Ceos.* Dizendo eſtas palavras: *Bemdito ſeja o que vem, &c.* faz o Sacerdote o ſinal da Cruz, para moſtrar que a acção, pela qual Jeſus Chriſto ſe faz preſente ſobre o Altar, he huma repreſentação do ſacrificio da Cruz.

P. Que deve fazer o povo em quanto ſe diz o Prefacio?

R. Deve unir-ſe ao Sacerdote, para fazer com elle a Deos

a Iſai. vi. 3. *b* Matth. xxi. 9.

a Deos esta acção de graças, e dizer depois do intimo do coração com os Anjos : *Santo, Santo, Santo, &c.* e com a Igreja : *A vossa gloria enche : Bemdito seja o que vem, &c.* Nas Missas cantadas faz a Igreja cantar isto pelo Coro : logo a sua intenção he que o povo o cante então, e que nas Missas rezadas o reze particularmente.

XV. *Canon da Missa.* Te igitur.

P. Qual he o motivo, por que as Orações, que se dizem depois do Prefacio, são chamadas *Canon da Missa?*

R. Porque contém a regra fixa, a ordem invariavel, e as palavras, com as quaes se faz sempre a consagração, e tudo aquillo, que precede, e se segue á mesma consagração; porque estas Orações são as mesmas em todas as Missas; e a palavra *Canon*, como havemos dito em outro lugar, he huma palavra Grega, que significa *Regra.*

P. Por onde começa o Canon da Missa?

R. Levanta o Sacerdote os olhos, e as mãos ao Ceo, e diz em voz baixa a Oração seguinte, no principio da qual se inclina profundamente, e beija o Altar por respeito.

Te igitur, clementissime Pater, per Jesum Christum Filium tuum Dominum nostrum supplices rogamus ac petimus, uti accepta habeas, & benedicas hæc ✠ dona, hæc ✠ munera, hæc ✠ sancta Sacrificia illibata. Imprimis quæ tibi offerimus pro Ecclesia

Nós vos supplicamos pois com profundo respeito, Padre clementissimo, e vos pedimos por nosso Senhor Jesus Christo vosso Filho, que recebais, e abençoeis estes ✠ dons, estas ✠ offertas, estes ✠ santos Sacrificios sem mancha, que vos offerecemos primeiramente pe-

pela vossa Santa Igreja Catholica, para que vos digneis conceder-lhe a paz, conservalla, unilla, governalla por toda a terra, e com ella ao vosso servo N. Papa nosso, ao nosso Pastor N. ao nosso Rei N. e a todos os Orthodoxos, e amadores da Fé Catholica, e Apostolica.

tua Sancta Catholica; quam pacificare, custodire, adunare, & regere digneris, toto orbe terrarum: una cum famulo tuo Papa nostro N. & Antistite nostro N. & Rege nostro N. & omnibus Orthodoxis, atque Catholicæ, & Apostolicæ fidei cultoribus.

P. Por que razão faz o Sacerdote os sinaes da Cruz sobre o pão, e sobre o vinho, que estão no Altar, quando diz estas palavras: *Nós vos supplicamos que abençoeis estes dons, estas offertas, estes Sacrificios?*

R. Para mostrar que só pela virtude da Cruz de Jesus Christo he que estas offertas podem ser bentas, e agradaveis a Deos.

P. Que reflexões devemos fazer sobre esta Oração, segundo a intenção da Igreja?

R. 1. Que todas as Missas, que se celebrão, são offerecidas por toda a Igreja, pelo Papa, pelo Bispo do lugar, pelo Rei, e geralmente por todos os Fieis Catholicos; e que por conseguinte, como já havemos notado, não ha Missas privadas, fallando propriamente, mas que todas são commuas. [a]

2. Que se nomea sempre o Papa, o Bispo, e o Rei, ou o Principe soberano do lugar da habitação, para obter de Deos huma vida santa, pacifica, e tranquilla debaixo da sua direcção, como diz S. Paulo. [b]

3. Que o Sacerdote, que diz a Missa, não deve nomear o seu proprio Bispo, mas o Bispo do lugar, em que celébra, ainda quando fosse Sacerdote peregrino, e es-

[a] Conc. de Trento, Sess. 22. cap. 6. do Sacrificio da Missa.

[b] 1. Tim. ii. 1. e seg.

e eſtrangeiro, para que ſe veja que em nome do povo he que falla, e não em ſeu proprio nome; e que o povo he quem offerece o Sacrificio pelas mãos do Sacerdote.

4. Que em todas as Miſſas ſe pede a Deos para toda a Igreja quatro couſas importantes. 1. *Que elle lhe dê a paz* contra as perſeguições exteriores. 2. *Que a conſerve* na verdadeira Fé contra todos aquelles, que a combatem, que são os Judeos, os infieis, e os hereges. 3. *Que a una* contra os Sciſmaticos, e contra todos aquelles, que combatem a ſua unidade. 4. *Que a conduza*, o que fará, dando-lhe bons Paſtores, ou defendendo-a contra os coſtumes perniciosos dos máos Paſtores, e ſuſtentando-a contra as deſordens de ſeus filhos.

5. Que o ſanto Sacrificio ſe offerece á Santiſſima Trindade, mas que a Oração ſe dirige ao Padre pelo Filho na união do Eſpirito Santo, ſegundo o uſo perpetuo de toda a Igreja.

6. Que a Igreja ſó põe aos Fieis no numero daquelles, por quem offerece o Sacrificio publicamente. Os infieis, os hereges, e os excommungados não são nomeados; mas iſto não embaraça que ſe poſſa, e ainda ſe deva orar em particular pela ſua conversão, como já fica explicado. [a]

Alguns Authores ha, os quaes dizem, que as ultimas palavras deſta Oração: *E a todos os Orthodoxos, e amadores da Fé Catholica, e Apoſtolica*, não ſe achavão antigamente no Canon da Miſſa, e lhe forão accreſcentadas haverá quaſi ſeiscentos annos ſómente. [b]

Mas outros defendem com maior fundamento, que ellas são mais antigas, e o moſtrão pelos Miſſaes antiquiſſimos. [c]

P.

[a] Veja-ſe o §. 12. deſte cap.
[b] Veja-ſe o Microl. cap. 13.
[c] Menard. ſob. o Sacram. de S. Greg.

P. Que ha de fazer o povo durante esta primeira Oração do Canon?

R. Pois que em seu nome he que o Sacerdote a reza, como fica notado, não póde o povo fazer cousa melhor do que unir-se ao Sacerdote para pedir a Deos as cousas contheudas nesta Oração. Antigamente não começava o Sacerdote em Roma o Canon da Missa, senão quando o Coro tinha acabado o canto de *Sanctus*, que o mesmo Sacerdote cantava com o Coro. [a]

XVI. Memento *dos vivos.*

P. Qual he a segunda Oração do Canon da Missa?

R. O Sacerdote depois de haver supplicado a Deos por toda a Igreja, recommenda aquelles, por quem quer orar em particular, e depois todos os mais, que estão presentes ao Sacrificio. As palavras desta Oração são estas:

Memento, Domine, famulorum famularumque tuarum N. N.

Lembrai-vos, Senhor, de vossos servos, e de vossas servas N. N.

O Sacerdote faz aqui huma pausa para recommendar a Deos aquelles, por quem quer, ou deve orar em particular. Depois continúa, dizendo:

Et omnium circumstantium, quorum tibi fides cognita est, & nota devotio, pro quibus tibi offerimus, vel qui tibi offerunt hoc sacrificium laudis pro se suisque omnibus, pro redemptione animarum sua-

E de todos aquelles, que estão aqui presentes, dos quaes conheceis a fé, e a devoção, por quem vos offerecemos, ou que vos offerecem este Sacrificio de louvor, por elles, e por todos os que lhe pertencem, pela redempção das suas al-

a Mabil. Commept. sob. a Ordem Rom. n. 7.

almas, pela esperança da sua salvação, e conservação, e que tributão adorações a vós, que sois o Deos eterno, vivo, e verdadeiro.

rum, pro spe salutis, & incolumitatis suæ; tibique reddunt vota sua æterno Deo vivo, & vero.

P. Que reflexões devemos fazer sobre esta Oração, para comprehendermos bem o sentido della?

R. 1. Estas palavras: *Por quem vos offerecemos, ou que vos offerecem*, mostrão claramente que o povo offerece o Sacrificio do mesmo modo que o Sacerdote: com esta differença, que o Sacerdote o offerece por suas proprias mãos, em lugar de que o povo o offerece pelas mãos do Sacerdote. [a]

2. Estas palavras: *Dos quaes conheceis a fé, e a devoção*, mostrão com que fé, e piedade devemos assistir a este augusto Sacrificio.

3. As palavras seguintes desta Oração manifestão claramente quaes são os fins, pelos quaes se offerece o Sacrificio. 1. *Pela redempção da sua alma*, isto he, pela remissão de seus peccados. 2. *Pela esperança da sua salvação, e conservação*, isto he, para obter todos os bens, que são necessarios para a outra vida, e para es-

[a] Nos mais antigos Missaes estas palavras: *Pro quibus tibi offerimus, vel qui tibi offerunt: Por quem vos offerecemos, ou que vos offerecem*, não se achão juntamente; mas huns trazem só estas: *Por quem vos offerecemos*, e os outros trazem sómente estoutras: *Que vos offerecem*: o que mostra que quando se puzerão da primeira vez estas duas cousas juntamente: *Por quem vos offerecemos, ou que vos offerecem*, foi para declarar aos Sacerdotes, que podião á sua eleição, por causa das differentes lições dos antigos Missaes, servir-se de huma, ou de outra destas expressões, tendo huma, e outra o mesmo sentido. Esta nota he do R. P. Mabil. que antes que se imprimisse esta Obra, a quiz primeiro ler toda. E Claudio de Vert, Thesoureiro da Abbadia de Cluni, nos adverte, que no Missal dos Padres Recoletos, a palavra *Ou* nesta fraze, *ou que vos offerecem, vel qui tibi offerunt*, he posta ainda hoje na Rubrica, para mostrar a alternativa. Alguns manuscritos ha antigos, nos quaes se achão estas palavras: *Pro quibus tibi offerimus, vel ill. qui tibi offerunt*. Estas tres letras *ill.* que são compendio de *illorum*, mostrão apparentemente o lugar dos nomes daquelles, por quem se offerecia a Missa particularmente.

eſta. 3. *E que vos tributão adorações*, o que encerra o culto, e acção de graças.

4. Eſtas palavras: *Por elles, e pelos que lhes pertencem*, declarão a obrigação, em que eſtamos de orar huns pelos outros no Sacrificio da Miſſa, e principalmente pelos que são noſſos parentes.

P. Que ha de fazer o povo em quanto dura o *Memento* dos vivos?

R. Orar em particular por aquelles, por quem ſe quer, ou deve ſupplicar a Deos particularmente, pelo Sacerdote, que diz a Miſſa, e por todos aquelles, que aſſiſtem a ella.

XVII. Communicantes.

P. Qual he a terceira parte do Canon da Miſſa?

R. O Sacerdote depois de haver dito a Deos que offerece o Sacrificio por toda a Igreja da terra, e por todos os aſſiſtentes, que o offerecem por elle, accreſcenta que ſe une a todos os Santos, que compõem a Igreja do Ceo. Reza os nomes de muitos deſtes Santos, e ora a Deos, para que auxilie a Igreja da terra com as ſuas graças, e beneficios. A Oração he eſta:

Communicantes, & memoriam venerantes, imprimis glorioſæ ſemper Virginis Mariæ Genitricis Dei, & Domini noſtri Jeſu Chriſti, ſed & Beatorum Apoſtolorum, & Martyrum tuorum Petri, & Pauli, Andreæ, Jacobi, Joannis, Thomæ, Jacobi, Philippi, Bartholomæi, Matthæi, Si-

Entrando em communhão, e honrando a memoria em primeiro lugar da glorioſa Virgem Maria Mãi de Deos, e de noſſo Senhor Jeſus Chriſto, e depois dos Bemaventurados Apoſtolos, e Martyres Pedro, e Paulo, André, Tiago, João, Thomé, Tiago, Filippe, Bartholomeu, Mattheus, Simão, e Thadeo,

Li-

Lino, Cleto, Clemente, Xyfto, Cornelio, Cypriano, Lourenço, Chryfogono, João, e Paulo, Cofme, e Damião, e de todos os outros Santos, por cujos merecimentos, e Orações vos pedimos que em todas as coufas fejamos foccorridos com o auxilio da voffa protecção. Por Jefus Chrifto noffo Senhor. Amen.

monis, & Thaddæi, Lini, Cleti, Clementis, Xyfti, Cornelii, Cypriani, Laurentii, Chryfogoni, Joannis, & Pauli, Cofmæ, & Damiani, & omnium Sanctorum tuorum, quorum meritis precibusque concedas, ut in omnibus protectionis tuæ muniamur auxilio. Per eumdem Chriftum Dominum noftrum. Amen.

P. Por que razão começa efta Oração affim: *Communicantes: Entrando em communhão?* Por que não principia o Sacerdote antes por efta frafe, que he mais natural: *Eu entro em communhão;* ou *nós entramos em communhão: Communicamus?*

R. Porque efta Oração não he mais que continuação da precedente. Para nella acharmos hum fentido feguido, he neceffario ligalla com o que lhe precede, nefta fórma:

Lembrai-vos, Senhor, de voffos fervos, e de voffas fervas, que eftão aqui prefentes, e por quem vos offerecemos, ou que vos offerecem efte Sacrificio de louvor, entrando em communhão com todos os Santos, e honrando a fua memoria, &c.

P. Qual he o efpirito defta Oração?

R. Nella fe vê o que havemos dito tantas vezes até aqui, que a Igreja da terra fe une com a do Ceo para offerecer o fanto Sacrificio. [a] Já diffemos porque ra-

[a] Se quizermos convencer-nos cada vez mais da antiguidade defte ufo, não he precifo fenão ler as antigas Liturgias da Igreja Grega, e Latina; o L. 8. das Conft. Apoft. cap. 13. a 5. Catec. Myftag. de S. Cyril. de Jeruf. Author do 4. feculo, que refere o ufo da Igr. Greg. no feu tempo. e S. Ag. que vivia pouco tempo depois, e que he teftemunha do ufo da Igrej. Latin. L. da Virgind. cap. 43. Tr. 84. fob. S. João, n. 1. e Serm. 359. ou 17. das palavras do Apoftolo, &c.

razão se faz memoria dos Santos, e por isso o não repetimos aqui. [a]

P. Para que se nomeão em particular tantos Santos: não bastava dizer em geral, que se communica com todos os Santos?

R. Para responder exactamente a esta pergunta, he necessario saber que antigamente em cada Diecese se conservavão cuidadosamente tres Cathalogos, que se chamavão *Diptycas*, isto he, segundo a significação da palavra Grega, *Taboas dobradas*.

Em hum destes Cathalogos se escrevia o nome dos Santos, principalmente dos Martyres, e dos Bispos da Diecese, que tinhão falecido em cheiro de santidade. Ao principio não se punhão neste Cathalogo senão os Martyres, porque erão os unicos, a quem se fazia a Festa nos primeiros seculos: depois se lhe ajuntárão os Confessores; e S. Martinho he hum dos primeiros, que foi escrito no referido Cathalogo.

No segundo Cathalogo se escrevia o nome dos Fieis, que vivião ainda, principalmente dos que erão recommendaveis por sua dignidade, ou pelos serviços, que tinhão feito á Igreja. No mesmo Cathalogo se punha o nome do Papa, dos Patriarcas, do Bispo da Diecese, e de todos aquelles, que compunhão o Clero da mesma Diecese. Depois se accrescentou ao mesmo Cathalogo o nome do Imperador, dos Principes, dos Magistrados, e do povo fiel.

Em fim havia hum terceiro Cathalogo, em que se punha o nome dos Fieis, que morrião na communhão da Igreja.

Quando se queria declarar hum homem Santo, se escrevia o seu nome nas Diptycas dos Santos, isto he, segundo o uso de Roma, no Canon, porque em Roma não se recitavão as Diptycas senão duránte o Ca-

a §. 11. deste cap.

Canon, e daqui veio a palavra de canonizar hum Santo; e quando ſe excommungava algum, ſe riſcava o ſeu nome das Diptycas. Conſta iſto por toda a antiguidade.

Eſtes tres Cathalogos erão recitados publicamente no tempo da Miſſa; e quando erão mui dilatados, ſe recitavão os principaes nomes em particular, e os outros em geral. Não era ſempre o Sacerdote quem recitava eſtes nomes, mas ordinariamente o fazia hum Diacono, ou hum Subdiacono.

No tempo da offerta ſe recitavão, ſegundo o uſo das Igrejas de França, os nomes do Papa, dos Patriarcas, dos Principes, dos Magiſtrados, e dos Fieis, que tinhão aſſiſtido á offerta. Temos hum veſtigio deſte uſo no coſtume, que ſe obſerva ainda hoje de nomear na Eſtação o Papa, o Biſpo Diecesano, o Rei, os Principes, e os Senhores da Paroquia; e declarar que ſe ha de offerecer o ſanto Sacrificio por elles, e por todos os paroquianos, principalmente por aquelles, que vão á offerta.

Em Roma recitavão-ſe eſtes nomes no principio do Canon da Miſſa, aſſim como ainda hoje ſe nomeão neſte lugar os nomes do Papa, do Biſpo Dieceſano, e do Rei. Eſte primeiro Cathalogo lia-ſe em Roma depois daquellas palavras *Memento, Domine, famulorum famularumque tuarum.*

E por eſta razão he que ainda hoje ſe faz neſte lugar huma pauſa para recommendar os Fieis, cujas neceſſidades particulares ſe attendem, e os que derão a eſmola para ſubſiſtencia do Sacerdote, que diz a Miſſa.

Fazendo memoria dos Santos, a quem ſe unia para offerecer o Sacrificio com eſtas palavras *Communicantes, &c.* ſe lia em Roma o ſegundo Cathalogo, em que eſtavão os nomes dos Santos. Aſſim ſe nomeava, como agora, em particular a Santiſſima Virgem, os

Apoſtolos, e os Martyres eſcritos nas Diptycas. Em França deſde o reinado de Pepino, pai de Carlos Magno, ſe diz a Miſſa ſegundo o uſo da Igreja de Roma, como já havemos notado. [a] Nomeão-ſe pois no Canon aquelles Santos, que eſtavão eſcritos nas antigas Diptycas deſta Igreja. Por eſta razão he que os Santos Martyres, que nelle ſe nomeão, são todos ou Martyres, que padecêrão em Roma, ou nos ſeus contornos, ou Santos; para os quaes a Igreja de Roma teve ſempre particular veneração; mas antigamente ſe ajuntavão em cada Igreja de França a eſte Cathalogo os principaes Santos, cujos nomes eſtavão eſcritos nas Diptycas da Dieceſe. E eſte uſo ſe conſervou até o ſeculo undecimo.

Recitavão-ſe em fim os nomes eſcritos no terceiro Cathalogo depois da conſagração, como abaixo diremos. [b]

Tal he a origem, e o motivo deſta recitação dos nomes dos Santos no Canon da Miſſa. [c]

P. Por que razão pedimos o auxilio de Deos neſta Oração pelos merecimentos, e orações dos Santos? Não he fazer injuria aos merecimentos de Jeſus Chriſto o fallar deſte modo?

R. Já temos dito muitas vezes, [d] que os Santos não orão ſenão por Jeſus Chriſto, e que não tem merecimentos ſenão por Jeſus Chriſto. Aſſim Jeſus Chriſto he ſempre o medianeiro; e os merecimentos, e orações dos Santos ſe reputão ſómente como meios para obter mais facilmente a graça por Jeſus Chriſto. Por iſſo eſta Oração acaba, como todas as outras Orações da Igreja, por Jeſus Chriſto noſſo Senhor.

P.

a §. 21. deſte cap.
b N. 24. deſte §.
c Du Cange Gloſſ. Lat. na palavra *Diptyca*. Bona, L. 2. da Liturg. cap. 8. e 12. S. Ag. Serm. 159. ou 17. das palavras do Apoſtolo, n. 1. e principalmente o P. Mabil. Liturg. Gallic. L. 3. n. 11. e 12.
d P. 2. Secç. 3. cap. 2. §. 11 &c.

P. Que deve fazer o povo em quanto o Sacerdote reza a Oração *Communicantes ?*

R. Unir-se com a Igreja do Ceo para offerecer o santo Sacrificio, e pedir a Deos a graça de imitar os Santos para participar algum dia do seu triunfo.

XVIII. *Hanc igitur oblationem.*

P. Qual he a quarta Oração do Canon ?

R. Depois de se haver unido o Sacerdote á Igreja do Ceo pela Oração precedente, estende as duas mãos sobre o calis, e sobre o pão, e as conserva assim estendidas em quanto reza a Oração seguinte :

Hanc igitur oblationem servitutis nostræ, sed & cunctæ familiæ tuæ, quæsumus Domine, ut placatus accipias : diesque nostros in tua pace disponas, atque ab æterna damnatione nos eripi, & in electorum tuorum jubeas grege numerari. Per Christum Dominum nostrum. Amen.

Nós pois vos supplicamos, Senhor, que recebais favoravelmente esta offerta da nossa servidão, que he tambem a de toda a vossa familia, e nos façais gozar da vossa paz nesta vida, nos livreis da condemnação eterna, e nos ponhais no numero dos vossos escolhidos. Por Jesus Christo nosso Senhor. Amen.

Nas semanas da Pascoa, e do Pentecostes se ajunta a esta Oração huma particular menção para os novos baptizados; porque, como já havemos dito, [a] as vigilias da Pascoa, e do Pentecostes forão em todo o tempo escolhidas para dar o Baptismo solemnemente; e porque os novos baptizados assistião por espaço de oito dias contínuos com vestiduras brancas á santa Missa, que era celebrada particularmente pa-

ra

[a] Part. 2. Secç. 4. cap. 2. §. 11.

ra elles, e na qual communugavão. A Oração he a seguinte:

Hanc igitur oblationem servitutis nostræ, sed & cunctæ familiæ tuæ, quam tibi offerimus pro his quoque quos regenerare dignatus es ex aqua, & Spiritu Sancto, tribuens eis remissionem omnium peccatorum, quæsumus Domine, ut placatus accipias, &c. ut supra.

Nós pois vos supplicamos, Senhor, que recebais favoravelmente esta offerta da nossa servidão, que o he igualmente de toda a vossa familia, que nós vos fazemos tambem por aquelles, que vos dignastes regenerar pela agua, e Espirito Santo, concedendo-lhes a remissão de todos os seus peccados, e que nos façais gozar, &c. *como assima.*

Estas palavras *Pro his: Por estes*, mostrão que os novos baptizados estavão presentes. Não se deixão de dizer estas palavras, ainda que elles estejão ausentes.

P. Por que razão tem o Sacerdote as mãos estendidas sobre o Calis, e sobre a Hostia, quando diz esta Oração?

R. Já temos visto [a] que na antiga Lei, que os que querião offerecer a Deos algum sacrificio, punhão a mão sobre a cabeça da victima antes de a immolar, querendo mostrar a Deos com esta acção, que substituião esta victima em seu lugar, para soffrer a morte, que tinhão merecido; e oravão a Deos no mesmo tempo, para que tivesse respeito ao sacrificio do seu coração, e recebesse favoravelmente a offerta, que lhe fazião desta victima, que hia a ser immolada, e lhes concedesse por ella ou a remissão de seus peccados, ou os bens, que pedião. Se era algum particular o que queria fazer offerecer hum sacrificio, punha a mão sobre a cabeça da victima, e dava depois a victima ao Sacerdote, para que a immolasse. Se erão muitos os que

que-

a §. 4. deste cap.

queriáo fazer offerecer hum mesmo sacrificio, todos, ou os mais principaes de entre elles, punhão em nome de todos a mão sobre a cabeça da victima, e remettião depois a victima ao Sacerdote. Se era o Sacerdote quem queria offerecer algum sacrificio por si mesmo, punha a mão sobre a cabeça da victima antes de a immolar. Em fim no sacrificio solemne, que se offerecia cada anno pelo Summo Pontifice em nome de todo o povo pelos peccados de toda a Nação, tanto pelos do Sacerdote, que offerecia, como pelos do povo, os anciãos do povo punhão a mão sobre a cabeça das victimas, que havião de ser immoladas, e o Summo Sacerdote fazia o mesmo antes de as immolar. Tudo isto estava determinado no livro do Levitico. [a] Póde dizer-se que á imitação destas imposições das mãos he que o Sacerdote, estando a ponto de fazer a immolação mystica do Corpo, e do Sangue de Jesus Christo, põe em nome do povo, por quem, e com quem offerece o Sacrificio, as mãos sobre o pão, e vinho, que estão para ser convertidos no Corpo, e Sangue de Jesus Christo. Com esta ceremonia se offerece a si, e offerece tambem toda a Igreja a Deos por Jesus Christo, que vai ser mysticamente immolado, a fim de obter por seu meio a paz da vida presente, a remissão dos peccados, e a gloria da vida futura. [b]

P. Que deve fazer o povo em quanto o Sacerdote reza esta Oração?

R. Offerecer-se a Deos por Jesus Christo, e com Jesus Christo, como huma Hostia viva; fazer esta offerta com profunda humildade, com espirito de adoração, e pedir a Deos o que o Sacerdote pede em nome do povo. Póde dizer-se para este effeito a Oração, que diz o Sacerdote.

XIX.

a Levit. i. iii. iv. xviii.

b S. Agost. L. 10. da Cid. de Deos, cap. 20.

XIX. *Quam oblationem.*

P. Qual he a quinta Oração do Canon ?

R. Depois do que fica explicado, benze o Sacerdote de novo o pão, e o vinho com os finaes da Cruz, pelos quaes annuncía com anticipação a morte do Senhor, de que o Sacrificio da Miffa não he mais que continuação ; e eftas bençãos são acompanhadas da Oração, que fe fegue :

Quam oblationem tu, Deus, in omnibus, quæfumus, benedictam, ✠ adfcriptam, ✠ ratam, rationabilem, ✠ acceptabilemque facere digneris, ut nobis Corpus, ✠ & Sanguis ✠ fiat dilectiffimi Filii tui Domini noftri Jefu Chrifti.

A qual oblação vos fupplicamos, ó Deos, tenhais a bondade de a fazer de todos os modos benta, ✠ recebida, ✠ approvada, ✠ racional, e agradavel a voffos olhos, de forte que fe converta para nós no Corpo, ✠ e no Sangue ✠ de Jefus Chrifto voffo Filho noffo Senhor.

P. Por que razão pede o Sacerdote a Deos, que efta oblação feja *benta, recebida, approvada, racional, e agradavel a feus olhos?* De que fervem todos eftes epithetos ?

R. Não ha huma fó palavra nefta Oração, que não tenha hum grande fentido. A Igreja por meio della faz allusão ás finco partes do Sacrificio, de que havemos fallado affima, [a] que são a efcolha, e a fantificação da Hoftia, a offerta, a immolação, o confumo, e a communhão.

1. A victima era tirada do ufo profano ; era efcolhida, e deftinada para Deos, e por meio defta efcolha

a §. 4. defte cap. e N. 12. defte §.

lha era, para o dizer assim, *benta*, e santificada : (já assima o temos dito.)

2. Era offerecida a Deos antes da immolação; e por meio desta offerta era *recebida* em o numero das cousas consagradas a Deos.

3. Era immolada ; e esta immolação era a *ratificação, e approvação* da acção, pela qual havia sido consagrada a Deos.

4. Era queimada , e por meio deste consumo era purificada, de sorte que vinha a ficar de algum modo huma Hostia *espiritual* , *racional* , *e agradavel a Deos*, diante de cujo throno se elevava o fumo das hostias immoladas, e consumidas, como perfume de agradavel cheiro.

5. Em fim commungava o povo do Sacrificio , ou corporalmente comendo a sua porção das victimas immoladas , ou espiritualmente unindo-se a ellas sem as comer, e pedindo a Deos que por seu meio lhes conceda as suas graças.

Para fazer allusão a todas estas cousas , he que a Igreja na Oração, que explicámos , ora a Deos, para que receba a offerta , que se lhe faz , como huma oblação *benta* , *recebida*, *approvada*, *racional*, *e agradavel a seus olhos*. Isto he como se se dissesse : Nós vos supplicamos, Senhor, que recebais favoravelmente esta oblação , pois que nós vos vamos offerecer huma victima , que foi *santificada*, *offerecida*, *immolada*, *immortalizada*, *e que se elevou até vós*. Recebei-a , e fazei que participemos della com fruto.

Jesus Christo, que he esta victima , foi , como assima havemos explicado, [a] *santificado*, quanto á sua natureza humana , pela Encarnação ; *offerecido* em seu Nascimento; *immolado* na sua Paixão; *immortalizado* pela sua Resurreição; *presentado* a Deos pela sua Ascensão;

e o

a N. 12. deste §. e §. 4. deste cap.

e o comemos espiritualmente pelo Baptismo, que nos incorpora com elle, e corporalmente no Santissimo Sacramento da Eucaristia.

P. Por que razão se pede a Deos que a oblação, que se lhe faz, se converta para nós no Corpo, e Sangue de Jesus Christo?

R. 1. Com estas palavras pede a Igreja que o pão, e o vinho, que são offerecidos, sejão mudados no Corpo, e Sangue de Jesus Christo; porque ainda que a Igreja saiba que pela virtude das palavras da consagração se fará infallivelmente esta admiravel mudança, não deixa por isso de o pedir a Deos por meio de huma Oração. Esta Oração se acha em todas as Liturgias mais antigas da Igreja Grega, como tambem da Latina; e S. Basilio diz, [a] que ella he de tradição Apostolica. E alguns Theologos ha, que a reputão como pertencente em parte á consagração, que não se aperfeiçoa senão pelas palavras de Jesus Christo, que se chamão sacramentaes. [b]

2. Pedimos a Deos por meio desta Oração a graça de recebermos dignamente, e para nossa salvação o Corpo, e o Sangue de Jesus Christo. [c]

P. Que deve fazer o povo em quanto o Sacerdote reza esta Oração?

R. Renovar toda a sua attenção, toda a sua fé, e fervor, e pedir a Deos que a immolação mystica de Jesus Christo, que o Sacerdote vai fazer, seja para nós huma fonte de graças, e de bençãos.

XX.

a No L. do Espirito Santo, cap. 17.
b Bossuet, Bispo de Meaux, L. da explicação da Missa, numer. 45.
c Conc. de Flor. Sess. 25.

XX. *Consagração.*

P. Que faz o Sacerdote depois da Oração assima explicada?

R. Faz a immolação mystica da victima pela consagração separada do Corpo de Jesus Christo debaixo da especie de pão, e do Sangue de Jesus Christo debaixo da especie de vinho. Já deixamos explicada a razão, por que se diz que Jesus Christo he immolado mysticamente pela consagração. [a]

P. De que modo se faz esta immolação mystica, esta consagração?

R. O Sacerdote a faz em nome de Jesus Christo, de quem toma as palavras, ou para melhor dizer, elle não he mais que orgão de Jesus Christo, que falla, e que consagra por sua boca. [b] Por esta razão he que o Sacerdote não faz mais que referir o que Jesus Christo fez, e disse: mas elle o refere de hum modo efficaz, e faz tudo o que Jesus Christo fez então. Toma o pão, e depois o Calis, como Jesus Christo os tomou: levanta os olhos ao Ceo, como elle os levantou: benze o pão, e depois o Calis, dando graças a Deos como Jesus Christo os benzeo dando graças: pronuncía as palavras, que Jesus Christo pronunciou, e com ellas converte, como fez Jesus Christo, o pão no Corpo, e o vinho no Sangue de Jesus Christo: na continuação da Missa parte o pão, e o distribue, assim como Jesus Christo o partio, e o distribuio.

Depois de haver obrado com tão Divinas palavras esta ineffavel mudança, adora o Corpo mysticamente immolado, e o Sangue mysticamente derramado, e os faz adorar ao povo mostrando-lhos: eleva o Corpo de Je-

a Veja-se o §. 9. deste cap.

b S. Ambr. ou o Author do L. dos Sacram. L. 4. cap. 4.

Jesus Christo ao alto, e por meio desta acção representa a elevação de Jesus Christo sobre a Cruz.

P. Faz-se do mesmo modo a consagração na Igreja Grega?

R. Sim, como consta de todas as Liturgias: ha com tudo agora entre elles, e nós esta differença, que entre elles se pronuncião em alta voz as palavras da consagração, e que o povo responde *Amen*, para fazer por esta resposta huma profissão de fé sobre a mudança, que acaba de obrar-se, em lugar de que na Igreja Latina as palavras da consagração se pronuncião em voz baixa, depois de muitos seculos, e o povo nada responde. Digo *depois de muitos seculos*, porque antigamente se pronunciavão em voz alta as palavras da consagração na Igreja Latina, como na Grega, e o povo respondia *Amen*. O Cardeal Bona no livro, que compoz da Liturgia, conjectura que este costume foi observado no Occidente por espaço de quasi dez seculos. [a] Nem todos concordão em que este costume estivesse por tão largo tempo em uso no Occidente, nem ainda que nelle se praticasse nunca universalmente. Seja como for, este uso he só da disciplina; e o que a Igreja do Occidente observa hoje de pronunciar em voz baixa as palavras da consagração, sem que o povo responda *Amen*, he santo, e fundado em huma veneravel antiguidade. [b]

P. Por que razão eleva o Sacerdote o Corpo, e o Sangue de Jesus Christo logo depois da consagração?

R. 1. Para representar a elevação do Corpo de Jesus Christo sobre a Cruz. 2. Para fazer que o povo adore a Jesus Christo posto patente debaixo das especies de pão, e de vinho. 3. Para offerecer a Deos em silencio o Corpo, e o Sangue de Jesus Christo immo-

a Bona, L. 2. da Liturg. cap. 13.

b Conc. de Trento, Sess. 22. Can. 9. do Sacrificio da Missa.

molado myſticamente, aſſim como os Sacerdotes offereciáo a Deos antigamente o ſangue das victimas immoladas.

P. O uſo de immolar o Corpo, e o Sangue de Jeſus Chriſto depois da conſagração, para os fazer adorar, he antigo?

R. He hum uſo eſte, que ſe acha em todas as Liturgias mais antigas Gregas, e Latinas, o moſtrar o Corpo de Jeſus Chriſto ao povo para adorallo. Mas o lugar da Miſſa, em que iſto ſe faz, não he uniforme. Os Gregos o praticão antes da Communhão. A Igreja de Roma o fazia antigamente antes da Oração do Senhor, como explicaremos em ſeu lugar. [a] O uſo de elevar o Calis ſeparadamente não he nem tão antigo, nem tão univerſalmente praticado como o de elevar a Hoſtia. Os Cartuchos preſentemente, que ainda elevão a Hoſtia logo depois da conſagração, como nós, não elevão então o Calis; e niſto ſeguem a prática, que eſtava em uſo na Igreja de Roma, quando o Miſſal, de que ſe ſervem, foi compoſto. [b]

P. Que deve fazer o povo durante a conſagração?

R. 1. Occupar-ſe deſte grande Myſterio com reſpeitoſo tremor. 2. Fazer hum acto de fé ſobre tão ineffavel mudança. 3. Pedir a Deos a graça de ſer, para o dizer aſſim, transformado em Jeſus Chriſto.

P. Que devemos fazer no tempo da elevação da Hoſtia, e do Calis?

R. Adorar a Jeſus Chriſto cuberto com as eſpecies de pão, e de vinho, e pedir-lhe miſericordia.

XXI.

a N. 25. deſte §.

b Bona ibid. S.Ag.ſob.o Pſ.118. n. 9. S. Ambr. n. 3. do Eſpirito Santo, cap. 11. ou 12. Theodoreto, Dial. 2. S. Cyrill. de Jeruſ. Catec. 5. Myſtag. S. Chryſoſtom. Hom. 24. ſob. a 1. aos Corint. O Miſſal dos Cartuch. Mabil. Comment. ſob. a Ord. Rom. n. 7.

XXI. *Continuação do Canon.* Unde & memores.

P. Que faz o Sacerdote logo depois da consagração?

R. Offerece a Deos o Corpo, e o Sangue de Jesus Christo immolados mysticamente; e offerecendo-os, diz estas palavras de Jesus Christo:

Hæc quotiescumque feceritis, in mei memoriam facietis.	Todas as vezes que fizerdes estas cousas, as fareis em minha memoria.

Continúa depois nestes termos:

Unde & memores, Domine, nos servi tui, sed & plebs tua sancta, ejusdem Christi Filii tui Domini nostri tam beatæ Passionis, necnon & ab inferis Resurrectionis, sed & in Cælos gloriosæ Ascensionis offerimus præclaræ Majestati tuæ de tuis donis, ac datis, Hostiam ✠ puram, Hostiam ✠ sanctam, Hostiam ✠ immaculatam, Panem ✠ sanctum vitæ æterna, & Calicem ✠ salutis perpetuæ.	Donde, Senhor, nós que somos vossos servos, e vosso povo santo, lembrando-nos da bemaventurada Paixão do mesmo Jesus Christo vosso Filho nosso Senhor, e da sua Resurreição dos Infernos, como tambem da sua Ascensão gloriosa ao Ceo, offerecemos á vossa incomparavel Magestade, dos dons, que nos tendes feito, e que haveis depositado em nossas mãos, huma Hostia pura, ✠ huma Hostia santa, ✠ huma Hostia sem mancha, ✠ o Pão santo da vida eterna, ✠ e o Calis ✠ da eterna salvação.

Dizendo isto, faz o Sacerdote por tres vezes o sinal da Cruz sobre o Corpo, e Sangue de Jesus Christo.

P.

P. Que reflexão devemos fazer ſobre eſta Oração para comprehender o ſentido della ?

R. 1. Eſtas palavras, *e o voſſo povo ſanto*, moſtrão que o povo, do meſmo modo que o Sacerdote, faz a Deos eſta Oração, e a offerta, que a acompanha; ſervindo iſto de confirmar o que temos dito muitas vezes, [a] que a Miſſa he o Sacrificio do povo, aſſim como he o do Sacerdote. Por conſeguinte para o povo ſeguir a intenção da Igreja, deve fazer eſta offerta com o Sacerdote; e não póde obrar melhor do que dizer em particular com elle: *Lembrando-nos da morte, &c. offerecemos com o Sacerdote huma Hoſtia pura, &c.*

2. Os ſinaes da Cruz, que o Sacerdote faz ſobre a Hoſtia depois da conſagração neſta Oração, e nas ſeguintes, não são bençãos, mas ſinaes, que acompanhão as palavras, para moſtrar que a offerta do Corpo, e do Sangue de Jeſus Chriſto feita na Miſſa tira toda a ſua força, e virtude do Sacrificio da Cruz, do qual he continuação, e repreſentação.

3. Como a acção, pela qual o Sacerdote conſagra o Corpo, e o Sangue de Jeſus Chriſto, he huma repreſentação da morte, que padeceo ſobre a Cruz, a offerta do Corpo, e do Sangue de Jeſus Chriſto, que o Sacerdote faz depois da conſagração, he tambem huma repreſentação da offerta deſte meſmo Corpo, e deſte meſmo Sangue, que Jeſus Chriſto fez no Ceo, entrando nelle no dia da Aſcensão, e que ha de continuar eternamente. Por iſſo he que o Sacerdote diz que offerece o Corpo; e o Sangue de Jeſus Chriſto *em memoria da Reſurreição, e da Aſcensão.* Convem nos lembremos aqui de outras couſas, que havemos dito ſobre eſtas palavras, explicando a Oração *Suſcipe, Sancta Trinitas*, [b] onde ſe diz, como neſte lugar, que o Sacrifi-

ſi-

[a] §. 9. deſte cap. e em outros lugares, explicando as Orações da Miſſa, e do Canon.

[b] N. 12. deſte §.

ficio he offerecido *em memoria da Paixão, da Refurreição, e da Afcensão de Jefus Chrifto.*

4. O Sacerdote diz que offerece a Deos *huma Hoftia pura, huma Hoftia fanta, huma Hoftia immaculada,* para fazer allusão á profecia, que affima havemos referido de Malaquias, [a] o qual tinha vaticinado que fe offerecia a Deos em todos os lugares do Mundo *huma Hoftia pura, e immaculada.* [b]

5. O Sacerdote diz que offerece a Deos *os dons, que elle nos tem feito, e que elle poz em noffas mãos huma Hoftia pura;* porque efta Hoftia pura não fe acha prefente no Altar fenão pela mudança admiravel, que fe fez do pão, e do vinho, que são eftes dons, no Corpo, e Sangue de Jefus Chrifto, que he a Hoftia pura.

6. Ainda que a Igreja faça profifsão de crer, que o pão foi convertido no Corpo de Jefus Chrifto, e que não ha já pão na Hoftia, não deixa de chamar a efta Hoftia o *fanto Pão;* porque a palavra *pão* fe toma em geral por toda a forte de alimento, e Jefus Chrifto diz, fallando de fi mefmo: *Eu fou o Pão vivo.* [c] Efte Pão vivo, e efte alimento celefte da vida eterna he que a Igreja offerece.

XXII. *Supra quæ.*

P. Que faz o Sacerdote depois defta Oração?

R. Pede a Deos que receba favoravelmente a offerta defte Pão vivo, e defte Calis faudavel. As palavras são eftas:

Supra quæ propitio ac fereno vultu refpicere digneris, & accepta habere dignatus es munera pueri

Dignai-vos, Senhor, receber efte Pão de vida, e efte Calis faudavel com olhos propicios, e favoraveis, affim co-

a §. 7. defte cap.
b Malaquias i. 2.
c Joan. vi. 41.

como recebestes com agrado os dons do justo Abel vosso servo, e o sacrificio do nosso Patriarca Abrahão, e o santo Sacrificio, a Hostia immaculada, que vos offereceo Melchisedech vosso supremo Sacrificador.

tui, justi Abel, & sacrificium Patriarchæ nostri Abrahæ, & quod tibi obtulit summus Sacerdos tuus Melchisedech sanctum Sacrificium, immaculatam Hostiam.

P. Quando a Igreja supplíca a Deos que tenha por agradavel a offerta do Corpo, e do Sangue de Jesus Christo, e que se digne recebella com olhos propicios, e favoraveis, he por respeito a Jesus Christo, que faz esta Oração?

R. Não, mas por respeito a nós: he como se a Igreja dissesse a Deos: Sede-nos propicio, e favoravel á vista do Corpo, e do Sangue de Jesus Christo, que vos offerecemos.

As palavras, que se seguem nesta Oração, são huma prova da solidez desta resposta. Porque he certo que os sacrificios de Abel, de Abrahão, e de Melchisedech não forão agradaveis a Deos, senão em quanto erão figura de Jesus Christo offerecido: e seria fazer injuria a Jesus Christo o pedir a Deos que aceitasse o Sacrificio de seu Corpo, e de seu Sangue, como aceitou estes antigos sacrificios, se elles se considerassem em si mesmos. O sentido pois de toda esta Oração he este:

Pois que em outro tempo não recebestes favoravelmente o sacrificio de Abel, de Melchisedech, e de Abrahão, senão porque estes antigos sacrificios erão figura daquelle, que agora vos offerecemos; e que com esta consideração olhastes favoravelmente para os homens, que os offerecião, vos supplicamos que olheis com o mesmo agrado para nós, que vos offerecemos a Jesus Christo, victima figurada naquelles antigos sacrificios.

P. Por que razão nomea a Igreja os ſacrificios de Abel, de Abrahão, e de Melchiſedech, e não faz aqui menção dos de Aarão?

R. Porque eſtes tres Santos forão nas ſuas peſſoas, e em ſeus ſacrificios huma figura de Jeſus Chriſto, e do ſeu ſacrificio, mais expreſſa que todos os outros do antigo Teſtamento.

Abel pela ſua innocencia, pelo genero da ſua morte, pelo ardor, e fidelidade, com que offereceo os primogenitos de ſeus rebanhos, foi a figura de Jeſus Chriſto innocente, morto por inveja dos Judeos, e que ſe offereceo a Deos em ſacrificio deſde o momento, que entrou no Mundo. [a]

Abrahão, pai de todos os crentes, que immola ſeu filho Iſaac, e que o recobra, para o dizer aſſim, de entre os mortos, ſegundo a nota de S. Paulo, foi a figura de Jeſus Chriſto, por quem temos a fé, e que por obediencia ſe entregou á morte, havendo ſido no meſmo tempo o Sacerdote, e a victima; mas huma victima, que ella meſma ſe reſuſcitou. [b]

Melchiſedech foi figura de Jeſus Chriſto pela qualidade de Sacerdote; Rei de paz, e de juſtiça; de Sacerdote eterno; de Sacerdote maior que Aarão; de Sacerdote, que ſacrifica depois da victoria; de Sacerdote, que offerece a Deos o pão, e o vinho. [c]

Encontrão-ſe aſſim neſtes tres ſacrificios, no de Abel, no de Abrahão, e no de Melchiſedech, a figura do Sacrificio, que Jeſus Chriſto começou deſde o ſeu naſcimento, immolado ſobre a Cruz, conſummado no Ceo, e que elle continúa ſobre os noſſos Altares. Com grande razão pois he que a Igreja faz huma menção expreſſa deſ-

a Heb. xi. 4. S. Ag. L. 15. da Cid. de Deos, cap. 18.
b Heb. xi. 17. 18. 19. S. Ag. L. 16. da Cid. de Deos, cap. 12. S. Chryſoſtomo, Homil. 12. ſob. S. Euſtaquio, tom. 1.
c Heb. vii. 1. 2. S. Ag. L. 16. da Cid. de Deos, cap. 22. &c. Veja-ſe o §. 5. deſte cap.

destes tres sacrificios; e esta escolha, como se vê, está cheia de mysterio, e he maravilhosa.

P. Por que razão chama a Igreja ao sacrificio de Melchisedech *Sacrificio Santo, Hostia immaculada?*

R. Póde dizer-se que o chama assim, porque representava mais expressamente que todos os outros o sacrificio, que Jesus Christo havia de offerecer debaixo das especies de pão, e de vinho.

Mas parece mais natural, e mais solido o responder com Odon, Bispo de Cambray, Remigio de Auxerra, Floro Diacono de Leão em o nono seculo, Titelmano, e outros muitos célebres Interpretes do Canon da Missa, o responder, digo, que estas palavras: *Sanctum Sacrificium, immaculatam Hostiam : Santo Sacrificio, Hostia immaculada*, se referem, conforme o sentido literal, e grammatical desta oração, ao Sacrificio da Missa sómente, e não ao sacrificio de Melchisedech.

Seguindo esta interpretação, se entenderá bem a referida Oração, ordenada do modo seguinte.

Supra quæ (propitio ac sereno vultu respicere digneris, sicuti accepta habere dignatus es munera pueri tui justi Abel, & sacrificium Patriarchæ nostri Abrahæ, & quod tibi obtulit summus tuus Sacerdos Melchisedech) sanctum Sacrificium, immaculatam Hostiam.	Dignai-vos receber com olhos propicios, e favoraveis este santo Sacrificio, esta Hostia immaculada, assim como vos dignastes receber com agrado os dons do justo Abel vosso servo, o sacrificio do nosso Patriarca Abrahão, e o do vosso supremo Sacrificador Melchisedech.

De sorte que, segundo esta interpretação literal, he necessario suppôr que no Latim aquellas palavras *propitio* até *Melchisedech* devem ser postas entre dous parenthesis.

Commummente se crê que esta palavra *Sanctum Sacrificium , immaculatam Hostiam* , forão accrescentadas ao Canon por S. Leão Magno , que vivia no quinto seculo. Ora não ha razão de julgar que este Santo Papa quizesse accrescentallas para honrar o sacrificio figurativo de Melchisedech. He muito mais natural o dizer que attendeo sómente ao Sacrificio de Jesus Christo, e que poz estas palavras no fim da Oração , depois de huma larga parenthesis , para ligar assim esta Oração com a seguinte , que começa deste modo : *Supplices te rogamus ;* de sorte que não se póde referir *jube hæc perferri* , (*ordenai que estas cousas sejão levadas diante do vosso throno*) ás tres figuras , mas aos dons offerecidos sobre o Altar no santo Sacrificio , á Hostia sem mancha , isto he, ao mesmo Jesus Christo offerecido debaixo das especies de pão , e de vinho.

P. Que deve fazer o povo em quanto se reza esta Oração ?

R. Esta Oração he huma continuação da precedente, que o Sacerdote faz em nome do povo, como elle mesmo o diz , e nós o havemos já notado. O povo por conseguinte deve unir-se ao Sacerdote nesta Oração, como na outra ; e nenhuma cousa póde fazer melhor, do que servir-se das mesmas expressões, de que se serve o Sacerdote. O mesmo se ha de dizer da Oração seguinte, que he continuação desta.

XXIII. *Supplices te rogamus.*

P. Qual he a Oração , que se segue na ordem do Canon da Missa ?

R. Inclina-se o Sacerdote profundamente para humilhar-se diante de Deos , e para manifestar-lhe o ardor da sua Oração, dizendo :

Sup-

Supplices te rogamus, Omnipotens Deus, jube hæc perferri per manus Sancti Angeli tui in sublime Altare tuum in conspectu Divinæ Majestatis tuæ: ut quotquot ex hac Altaris participatione sacrosanctum Filii tui Corpus, & Sanguinem sumpserimus, omni benedictione cœlesti, & gratia repleamur. Per eumdemChristum Dominum nostrum. Amen.

Nós vos supplicamos humildemente, Deos Todo Poderoso, ordeneis que estas cousas sejão levadas até o vosso Altar sublime, em presença de vossa Divina Magestade, pelas mãos de vosso Santo Anjo, a fim que todos aquelles, que commungando neste Altar recebermos o Corpo, e o Sangue sacrosanto de vosso Filho, sejamos cheios de todas as bençãos, e de todas as graças do Ceo. Pelo mesmo Jesus Christo nosso Senhor. Amen.

P. Que reflexão devemos fazer sobre esta Oração, para comprehendermos bem o espirito della?

R. Devemos lembrar-nos do que deixamos dito, [a] que para fazer hum sacrificio era necessario que a victima fosse queimada depois da sua immolação, para que o fumo della elevando-se ao alto, fosse, para o dizer assim, levado diante do throno de Deos; que Deos o recebesse como huma offerta de agradavel cheiro, e que em consequencia derramasse a sua benção, e as suas graças sobre aquelles, que a tinhão offerecido.

Jesus Christo cumprio esta figura. Foi immolado sobre a Cruz: immortalizou-se por sua Resurreição, a qual como hum fogo, destruio tudo aquillo, que havia nelle de mortal, e corruptivel: elevou-se até o throno de Deos por sua Ascensão; e foi assim a origem das bençãos, e das graças de Deos, derramadas sobre os homens no dia do Pentecostes: *Ascendens in altum dedit bona hominibus.* [b]

To-

a §. 1. deste cap.

b Efes. iv. 8.

Todos estes grandes mysterios representamos na Missa, e os renovamos nella. Por esta razão he que não sómente dizemos a Deos que lhe offerecemos o Sacrificio em memoria da Paixão, da Resurreição, e da Ascensão de Jesus Christo: não sómente lhe pedimos que o tenha por agradavel, e o aceite, como aceitou com agrado os sacrificios figurativos delle, mas tambem lhe pedimos que esta victima acabada de immolar mysticamente sobre o Altar, seja presentada diante do seu throno, para que possamos participar della, e ser cheios de todas as graças, e bençãos, que esta sacrosanta victima nos trará do Ceo. Tal he o sentido desta excellente Oração.

P. Não he fazer injuria a Jesus Christo o pedir a Deos que elle seja levado de novo da terra ao Ceo?

R. Seria fazer-lhe injuria, se esta petição se tomasse á letra; mas não he assim que devemos explicar esta Oração. A Igreja sabe que Jesus Christo não deixa já o Ceo, e que assim não será de novo levado a elle. Se ella pois se serve desta expressão metaforica, não he mais que para fazer allusão aos antigos sacrificios, em que a victima era levada, para o dizer assim, da terra ao Ceo, e presentada a Deos pelos Anjos; porque consta da Escritura que os Anjos são os que presentão diante do Altar de Deos, isto he, diante de Jesus Christo as orações, os votos, e os sacrificios dos homens. [a]

O sentido desta Oração he, que julgando-nos indignos de apresentar a Deos esta Hostia sem mancha, de sorte que o Senhor a receba immediatamente das nossas mãos, lhe supplicamos que ordene a hum dos Santos Anjos, que estão sem cessar diante do seu throno, que elle mesmo a offereça ao santo Altar, isto he, a Jesus Christo no Ceo; que se una comnosco nesta santa

ta

a Tob. xii. 12. Luc. i. 21. Apocal. viii. 4.

ta acção, para que a offerta, que della lhe fazemos sobre a terra, nos seja proveitosa. Esta formula de Oração he antiga; já se fazia no tempo de Santo Ambrosio; e em lugar destas palavras: *Per manus Angeli tui: Pelas mãos do vosso Anjo*, se lião estoutras: *Per manus Angelorum: Pelas mãos dos vossos Santos Anjos.* [a]

Póde dizer-se tambem, segundo a interpretação de muitos Authores célebres, que este Anjo, por quem pedimos que Jesus Christo seja presentado diante do throno de Deos, he o mesmo Jesus Christo, Anjo do grande Conselho, e o unico Mediador, por quem podemos ter accesso com o Padre. He o Altar, o Sacrificador, o Mediador, e a Victima, e segundo esta interpretação, eis-aqui o sentido desta admiravel Oração.

Nós vos supplicamos, ó grande Deos, que tenhais por bem que Jesus Christo, que vos offerecemos sobre este Altar material, e que se offerece sem cessar no Ceo por nós, que Jesus Christo vosso santo Anjo, Anjo do grande Conselho, vos apresente no Ceo a offerta do seu Corpo, e do seu Sangue, que nós vos fazemos sobre a terra, e a disposição do coração, com a qual vos fazemos por elle esta offerta, para que quando participando deste Altar recebemos este Corpo, e este Sangue Sagrado, sejamos cheios das benções, e das graças do Ceo pelo mesmo Jesus Christo nosso Senhor.

XXIV. Memento *dos mortos.*

P. Qual he a Oração, que se segue na ordem da Missa?

R. He a Oração pelos mortos, formada nestes termos:

Me-

a S. Ambros. ou o Author do L. dos Sacram. L. 4. cap. 6.

Memento etiam, Domine, famulorum famularumque tuarum N. & N. qui nos præcesserunt cum signo fidei, & dormiunt in somno pacis.	Lembrai-vos tambem, Senhor, de vossos servos, e de vossas servas N. e N. que nos precedêrão sinalados com o sello da Fé, e que dormírão no sono da paz.

O Sacerdote faz aqui huma pequena pausa, para encommendar a Deos em particular os mortos, por quem quer orar, e depois desta pausa continúa deste modo:

Ipsis, Domine, & omnibus in Christo quiescentibus locum refrigerii, lucis & pacis ut indulgeas deprecamur. Per eumdem Christum Dominum nostrum. Amen.	Nós vos supplicamos, Senhor, lhes concedais por vossa misericordia, e a todos os que descanção em Jesus Christo, o lugar do refrigerio, da luz, e da paz. Pelo mesmo Jesus Christo nosso Senhor. Amen.

P. Que devemos advertir para melhor intelligencia desta Oração?

R. 1. A Igreja não offerece o santo Sacrificio geralmente por todos os mortos, mas sómente por aquelles, que dormem no sono da paz, e descanção com Christo, porém que ainda não chegárão ao lugar do refrigerio, da luz, e da paz. Por conseguinte não o offerece pelos Santos, que estão já no lugar do refrigerio, da luz, e da paz; nem pelos reprobos, os quaes ou não tiverão algum final de fé, ou morrêrão perdido este, e não recuperado; nem dormem no sono da paz, nem descanção em Christo.

2. Além da Oração particular, que se faz na Missa por aquelles, que queremos encommendar a Deos, a Igreja encommenda a Deos em geral todos aquelles, que se achão no Purgatorio; de sorte que não ha hu-

ma

ma só deſtas almas, que a Igreja não encommende a Deos em cada Miſſa, e só a ignorancia he que póde fazer reputar algumas dellas por deſamparadas.

3. A Igreja pede para as almas o *refrigerio*, por cauſa dos ardores do fogo, que padecem; a *luz*, por cauſa das trévas, em que ſe achão; a *paz*, por cauſa das agitações, que experimentão.

4. Devemos admirar aqui a eſtupenda conformidade da Igreja da terra, que ſe offerece com Jeſus Chriſto a Deos em ſacrificio; que ſe une á Igreja do Ceo para fazer eſta offerta, e que pede a Deos o alivio, e a liberdade da Igreja do Purgatorio, para que eſtas tres Igrejas, achando-ſe reunidas juntamente no Ceo debaixo da ſua Cabeça commua Jeſus Chriſto, não tenhão todas mais que hum coração, e huma voz para amar, louvar, bemdizer, e glorificar a Deos por toda a eternidade. Eſte he o fim todo do ſanto Sacrificio da Miſſa.

P. He couſa nova a Oração, que ſe faz pelos defuntos no ſanto Sacrificio da Miſſa?

R. Eſta Oração ſe acha em todas as Liturgias mais antigas da Igreja Grega, como da Latina; e he Tradição Apoſtolica, como já aſſima fica provado. [a]

P. Que deve fazer o povo em quanto o Sacerdote ora pelos mortos?

R. Encommendar a Deos as almas, que quer, ou deve encommendar em particular; e depois diſto orar em geral por todas aquellas, que ſe achão no Purgatorio.

XXV. *Nobis quoque peccatoribus.*

P. Qual he a Oração, que ſe ſegue á que fica explicada?

R.

a Vejão-ſe os §§. 12. e 13. deſte cap.

R. A feguinte. O Sacerdote diz as tres primeiras palavras della em voz alta, e continúa o reftante em voz baixa.

Nobis quoque peccatoribus, famulis tuis de multitudine miferationum tuarum fperantibus, partem aliquam & focietatem donare digneris cum tuis Sanctis Apoftolis, & Martyribus, cum Joanne, Stephano, Mathia, Barnaba, Ignatio, Alexandro, Marcellino, Petro, Felicitate, Perpetua, Agatha, Lucia, Agnete, Cæcilia, Anaftafia, & omnibus Sanctis tuis: intra quorum nos confortium non æftimator meriti, fed veniæ quæfumus largitor admitte. Per Chriftum Dominum noftrum.

E nós tambem, que fomos peccadores, e fervos voffos, que não temos efperança fenão na multidão de voffas mifericordias, dignai-vos fazer que tenhamos parte, e fociedade com voffos Santos Apoftolos, e Martyres, João, Eftevão, Mathias, Barnabé, Ignacio, Alexandre, Marcellino, Pedro, Felicidade, Perpetua, Agueda, Luzia, Ignez, Cecilia, Anaftafia, e com todos os voffos Santos, na companhia dos quaes vos pedimos nos recebais, não pezando os noffos merecimentos, mas fazendo-nos graça, e mifericordia. Por Jefus Chrifto noffo Senhor.

Per quem hæc omnia, Domine, femper bona creas, fanctificas, ✠ vivificas, ✠ benedicis, ✠ & præftas nobis. Per ✠ ipfum, & ✠ cum ipfo, & ✠ in ipfo eft tibi Deo Patri ✠ omnipotenti, in unitate Spiritus ✠ Sancti, omnis honor & gloria. Per omnia fæcula fæculorum. ℟. *Amen.*

Pelo qual produzís fempre, Senhor, fantificais, ✠ vivificais, ✠ abençoais, ✠ e nos dais todos eftes bens. Por elle, ✠ com ✠ elle, e ✠ nelle he que toda a honra, e toda a gloria vos pertence, ó Deos, Padre ✠ Todo Poderofo na unidade do Efpirito ✠ Santo. Por todos os feculos dos feculos. ℟. Amen.

P.

P. Qual he a connexão desta Oração com a precedente?

R. Depois de haver pedido a Deos antes da consagração, que se digne fazer entrar a Igreja da terra na sociedade dos Santos; depois de haver feito a mesma súpplica depois da consagração em favor da Igreja do Purgatorio, pede aqui o Sacerdote a mesma cousa para si, e para todos aquelles, que estão presentes ao Sacrificio, em cujo nome falla; e por isso he que eleva hum pouco a voz nas primeiras palavras da Oração, para que os assistentes se unão com elle; e que fere o peito, dizendo: *Nós que somos peccadores.* Pertende manifestar com este final os sentimentos de humildade, e compunção, com que diz estas palavras, á imitação do Publicano do Evangelho. [a]

P. Por que razão se nomeão ainda tantos Santos em particular?

R. Já dissemos a razão, explicando a reza do nome dos Santos, que se faz antes da consagração. [b] Todos estes nomes, e outros muitos estavão escritos nas Diptycas. Antigamente se rezava em Roma huma parte delles antes da consagração, e outra depois: ainda agora se faz o mesmo.

Póde accrescentar-se com o Cardeal Bona, que a Igreja faz aqui menção de algum Santo de cada Ordem, mas todos Martyres; de S. João Baptista, Precursor de Jesus Christo; de Santo Estevão, Diacono; de S. Mathias Apostolo; de S. Barnabé, Discipulo do Senhor; de Santo Ignacio Bispo, de Santo Alexandre Papa, de S. Marcellino Presbytero, de Pedro Exorcista, de Santa Felicidade, e de Santa Perpetua mulheres casadas; de Santa Agueda, Santa Luzia, Santa Ignez, Santa Cicilia, e Santa Anastasia Virgens. [c]

P.

a Luc. xviii. 13.
b N. 17. deste §.
c Bona, L. 22. da Liturg. cap. 14. n. 5.

P. Por que razão pedimos a Deos que nos receba no numero dos Santos, não pezando os noſſos merecimentos, mas fazendo-nos graça, e miſericordia?

R. Porque a Igreja ſabe, 1. Que ſe Deos examinaſſe o noſſo procedimento ſem alguma miſericordia, ninguem poderia ſupportar o ſeu juizo. [a] 2. Que a vida eterna, que Deos concede aos homens, não he huma divida, mas, como diz S. Paulo, huma graça, e huma miſericordia: *Gratia Dei vita æterna.* [b] Podemos merecella; mas os noſſos merecimentos não são mais que hum puro effeito da graça, e da miſericordia de Deos por Jeſus Chriſto.

P. Qual he o ſentido deſtas palavras: *Por Jeſus Chriſto noſſo Senhor, pelo qual produzis ſempre, ſantificais, vivificais, abençoais, e nos dais todos eſtes bens?*

R. Para comprehendermos bem o ſentido deſtas palavras, convem ſaber, que antigamente ſe fazia no Altar, no fim do Canon, a benção dos frutos, dos legumes, do leite, do mel, da carne, e das outras couſas ſemelhantes, para obter de Deos hum ſanto uſo daquillo, que deo aos homens para ſeu ſuſtento. Neſte lugar do Canon ſe faz ainda hoje a benção do Oleo dos enfermos em quinta feira Santa. Eſta benção dos frutos ſe fazia tambem neſte meſmo lugar no fim da Oração, que explicamos immediatamente antes deſtas palavras: *Por Jeſus Chriſto noſſo Senhor, pelo qual produzis ſempre eſtes bens, os ſantificais, os vivificais, e os abençoais para noſſo uſo.* A eſtes bens, acabados de benzer, he que ſe referião eſtas palavras: *Vós produzis eſtes bens, vós os ſantificais, e vós os abençoais*, porque tudo he bento, e tudo ſantificado por Jeſus Chriſto. Pelo tempo adiante, para abbreviar a Miſſa, ſe reſervou eſta benção dos frutos para outra hora, que não foſ-

a Pſalm. cxxxix, 3. Pſal. cxlii. 2. b Rom. vi. 23.

fosse a do Sacrificio; e não obstante se conservárão no Canon as palavras desta Oração, que lhes dizião respeito, porque estas palavras podem ser applicadas ao Corpo, e ao Sangue de Jesus Christo, que nos he dado debaixo das especies de pão, e de vinho. [a] Eisaqui o sentido admiravel, e naturalissimo destas palavras por respeito á Eucaristia.

Por Jesus Christo he que *produzis* todos os dias o pão, e o vinho, de que nos servimos para fazer delle a materia deste Sacrificio, porque todas as cousas são creadas pelo Filho de Deos. [b] *Vós os santificais*, escolhendo-os para fazer delles a materia da Eucaristia. *Vós os vivificais*; porque sendo antes da consagração creaturas inanimadas, a consagração os transforma para substituir em seu lugar ao mesmo Jesus Christo, Pão vivo descido do Ceo. [c] *Vós os abençoais*; porque o Corpo, e o Sangue de Jesus Christo, produzidos pela mudança da substancia do pão, e do vinho, são hum sacrificio de benção, e de louvor, offerecido á gloria de Deos, e huma fonte de toda a benção para a Igreja. *Vós os dais* pela communhão, em que recebemos o verdadeiro Corpo, e o verdadeiro Sangue de Jesus Christo.

P. Por que razão dizendo estas palavras, faz o Sacerdote os sinaes da Cruz sobre o Corpo, e sobre o Sangue de Jesus Christo?

R. Já o temos dito, [d] que he para mostrar que a acção, pela qual o pão, e o vinho são santificados, ou vivificados, se converte para nós pela mudança da sua substancia em huma fonte de bençãos, em huma representação, e continuação do Sacrificio da Cruz.

P. Qual he o sentido destas palavras consecutivas da mesma Oração: *Por elle, com elle, e nelle he que* to-

a Bona, L. 2. da Liturg. cap. 14. n. 5.
b Joan. i. 3.
c Joan. vi. 33. 51.
d N. 21. deste §.

toda a honra, e gloria vos pertencem, ó Deos Padre Todo Poderoso, na unidade do Espirito Santo, por todos os seculos dos seculos?

R. Quer dizer que só o Sacrificio de Jesus Christo póde dar a Deos a honra, que lhe he devida; e que não se póde honrar a Deos, senão por Jesus Christo, e com Jesus Christo, e em Jesus Christo. *Por Jesus Christo*, porque elle he o unico Mediador, por quem podemos agradar a Deos. *Com Jesus Christo*, porque para dar-lhe a honra, que lhe pertence, he necessario estar unido a Jesus Christo pelo seu espirito, seguir as suas disposições, e estar-lhe sujeito em tudo o que se obrar. *Em Jesus Christo*, porque não podemos agradar a Deos, senão quando estamos unidos com elle como seus membros.

P. Por que razão faz o Sacerdote por tres vezes o sinal da Cruz sobre o Calis com a Hostia, quando diz estas palavras: *Por elle, com elle, e nelle? &c.*

R. Para manifestar com estes sinaes que Deos não he honrado, senão pela virtude do Sacrificio, que Jesus Christo offereceo sobre a Cruz.

P. Por que razão faz o Sacerdote por duas vezes o sinal da Cruz sobre o Altar com a Hostia, dizendo estas palavras: *A vós Deos Padre Todo Poderoso, ✠ na unidade do Espirito Santo, ✠ vos pertence toda a honra, e toda a gloria?*

R. Para mostrar que pela Cruz, de que he figura o Altar, he que a Santissima Trindade, que aqui se nomea, recebeo toda a honra, e gloria.

Póde dar-se tambem huma razão literal destes finco sinaes da Cruz, que he a seguinte. He cousa muito usada o fazer o sinal da Cruz, quando se pronuncia o nome de qualquer Pessoa da Santissima Trindade, de que se poderião referir muitos exemplos. Estes finco sinaes da Cruz bem poderão ter sido introduzidos aqui,

por

por causa de que se nomea por tres vezes o Filho de Deos, huma vez o Padre, e outra o Espirito Santo. Esta razão não exclue a precedente.

P. Por que razão eleva o Sacerdote hum pouco o Calis, e a Hostia, quando diz estas palavras: *Toda a honra, e gloria vos pertence?*

R. Para protestar que só por Jesus Christo, com Jesus Christo, e em Jesus Christo he que a Santissima Trindade póde receber a honra, e a gloria, que lhe são devidas; para protestar-lhe, digo, por esta acção como se faz pelas palavras, e pelos sinaes da Cruz, que a acompanhão.

Em muitas Igrejas se toca huma campainha nesta segunda elevação, para advertir o povo que adore a Deos por Jesus Christo.

Antes do seculo duodecimo não havia na Missa outra elevação do Corpo, e do Sangue de Jesus Christo, mais do que esta. O Sacerdote os elevava então bastantemente alto, para que o povo pudesse ver, e adorar a Jesus Christo, por quem se dava á Trindade Santissima toda a honra, e toda a gloria.

O costume de elevar o corpo de Jesus Christo, e immediatamente o Calis logo depois da consagração, havendo sido santamente introduzido, esta segunda elevação não ficou sendo tão solemne na maior parte das Igrejas, e o Sacerdote se contenta com elevar hum pouco o Calis, e a Hostia sobre o Altar. O costume, que se conserva em muitas Igrejas de tocar huma campainha a esta segunda elevação, he hum vestigio do antigo uso. [a] E por esta razão he que os que ajudão á Missa, dizem então em muitas Igrejas: *Ave salus, ave vita, ave redemptio nostra: Eu vos saudo, a vós, que sois*

[a] Mabil. Comment. sob. a Ord. Rom. n. 7. Microl. cap. 15. Veja-se o Missal de París, que esteve em uso até o anno de 1608.

sois a nossa salvação , a nossa vida , e a nossa redempção : palavras , que se dirigem a Jesus Christo , que então se eleva , e que são huma profissão de Fé da presença real de Jesus Christo.

P. Que deve fazer o povo em quanto o Sacerdote reza esta Oração: *Nobis quoque peccatoribus ?*

R. Deve , 1. Pedir a Deos misericordia , ferindo o peito com vivos sentimentos de compunção , e a graça de achar-se algum dia na companhia dos Santos Martyres , de que o Sacerdote pronuncía os nomes. 2. Dar graças a Deos por todos os bens , que nos faz por Jesus Christo. 3. Adorallo por Jesus Christo , com Jesus Christo , e em Jesus Christo , no tempo , em que o Sacerdote eleva o Calis com a Hostia.

P. Por que razão o Sacerdote , que disse todas as Orações do Canon em voz baixa , levanta a voz para dizer : *Per omnia sæcula sæculorum : Por todos os seculos dos seculos ?*

R. He esta a conclusão de todas as Orações precedentes. O Sacerdote , que do principio do Canon fallou sem canto , e ainda com voz baixa , podendo apenas ser ouvido dos que estavão perto do Altar , se vê obrigado a levantar a voz no fim , para pedir ao povo o seu consentimento ; porque tudo o que fica dito , foi dito , como havemos já notado , em nome de todo o povo ; e o povo dá o seu consentimento a todas as Orações precedentes do Canon pela palavra *Amen.*

XXVI. *Pater noster. Libera nos.*

P. Que faz o Sacerdote depois de acabado o Canon ?

R. Reza a Oração do Senhor , que já temos referido , e explicado. [a]

P.

[a] Cap. 4. desta Secç.

P. Por que razão faz a Igreja rezar a Oração Dominical logo depois do Canon ?

R. A Oração do Senhor contém tudo aquillo, que se póde, e deve pedir a Deos, como já mostrámos, explicando esta Divina Oração. A Igreja para obedecer a Jesus Christo, recita solemnemente esta Oração; e para obter mais facilmente o effeito das suas súpplicas, escolhe para isso o tempo, em que se acabou de fazer a Deos a oblação da santa victima, por merecimento da qual obtemos o effeito das nossas súpplicas, e sem a qual nada podemos obter.

P. Qual he a razão, por que o Sacerdote antes de recitar a Oração do Senhor, diz estas palavras:

Præceptis salutaribus moniti, & Divina institutione formati, audemus dicere: Pater noster, &c.	Instruidos pelos Mandamentos saudaveis, e seguindo a fórma da instrucção Divina, que nos foi dada, nos atrevemos a dizer: Padre nosso, que estás nos Ceos, &c.

R. Para manifestar que esta Oração he huma cousa tão santa, e tão grande, e que por meio della recorremos a Deos com tanta confiança, que não nos atreveriamos a fazello, se o mesmo Jesus Christo não ordenasse que o fizessemos.

P. Por que razão em muitas Igrejas, em quanto se reza esta Oração, mostra o Diacono a Patena ao povo?

R. Para advertir ao mesmo povo que se chega o tempo da Communhão, e que he preciso preparar-se para ella; porque a patena he o prato, em que se põe o Corpo de Jesus Christo, que ha de ser distribuido pelos fieis.

P. Por que razão guarda o Subdiacono a patena desde o fim do Offertorio até o fim da Oração Dominical?

R. He neceſſaria a Patena durante a offerta para nella pôr o pão, que ha de ſer conſagrado. Eſte pão depois da offerta ſe põe immediatamente ſobre o Altar ; aſſim a Patena fica ſendo inutil até o tempo da Communhão. Neſte intervallo a guarda o Subdiacono, que não tem então outro miniſterio. Em París, e em outras muitas Igrejas não he o Subdiacono quem a guarda, mas hum Acolytho. Nas Igrejas, em que o Subdiacono guarda a Patena, ſe lhe põe ſobre os hombros hum grande véo para occultar a Patena debaixo delle, e guardalla com mais aſſeio ; e nas Miſſas rezadas, em que tudo ſe faz ſem ſolemnidade, ſe contenta o Sacerdote com mettella debaixo do corporal.

P. Por que razão reza o Sacerdote em voz alta na Miſſa a Oração do Senhor, ao meſmo tempo que nos outros Officios da Igreja ſe reza ordinariamente em voz baixa, do meſmo modo que o Symbolo da Fé, que não ſe diz tambem em voz alta ſenão na Miſſa ?

R. Para reſponder com exacção a eſta pergunta ; convem ſaber, que antigamente nunca ſe rezava a Oração Dominical, nem o Symbolo nos congreſſos públicos, em que podião achar-ſe os Infieis, e os Catecumenos, porque ſe lhes occultavão os noſſos Myſterios, como a indignos de participar delles, e por evitar o expollos á ſua profanação. Não ſe enſinava o Symbolo, e a Oração Dominical aos Catecumenos, ſem que foſſem primeiro admittidos no numero daquelles, que ſe chamavão *Competentes, competentes*, iſto he, *baſtantemente provados para receberem o Baptiſmo.* Havendo eſtes aprendido de cór o Symbolo, e a Oração do Senhor, os rezavão publicamente com a ceremonia do Baptiſmo, e iſto he que ſe chamava *Reddere Symbolum, reddere Orationem Dominicam : Repetir, ou dizer de cór o Symbolo, e a Oração do Senhor.* Iſto ſuppoſto, digo ; que

que se rezava secretamente a Oração Dominical, e o Symbolo nos outros Officios, menos na Missa, porque os Catecumenos podião assistir a elles. Cantavão-se na Missa, porque os Catecumenos tinhão sahido logo depois da explicação do Evangelho, não ficando no congresso mais que os Fieis sómente. E nos Mosteiros, em que o Officio se celebrava em presença das pessoas da casa sómente, se rezava em voz alta a Oração Dominical em todos os Officios, como se pratíca ainda em toda a Ordem de S. Bento a Vesperas, e a Laudes. Tem-se pois conservado até o tempo presente este vestigio da antiguidade.

P. Que deve fazer o povo em quanto se canta a Oração do Senhor?

R. Deve rezalla em particular com muita attenção, e respeito, e levantar a voz no fim para dizer: *Sed libera nos a malo: Mas livra-nos do mal.*

P. Por que razão responde o Sacerdote em voz baixa *Amen*, depois que o povo tem dito em voz alta a ultima petição da Oração Dominical: *Sed libera nos a malo?*

R. Já demos huma razão, explicando esta palavra *Amen* no fim da explicação da Oração do Senhor. [a] Póde dizer-se tambem que o sentido deste *Amen* na boca do Sacerdote, he este: *Sim, meu Deos, eu vos peço em nome de todos os assistentes, que nos livreis de todo o mal.* E depois extende esta súpplica, proseguindo com as palavras seguintes:

Libera nos quæsumus, Domine, ab omnibus malis præteriti, præsentibus, & futuris, & intercedente Beata, & gloriosa semper Vir-	Livrai-nos, Senhor, de todos os males passados, presentes, e futuros, e pela intercessão da sempre gloriosa Virgem Mãi de Deos;

 e de

[a] Cap. 4. §. 2. desta Secç.

e de vossos Bemaventurados Apostolos Pedro, Paulo, e André, dai-nos por vossa bondade a paz em nossos dias, a fim de que assistidos com o soccorro da vossa misericordia, estejamos sempre livres do peccado, e seguros de todos os perigos. Pelo mesmo Jesus Christo nosso Senhor, que sendo Deos, vive, e reina comvosco na unidade do Espirito Santo. Por todos os seculos dos seculos. Amen.

gine Dei Genitrice Maria; cum Beatis Apostolis tuis Petro, & Paulo, atque Andrea, & omnibus Sanctis, da propitius pacem in diebus nostris, ut ope misericordiæ tuæ adjuti, & a peccato simus semper liberi, & ab omni perturbatione securi. Per Dominum nostrum Jesum Christum Filium tuum, qui tecum vivit, & regnat in unitate Spiritus Sancti Deus. Per omnia sæcula sæculorum. Amen.

Vê-se facilmente a connexão desta Oração com a precedente. A ultima súpplica da Oração Dominical he esta: *Livra-nos do mal.* Esta súpplica, como havemos mostrado, [a] he o compendio, e a recapitulação de toda a Oração Dominical. O Sacerdote pois a repete, e estende, pedindo a Deos em nome de todo o povo, que nos livre dos males passados, presentes, e futuros, &c.

P. Quaes são os males passados, presentes, e futuros, de que pedimos ser livres?

R. Os males passados são os nossos peccados; os males presentes são as tentações ou exteriores, ou interiores, que nos movem ao peccado; e os males futuros são as penas temporaes, ou eternas devidas ao peccado. Por isso a Igreja na serie desta Oração reduz todas as súpplicas, que fazemos, ao livramento do peccado, e á paz. *Ao livramento do peccado*, porque o pec-

a No mesmo lugar.

peccado he o unico mal, que se póde considerar como tal, fallando propriamente; todos os outros males não são mais que consequencias, e penas deste. *A' paz*, porque a paz he o compendio de todos os bens: todas as cousas tendem á paz, e ninguem a póde ter sem estar livre da escravidão do peccado. Toda a paz, que não for esta, he falsa, e enganosa. *Não ha paz para os impios*, diz o Senhor. [a]

P. Por que razão faz o Sacerdote o sinal da Cruz com a Patena antes de dizer estas palavras *Dai-nos a paz?*

R. Para mostrar que não temos a paz, de que a Patena he symbolo, e instrumento, senão pela Cruz.

Digo que a Patena he instrumento, e symbolo da paz, porque he o prato, em que se põe o Corpo de Jesus Christo, que ha de ser distribuido em sinal de paz. Por esta mesma razão he que o Sacerdote beija a Patena, quando diz a Deos: *Dai-nos a paz.*

P. Por que razão se serve a Igreja da intercessão dos Santos, e principalmente da Santissima Virgem, de S. Pedro, de S. Paulo, e de Santo André, para pedir a paz a Deos por Jesus Christo?

R. Para ser mais facilmente ouvida, como assima explicámos; [b] e por esta razão he que entre todos os Santos nomea aquelles especialmente, de que Deos mais se servio para procurar a paz solida aos homens, como v. g. a Santissima Virgem, que foi a Mãi do Deos da paz, e os tres primeiros dos Apostolos, que a annunciárão da parte de Jesus Christo a todos os póvos da terra.

P. Que deve fazer o povo em quanto o Sacerdote reza esta Oração?

R. Deve unir-se ao Sacerdote; e não póde obrar melhor, do que dizella com elle particularmente.

XXVII.

a Isai.xlviii. 22. Rom.ii.9. e 10. Veja-se S.Ag. L.19.da Cid.deDeos, cap. 11. 12. 13. 14. e seg. b P. 2. Secç. 3. cap. 2. §. 3.

XXVII. *Da fracção da Hostia, e da mistura de ambas as especies.*

P. Por que razão parte o Sacerdote a Hostia, quando conclue a Oração, que fica explicada ?

R. 1. Para imitar a Jesus Christo, que partio o Pão sagrado antes de o distribuir, e para conformar-se com o uso perpetuo de todas as Igrejas do Mundo desde os Apostolos. [a]

2. O Sacerdote parte a Hostia no fim da Oração, pela qual pede a Deos a paz, e o livramento de todos os males, para manifestar que Jesus Christo não foi immolado sobre a Cruz, e não se nos dá na Eucaristia, senão para dar-nos a paz, e livrar-nos de todos os males.

P. Quando se parte a Hostia, parte-se o Corpo de Jesus Christo ?

R. Já dissemos em outro lugar [b] que se não partem mais que as especies. Esta foi sempre a doutrina da Igreja, como consta de todos os Padres.

P. Em quantas porções se parte a Hostia ?

R. A Igreja Grega a parte em quatro porções. Antigamente na Hespanha se partia em nove porções, e ainda se faz o mesmo nos lugares deste Reino, em que se segue o rito *Mozarabico*. Mas o restante da Igreja Latina está em posse de não fazer da Hostia mais que tres porções. [c]

P. Qual he a razão destes differentes costumes ?

R. Os Gregos dividem a Hostia em quatro porções, huma para o Sacerdote, outra para o povo, que quer com-

[a] 1. Cor. x. 16. xi. 24. S. Clem. Alex. L. 1. Strom. S. Greg. Nazianz. Epist. 240. a Amphil. S. Ag. Epist. 149. ou 59. a Paulino. Vejão-se todas as Liturgias mais antigas, &c.

[b] Secç. 1. cap. 4. ?. 4.

[c] Bona, L. 1. da Liturg. cap. 11. L. 2. cap. 15. Veja-se no mesmo Author a origem do rito Mozarabico, e a explicação desta palavra.

communngar, outra reſerva-ſe para os enfermos, outra miſtura-ſe no Calis com o Sangue de Jeſus Chriſto.

Os Mozárabes fazem nove porções da Hoſtia, e dão a cada huma o nome de hum Myſterio de Jeſus Chriſto; o que moſtra que o ſeu fim de dividir a Hoſtia em tantas porções, he de repreſentar cada hum dos eſtados, em que Jeſus Chriſto ſe achou, ou ha de achar. Á primeira porção chamão a *Encarnação*; á ſegunda a *Natividade*; á terceira a *Circumcisão*; á quarta a *Apparição*, ou *Transfiguração*; á quinta a *Paixão*; á ſexta a *Morte*; á ſetima a *Reſurreição*; á oitava a *Gloria* de Jeſus Chriſto no Ceo; e á nona o *Reino* de Jeſus Chriſto, quando vier julgar os vivos, e os mortos.

A Igreja Romana, e todo o reſtante do Occidente divide a Hoſtia em tres porções, huma para ſer poſta no Calis, outra para o Sacerdote, e a terceira era depois dividida em outras muitas no tempo da communhão, ou para ſer diſtribuida pelos aſſiſtentes, ou para ſer conſervada para os enfermos; [a] porque os pães, que antigamente ſe conſagravão, erão muito maiores, e mais eſpeſſos do que agora são.

Na ordem da Miſſa Pontifical, que ainda ſe uſa em Roma, vemos hum veſtigio da antiguidade neſte ponto; porque quando o Papa diz ſolemnemente a Miſſa, lança, como fazem todos os Sacerdotes, huma das tres porções da Hoſtia no Calis, communga outra, e depois de communngar, parte a terceira em duas para a communhão do Diacono, e para a do Subdiacono. [b] E na ſagração dos Biſpos, o Biſpo conſecrante lança huma porção da Hoſtia no Calis, communga outra, e dá a ſanta communhão ao Biſpo conſagrado com a terceira porção. [c]

P.

[a] Microl. cap. 17. das ſuas Obſerv.

[b] Bona, L. 2. da Liturg. cap. 17. num. 8.

[c] Pontifical Rom.

P. Por que razão o Sacerdote, depois de haver partido a Hostia, deseja a paz ao povo com estas palavras :

Pax Domini sit semper vobiscum. — A paz do Senhor esteja sempre comvosco.

R. He huma benção, que o Sacerdote dá aos assistentes pelo merecimento da Hostia partida para elles. Por esta razão he que, dizendo as palavras desta benção, faz por tres vezes o sinal da Cruz com a Hostia.

Antigamente em Roma, em França, e na Hespanha; e este he ainda hoje o uso de outras muitas Igrejas de França, então davão os Bispos a benção solemne ao povo, quando celebravão pontificalmente. Então he que tambem se publicavão em Roma os jejuns, e as Festas, como se faz hoje na Estação. Tal era o uso da Igreja Romana ha mais de novecentos annos. [a]

P. Por que razão mistura o Sacerdote huma das porções da Hostia com o Sangue de Jesus Christo ?

R. He hum uso este praticado em todas as Igrejas do Mundo, como consta de todas as Liturgias mais antigas. [b]

A razão literal deste uso he, que antigamente succedia muitas vezes o não se haver consagrado bastante vinho para dar a Commmunhão debaixo das duas especies a todos aquelles, que querião commungar : para supprir pois á especie de vinho; quando faltava, se lançava vinho não consagrado no Calis ; e para que este vinho fosse ao menos santificado pela mistura do Corpo de Jesus Christo, se mettia nelle huma porção da Hostia consagrada, e o Diacono a consumia, purificando o Calis, como se pratíca ainda hoje nas Igrejas,

em

[a] Bona, L. 2. cap. 16. Mabil. Comment. sob. a Ord. Rom. n. 7.

[b] Mabill. Comment. sobre a Liturg. Gall. cap. 4. e 5. e Com- Ord. Rom. art. 12.

em que a Communhão debaixo das duas especies está em uso para os Ministros, que servem ao Altar.

Observa-se ainda hum vestigio deste rito em sexta feira Santa, conservando-se na vespera sómente a especie de pão. O Sacerdote, que ha de commungar, não póde por conseguinte fazello debaixo das duas especies: para supprir a isso de algum modo, mistura com o vinho huma porção da Hostia consagrada; e depois de haver commungado debaixo da especie de pão, bebe este vinho santificado pela mistura do Corpo de Jesus Christo. [a]

Póde dizer-se tambem, que assim como a consagração separada do Corpo de Jesus Christo debaixo da especie de pão, e do Sangue debaixo da especie de vinho, nos representa a Morte de Jesus Christo; a reunião destas especies nos representa a sua Resurreição; e faz-se esta reunião antes da Communhão, para comprehendermos que commungando recebemos a Jesus Christo morto, e resuscitado. [b]

Além da mistura, que se fez sempre na Missa de huma parte da Hostia consagrada com o precioso Sangue, como acabamos de dizer, havião antigamente occasiões, em que tambem se misturava com o Sangue precioso huma porção de outra Hostia, consagrada antes em outra Missa.

1. Quando o Papa celebrava solemnemente a Missa, se levava diante delle huma porção da Sagrada Eucaristia, que elle mesmo havia já consagrado em outro dia. Tanto que o Papa chegava ao Altar, a adorava, e misturava depois esta porção com o Sangue de Jesus Christo antes da Communhão, para manifestar que o Sacrificio, que acabava de offerecer a Deos, não era differente daquelle, que havia offerecido a ultima vez. Quando o Papa não dizia a Missa, o Bispo, que a dizia

a Mabil. Comment. sob. a Ord. Rom. art. 12. e 13. b Microl. cap. 17.

zia em ſeu lugar, fazia o meſmo, para moſtrar a união do ſeu ſacrificio com o do Papa.

2. O Papa enviava cada Domingo pelos Acolythos aos Sacerdotes de cada Igreja Paroquial da Cidade de Roma huma porção da Hoſtia, que elle havia conſagrado. E eſtes Sacerdotes miſturavão a meſma porção de Hoſtia com o precioſo Sangue, que havião conſagrado na Miſſa, para com eſta ceremonia moſtrarem a união, que tinhão com o ſeu Biſpo, e a unidade do Sacrificio da nova Lei: para moſtrarem tambem que os Sacerdotes não offerecem o ſanto Sacrificio ſenão com dependencia do Biſpo, e por ſuas ordens.

3. Na ordenação dos Biſpos, ou dos Sacerdotes, dava antigamente o Biſpo conſecrante ao Biſpo, ou Sacerdote novamente ordenado, huma Hoſtia inteira baſtantemente grande; e o novo Biſpo, ou o novo Sacerdote miſturava por eſpaço de quarenta dias contínuos huma porção deſta Hoſtia com o precioſo Sangue, que havia conſagrado, quando dizia Miſſa, para moſtrar que o ſeu ſacrificio era o meſmo que o do Biſpo, de quem havia recebido a ordenação.

Aſſim neſtas tres occaſiões havia huma duplicada miſtura da Hoſtia conſagrada com o Sangue de Jeſus Chriſto. Miſturava-ſe ao principio a Hoſtia reſervada do Sacrificio precedente. [a] Miſturava-ſe depois huma porção da Hoſtia, que acabava de ſer conſagrada por aquelle, que dizia a Miſſa.

O Sacerdote, que faz eſta miſtura, ſerve-ſe agora da formula ſeguinte:

Hæc commixtio, & conſecratio Corporis, & Sanguinis Domini noſtri JeſuChriſti, fiat accipientibus nobis in vitam æternam. Amen.	Eſta miſtura, e conſagração do Corpo, e Sangue de Jeſus Chriſto ſeja para nós, que o recebemos, origem da vida eterna. Amen.

P.

a Mabil. Comment. ſob. a Ord. Rom. art. 6. n. 1. e 2.

P. Que quer dizer a palavra *Consagração?*

R. 1. Póde tomar-se aqui esta palavra pela reunião mystica da Alma, e do Sangue de Jesus Christo com o seu Corpo, que se fez no momento da Resurreição, assim como se toma a primeira vez pela separação mystica deste Corpo, e deste Sangue: huma, e outra foi feita para procurar-nos a vida eterna.

2. Ha muitos Missaes antigos, em que a palavra *Consagração* não se acha neste lugar. Sómente se vem nelles as seguintes palavras, que erão mais ordinarias nos Missaes de França: *Hæc sacrosancta commixtio, &c. Esta santa, e sagrada mistura do Corpo, e do Sangue, &c.* ou: *Hæc commixtio, & consecratio: Esta mistura*, e para o dizer assim, *esta consagração, &c.* Cada hum deve seguir neste particular o uso da sua Igreja, porque estas differenças são pouco importantes.

P. Que deve fazer o povo em quanto o Sacerdote parte a Hostia, e mistura huma parte della com o Sangue de Jesus Christo?

R. 1. Dar graças a Jesus Christo por nos haver amado até dar-nos o seu Corpo, e o seu Sangue, para servir-nos de alimento. 2. Pedir-lhe que a mistura das duas especies, que póde representar a sua Resurreição, seja para nós penhor da Resurreição gloriosa.

XXVIII. Agnus Dei. *Osculo de paz.*

P. Qual he a Oração, que se segue?

R. He o *Agnus Dei*, que todo o povo canta, e que o Sacerdote reza por tres vezes, ferindo o peito ao mesmo tempo. A Oração he esta:

Agnus Dei, qui tollis peccata mundi, miserere nobis.	Cordeiro de Deos, que tirais os peccados do Mundo, tende compaixão de nós.

E á

E á terceira vez, em lugar deſtas palavras: *Miſerere nobis: Tende compaixão de nós*, ſe dizem eſtoutras: *Dona nobis pacem: Dai-nos a paz.*

Jeſus Chriſto he eſte Cordeiro de Deos, como conſta da Eſcritura. [a]

P. Qual he o motivo, por que dizemos eſta Oração?

R. Para preparar-nos com ella á Sagrada Communhão. Antigamente ſe dizia por tres vezes contínuas: *Cordeiro de Deos, tende compaixão de nós.* Haverá ſetecentos annos que a Igreja ordenou que ſe diſſeſſe: *Dai-nos a paz*, em lugar da ultima repetição do *Agnus Dei*, para pedir a Deos a paz da Igreja, e a paz entre os Principes Chriſtãos. Todas as Orações, depois do *Pater* até á Communhão, tem por fim o pedir a paz.

P. Que ha de fazer o povo em quanto o Sacerdote diz o *Agnus Dei?*

R. Rezar eſta Oração; e ſe a Miſſa for cantada, cantalla, fazendo porém iſto com muita fé, e fervor.

P. Qual he a Oração, que ſe ſegue?

R. Inclina-ſe o Sacerdote profundamente, e diz a Oração ſeguinte, para pedir ainda a paz da Igreja.

Domine Jeſu Chriſte, qui dixiſti Apoſtolis tuis: Pacem relinquo vobis; pacem meam do vobis, ne reſpicias peccata mea; ſed fidem Eccleſiæ tuæ, eamque ſecundùm voluntatem tuam pacificare, & coadunare digneris. Qui vivis, & regnas Deus. Per omnia ſæcula ſæculorum. Amen.

Ó Senhor Jeſus Chriſto, que diſſeſtes aos voſſos Apoſtolos: Eu vos deixo a paz; eu vos dou a minha paz, não tenhais reſpeito a meus peccados, mas á fé da voſſa Igreja, e dignai-vos pacificalla, e reunilla, ſegundo a voſſa vontade. Vós, que ſendo Deos, viveis, e reinais por todos os ſeculos dos ſeculos. Amen.

P.

a Joan. i. 29. Apoc. v. 12. &c.

P. Por que razão diz ainda aqui o Sacerdote esta Oração?

R. Porque immediatamente depois cada hum dá o osculo de paz, segundo o antigo uso, e o Sacerdote pede a Deos que o mesmo osculo seja syncero entre aquelles, que o derem; e geralmente que toda a Igreja se reuna de sorte, que todos os Fieis, que são seus membros, não fação mais que hum corpo, e huma alma, e que assim unidos possão todos participar do Corpo de Jesus Christo.

P. Que deve fazer o povo, em quanto se diz esta Oração?

R. Deve unir-se ao Sacerdote; e não póde fazer cousa melhor do que dizella com elle secretamente.

P. Por que razão se dá o osculo de paz antes da Communhão?

R. Para mostrar a verdade do que diz S. Paulo: *Que não fazemos mais que hum corpo, e hum espirito todos aquelles, que participamos de hum mesmo Pão.* [a] Para manifestar esta união he que Jesus Christo quiz que o Mysterio da Eucaristia se cumprisse em huma materia, que he o symbolo da união, e da unidade.

EXPLICAÇÃO.

Compõe-se o pão de muitos grãos moidos, amaçados, e misturados juntamente, os quaes fórmão hum só corpo: compõe-se o vinho de muitos cachos pizados, espremidos, e misturados juntamente, os quaes fazem hum só licor. Assim todos os Fieis, que participão desta Meza, estão reunidos em Jesus Christo, de sorte que não devem fazer mais que huma mesma cousa com elle, estando nelle incorporados pela participação de sua Carne Sagrada. Por conseguinte não devem ser entre si, para o dizer assim, mais que huma

a 1. Cor. x. 17.

ma mesma cousa, participando todos do mesmo Corpo de Jesus Christo, e estando incorporados com elle. [a]

P. Este costume de dar o santo osculo he antigo?

R. Procede dos Apostolos, e se pratíca em todas as Igrejas: com esta differença, que em certas Igrejas se abração os assistentes antes de commungar, ao mesmo tempo que em outras se dá a cada hum hum instrumento de paz para beijallo, que vem a ser quasi o mesmo.

P. Por que razão beija o Sacerdote o Altar antes de dar a paz ao Diacono, que a dá ao Subdiacono, e este aos assistentes?

R. Para manifestar que o Sacerdote não dá a paz ao Diacono, e por meio delle ao povo, senão depois de a haver recebido de Jesus Christo figurado pelo Altar. Antigamente em muitas Igrejas beijava o Sacerdote a mesma Hostia. Este era ainda o uso de París no principio do seculo decimosetimo, como consta do Missal deste tempo, no qual se lem estas palavras: *Postea osculato Corpore Christi, det osculum ad pacem, dicens: Pax tibi, frater, & Ecclesiæ Sanctæ Dei: O Sacerdote depois de haver beijado o Corpo de Jesus Christo, dá o osculo de paz, dizendo: Meu irmão, a paz seja comvosco, e com a Santa Igreja de Deos.*

P. Que devem fazer os póvos em quanto se dá o osculo de paz?

R. Devem pedir a Deos a graça de viver em paz com todo o Mundo, e de nunca quebrar por sua culpa a santa união, que deve haver entre os Christãos, que todos são irmãos, e estão incorporados com Jesus Christo.

XXIX.

a S. Agost. Serm. 227. aos novos baptizados, ou 83. de *Diversis*, e em outros muitos lugares.

XXIX. *Communhão do Sacerdote.*

P. Que faz o Sacerdote em quanto os aſſiſtentes dão o oſculo de paz ?

R. Diz em particular duas Orações, para preparar-ſe com ellas á Communhão. As Orações são eſtas :

Domine Jeſu Chriſte, Fili Dei vivi, qui ex voluntate Patris, cooperante Spiritu Sancto, per Mortem tuam Mundum vivificaſti : libera me per hoc ſacroſanctum Corpus, & Sanguinem tuum, ab omnibus iniquitatibus meis, & univerſis malis; & fac me tuis ſemper inhærere mandatis, & a te numquam ſeparari permittas. Qui cum eodem Deo Patre, & Spiritu Sancto vivis, & regnas in ſæcula ſæculorum. Amen.

Ó Senhor Jeſus Chriſto, Filho de Deos vivo, que pela vontade do Padre, cooperando o Eſpirito Santo, déſtes por voſſa Morte a vida ao Mundo: por eſte ſagrado Corpo, e Sangue vos peço me livreis de todos os meus peccados, e de todos os males : fazei-me ſempre amar inviolavelmente a voſſa Lei, e não permittais me ſepare nunca de vós. Que viveis, e reinais com o meſmo Deos Padre, e com o Eſpirito Santo por todos os ſeculos dos ſeculos. Amen.

Perceptio Corporis tui, Domine Jeſu Chriſte, quod ego indignus ſumere præſumo, non mihi proveniat in judicium, & condemnationem, ſed pro tua pietate proſit mihi ad tutamentum mentis & corporis, & ad medelam per-

Que a communhão de voſſo Corpo, Senhor Jeſus Chriſto, que eu eſtou para receber, ainda que indigno, não ſe converta em meu juizo, nem em minha condemnação, mas que por voſſa miſericordia me ſirva de defeza para a alma, e para o corpo, e ſeja tambem pa-

para mim remedio ſaudavel. Concedei-me eſta graça vós, que ſendo Deos, viveis, e reinais com o Padre, e Eſpirito Santo por todos os ſeculos dos ſeculos. Amen.

cipiendam. Qui vivis, & regnas cum Deo Patre in unitate Spiritus Sancti Deus, per omnia ſæcula ſæculorum. Amen.

P. Deve o povo dizer eſtas Orações como faz o Sacerdote?

R. Os que hão de commungar não podem fazer couſa melhor, do que rezar eſtas Orações do intimo do coração. Aquelles porém, que não houverem de commungar, obrarão com muita piedade ſe rezarem ao menos a primeira.

P. Que faz o Sacerdote depois deſtas Orações?

R. Toma nas mãos o Corpo de Jeſus Chriſto, e diz em voz baixa as palavras ſeguintes, tiradas em parte do Pſalmo 115.

Receberei o Pão celeſte, e invocarei o nome do Senhor.

Panem cœleſtem accipiam, & nomen Domini invocabo.

Diz eſtas palavras para excitar a ſua fé, e o ſeu amor para com Jeſus Chriſto. Depois diſto levanta a voz, e diz por tres vezes as palavras ſeguintes, ferindo juntamente o peito:

Senhor, eu não ſou digno que entreis em minha caſa; mas dizei huma ſó palavra, e a minha alma ſerá ſalva.

Domine, non ſum dignus ut intres ſub tectum meum; ſed tantum dic verbo, & ſanabitur anima mea.

Eſtas são as palavras do Centurião, o qual diſſe a Jeſus Chriſto: *Senhor, eu não ſou digno que entreis em minha caſa; mas dizei ſómente huma palavra, e o meu ſervo ſerá curado.* [a] A Igreja põe eſtas palavras na boca de to-

[a] Matth. viii. 8.

todos aquelles, que commungão, para excitar com ellas em ſeu coração os ſentimentos de humildade, com os quaes devem receber o Corpo de Jeſus Chriſto.

P. Que faz depois o Sacerdote?

R. Communga debaixo da eſpecie de pão, e diz primeiro as palavras ſeguintes, fazendo o ſinal da Cruz com o Corpo de Jeſus Chriſto, para renovar a lembrança da morte do Senhor. As palavras são eſtas:

Corpus Domini noſtri Jeſu Chriſti cuſtodiat animam meam in vitam æternam. Amen.

O Corpo de noſſo Senhor Jeſus Chriſto guarde a minha alma para a vida eterna. Amen.

Depois de haver commungado debaixo da eſpecie de pão, ajunta com reverencia as particulas, que podem ter ficado ſobre o corporal, purifica a patena, toma o Calis; e tomando-o, diz eſtas palavras do Pſalmo 115.

Quid retribuam Domino pro omnibus quæ retribuit mihi? Calicem ſalutaris accipiam, & nomen Domini invocabo. Laudans invocabo Dominum, & ab inimicis meis ſalvus ero.

Que retribuirei ao Senhor por todos os bens, que me tem feito? Tomarei o Calis ſaudavel, e invocarei o nome do Senhor. Invocarei o Senhor, cantando os ſeus louvores, e ſerei livre dos meus inimigos.

Depois communga debaixo da eſpecie de vinho; e antes de commungar faz o ſinal da Cruz com o Calis, dizendo:

Sanguis Domini noſtri Jeſu Chriſti cuſtodiat animam meam in vitam æternam. Amen.

O Sangue de noſſo Senhor Jeſus Chriſto guarde a minha alma para a vida eterna. Amen.

Os Bispos, e os Sacerdotes commungão de pé, dizendo Missa; mas o Papa, quando celébra pontificalmente, communga assentado em seu throno. He este hum uso antiquissimo, e huma imitação mais expressa do que fez Jesus Christo, que instituio a Sagrada Eucaristia estando assentado á meza com seus Apostolos. Póde adorar-se a Jesus Christo ou assentado, ou de joelhos, ou de pé, não sendo a situação do corpo essencial á adoração Expressamente se acha notado no Livro das ceremonias da Missa Papal, que quando se leva ao Soberano Pontifice o Corpo, e o Sangue de Jesus Christo para commungar, elle se inclina profundamente para adorallo antes de o receber; e isto he conforme aos Livros mais antigos, que fallão desta ceremonia. [a]

P. Que deve fazer o povo em quanto communga o Sacerdote?

R. Os que hão de commungar, devem então preparar-se para a Communhão. Os que não commungão, devem reconhecer a sua indignidade, humilhar-se por causa della, e dizer com grandes sentimentos de compunção: *Domine, non sum dignus, &c.*

XXX. *Communhão do povo.*

P. Que faz o Sacerdote depois de haver commungado?

R. Distribue a Sagrada Communhão ao povo, se ha alguem que queira commungar; e no entanto se canta no Coro huma Oração, que se chama Communhão, á qual Oração, ou Antifona se ajuntava antigamente o canto de hum Psalmo, para que o povo louvasse a Deos, em quanto os demais commungavão. O costume de cantar hum Psalmo durante a Commu-

a Bona, L. 2. da Liturg. cap. 17. n. 8.

munhão, começou em Africa no tempo de Santo Agoſtinho, como elle meſmo o diz no Livro ſegundo das ſuas Retractações, capitulo 11. Eſte ſanto coſtume ſe pratíca ainda em todo o Oriente, e delle ſe faz menção nas mais antigas Liturgias deſſe paiz. [a] A Antifona, que ſe chama Communhão, ordinariamente diz algum reſpeito ao Myſterio da Sagrada Eucariſtia.

P. Qual era antigamente a ordem, que ſe guardava a reſpeito da Communhão?

R. Depois que o Sacerdote havia commungado, dava o Corpo, e o Sangue de Jeſus Chriſto debaixo das duas eſpecies aos Sacerdotes, que havião dito a Miſſa juntamente com elle. Os Diaconos recebião a eſpecie de pão da mão do Celebrante, e a eſpecie de vinho da mão dos Presbyteros aſſiſtentes. Os Subdiaconos, e todo o Clero recebião o Corpo de Jeſus Chriſto da mão do Celebrante, e o Calis lhes era apreſentado pelos Diaconos. Todos os Presbyteros aſſiſtentes diſtribuião o Corpo de Jeſus Chriſto ao povo collocado por ordem, juntamente com o Celebrante, para abbreviar o tempo da Communhão; e os Diaconos apreſentavão o Calis aos que querião commungar debaixo das duas eſpecies. Os homens commungavão primeiro, e recebião o Corpo de Jeſus Chriſto na palma da mão direita, donde o levavão á boca. As mulheres commungavão depois, e recebião o Corpo de Jeſus Chriſto na mão como os homens; mas em muitas Igrejas, e principalmente no Occidente, o recebião por modeſtia na ſua mão não deſpida, ou núa, como os homens, mas cuberta com hum lenço, que ſe chamava Dominical. Os Sacerdotes commungavão diante do Altar, os Diaconos detrás do Altar; porque eſtavão os Altares díſpoſtos de modo, que ſe an-

a L. 8. das Conſt. Apoſt. cap. 13.

dava com facilidade á roda delles. Os Subdiaconos; e o restante do Clero commungavão dentro do Coro, sem sahirem do seu lugar, porque a elle se lhes levava a Sagrada Communhão, por evitar confusão, e desordem.

Antes da Communhão dizia hum Diacono pela segunda vez em voz alta: *Sancta Sanctis : As cousas santas são para os Santos;* as quaes palavras se pronuncião ainda agora pelo Sacerdote antes da Communhão na Igreja Grega.

He verosimil que todo o povo, como tambem o Clero, commungava de pé, como faz o Sacerdote. Tal he ainda o uso da Igreja Grega. E quando o Papa diz a Missa pontificalmente, o Diacono, e Subdiacono recebem a Communhão da sua mão estando de pé, e commungão debaixo de ambas as especies.

Dando a Communhão, dizia o Sacerdote : *Corpus Christi: Este he o Corpo de Jesus Christo.* E aquelle, que commungava, respondia *Amen*, para fazer com esta resposta a sua profissão de Fé sobre tão grande Mysterio, antes de commungar. Este he ainda hoje o uso de muitas Igrejas de responder *Amen*, quando se communga. Assim se faz em París, segundo o Ritual Parisiense. O Pontifical Romano o prescreve, e manda guardar nas Ordenações, e bençãos; e todos os antigos Padres fallão deste uso. [a]

P. Qual he agora o rito da Communhão na Igreja Latina?

R. Depois que o Sacerdote tem commungado, fazem os Ministros do Altar a Confissão geral em nome do povo. Depois do *Confiteor*, diz o Sacerdote : *Misereatur*, & *Indulgentiam*, &c. Toma depois o Corpo de Jesus Christo nas mãos, e diz estas palavras :

Ec-

a Ord. Rom. num. 25. Commentario de Mabill. num. 8. Bona, L. 2. da Liturg. cap. 17.

Ecce Agnus Dei, ecce qui tollit peccata Mundi.

Eis-aqui o Cordeiro de Deos, eis-aqui o que tira os peccados do Mundo.

Depois disto diz por tres vezes a Oração seguinte, para excitar o povo a dizella com elle particularmente.

Domine, non sum dignus ut intres sub tectum meum; sed tantum dic verbo, & sanabitur anima mea.

Senhor, eu não sou digno que entreis em minha casa; mas dizei huma só palavra, e a minha alma será salva.

Distribue finalmente a Communhão por cada hum dos Fieis debaixo da especie de pão, dizendo:

Corpus Domini nostri Jesu Christi custodiat animam tuam in vitam æternam. ℟. *Amen.*

O Corpo de nosso Senhor Jesus Christo guarde a vossa alma para a vida eterna. ℟. Amen.

O Clero communga sobre os degráos do Altar, e o povo fóra do Sanctuario por detrás das grades, segundo o antigo uso. Huns, e outros quando commungão devem ter huma toalha estendida por diante de si; de tal sorte, que se cahir alguma reliquia da Sagrada Hostia, fique sobre ella. Este he o uso, que se ha de fazer da mesma toalha; obrando mal aquelles, que della se servem para alimpar a boca. Já não se põe a Sagrada Eucaristia na mão dos que hão de commungar, mas o Sacerdote a mette na boca de cada hum dos Fieis, os quaes devem abrilla racionavelmente, e estender hum pouco a lingua sobre os labios, para receberem com facilidade o Corpo de Jesus Christo.

P. Por que razão não communga já o povo debaixo das duas especies?

R.

R. Este uso se abolio insensivelmente, e já o estava ainda antes que a Igreja fizesse neste particular alguma Lei. Póde ler-se a resposta a esta pergunta no Capitulo do Sacramento da Eucaristia, onde fica tratada com a maior extensão. [a]

No mesmo Capitulo deixamos explicadas as disposições, com que devemos chegar á Sagrada Communhão, por isso não as repetimos aqui. [b]

P. Quando não commungamos sacramentalmente, que devemos fazer?

R. Devemos ao menos commungar espiritualmente, quero dizer, humilhar-nos diante de Deos, unir-nos de coração a Jesus Christo, pedir-lhe as disposições necessarias para commungar santamente; e supplicar-lhe nos conceda as mesmas graças, como se tivessemos a felicidade de commungar sacramentalmente.

P. He permittido commungar sem ter ouvido a Missa?

R. Isto só he permittido aos enfermos.

P. Qual he o tempo da Missa, em que o povo deve commungar?

R. Immediatamente depois do Sacerdote.

P. Por que razão pois em muitas Igrejas espera o povo quasi sempre para commungar que se acabe a Missa?

R. He hum costume este pouco conforme com o da Igreja. Introduzio-se ao principio em alguma Paroquia grande, ou em Igrejas muito frequentadas pela devoção dos Fieis para abbreviar a Missa, que seria mui dilatada, por causa da multidão dos que havião de commungar. A Igreja nunca authorizou universalmente este costume por Lei alguma. Os Pastores zelosos restabelecem quanto podem a ordem natural da Commu-
nhão;

a Part. 3. Secç. 1. cap. 4. §. 9.

b Parte 3. Secção 1. cap. 4. Veja-se o Comment. do P. Mabil. §. 7. sob. a Ord. Rom. n. 9.

nhão ; e muitos Bispos advertem aos Parocos nas suas visitas , e nos Estatutos Synodaes , que fação commungar ao povo, quanto for possivel , immediatamente depois da Communhão do Sacerdote , e não dem dentro da mesma possibilidade a Communhão fóra da Missa , senão aos enfermos.

Explicação.

Pois que a Missa he , como havemos mostrado , [a] o Sacrificio do povo , como tambem o do Sacerdote, deve o povo participar deste Sacrificio do mesmo modo que o Sacerdote ; e he contra a boa ordem que o povo não participe delle , senão depois de acabado o Sacrificio, e depois de despedido o povo com estas palavras : *Ite Missa est.* Além disto a Oração *Postcommunio*, que he huma Oração de acção de graças depois da Communhão , he commua ao povo , e ao Sacerdote. E como poderá o povo , como deve , unir-se ao Sacerdote para fazer esta acção de graças , se não tem ainda commungado ? Com grande razão pois he que os Pastores restabelecem , quanto podem , o uso de dar a Communhão ao povo immediatamente á do Sacerdote ; e que fazem menos ordinario o uso contrario , como sendo pouco conforme ao espirito da Igreja. Podem empregar-se muitos Sacerdotes , como antigamente , em distribuir ao povo a Communhão no tempo da Missa , podendo ella assim não ser mui dilatada ainda nas Paroquias maiores , pela exacta observancia das regras da Igreja neste particular.

Alguns julgão que o costume de dar assim a Communhão fóra da Missa a todos os que se apresentão, procedêra talvez de hum costume , que a necessidade havia introduzido na Igreja de Jerusalem. O concurso ex-

[a] ?. 9. deste capitulo , e na explicação de quasi todas as Orações do Canon da Missa.

extraordinario dos peregrinos, que chegavão aos lugares Santos, em que tinhão devoção de commungar, fez que nos dias, nos quaes se não dizia Missa, (porque não se diz todos os dias nas Igrejas Orientaes, como já fica notado [a]) se não deixasse de dar aos peregrinos a Sagrada Communhão da veneravel Eucaristia, reservada do ultimo dia da Missa. [b]

P. Por que razão faz o povo a Confissão geral antes da Communhão?

R. Este uso não he antigo. Antigamente não se praticava isto senão com a Communhão dos enfermos. Commungava o povo á Missa sem dizer o *Confiteor*, e o Sacerdote não dizia nem *Ecce Agnus Dei* antes de dar a Communhão, nem *Domine, non sum dignus.* Ainda se pratíca assim em algumas Igrejas a respeito dos Ministros do Altar, e do Clero: o que tem podido dar lugar á mudança neste ponto, e a introduzir na Communhão ordinaria dos Fieis á Missa o que não estava em uso, nem se praticava senão com a Communhão dos enfermos, he, que agora em quanto o Sacerdote faz a Confissão com os Ministros no principio da Missa, se occupa o povo em cantar com o Coro a Antifona, que se chama Introito; e em quanto o Sacerdote diz, para preparar-se á Communhão, a Oração *Domine, non sum dignus*, o povo se occupa em cantar com o Coro o *Agnus Dei.* Suppondo a Igreja por conseguinte que o povo não tem podido dizer estas Orações no tempo que o Sacerdote as disse, lhas faz repetir em particular no tempo da Communhão. E este uso feito por isso necessario de algum modo nas Missas cantadas, foi depois observado nas Missas rezadas. Devemos observallo, por ser a disciplina presente da Igreja. Nas Missas rezadas se tem deste modo in-

a No §. 18. deste cap.

b Mabill. Liturg. Gall. L.1.cap.9. n. 26. Commentar. sob. a Ord. Rom. n. 5.

introduzido muitos ritos, que devemos obſervar, e que não forão inſtituidos ſenão por reſpeito ás Miſſas cantadas.

Os Cartuchos ſeguem ainda hoje o antigo uſo neſte particular. A Confiſsão geral ſe faz publicamente no principio da Miſſa em voz alta pelo Sacerdote, e por todo o Coro alternativamente, e não ſe torna a repetir antes da Communhão. Quando o Sacerdote tem commungado, dá a Communhão aos que ſe apreſentão á ſanta Meza, ſem dizer nem *Miſereatur*, nem *Indulgentiam*, nem *Ecce Agnus Dei*, nem *Domine, non ſum dignus.* O meſmo ſe pratíca na Ordem de Cluni, conforme ao novo Miſſal: cada hum deve ſeguir o ſeu uſo.

P. Por que razão os Biſpos, quando diſtribuem a Sagrada Communhão, dão a mão a beijar antes de dar o Corpo de Jeſus Chriſto?

R. He hum veſtigio eſte da antiguidade. Antigamente os Biſpos, e os Sacerdotes abraçavão em ſinal de paz a todos aquelles, a quem davão o Corpo de Jeſus Chriſto. Eſte uſo era obſervado no Oriente, como no Occidente. Os Biſpos o praticão ainda em muitos lugares, ao menos a reſpeito dos ſeus Conegos. Para abbreviar eſta ceremonia he que dão preſentemente a ſua mão a beijar, que vem a ſer o meſmo com pouca differença. [a]

XXXI. Poſtcommunio. *Fim da Miſſa.*

P. Que faz o Sacerdote depois da Communhão?

R. Toma vinho, e agua no Calis, para purificar o Calis, e os dedos, que tocárão o Corpo, e o Sangue de Jeſus Chriſto, e diz então em voz baixa, antes de tomar as abluções, as duas Orações ſeguintes:

Quod

[a] Mabil. Comment. ſob. a Ord. Rom. art. 8. n. 11.

Quod ore sumpsimus, Domine, pura mente capiamus, & de munere temporali fiat nobis remedium sempiternum.

Fazei, Senhor, que recebamos com puro coração o que havemos tomado pela boca, e que de hum presente temporal se converta para nós em remedio eterno.

Corpus tuum, Domine, quod sumpsi, & Sanguis quem potavi, adhæreat visceribus meis, & præsta, ut in me non remaneat scelerum macula, quem pura, & sancta refecerunt Sacramenta. Qui vivis, & regnas in sæcula sæculorum. Amen.

O vosso Corpo, que recebi, ó Senhor, e o vosso Sangue, que bebi, se unão ás minhas entranhas: e fazei por vossa Divina graça que não fique em mim alguma mancha do peccado, havendo sido alimentado com tão puros, e santos Sacramentos. Que viveis, e reinais por todos os seculos dos seculos. Amen.

P. Que faz o Sacerdote depois de haver purificado os dedos?

R. Vai ao lado direito do Altar dizer a Antifona, que se chama *Communhão*; assim chamada, porque, como havemos dito, [a] se canta em quanto o povo communga. O Sacerdote antigamente não lia esta Antifona nas Missas solemnes; porque, como já havemos notado, nada lia em particular do que era cantado pelo Coro. [b] Volta depois o Sacerdote ao meio do Altar para saudar o povo, dizendo: *Dominus vobiscum:* o povo responde do modo ordinario, para significar a sua attenção; e o Sacerdote torna ao lado direito do Altar para dizer a Collecta, que se chama *Postcommunio*. Chama-se assim, porque he huma Oração, que o Sacerdote, e o povo fazem a Deos, para agradecer-lhe a gra-

[a] Num. 30. deste §. [b] Num. 3. deste §.

a graça, que recebêrão pela Communhão. A Collecta *Postcommunio* he precedida pelo *Oremus*; isto he, pelo aviso, que o Sacerdote faz de orar: e antigamente entre o *Oremus*, e o *Postcommunio* todo o povo orava por algum tempo em silencio, como fica notado, fallando da Collecta, que se diz antes da Epistola. [a] A mente da Igreja he, que o povo se una ao Sacerdote nesta Oração, como nas outras, e por isso he que elle responde *Amen.*

P. Por que razão nos dias de jejum da Quaresma depois da Oração, que se chama *Postcommunio*, diz o Sacerdote outra Oração, antes da qual diz o Diacono em voz alta estas palavras: *Humiliate capita vestra Deo: Estai prostrados diante de Deos?*

R. Esta Oração he chamada *Oração sobre o povo*: por isso he que o Diacono adverte que esteja prostrado em quanto ella se diz. Para obedecer a este aviso do Diacono, deve o povo estar de joelhos durante esta Oração: deve abaixar a cabeça em sinal de humildade, e estar attento ao que o Sacerdote pede a Deos, para poder responder de coração, como de boca *Amen.*

Esta Oração foi introduzida, conforme alguns, [b] em favor daquelles, que não commungavão á Missa. E porque antigamente nos dias de jejum da Quaresma de ordinario não commungava o povo, nestes dias he que esta Oração se dizia, e que se diz ainda agora.

Mas esta razão não parece boa; porque, 1. Não he certo que não se commungasse nos dias de jejum da Quaresma. Já temos mostrado que se commungava ainda em sexta feira Santa. 2. Não havia differença neste particular entre os jejuns da Quaresma, e os outros dias de jejum no decurso do anno; e com tudo só na Qua-

[a] Num. 5. deste ?. cap. 51. Bona, L. 2. da Liturg.
[b] Amalar. L. 3. cap. 37. Microl. cap. 20.

Quaresma he que se dizia esta Oração no tempo passado, como no presente.

Outros dizem que he huma Oração sobre os penitentes, e que por isso se diz nos dias de jejum solemne da Quaresma, que são dias consagrados em todo o tempo á penitencia.

Darei huma terceira razão, que me parece mais solida. Esta Oração he sempre a Collecta, que se reza no fim de Vesperas. Dizião-se as Vesperas na Quaresma depois da Communhão, antes de acabar a Missa; e esta Collecta servia de *Postcommunio* á Missa, como se faz ainda nos ultimos dias da semana Santa em París, e em outras partes. O Officio de Vesperas, havendo depois sido separado da Missa, se conservou a Collecta, á qual se deo o nome de *Oração* dita *sobre o povo*; e effectivamente pela Collecta, que se diz a Vesperas em quarta feira de Cinzas, e pelas de outros muitos dias da Quaresma, consta que esta Oração he huma verdadeira *Postcommunio*, quero dizer, huma acção de graças depois da Communhão. A de quarta feira de Cinzas he esta:

Inclinantes se, Domine, Maiestati tuæ propitiatus intende, ut qui Divino munere sunt refecti, cœlestibus semper nutriantur auxiliis. Per, &c.

Olhai, Senhor, com compaixão para os que se prostrão diante de vossa Magestade, para que reforçados com o Divino dom, se nutrão sempre dos celestes auxilios. Por Jesus Christo, &c.

Ainda se não tinha quebrado o jejum, quando se dizia esta Oração: não se trata pois nella senão da refeição do Corpo, e do Sangue de Jesus Christo, acabada de receber na Missa.

P. Que faz o Sacerdote depois da Oração *Postcommunio?*

R. Esta Oração he o fim da Missa. O Sacerdote depois de a ter dito, torna ao meio do Altar para saudar

dar de novo ao povo, dizendo: *Dominus vobiscum.* Esta saudação tantas vezes repetida no tempo da Missa; mostra maravilhosamente a perpetua harmonia, que deve haver entre o povo, e o Sacerdote em todas as Orações; e que o povo deve seguillo em tudo, e orar com elle. Depois desta saudação faz o Sacerdote dizer pelo Diacono, e nas Missas rezadas elle mesmo diz estas palavras: *Ite Missa est: Podeis retirar-vos.* O povo dá graças a Deos, dizendo: *Deo gratias.* Nos dias de jejum, ou de feria, ou de penitencia, em lugar de despedir o povo com estas palavras: *Ite Missa est*, diz o Sacerdote: *Benedicamus Domino: Louvemos ao Senhor*, e o povo responde do modo ordinario: *Deo gratias: Demos graças a Deos.* Nas Missas dos defuntos em lugar de *Ite Missa est*, se diz: *Requiescant in pace: Descancem os mortos em paz*, e o povo responde *Amen.*

P. Qual he o motivo, por que se não diz sempre no fim da Missa: *Ite Missa est: Podeis retirar-vos?*

R. Antigamente não se dizia senão nos dias, em que o povo devia effectivamente sahir logo depois da Missa. Se havia alguma Oração que fazer depois, á qual o povo devia assistir, não era despedido depois da Missa; e por esta razão he que nos dias de jejum, e penitencia, e nas Missas dos defuntos se não diz *Ite Missa est.*

P. Qual he logo a razão, por que depois que o povo he despedido, se lhe dá a benção? E porque motivo se diz o principio do Evangelho de S. João depois desta benção?

R. Tudo isto não se fazia antigamente. Quando o Diacono havia dito *Ite Missa est*, todos os assistentes podião retirar-se, e o Sacerdote sahia do Altar, depois de haver feito secretamente huma pequena acção de graças sobre o Sacrificio, que acabava de offerecer, tal, qual a fazem ainda hoje os Sacerdotes. Este uso sub-

ſubſiſte ainda hoje em muitas Igrejas de França nas Miſſas ſolemnes; e em todas as Miſſas ou rezadas, ou cantadas entre os Cartuchos. A benção, que ſe dá no fim da Miſſa, dava-ſe antigamente em França pelos Biſpos antes do *Agnus Dei*, como temos dito, [a] e como ſe pratíca ainda em muitos lugares. Os Sacerdotes não davão a benção ao povo depois da Miſſa. Eſta benção era reſervada ſómente para os Biſpos; e eſte he ainda o uſo dos Cartuchos. Pio V. he o primeiro, que em a nova edição do Miſſal Romano ordenou a leitura do principio do Evangelho de S. João ao Altar. Até eſſe tempo ficava iſto na liberdade de cada hum: huns o dizião, outros não o dizião; huns o dizião ao Altar, outros voltando para a Sacriſtia, ou deſpindo-ſe nella. Ainda hoje os Cartuchos o não dizem totalmente.

O que talvez deo lugar a ler-ſe ao Altar depois da Miſſa o Evangelho de S. João, foi a devoção dos Fieis, que deſejavão ſe lhes leſſem os Evangelhos, para obterem de Deos algumas graças temporaes, ou eſpirituaes pela virtude das palavras Divinas, que o Evangelho encerra: devoção antiga, e ſolida, com tanto que com ella ſe não miſture alguma ſuperſtição. [b] Para ſatisfazer a eſta piedoſa devoção, ſe coſtumárão os Sacerdotes inſenſivelmente a ler o Evangelho de S. João depois da Miſſa, como ſe lê de ordinario depois da adminiſtração ſolemne do Baptiſmo; e finalmente paſſou a Lei eſte piedoſo coſtume. [c]

P. Qual he a Oração, que os Sacerdotes fazem em voz baixa no meio do Altar depois do *Ite Miſſa eſt*, e antes de darem a benção ao povo?

R. He huma breve acção de graças pelo Sacrificio, que acabão de offerecer, exprimida neſtes termos:

Pla-

a Num. 27. deſte §.

b Concil. Salegunſtad. an. 1022. Can. 10.

c Bona, L. 2. da Liturg. cap. 20. Veja-ſe o Miſſal de Paris dos annos 1600. até 1608.

Placeat tibi, Sancta Trinitas, obſequium ſervitutis meæ, & præſta: ut Sacrificium, quod oculis tuæ Maieſtatis indignus obtuli, tibi ſit acceptabile, mihique, & omnibus, pro quibus illud obtuli, ſit, te miſerante, propitiabile. Per Chriſtum Dominum noſtrum. Amen.

Recebei agradavelmente, ó Trindade Santiſſima, o obſequio da minha ſervidão; e fazei que o Sacrificio, que acabo de offerecer aos olhos de voſſa Divina Mageſtade, vos ſeja grato, e que por voſſa miſericordia ſeja propiciatorio para mim, e para todos aquelles, por quem o offereci. Por Jeſus Chriſto noſſo Senhor. Amen.

P. Que deve fazer o povo em quanto o Sacerdote dá a benção no fim da Miſſa?

R. Humilhar-ſe debaixo da mão de Deos, e ſupplicar-lhe que elle meſmo nos abençoe por miniſterio do Sacerdote.

P. Que deve fazer o povo em quanto ſe lê o principio do Evangelho de S. João?

R. Ouvillo de pé, e com reſpeito, adorar o Verbo Eterno no ſeio do Padre, dar-lhe graças por haver querido fazer-ſe carne, e habitar entre nós, pedir-lhe que nos faça a graça de conſervarmos até á morte a qualidade de filhos de Deos, que nos mereceo pela ſua Encarnação, Morte, Reſurreição, e Aſcensão ao Ceo.

P. Que devemos fazer depois da Miſſa?

R. Recolher-nos dentro de nós antes de ſahir da Igreja, para meditar por hum pouco os Sagrados Myſterios da Miſſa: dar graças a Deos, e pedir-lhe a graça de que a aſſiſtencia ao ſanto Sacrificio não ſeja para nós infructuoſa.

CAPITULO VIII

Dos Exorcismos, e das Bençãos.

§. I. *Dos Exorcismos.*

P. QUe entendeis pela palavra *Exorcismos?*
R. Chama-se assim a ceremonia, de que a Igreja se serve para lançar fóra os demonios dos corpos possessos, ou obsessos, ou das outras creaturas, de que elles abusão, ou podem abusar.

P. Quem deo á Igreja poder de expellir os demonios?

R. O mesmo Jesus Christo. [a]

P. Por que razão se exorcizão as creaturas inanimadas?

R. Porque o demonio póde abusar dellas, e com effeito dellas abusa com frequencia para fazer mal aos homens.

Diz S. Paulo, que *todas as creaturas esperão a manifestação dos filhos de Deos, porque estão sujeitas á vaidade contra sua vontade, com a esperança de ver-se livres da sujeição á corrupção, para participarem da liberdade,* e gloria de filhos de Deos; e que *por esta razão he que suspirão, e estão, para o dizer assim, em trabalhos de parto.* [b] O sentido destas palavras de S. Paulo he, que todas as creaturas, havendo sido creadas para contribuirem a gloria de Deos, se achão, para o dizer assim, em hum estado violento, quando contribuem á vaidade dos homens, e a nutrir as suas paixões; que se póde dizer, tendo respeito a isto, que el-

a Marc. xvi. 17. Luc. ix. 1. &c. b Rom. viii. 19. e seg.

ellas suspirão então por se ver livres, e que estarão neste estado de sujeição até á consummação dos seculos; porque até esse tempo abusão dellas os homens, e os demonios para fazellas servir a fomentar a corrupção do Mundo; que por isso suspirão, para o dizer assim, por se ver livres, como faz huma mulher, que se acha com as dores do parto. Com razão pois he que a Igreja exorciza as creaturas inanimadas. Com estes exorcismos pede a Igreja a Deos que não permitta que os demonios abusem das creaturas, que forão feitas para sua gloria, e de que ella quer servir-se para usos santos.

P. Quaes são as creaturas, que a Igreja exorciza ordinariamente?

R. 1. As pessoas afflictas por causa de alguma possessão, ou obsessão do demonio. 2. Os lugares infectos pelos demonios. 3. Todas as outras creaturas, de que a Igreja se serve para as suas ceremonias, como a agua, o sal, o oleo, &c.

P. Que ha para observar por respeito aos exorcismos, que se fazem ás pessoas?

R. 1. He necessario primeiro estar bem seguro da possessão, ou obsessão do demonio; e para não haver engano convem antes consultar aos Bispos.

2. He preciso preparar-se para esta santa ceremonia com jejum, e oração, porque ha demonios, que não podem ser expellidos de outro modo, como diz Jesus Christo. [a]

3. He necessario que o Exorcista viva com grande pureza, e humildade.

4. Convem que se abstenha de toda a pergunta curiosa, e inutil, e que siga pontualmente tudo o que está prescripto no livro dos Exorcismos, &c. [b]

[a] Matth. xvii. 20.

[b] Veja-se o Ritual Romano, e de Paris de 1697. e todos os mais.

P. Que devem fazer os que assistem aos exorcismos?

R. Orar a Deos pelo Exorcista, e pelas pessoas possessas, ou obsessas.

§. 2. *Que cousa seja Benção.*

P. Que entendeis pela palavra *Benção?*

R. Esta palavra tem muitas significações.

1. Toma-se pelo bem, que se faz a alguma pessoa. Neste sentido he que as graças, e favores de Deos são chamados infinitas vezes na Escritura bençãos. [a] Neste sentido tambem he que S. Paulo chama benção á esmola. [b]

2. Toma-se pelo desejo, de que Deos faça beneficios a alguma pessoa, ou estes desejos se confirão, ou não. Neste sentido he que a Escritura diz que Melchisedech abençoou a Abrahão, que Isaac abençoou a Jacob, que Jacob abençoou a seus filhos, que os habitadores de Bethulia enchêrão a Judith de bençãos depois da morte de Holofernes. Encontrão-se nos livros santos huma infinidade de outros exemplos da palavra de benzer, e de bençãos, tomada neste sentido. [c]

3. Toma-se pelas preces, e ceremonias, de que a Igreja se serve para applicar algumas pessoas a certos estados, ou empregos, pedindo para ellas solemnemente a graça de os cumprir dignamente, e dando-lhes com ceremonia as insignias, e os outros sinaes exteriores destes empregos. Neste sentido he que a Igreja benze os Abbades, as Abbadessas, as Virgens, os Cavalleiros, &c. Póde tambem referir-se a isto a ceremonia da sagração, e coroação dos Reis, e Rainhas.

4. To-

a Efes. i. 3. &c.
b 2. Cor. ix. 5. 6.
c Genes. xiv. 19. xxvii. 27. xlix. 25. 26. e 28. Judith xv. 10. &c.

4. Toma-se pelas preces, e ceremonias, por meio das quaes tira a Igreja as creaturas do uso profano para fazellas servir á Religião. Neste sentido he que a Igreja benze a agua, o sal, o oleo, os sinos, as Capellas, os cemiterios, os ornamentos, a roupa do Altar, e geralmente tudo aquillo, de que ella se serve para os usos da Religião. Estas preces, e ceremonias se chamão algumas vezes Sagração, pois se diz a Sagração de huma Igreja, de hum Altar, de hum Calis, &c.

Por meio destas preces, e ceremonias pede a Igreja algumas vezes a Deos que derrame a virtude do Espirito Santo sobre certas creaturas inanimadas, para produzir por meio dellas effeitos sobrenaturaes: assim o faz a Igreja, quando benze a agua do Baptismo, os santos Oleos, e o santo Chrisma, que servem de materia aos Sacramentos. Do mesmo modo obra tambem, quando benze em todos os Domingos a agua, e o sal para fazer a agua benta. O Papa faz o mesmo, quando benze as Medalhas de cera, que se chamão *Agnus Dei*. (porque Jesus Christo nellas se representa na fórma de hum Cordeiro) Finalmente faz-se isto mesmo, quando se benzem os Rosarios, os Escapularios, e outras cousas desta natureza, para satisfazer á devoção dos póvos. Por meio de semelhantes bençãos pede a Igreja a Deos, que os que usarem destas cousas com fé, recebão o effeito das Orações, que faz quando benze as creaturas.

P. Não ha superstição em attribuir deste modo effeitos sobrenaturaes ás creaturas?

R. Seria superstição o querer que as creaturas pudessem produzir effeitos sobrenaturaes per si mesmas independentemente da virtude de Deos, e da sua omnipotencia. A Igreja não crê que estas creaturas obrem nada por sua propria virtude, mas sómente pela vir-

tude, e omnipotencia de Deos. Ella está segura desta virtude por respeito ás cousas, de que se serve na administração dos Sacramentos. Mas pelo que respeita ás outras, não lhes attribue mais virtude do que a que Deos lhes quizer dar, para recompensar a fé daquelles, que usarem dellas com o respeito, que se deve ter ás cousas bentas, e consagradas pelas Orações da Igreja.

P. Não ha ainda outra alguma significação da palavra benção?

R. Sim. A Igreja benze tudo aquillo, que serve para o uso dos homens, tudo o que se come, e se bebe, as casas, os navios, a agua dos rios, do mar, os campos, as vinhas, o leite nupcial, as linguas dos meninos, as bandeiras, as armas, os bordões dos peregrinos, os vestidos, &c. [a] Devem usar os homens de todas estas cousas para gloria de Deos; e a benção da Igreja não he senão para obter de Deos por suas orações, que se digne fazer inuteis os esforços, que os demonios fazem para obrigar os homens a abusar de todas estas cousas; e que conceda aos Christãos a graça de não servir-se dellas mais que para gloria de Deos, e para a sua propria salvação.

P. Estas Orações, que se chamão bençãos, são antigas na Igreja?

R. Vemos o uso dellas estabelecido do tempo de S. Paulo. As palavras do Apostolo são estas: *Tudo o que Deos creou he bom, e nada devemos rejeitar do que temos recebido da sua mão com acção de graças, porque he santificado pela palavra de Deos, e pela Oração.* [b] S. Paulo falla aqui dos alimentos. Quer dizer que não se deve rejeitar algum como máo por sua natureza; que tudo o que Deos creou he bom; e que se o pecca-

ca-

[a] Veja-se o Pontific. e o Rit. [b] 1. Tim. iv. 4. e 5.

cado foi caufa que o demonio, e os homens abufaffem das creaturas, a palavra de Deos, e a Oração, que fe faz ao Senhor, para que lance a fua benção fobre as mefmas creaturas, as fantifica, e as pôem na ordem, para que forão creadas.

Era pois efte hum ufo já praticado no tempo de S. Paulo o fazer a Deos orações fobre as creaturas inanimadas, de que os homens fe fervem para os ufos ordinarios. A eftas Orações chamamos Benções; e vemos que ellas fe praticão, e praticárão fempre em todas as Igrejas do Mundo, como confta dos Eucologos, e Rituaes mais antigos da Igreja Grega, e Latina.

§. 3. *Das ceremonias, de que a Igreja fe ferve na maior parte das Benções.*

P. Por que razão fe faz o final da Cruz huma, ou muitas vezes fobre todas as coufas, a refpeito das quaes fe fazem as Orações, que fe chamão Benções?

R. Para moftrar com efte final que depois do peccado não podem as creaturas receber a benção de Deos, fenão pelos merecimentos de Jefus Chrifto, e pela virtude da fua Cruz.

Não obra fómente fobre os homens a virtude da Cruz de Jefus Chrifto, obra tambem fobre as creaturas inanimadas. O peccado do homem havia pofto huma confusão inteira em a natureza. Os demonios abufavão de todas as creaturas; e os homens dominados pelos demonios, abufavão tambem dellas para fatisfazer as fuas concupifcencias. Efta he *aquella vaidade, á qual*, diz S. Paulo, [a] *eftão fujeitas todas as creaturas contra fua vontade.* Só pelos merecimentos de Jefus Chrifto, e pela virtude da fua Cruz he que as creaturas podem fer livres defta fujeição; porque fómente pe-

a Rom. viii. 20.

pela graça, que Jesus Christo mereceo aos homens por sua morte, he que elles podem usar das creaturas santamente, e que o poder do demonio sobre ellas foi ligado. E esta a razão, por que diz S. Paulo que todas as cousas forão restabelecidas, reparadas, e renovadas por Jesus Christo no Ceo, e na terra: *Instaurare omnia in Christo, quæ in Cælis, & quæ in terra sunt.* [a] Por esta razão tambem he que a Igreja, quando quer benzer alguma creatura, e santificalla para o uso da Religião, começa por fazer sobre ella os exorcismos antes de a benzer, como assima havemos explicado; [b] porque o poder do demonio sobre as creaturas, ainda que ligado, não deixa de ser grande, permittindo-o Deos assim.

P. Por que razão incensa a Igreja a maior parte das cousas que benze?

R. Para pedir a Deos que as Orações, que ella faz para concîliar a sua benção sobre estas creaturas, se elevem até o seu throno como o incenso.

P. Por que razão faz a Igreja lançar agua benta sobre as pessoas, ou sobre as cousas, que ella benze?

R. Para pedir a Deos que os demonios não se cheguem a ellas, mas antes pelo contrario sejão purificadas pela virtude do Espirito Santo. Mais largamente explicaremos isto, quando fallarmos da agua benta. [c]

P. Por que razão faz a Igreja unções com os santos Oleos sobre a maior parte das cousas, que benze, e consagra?

R. Para pedir a Deos que se digne enviar a virtude do Espirito Santo sobre estas cousas, a fim de obter pela virtude do mesmo Santo Espirito os effeitos, para que se benzem, e consagrão.

Ex-

a Efes. i. 10. b ?. 1. deste cap. c ?. 10. deste cap.

Explicação.

Já temos dito muitas vezes, [a] que a unção exterior dos ſantos Oleos repreſenta a unção interior, quero dizer, a effusão da graça, e da virtude do Eſpirito Santo. A graça do Santo Eſpirito ſe chama Unção em muitos lugares do novo Teſtamento; e Jeſus Chriſto he chamado *Chriſto*, iſto he, o *Ungido* por excellencia; porque, como elle meſmo diz, depois do Profeta Iſaias, o Eſpirito Santo deſcançava ſobre elle: *O Santo Eſpirito*, diz elle, *eſtá ſobre mim, por iſſo me conſagrou pela ſua unção.* [b]

§. 4. *Das Bençãos reſervadas aos Biſpos, e daquellas, que o não são.*

P. Quaeſquer Sacerdotes podem fazer toda a ſorte de Bençãos?

R. Algumas ha, que são reſervadas aos Biſpos por coſtume emanado dos Apoſtolos, e confirmado por muitos Canones da Igreja. Tal he a benção dos ſantos Oleos, a ſagração das Igrejas, e dos Altares, &c. Outras ha, que a Igreja reſervou aos Biſpos, ou aos Sacerdotes, a quem os meſmos Biſpos déſſem eſte poder: tal he a benção da roupa, e ornamentos Sacerdotaes, das Capellas, dos cemiterios, das Cruzes, das Imagens públicas, dos ſinos, dos eſtendartes, &c. Em fim algumas ha, para as quaes não he neceſſaria a permiſsão do Biſpo. Tal he a benção da agua, do ſal, das caſas, das náos, de tudo o que ſe póde comer, das cinzas, dos cirios, dos ramos, &c.

P. Por que razão reſervou a Igreja certas bençãos aos Biſpos ſómente, e outras ou a elles, ou aos Sacer-

[a] Part. 3. Secç. 1. cap. 7. §. 12. Coloſſ. i. 19. Heb. i. 9. 2. Cor. i. 21. e 13. 1. Joann. ii. 20. 27. Iſai. lxi. 1.

[b] Luc. iv. 18. Act. iv. 27. Coloſſ. ii. 9.

cerdotes, aos quaes os mesmos Bispos déssem este especial poder?

R. O seu fim neste ponto foi de conservar a honra devida ao caracter Episcopal, ou de manter a boa ordem, e impedir muitos abusos, que poderião introduzir-se.

EXPLICAÇÃO.

Digo em primeiro lugar, que por honrar o caracter Episcopal he que a Igreja, á imitação dos Apostolos, reservou unicamente aos Bispos certas bençãos. Taes são as bençãos mais solemnes, como as dos Abbades, e das Abbadessas, a consagração das Virgens, a sagração dos Reis, e das Rainhas, a benção dos Cavalleiros, dos que se cruzão para ir combater contra os Infieis, das armas, e dos estendartes.

Digo em segundo lugar, que a Igreja reserva aos Bispos, ou aos Sacerdotes, com poder por elles dado, muitas bençãos, para conservar a boa ordem, e impedir os abusos. Será cousa facil mostrar esta verdade com clareza. He da boa ordem, que não se permitta se exponhão aos olhos dos Fieis os ornamentos, que não sejão da qualidade conveniente; que as Imagens, as Cruzes, a roupa da Igreja não sirvão, senão quando em todas estas cousas nada houver, que não seja decente, e conforme ás regras; que as Capellas, e os cemiterios não sejão bentos, senão quando se acharem no estado, em que devem estar; que não se benza algum sino, no qual se houvesse gravado alguma cousa indecente na sua fundição, e que não seja da grossura, e qualidade convenientes á situação dos lugares. Os Bispos são os Juizes de tudo isto. A fim pois que nada se faça contra os Canones, e que não se benza, nem exponha publicamente senão o que for conforme ás regras, reserva a Igreja a benção de todas estas cousas aos Bispos, para que elles mesmos

jul-

julguem primeiro dellas, ou fação julgar por Sacerdotes delegados, os quaes sejão zelosos, instruidos, e capazes de decidir em nome do Bispo do bom, ou máo estado destas cousas.

§. 5. *Da benção dos santos Oleos, que se faz em quinta feira Santa pelo Bispo.*

P. Quaes são os Oleos, que o Bispo benze em quinta feira Santa?

R. 1. O Oleo da unção dos enfermos. 2. O Oleo, de que se usa na unção dos Catecumenos. 3. O Oleo misturado com o balsamo, que se chama o santo Chrisma, de que se usa na Confirmação. Destinão-se tambem estes santos Oleos para outros usos.

P. O costume de benzer os santos Oleos he antigo?

R. Este uso vem por Tradição Apostolica; e sabemos pelo mesmo canal, que só os Bispos devem fazer esta benção.

Consta, 1. De todos os Pontificaes mais antigos; assim da Igreja Grega, como da Latina. 2. Da prática de todas as Igrejas do Mundo; não se podendo nomear huma só, que antes de Luthero, e Calvino não praticasse esta ceremonia. 3. Dos Padres, e Concilios dos seculos, que os Protestantes chamão os mais puros do Christianismo. S. Cypriano, [a] S. Basilio, [b] S. Cyrillo de Jerusalem, [c] Santo Agostinho, [d] o segundo Concilio de Carthago, [e] o terceiro de Carthago, [f] o primeiro de Toledo. [g] Eu poderia nomear assim hum grande numero de outros Padres, e Concilios, não menos célebres; e desafiem-se os Protestan-

a S. Cypr. Epist. 70. a Januario.

b S. Basil. L. do Santo Espirito, cap. 27.

c S. Cyrill. de Jerus. Catec. Mystag. 3.

d S. Ag. L. 5. do Bapt. contra os Donatistas, cap. 20. &c.

e Conc. 2. de Carth. Can. 3.

f Conc. 3. de Carth. Can. 3.

g Conc. 1. de Toledo, Can. 20. &c.

tantes para apontar hum ſó Padre, hum ſó Concilio na antiguidade, que tenha cenſurado eſte uſo, que o não tenha achado ſanto. [a]

P. O Pontifical Romano nota, que para fazer a benção dos ſantos Oleos, he neceſſario que além do Biſpo, que vai celebrar a Miſſa pontificalmente, aſſiſtão tambem doze Presbyteros reveſtidos de todos os habitos Sacerdotaes, ſete Diaconos, ſete Subdiaconos, e outros muitos Miniſtros inferiores, reveſtidos todos dos habitos convenientes á ſua Ordem? Qual he a razão deſta ceremonia?

R. He hum veſtigio eſte da antiga diſciplina da Igreja. Os uſos antigos ſe conſervárão ordinariamente ſem muita mudança nas ceremonias grandes. Antigamente em todas as funções Eccleſiaſticas erão ſempre acompanhados os Biſpos de hum grande numero de Sacerdotes, de Diaconos, e de outros Miniſtros, principalmente á Miſſa.

EXPLICAÇÃO.

Para comprehender eſta reſpoſta, e a razão de tão ſanta ceremonia, convem ſaber, que antigamente, quando o Biſpo dizia Miſſa, todos os Presbyteros a dizião com elle, e eſtavão todos para eſte effeito á roda do Altar, reveſtidos dos ſeus habitos Sacerdotaes. Iſto ſe obſerva ainda na Igreja Grega; e na Latina vemos hum veſtigio do meſmo rito nas Ordenações dos Presbyteros, e dos Biſpos. Os Diaconos, os Subdiaconos, e os outros Miniſtros inferiores aſſiſtião tambem á Miſſa reveſtidos dos ornamentos, que lhes erão proprios. Á Miſſa, como aſſima havemos notado, [b] he que ſe fazião a Ordenação, as Benções, e a maior parte das outras ceremonias conſideraveis. A benção dos ſantos Oleos ſe faz ainda hoje na Miſſa.

Co-

[a] Veja-ſe o que temos dito na 2. Part. Secç. 4. cap. 2. §. 10.

[b] Neſta Secç. cap. 7. §. 22. n. 25.

Como os Presbyteros aſſiſtentes erão os cooperadores do Biſpo na acção do Sacrificio, erão tambem os ſeus cooperadores em todas eſtas benções, e ceremonias. Vemos em S. Paulo, que o corpo dos Sacerdotes impunha as mãos áquelles, que os Apoſtolos ordenavão. [a] Tambem iſto ſe faz agora. Todos os Sacerdotes, que aſſiſtem á Ordenação, impõem as mãos aos Sacerdotes, que ſe ordenão; e na ceremonia, que explicamos, todos bafejão por tres vezes ſobre os Oleos, que ſe benzem, e vão ſaudallos, como faz o Biſpo. Obrão aſſim, diz o Pontifical Romano, como cooperadores do Biſpo. Em París os Arcediagos dizem a Miſſa juntamente com o Arcebiſpo. [b] Tambem ſe faz iſto em outras Igrejas de França, e ſe fazia antigamente por toda a parte. Eſta união dos Sacerdotes com o Biſpo he hum ſinal da unidade do Sacerdocio, e do Sacrificio da nova Lei. [c] Os Diaconos, e Subdiaconos aſſiſtem aqui como Miniſtros. Huns, e outros são ſete em numero, porque os Apoſtolos não eſcolhêrão mais que ſete Diaconos, e porque muitas Igrejas célebres, ſeguindo eſte modelo, não tinhão mais que ſete Diaconos. Tal era antigamente o uſo da Igreja de Roma, na qual não havia ao principio mais que ſete titulos de Diaconos Cardeaes. [d] Pelo que reſpeita aos Sacerdotes, são doze em numero neſta ceremonia, para moſtrar mais expreſſamente o numero dos doze Apoſtolos, a quem Jeſus Chriſto diſtribuio a Sagrada Eucariſtia, cuja Inſtituição celebramos neſte dia. No Sacramentario de S. Gregorio o numero de Sacerdotes, e dos Diaconos, que devem achar-ſe a eſta ceremonia, não he fixo, ſómente ſe diz que todos devião aſſiſtir a ella.

P.

[a] I. Tim. iv. 14.

[b] Veja-ſe o novo Ceremonial de París, impreſſo em 1703. P. 4. cap. 10. art. 1. e ſeg.

[c] Amalar. L. 1. cap. 12.

[d] Jacobus Cohellius *in notitia Cardinalatus*, cap. 7.

P. As ceremonias, de que ſe uſa na benção dos ſantos Oleos, são antigas?

R. Antiquiſſimas. Os Livros, em que ſe acha eſcrita a ordem das ceremonias, ou ſeja entre os Gregos, ou entre os Latinos, dão teſtemunho deſta verdade. Nós não ſabemos o ſeu principio, mas ſabemos que eſtas ceremonias eſtão em uſo ha mais de mil annos, de maneira que hoje ſe praticão, ſem que appareça mudança em couſa alguma. [a]

P. Por que razão o Biſpo, e os Sacerdotes aſſiſtentes baſejão por tres vezes ſobre os ſantos Oleos, que ſe querem benzer?

R. Para pedir a Deos por meio deſta ceremonia, que ſe digne fazer deſcer ſobre eſtes Oleos a virtude do Eſpirito Santo. Quando Jeſus Chriſto quiz dar o Santo Eſpirito aos Apoſtolos, *aſſoprou ſobre elles, e lhes diſſe: Recebei o Eſpirito Santo.* [b]

P. Quando a benção dos ſantos Oleos eſtá acabada, por que razão o Biſpo, e depois os Sacerdotes, vão ſaudallos, dizendo por tres vezes eſtas palavras: *Ave, ſanctum Chriſma. Ave, ſanctum Oleum: Eu vos ſaudo, ſanto Chriſma. Eu vos ſaudo, ſanto Oleo?* Não he iſto huma idolatria?

R. 1. Eſta ceremonia eſtava em uſo deſde o ſexto ſeculo, [c] tempo, em que ainda ſe cuidava em deſtruir a idolatria: tão longe ſe eſtava então de introduzir no culto, e ceremonias da Igreja.

2. Eſta ſaudação não he adoração: ſaudão-ſe as Imagens de Jeſus Chriſto crucificado, ſaudão-ſe os livros Santos, ſaudão-ſe as Reliquias dos Santos, ſaudão-ſe todos os dias com rito civil as pinturas, e imagens dos Reis ſem adorallas. Ou eſta ſaudação ſe faça em ſilencio, ou dizendo *Eu vos ſaudo*, tudo he o meſmo.

3. Eſ-

a Veja-ſe o Sacram. de S. Greg. que vivia no 6. ſeculo. A Ord. Rom. Amalar. L. 1. cap. 12.

b Matth. xx. 22.

c Veja-ſe o Sacrament. de São Greg.

3. Esta saudação não se dirige aos santos Oleos, senão por respeito a Jesus Christo, que representão, ou ao Espirito Santo, de que contém a virtude. [a]

§. 6. *Da Benção dos sinos.*

P. O uso de benzer os sinos he antigo na Igreja?

R. Nem sempre se usou dos sinos para ajuntar os Fieis. Assim o uso de benzer os sinos não póde ser da primeira antiguidade. Baronio crê que o Papa João XIII. he que o introduzio no anno de 968 de Jesus Christo. Mas he certo que desde o setimo seculo se benzião ou os sinos, ou outro qualquer instrumento, de que então se usava para chamar o povo para a Igreja. [b]

P. Quaes são as ceremonias da benção dos sinos?

R. A Igreja instituio muitas, que são edificantes. Eu as transcrevo aqui do Pontifical Romano. 1. Cantão-se muitos Psalmos escolhidos para pedir a Deos a sua misericordia, e protecção. O Officiante benze a agua, e o sal, que mistura juntamente, segundo o costume, e ajudado pelos seus Ministros, lava todo o sino por dentro, e por fóra com esta agua benta: he isto huma especie de exorcismo, cuja razão explicámos assima, fallando das bençãos em geral, [c] e de que falaremos ainda, explicando a benção da agua. [d]

2. Depois disto faz sete unções com o Oleo dos Catecumenos na parte exterior do sino, e quatro unções na parte interior com o santo Chrisma. Serve-se a Igreja da unção dos santos Oleos, e do santo Chrisma para todas as sagrações, cuja razão fica dita em outro lugar. [e] As palavras, que acompanhão estas

un-

[a] Amalar. L. 1. cap. 12. Ruperto Abbade, L. 5. dos Divinos Offic. cap. 18.

[b] Bona, L. 1. da Liturg. cap. 22.

[c] §. 2. deste cap.

[d] §. 10. deste cap.

[e] §. 5. deste cap.

unções, são as seguintes: *Senhor, seja santificado, e consagrado este sino em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo, em honra de hum tal Santo.* E accrescentão-se estas palavras: *A paz seja comvosco.* Nomea-se hum Santo, debaixo da invocação do qual se benze o sino, para distinguir cada sino pelo nome do Santo, que lhe he dado. Ajunta-se: *A paz seja comvosco;* isto he: *Não sirvais já mais que para usos santos. Sede hum instrumento de paz, de que os demonios não abusem.*

3. Quando o sino está bento, o Bispo benze o incenso, e os outros perfumes de agradavel cheiro, que lança no thuribulo, o qual he posto depois debaixo do sino, a fim que se penetre todo, para o dizer assim, destes agradaveis cheiros. Já temos explicado, porque razão se usa do incenso na maior parte das benções. [a]

4. Canta-se em fim solemnemente o Evangelho tirado do capitulo decimo de S. Lucas, no qual se diz que Maria ouvia a palavra de Deos aos pés de Jesus Christo, para mostrar que hum dos principaes usos dos sinos he de ajuntar o povo para ouvir a palavra de Deos. [b]

Póde fazer-se huma applicação allegorica de todas estas ceremonias aos Pastores da Igreja, de que os sinos são, para o dizer assim, imagens, como melhor se julgará pelas reflexões seguintes. [c]

1. Os sinos estão suspensos em hum lugar elevado: os Pastores devem estar, para o dizer assim, suspensos entre o Ceo, e a terra pela disposição de seu coração: *A ter-*

a Ibid.

b Vejão-se todas estas ceremonias no Sacrament. de Ratoldo, dado pelo P. Menardo. Este Sacrament. he do 9. seculo. Veja-se tambem o Cardeal Bona, L. 1. da Liturg. cap. 22.

c Veja-se o L. intitulado *Gemma animæ*, cap. 5. e 142. cujo Author escrevia pelos annos 1124. de Jesus Christo, e se encontra na Bibliot. dos Padres.

A terra suspensi, diz Santo Agostinho; [a] e a Sagrada Escritura os chama sentinellas da casa de Israel, que devem estar sempre sobre os montes, isto he, desapegados da terra, e em espirito no Ceo. [b]

2. Os sinos se ouvem de longe. E dos Apostolos, aos quaes succedérão os Pastores da Igreja, se diz, que *o som da sua voz se fez ouvir por toda a terra.* [c]

3. Os sinos advertem os Fieis da sua obrigação, e os ajuntão na Igreja. Todos sabem que esta he a funcção dos Pastores. [d]

4. Os sinos desvião as tormentas, e tempestades. Os Pastores devem advertir aos Fieis das tempestades espirituaes, e das tormentas, que estão para cahir sobre elles; e as suas orações, sacrificios, e exhortações tem a força de apartallas, e destruillas. Devem ser muros de bronze, dizem os Profetas, para oppôr-se á indignação do Senhor. [e] São responsaveis a Deos das tempestades, que arruinão os póvos, se não fazem o que está da sua parte para desviallas. [f]

Isto supposto, darei agora a explicação allegorica de todas as ceremonias, que deixo referidas. 1. Lava-se todo o sino por dentro, e por fóra depois do canto dos Psalmos, pelos quaes se pede a Deos a sua protecção. O que faz lembrar, que antes que algum seja elevado á dignidade de Pastor da Igreja, deve ser inteiramente lavado de seus peccados, e purificado pela virtude do Espirito Santo, que he hum effeito da misericordia de Deos.

2. Fazem-se sete unções com o Oleo dos Catecumenos na parte exterior do sino. O que póde significar os sete dons do Espirito Santo, figurado pelo Oleo san-

a S. Ag. Serm. 2. sob. o Ps. 18. n. 5.
b Ezeq. iii. 17. Isai. xl. 9.
c Rom. x. 18.
d Isai. lviii. 1. 1. Cor. ix. 16.
e Jerem. xv. 20. Ezeq. xiii. 5. e seg.
f Ezeq. no mesmo cap. vers. 13. e seg.

ſanto ; dons, que os Paſtores devem ter recebido para communicallos aos outros. Fazem-ſe depois quatro unções na parte interior do ſino com o ſanto Chriſma : com o que podemos entender, que os Paſtores devem eſtar de todo penetrados, para o dizer aſſim, do eſpirito de Deos, para poderem produzir pela força das ſuas vozes os effeitos figurados por aquelles, que deve produzir o ſino. Eſte numero de quatro unções ſignifica a extensão da caridade, de que os Paſtores devem eſtar penetrados, e que deve fazellos ſenſiveis aos intereſſes da Igreja por toda a terra. O ſom da ſua voz ha de fazer-ſe ouvir nas quatro partes do Mundo, ſe for neceſſario. Devem trabalhar, quanto eſtá da ſua parte, em deſviar as tempeſtades eſpirituaes de qualquer parte que ellas vem.

3. Queimão-ſe perfumes debaixo do ſino depois das unções. Eſta ceremonia nos traz á lembrança huma grande verdade; e vem a ſer, que os Paſtores, que recebêrão a unção ſanta, devem trazer em ſeu coração as neceſſidades, os votos, e orações dos Fieis para apreſentallas a Deos. Para iſto forão eſtabelecidos; e ſendo os Anjos do Deos dos Exercitos, como lhes chama o Profeta Malaquias, [a] devem apreſentar diante do Throno de Deos as orações dos Fieis. [b] Ora as orações dos Fieis são figuradas pelos perfumes. [c]

4. Em fim depois da ceremonia ſe canta o Evangelho, no qual ſe diz que Maria ouvia a palavra de Deos aos pés de Jeſus Chriſto. Eſta ultima circumſtancia póde dar-nos a eſtender, 1. Que huma das principaes funções dos Paſtores, he de ajuntarem o povo na Igreja, para nella ouvirem a palavra de Deos. 2. Que elles meſmos devem ir ſempre aos pés do Salva-

a Cap. ii. 4.
b Job. xii. 12. Apoc. viii. 4.
c Pſ. cxl. 2. Apoc. v. 2.

vador, para ouvillo, e meditar a sua palavra, depois de terem cumprido com as obrigações do seu ministerio. [a]

P. A ceremonia da benção de hum sino deve chamar-se Baptismo?

R. Não. O que dá lugar a este modo de fallar popular, he a conformidade, que ha entre as ceremonias, que se observão no Baptismo, e as que se observão na benção dos sinos.

Lava-se o sino, fazem-se nelle unções com o Oleo dos Catecumenos, e com o santo Chrisma, benze-se com o nome de hum Santo; e em algumas Diecceses os que mandão fazer o sino, ou outros Fieis deputados para este effeito, nomeão ao Bispo o Santo, de que ha de ter o nome, o que dá occasião a que o povo lhes chame padrinhos. Mas isto não succede sómente aos sinos; os Altares, os Templos, e a maior parte das outras cousas, que a Igreja benze, e consagra, são lavadas com agua benta, e depois ungidas com os santos Oleos, e tomão o nome de hum Santo; e nem por isso se chama Baptismo a ceremonia da sua benção. A palavra Baptismo, segundo a significação grammatical, póde na verdade applicar-se a tudo o que he lavado; mas pelo uso da Igreja está determinada a significar o Sacramento da regeneração, que só convem aos Fieis.

P. Quem são os que devem tocar os sinos?

R. Antigamente pertencia esta obrigação aos Sacerdotes. [b] S. Bento na sua Regra [c] quer que o Abbade, ou outro Religioso exacto, de commissão sua, seja quem tenha cuidado de ajuntar a Communidade na Igreja. Ainda hoje o costume dos Cartuchos he, que

 to-

a Past. de S. Greg. cap. ult.
b Capitul. de Carlos Magno, L. 6. cap. 171.
c Regra de S. Bento, cap. 47. Amalar. L. 3. cap. 1.

todos os Sacerdotes toquem o ſino alternativamente para aliviar-ſe. E por eſta razão he que na maior parte das antigas Igrejas eſtão os ſinos ou ſobre o Coro, ou muito perto do Coro.

Preſentemente ſe reputa a obrigação de tocar os ſinos como huma função dos Oſtiarios; mas depois que os Bedeis fazem na Igreja a maior parte das obrigações dos Oſtiarios, ſe-lhes deixa fazer eſte officio como os outros. He porém muito mais conforme á intenção da Igreja, que ſejão Clerigos reveſtidos com as ſuas ſobrepellizes quem toque os ſinos, ao menos aquelles, que não são de extraordinaria grandeza, porque eſtes são tocados por leigos, ſendo difficultoſo fazello de outro modo; e por eſta razão he que na maior parte das Igrejas maiores, além dos ſinos grandes, que eſtão ſuſpendidos nas torres, ha outros mais pequenos ſuſpenſos no meio da Igreja em hum campanario vizinho ao Coro, os quaes devião ſer tocados por Eccleſiaſticos reveſtidos de ſobrepelliz, porque fazem niſto hum dos Officios da ſua Ordem. Aſſim ſe pratíca em N. Senhora de París, e talvez em outras partes.

P. Que abuſos ſe hão de evitar por reſpeito aos ſinos?

R. 1. Fazer alguma ſuperſtição, quando ſe funde o metal, de que são compoſtos.

2. Tocallos para uſos profanos.

3. Tocallos ſem regra, nem diſcrição, contra as ordens dos Biſpos, na morte de alguem.

4. Tocar nelles arias profanas, iſto he, como diſſemos em outra parte, [a] arias determinadas por coſtume, para ſerem cantadas com palavras profanas.

§. 7.

[a] Cap. 6. §. 6. deſta Secç.

§. 7. *Do Rito da Consagração, e Dedicação de huma Igreja, e de hum Altar.*

P. Em que consiste a ceremonia da sagração de huma Igreja?

R. He esta huma das mais bellas ceremonias da Igreja: e eis-aqui em que consiste.

O seu rito he mui dilatado. O Bispo, que ha de consagrar alguma Igreja, e aquelles, por quem a Igreja ha de ser consagrada, devem jejuar na vespera.

Na vespera da sagração encerra o Bispo em hum cofre as Reliquias dos Santos Martyres, que hão de ser postas sobre o Altar; e o faz authenticamente, para que assim possa constar. As Reliquias ficão expostas toda a noite debaixo de hum pavilhão junto da Igreja, que ha de ser consagrada. Diante destas Reliquias se canta o Officio nocturno, que se chama Matinas, e Laudes.

Sobre as paredes da Igreja se pintão doze Cruzes em distancia quasi iguaes, desde o Altar até á porta, seis de cada lado, e cada Cruz tem huma dirandella, em que se põe huma véla. No dia da Dedicação entra o Bispo na Igreja de manhã, faz preparar tudo o que he necessario para a ceremonia, e manda accender os referidos doze cirios.

Sahe depois da Igreja, e com elle todos os assistentes, ficando sómente hum Diacono com alva, e estola, que fecha todas as portas por dentro.

O Bispo vai com o Clero, e com o povo ao lugar, em que estão as Reliquias dos Santos Martyres. Aqui reza com o Clero os sete Psalmos da Penitencia, e ao mesmo tempo he revestido dos seus ornamentos Pontificaes.

Acabados estes Psalmos, volta o Bispo com o Clero, e com o povo, e se põe diante da porta principal;

faz huma Oração para invocar o Espirito Santo, e se póe de joelhos com todo o Clero, e com todo o povo para cantar as Litanias dos Santos.

Depois das Litanias benze o Bispo a agua, e o sal, que mistura juntamente. Faz com esta agua benta huma aspersão sobre si, sobre o Clero, sobre o povo, e depois á roda da Igreja, sobre as paredes, e cemiterio. Feita a aspersão, volta á porta da Igreja, e faz huma Oração para pedir a Deos que queira tomar este Templo debaixo da sua protecção, e não permitta que os demonios habitem nelle, mas se digne fazer de modo por virtude do Espirito Santo, que neste Templo seja servido pura, e livremente.

Depois desta Oração bate á porta da Igreja com o Baculo, e diz estas palavras tiradas do Psalmo 23. *Abri-vos, portas principaes: abrão-se as portas eternas, e entrará o Rei da Gloria.* O Diacono, que está na Igreja, responde o que se segue do mesmo Psalmo: *Quem he este Rei da Gloria?* O Bispo diz as palavras seguintes do mesmo Psalmo: *Este he o Senhor forte, e poderoso, o Senhor forte nos combates.* O Diacono não abre.

O Bispo faz huma segunda aspersão á roda da Igreja sobre as paredes para a parte dos alicerces, e sobre o cemiterio; e volta depois á porta da Igreja, onde faz a Deos huma Oração para pedir-lhe a união, e a paz para todos aquelles, que se ajuntarem nesta Igreja debaixo da direcção do mesmo Pastor. Depois desta Oração bate segunda vez á porta da Igreja com o Baculo, dizendo: *Abri-vos, portas principaes, &c.* O Diacono responde do mesmo modo: *Quem he este Rei da Gloria?* O Bispo replíca: *He o Senhor forte, &c.* O Diacono não abre.

O Bispo faz huma terceira aspersão á roda da Igreja para o alto das paredes, e sobre o cemiterio. Durante todas estas aspersões, lançando agua benta, diz sempre

pre eſtas palavras : *Em nome do Padre, do Filho, e do Eſpirito Santo.* Volta depois á porta da Igreja, onde faz a Deos huma Oração para pedir-lhe que os demonios saião della, e que os Anjos de paz nella entrem com elle. Bate terceira vez á porta com as meſmas ceremonias, e o Diacono dizendo ainda: *Quem he eſte Rei da Gloria?* O Biſpo, e todo o Clero reſpondem; *He o Senhor das Virtudes, he o Rei da Gloria: abri, abri, abri.* O Biſpo faz então o ſinal da Cruz com a parte inferior do Baculo ſobre o lumiar da porta, e diz no meſmo tempo eſtas palavras: *Eis-aqui o ſinal da Cruz, fujão todos os vãos fantaſmas.* Abre-ſe a porta, e o Biſpo entra na Igreja com o Clero, ficando de fóra todo o povo. Logo que o Biſpo entra, diz: *Paz a eſta caſa.* Todo o Clero pede a Deos o meſmo, e o Biſpo ſe põe de joelhos no meio da Igreja, onde entôa o Hymno *Veni Creator*, que he proſeguido pelo Clero. Entre tanto hum dos Miniſtros eſpalha a cinza pelo pavimento da Igreja de huma parte á outra, em fórma do que ſe chama Cruz de Santo André, para que o Biſpo poſſa ſinalar ſobre eſta cinza as letras, de que fallaremos abaixo.

Depois do Hymno ſe dizem as Litanias dos Santos, no fim das quaes pede o Biſpo a Deos, que ſe digne viſitar eſte lugar, enviar-lhe os ſeus Santos Anjos, para ſerem os ſeus conſervadores, e benzer, ſantificar, e conſagrar eſta Igreja, e eſte Altar, que hão de ſer conſagrados em honra ſua debaixo do nome de hum tal Santo.

Depois deſtas Orações canta-ſe o Cantico *Benedictus*, que Zacarias pai de S. João Baptiſta pronunciou por movimento do Eſpirito Santo, para dar graças a Deos pelo beneficio da Encarnação de Jeſus Chriſto. Em quanto ſe canta, eſcreve o Biſpo com a parte inferior do Baculo ſobre huma das linhas, que ſe formárão com

a cin-

a cinza, todas as letras do Alfabeto Grego, e ſobre a outra as do Alfabeto Latino, de ſorte que eſtes dous Alfabetos ſe cruzem, e que a primeira letra de cada Alfabeto eſteja em hum canto da Igreja, e a ultima letra na eſtremidade oppoſta. Chega-ſe depois o Biſpo ao Altar, de que ha de fazer a ſagração, e diz eſtas palavras do Pſalmo 69. *Senhor, vinde em meu auxilio.* O Coro reſponde: *Apreſſai-vos, Senhor, em ſoccorrer-me.* O que ſe repete por tres vezes.

Depois diſto benze ainda o Biſpo huma vez a agua, e miſtura com eſta agua ſal, cinza, e vinho, os quaes benze em particular antes de os miſturar.

O Biſpo começa depois a ſagração do Altar, ou dos Altares, ſe ha muitos. Para eſte effeito entôa ao pé do Altar o Pſalmo 42. *Judica me, Deus:* o Coro proſegue; e em quanto ſe canta, molha o dedo polegar na agua acabada de benzer, e faz ſinco Cruzes com eſta agua ſobre a meza do Altar, huma no meio, e as outras nos quatro cantos. Fazendo cada hum deſtes ſinaes da Cruz, diz: *Seja ſantificado eſte Altar em honra de Deos Todo Poderoſo, da glorioſa Virgem Maria, e de todos os Santos, debaixo do nome, e memoria de hum tal Santo. Em nome do Padre, e do Filho, e do Eſpirito Santo.*

O Biſpo ajunta a iſto huma Oração para pedir a Deos que ſantifique o Altar. Depois do que faz por ſete vezes á roda do Altar a aſpersão da agua benta; e em quanto durão eſtas aſpersões, ſe canta o Pſalmo 50. *Miſerere.* Faz tres aſpersões á roda da Igreja pela parte de dentro ſobre as paredes, como fez da parte de fóra, a ſaber, no mais baixo dellas, no meio, e no alto. Faz tambem aſpersão deſta agua ſobre o pavimento da Igreja; e em quanto durão as referidas aſpersões, ſe cantão os Pſalmos 121. 67. e 90.

Depois diſto faz o Biſpo tres differentes Orações a Deos,

Deos, para pedir-lhe a graça, e misericordia para todos aquelles, que vierem orar a esta Igreja.

Faz depois com agua benta, cal, e arêa huma argamassa, de que veremos abaixo o uso, e a benze.

Sahe da Igreja, e vai processionalmente com o Clero ao lugar, em que as Reliquias estão guardadas, para transportallas á Igreja; e indo, e voltando, se cantão Psalmos, e Antifonas em honra dos Santos Martyres, cujas Reliquias devem ser postas debaixo do Altar.

Quando a Procissão tem chegado á porta da Igreja, o Coro pára ahi, e o Bispo acompanhado dos Ministros, e dos Sacerdotes, que conduzem as Reliquias em seus hombros, dá huma volta á roda da Igreja pela parte de fóra, e torna a pôr-se diante da porta. Em quanto dura esta Procissão, o povo que a segue canta *Kyrie eleison*, para pedir a Deos misericordia.

Chegando o Bispo á porta da Igreja, faz huma exhortação ao povo sobre as Dedicações das Igrejas, e sobre a obrigação de conservar os bens da Igreja, e pagar o dizimo. Manda ler pelo Arcediago os Decretos dos Concilios sobre esta materia: falla ao Fundador da Igreja, e lhe pergunta quaes são as rendas, que destina para a conservação dos Ministros do Altar: faz-lhe conhecer depois qual he o reconhecimento da Igreja, e quaes são as prerogativas, que elle lhe concede.

Acabada a exhortação, ora o Bispo a Deos para pedir-lhe se digne entrar por sua graça nesta casa. Depois faz huma unção com o santo Chrisma sobre a porta da Igreja, dizendo ao mesmo tempo: *Em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo. Porta, sejais bemdita, santificada, consagrada, e posta debaixo do sello, e guarda do Senhor nosso Deos. Porta, sede a entrada da salvação, e da paz. Porta, sede huma porta pacifica por Jesus Christo nosso Senhor, o qual disse que era a Por-*

a Porta, e que vive, e reina com o Padre, e Espirito Santo.

Entra-se depois na Igreja, á roda da qual se faz huma volta processionalmente com as Reliquias. Depois da Procissão se põem as Reliquias junto do Altar, e se cantão os Psalmos 149. e 150. O Bispo faz a Deos huma Oração para pedir-lhe que a sagração deste lugar seja inviolavel. Depois desta Oração consagra o Bispo com o santo Chrisma o lugar, em que as Reliquias hão de ser postas debaixo do Altar. *Este sepulcro*, diz elle fazendo a unção, *seja consagrado, e santificado em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo.*

Do mesmo modo consagra a pedra, que ha de fechar o sepulcro; e fazendo a unção, diz: *Esta pedra seja consagrada, e santificada em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo.*

Fecha a entrada do sepulcro com esta pedra: elle mesmo põe a argamassa, e os pedreiros acabão de fazer unir bem a mesma pedra com a meza do Altar. Feito isto, unge de novo com o Chrisma a pedra, que fechou o sepulcro, dizendo: *Este Altar seja fechado, e santificado em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo.*

Depois disto benze o incenso, que põe no thuribulo, e incensa o Altar por todas as partes. Acabada esta ceremonia, pede a Deos que as suas Orações se elevem até o seu Throno, como o fumo deste incenso, e que conceda misericordia a todos aquelles, que offerecerem, ou participarem das offertas feitas neste Altar. Depois desta Oração faz o Bispo por sinco vezes o sinal da Cruz com o thuribulo no meio, e nos quatro cantos do Altar.

Benze de novo o incenso, que põe no thuribulo, e dá o thuribulo a hum Sacerdote, o qual dá huma volta

ta

ta ao Altar ſem ceſſar, incenſando ſempre, até que as Orações, e ceremonias da ſagração do Altar eſtejão acabadas. O Coro canta o Pſalmo 83. e ao meſmo tempo o Biſpo faz huma unção em fórma de Cruz com o Oleo dos Catecumenos ſobre cada huma das ſinco Cruzes, que eſtão gravadas ſobre a meza do Altar, e diz a cada unção: *Eſta pedra ſeja ſantificada, e conſagrada em nome do Padre, e do Filho, e do Eſpirito Santo, em honra de Deos, da Santiſſima Virgem, e dos Santos, debaixo do nome, e memoria de hum tal Santo.*

Eſtas unções são ſeguidas do incenſo, e de huma Oração, que lhe diz reſpeito. Depois deſta Oração ſe canta o Pſalmo 91. O Biſpo repete as unções, e as thurificações, e faz huma Oração a eſte intento. Canta-ſe depois diſto o Pſalmo 44. durante o qual faz o Biſpo ſinco novas unções com o ſanto Chriſma nos meſmos lugares do Altar. Eſtas unções são ſeguidas de huma thurificação, e de huma Oração. Canta-ſe o Pſalmo 45. durante o qual derrama o Biſpo do Oleo dos Catecumenos, e do ſanto Chriſma ſobre o Altar; miſtura-os hum com outro, e com elles unge toda a meza do Altar. Canta-ſe o Pſalmo 86. Depois diſto exhorta o Biſpo ao povo, para que peça a Deos ſe digne benzer; e conſagrar o Altar, em que ſe derramou o Oleo ſanto, e que queira olhar favoravelmente para as offertas, que nelle forem feitas. Canta-ſe o Pſalmo 147. e alguns lugares da Sagrada Eſcritura, que dizem reſpeito á Igreja, e que moſtrão que a maior parte deſtas ceremonias são myſterioſas.

Em quanto ſe cantão eſtas couſas, vai o Biſpo fazer ſobre cada huma das doze Cruzes, que eſtão pintadas nas paredes da Igreja, huma unção com o ſanto Chriſma, e a cada unção diz eſtas palavras: *Eſte Templo ſeja ſantificado, e conſagrado em nome do Padre, e do*

Fi-

Filho, e do Espirito Santo, em honra de Deos, da gloriosa Virgem, e de todos os Santos, debaixo do nome, e memoria de hum tal Santo, e incensa por tres vezes cada Cruz depois da unção.

Volta o Bispo ao Altar, e incensa-o, e faz huma Oração acompanhada de bençãos. Benze vinte e sinco grãos de incenso, põe sinco delles em fórma de Cruz sobre cada huma das Cruzes do Altar, sobre as quaes fez as unções. Sobre cada huma destas Cruzes põe huma Cruz feita de véla delgada á medida da Cruz dos grãos de incenso, accende os pavios de cada Cruz, para que ardão com os sinco grãos de incenso: ao mesmo tempo diz algumas Orações, que tem connexão com esta ceremonia.

Depois disto reza o Bispo muitas Orações, que todas se dirigem a pedir a Deos, que lance a sua benção sobre este Altar. Benze as toalhas, a roupa, os vasos, os ornamentos, que hão de servir ao Altar, e acaba a ceremonia com a celebração do santo Sacrificio da Missa, que elle mesmo diz, ou faz dizer na sua presença, se está muito fatigado.

P. O uso de sagrar, e dedicar as Igrejas he antigo?

R. Não sabemos o seu principio; mas vemos este costume estabelecido desde o quarto seculo da Igreja. Depois deste tempo foi sempre seguido geralmente sem alguma contradição. He pois huma cousa constante, segundo a regra estabelecida por Santo Agostinho, [a] que este uso vem de Tradição Apostolica. [b]

P. O uso de sagrar os Altares he tambem antigo?

R.

[a] S. Ag. L. 4. do Baptismo, cap. 24. &c.

[b] S. Athanas. Apol. ao Imper. Constancio. Eusebio, L. 10. da Hist. Eccles. cap. 3. e na Vida de Constantino, L. 4. cap. 43. e seg. S. Ambr. Epist. 4. ou 5. ou 60. a Felis, e Epist. 22. ou 84. ou 54. a sua irmã, &c.

R. Tambem he de Tradição Apoftolica : nós não fabemos o feu principio, mas o vemos eftabelecido por toda a Igreja defde o quarto feculo. [a]

§. 8. *Explicação das principaes ceremonias da Dedicação, e Sagração de huma Igreja, e de hum Altar.*

P. Qual he o motivo, por que a Igreja emprega tantas Orações, e tantas ceremonias na fagração da Igreja?

R. Para que fe comprehenda quantas penas, e trabalhos cuftou a Jefus Chrifto para chegar á dedicação do edificio efpiritual, de que elle mefmo he o Arquitecto, a Pedra angular, e fundamental, e o Confecrante.

Explicação.

Os edificios materiaes, de que o Bifpo faz a dedicação, são, como já havemos dito, [b] a figura, e a imagem dos edificios efpirituaes. *Nós mefmos fomos*, diz S. Paulo, *efte edificio efpiritual, nós que havemos fido edificados fobre o fundamento dos Profetas, e dos Apoftolos, e unidos em Jefus Chrifto, que he a principal Pedra de angulo, na qual fundado todo o edificio, fe eleva, e augmenta nas fuas proporções, e fimetria, para fer hum fanto Templo confagrado ao Senhor.* [c]

Para feguir efta allegoria de S. Paulo he que a Igreja quiz que a ceremonia da fagração, e dedicação dos Templos materiaes foffe em parte myfteriofa, e que foffe huma imagem da confagração, e dedicação dos Templos efpirituaes.

Di-

a S. Greg. Nyff. Difc. fob. o Bapt. de J. C. S. Ambrof. Epift. 22. a fua irmã, e L. da exhortação á virgind. cap. 2. num. 10. S. Jeron. contra Vigil. S. Dionyfio, ou o Author da Jerarquia Ecclef. cap. 4. Cod. dos Canones de Africa, Can. 83. Conc. de Agueda, Can. 14. &c.

b Veja-fe o que havemos dito fobre a Fefta da Dedicação da Igreja na 2. P. defta Obra, Secção 4. cap. 2. §. 23.

c Efef. ii. 19. e feg.

Digo em parte myſteriosa, para que ſe entenda que entre muitos myſterios, de que a Igreja acompanha eſta ceremonia, pela razão que havemos explicado, ha muitas Orações, e ceremonias puramente literaes, cujo fim he benzer, conſagrar, e dedicar a Deos o Templo material, como benze, e conſagra a maior parte das couſas, que ſervem para os uſos da Religião. (Explicaremos aqui o que he mais importante, ou difficultoſo de comprehender; o mais não tem neceſſidade de explicação, a noticia ſómente dos factos, e a leitura das Orações trazem comſigo a ſua explicação.

P. Por que razão convem que o Biſpo, e o povo jejuem na veſpera deſta ceremonia?

R. Prepara-ſe a Igreja com o jejum para todas as acções grandes. Quer tambem a Igreja fazer comprehender, que pelo trabalho he que ſe póde chegar á alegria da dedicação dos edificios eſpirituaes, que ſe ha de fazer no Ceo. Com eſte intento he que a Igreja jejua na veſpera de todas as ſolemnidades grandes, como havemos dito, fallando do jejum das Vigilias no quinto Mandamento da Igreja. [a]

P. Por que razão as Reliquias dos Santos, que hão de ſer poſtas debaixo do Altar, ſe põem na veſpera debaixo de hum pavilhão perto da Igreja?

R. 1. Põem-ſe junto á Igreja para ſe acharem em eſtado de ſer levadas mais commodamente á Igreja, para a qual são deſtinadas, e na qual ſe não querem pôr em quanto não eſtiver ſagrada.

2. Póde dizer-ſe tambem que eſta ceremonia nos faz comprehender, que para ſermos incorporados a Jeſus Chriſto no Ceo, devemos ter vivido na terra como peregrinos.

Pa-

a 2. P. Secç. 4. cap. 6. §. 3.

Para entender esta segunda razão, convem attender a duas cousas.

1. Fizemos ver, fallando dos Altares, [a] que elles são a figura de Jesus Christo, e que as Reliquias dos Santos se põem debaixo do Altar, para mostrar que os Santos estão unidos, e incorporados a Jesus Christo no Ceo.

2. S. Paulo para nos fazer conhecer que a nossa patria não he aqui, e que somos estrangeiros sobre a terra, diz que estamos na terra em o nosso corpo, como quem está em hum pavilhão. [b]

P. Que significão as doze Cruzes, que se pintão nas paredes da Igreja, e as vélas, que se põe junto destas Cruzes?

R. Significão os doze Apostolos, que levárão a luz do Evangelho, e a doutrina da Cruz por toda a terra, donde são tiradas as pedras vivas, que compõem o edificio espiritual do Ceo. S. João diz no Apocalypse, [c] que os muros da Celeste Jerusalem tinhão doze fundamentos, e que sobre estes muros estavão escritos os nomes dos doze Apostolos do Cordeiro.

P. Por que razão se accendem estas doze vélas antes de principiar a ceremonia?

R. Para que comprehendamos que a Igreja do Ceo não ha de ser consagrada, e dedicada senão em consequencia da missão dos doze Apostolos, que forão enviados por toda a terra para levar-lhe a luz do Evangelho.

P. Por que razão faz o Bispo por tres vezes a aspersão da agua benta sobre as paredes da Igreja?

R. Para purificallas, e impedir que os demonios se cheguem a ellas. He huma especie de exorcismo, cuja razão explicámos assima, fallando dos Exorcismos. [d]

P.

a Nesta Secç. cap. 7. §. 16.
b 2. Cor. v. 4.
c Apoc. xxi. 14.
d §. 1. deste cap.

P. Por que razão bate elle por tres vezes á porta da Igreja antes de entrar nella? Por que razão não se abre a porta logo da primeira vez que o Bispo bate?

R. Para comprehendermos que não foi sem resistencia que o demonio, o forte armado, foi despojado por Jesus Christo, e lançado fóra do imperio, que exercia por tão largo tempo sobre os homens.

P. Que significa a entrada do Bispo na Igreja?

R. A entrada de Jesus Christo no Ceo, depois de haver vencido todas as potencias do Inferno.

P. Por que razão entra o Bispo só com os seus Ministros na Igreja, para nella começar a Dedicação do Templo, e do Altar? E por que razão não acaba elle a Dedicação senão depois que todo o povo entrou com elle?

R. A razão literal he, que se todo o povo tivesse entrado na Igreja ao principio, as ceremonias não se farião tão facil, e livremente. Mas a Igreja quer tambem fazer-nos comprehender com isso, que quando Jesus Christo entrou a primeira vez no Ceo, não levou comsigo mais que huma parte daquelles, que hão de compôr o edificio espiritual, e que na sua presença começou a Dedicação deste edificio; mas que não o acabará, senão quando depois de haver junto todos aquelles, que hão de ser as pedras vivas deste edificio, os presentará todos a Deos Padre; o que ha de fazer, quando depois de haver julgado os vivos, e os mortos, entrará no Ceo com toda a Igreja Triunfante.

P. Que significa o Alfabeto Grego, e Latino, que o Bispo escreve sobre o pavimento da Igreja em fórma de Cruz, em quanto se canta o Cantico *Benedictus*?

R. Que Jesus Christo reunio pela Cruz todos os póvos da terra, divididos antes por lingua, por costumes, e por Religião.

Ex-

Explicação.

A lingua Grega, e Latina forão as duas linguas, que tiverão maior extensão. Debaixo destas duas linguas comprehende a Igreja a idéa de todas as linguas, que dividem os póvos. Todos, de qualquer lingua, Tribu, e Nação que sejão, forão congregados, e reunidos por Jesus Christo em hum só Templo, que ha de ser consagrado a Deos; e este he o grande fruto da Encarnação, e Paixão de Jesus Christo. Por isso se escrevem em fórma de Cruz estes Alfabetos, e que se canta, em quanto o Bispo os escreve, o Cantico *Benedictus*, que he huma acção de graças da Encarnação de Jesus Christo.

Se acaso tem havido outra razão literal além desta para a instituição da referida ceremonia, totalmente a ignoramos.

He verdade que Claudio de Vert aponta huma; [a] mas não passa isto de huma simples conjectura deste Author, que não tem fundamento em authoridade antiga, e que não parece muito sólida. A razão que elle dá he esta: » Na ceremonia da Dedicação de húma Igre-
» ja, (diz elle) em quanto se cantava antigamente o
» Psalmo *Fundamenta ejus in montibus sanctis*, escrevia
» o Bispo sobre o pavimento com a parte inferior do
» Baculo, como faz ainda ao presente, hum Alfabeto,
» ou A, B, C, a que podia ser obrigado por aquel-
» las palavras do mesmo Psalmo: *Dominus narrabit in*
» *SCRIPTURIS populorum, & principium.* E póde ser
» ainda que estas ultimas palavras *populorum, & prin-*
» *cipium* terão feito tambem nascer a idéa de escrever
» o Alfabeto em Grego, e em Latim, e ainda em al-
» gumas Igrejas em Hebreu, como para mostrar os diver-

[a] Explicação das Ceremon. da Igreja, tom. 2. pag. 62. e 63.

» versos escritos das *Nações*, e dos *Póvos*, e debuxar
» os seus caracteres em Alfabetos differentes. Em fim
» estas palavras *FUNDAMENTA ejus in montibus san-*
» *ctis*, ou para melhor dizer, a Antifona *FUNDA-*
» *MENTUM aliud nemo potest ponere, &c.* que se can-
» tava precisamente principiando o Alfabeto, bastava
» para mover o Bispo a escrever estas letras, e estas fi-
» guras sobre o pavimento. »

He muito mais natural o dizer, que o Psalmo *Fundamenta ejus in montibus sanctis*, o qual he huma profecia da Igreja, que havia de ajuntar os póvos de todas as linguas, e de todas as Nações, foi escolhido para ser dito em quanto se fazia a ceremonia do Alfabeto; do que pertender, como faz M. de Vert, que este Psalmo deo lugar á ceremonia, o que não tem fundamento. Assim não he este Psalmo sómente que se cantava, quando se fazia a referida ceremonia, accrescentava-se mais o Psalmo *Magnus Dominus, & laudabilis nimis*, que he tambem huma profecia da reunião de todos os póvos á Igreja. O que mostra que a ceremonia do Alfabeto nunca teve outro fundamento mais que a razão espiritual, que temos referido. Não custa isto a comprehender, quando se considerão todas as outras ceremonias da Dedicação, das quaes se não póde negar que a maior parte tenhão sido puramente mysteriosas por instituição.

P. Que significa a agua, o vinho, o sal, e a cinza, que o Bispo benze, e mistura juntamente para fazer a aspersão sobre o Altar, e sobre as paredes da Igreja?

R. A agua he figura da humanidade de Jesus Christo, o vinho da sua Divindade: consta assim da Oração, que a Igreja diz á Missa, misturando a agua com o vinho. A cinza he symbolo da morte, porque depois della nos convertemos em cinza. O sal he symbolo da

in-

incorruptibilidade. Todos ſabem que ſe ſalgão as carnes para impedir que ſe corrompão. Eſtas quatro couſas miſturadas juntamente, são figura de Jeſus Chriſto, Deos, e homem, morto, e reſuſcitado. Só por elle he que podemos ſer purificados, de ſorte que mereçamos ſer Templo de Deos.

P. Que ſignificão as ſinco Cruzes, que eſtão gravadas ſobre a meza do Altar, e ſobre as quaes faz o Biſpo os ſinaes da Cruz com a agua, Oleo dos Catecumenos, e ſanto Chriſma?

R. O Altar he, como havemos dito muitas vezes com S. João, a figura de Jeſus Chriſto. [a] As ſinco Cruzes gravadas no Altar, huma no meio, e as outras quatro nos quatro cantos, podem ſer reputadas como imagem das ſinco chagas de Jeſus Chriſto. Faz-ſe ſobre eſte Altar material a aſpersão da agua, do Oleo dos Catecumenos, e do ſanto Chriſma, para fazello por meio da ſagração com todas eſtas unções huma figura mais expreſſa de Jeſus Chriſto. Eſta agua o repreſenta como nós acabámos de o explicar. O Oleo, e o ſanto Chriſma, com que ſe unge o Altar, são imagem da unção do Eſpirito Santo, de que Jeſus Chriſto foi todo penetrado, e que lhe deo por excellencia o nome de *Chriſto*.

P. Por que razão canta o povo *Kyrie eleiſon*, acompanhando as Reliquias, com as quaes o Biſpo faz proceſſionalmente huma volta á roda da Igreja pela parte de fóra?

R. Para comprehendermos que devemos ſeguir os Santos neſta vida, debaixo da direcção de Jeſus Chriſto ſua Cabeça, e noſſa, repreſentado pelo Biſpo; e que não podemos entrar depois delles no Ceo, ſenão por effeito da miſericordia de Deos, que devemos implorar inceſſantemente, ſeguindo eſtes grandes exemplos.

a P. 3. Secç. 3. cap. 7. Ʒ. 15.

P. Por que razão se cantão Canticos de alegria, fazendo a Procissão com as Reliquias á roda da Igreja, quando nella se tem entrado?

R. Para representar a santa alegria, que experimenta a Igreja do Ceo, quando os Fieis nelle entrão para reinar com Jesus Christo.

P. Por que razão encerra o Bispo as Reliquias debaixo do Altar, de modo que não apparecem?

R. Para que comprehendamos que os Santos estão de tal modo incorporados a Jesus Christo no Ceo, que não fazem, para o dizer assim, mais que huma mesma cousa com elle; e que Jesus Christo só apparece, e os occulta inteiramente com a sua luz.

P. Por que razão se incensa continuamente o Altar até o fim da Dedicação?

R. Para que saibamos que até que a Dedicação da Igreja do Ceo seja consummada, os que compõem esta Igreja não cessão de representar diante de Jesus Christo, que he o Altar de Deos, as Orações dos Fieis como hum incenso de agradavel cheiro. [a]

P. Por que razão faz o Bispo queimar sobre cada huma das sinco Cruzes do Altar a velinha cruzada com grãos de incenso?

R. As Orações, que acompanhão esta ceremonia, manifestão a razão della. O Bispo, e todo o Congresso se põem então de joelhos para invocar o soccorro do Espirito Santo. Cantão-se depois duas Antifonas tiradas da Escritura, que dizem que o Anjo apresenta a Deos as nossas Orações como hum incenso de agradavel cheiro. Em fim o Bispo faz huma Oração, pela qual pede a Deos se digne de olhar com agrado para o que arde no Altar, sem attender ao fogo material, que o consome; e que queira derramar sobre elle a virtude do seu Espirito, para que as Orações dos Fieis,

a Apoc. v. 8.

figuradas neste incenso, se elevem até o seu throno como hum perfume de agradavel cheiro; e que elles recebão a graça de participar dignamente do Sacrificio Eucaristico, que se offerece neste Altar, para chegar á vida eterna por Jesus Christo.

P. Por que razão se consagra a Igreja, e o Altar não sómente em honra de Deos, mas tambem em honra da Santissima Virgem, e dos Santos?

R. Para comprehendermos que a união intima, que a Santissima Virgem, e os Santos tem com Jesus Christo, e por elle com a Santissima Trindade, faz que participem da honra, e gloria de Deos, e que sejão honrados, e glorificados por todas as cousas, que o honrão, e glorificão.

P. Por que razão se dá o nome de hum Santo a cada Templo, e a cada Altar?

R. 1. Para distinguir cada Altar, e cada Templo por este nome. 2. Para dar áquelles, para quem se consagrão estes Templos, e Altares, hum Protector para com Jesus Christo, que possão invocar especialmente.

P. Por que razão se acaba toda a ceremonia da Dedicação, e sagração de huma Igreja pela celebração da Missa?

R. 1. Para acabar de consagrar este Templo, e Altar material pela celebração mais augusta dos nossos Mysterios.

2. Para fazer ver, que quando Jesus Christo tiver feito no Ceo a dedicação espiritual do edificio, de que elle he o Arquitecto, e que não será consummado senão no fim do Mundo, esta Igreja não terá então outra occupação depois da sua sagração, e Dedicação mais que offerecer-se sem cessar a Deos por Jesus Christo para louvallo, e adorallo, dar-lhe graças, e bemdizello por toda a eternidade. Isto he o que a

Igreja começa a fazer pelo ſanto Sacrificio da Miſſa, que, como havemos explicado, he o Sacrificio de Jeſus Chriſto, e de todos os ſeus membros, que ſe offerecem, ou são offerecidos por Jeſus Chriſto, com Jeſus Chriſto, e em Jeſus Chriſto, para dar-lhe o ſupremo culto, que lhe he devido. [a]

§. 9. *Da Benção das Fontes Baptiſmaes.*

P. A ceremonia de benzer a agua do Baptiſmo he antiga?

R. Já temos moſtrado que vem de Tradição Apoſtolica. [b]

P. Em que conſiſte a ceremonia deſta benção?

R. A ordem della he a ſeguinte: Depois que a leitura das profecias eſtá acabada, ſe caminha prociſſionalmente para as Fontes Baptiſmaes, e em quanto dura eſta prociſsão ſe cantão alguns verſos tirados do Pſalmo 41. que exprimem o ardor, com que os Catecumenos ſuſpirão pelas aguas do Baptiſmo. O Biſpo, ou o Sacerdote, tendo chegado ás Fontes, faz a Deos huma Oração para pedir-lhe que facie eſta ſede eſpiritual do povo, que quer renaſcer por eſtas aguas. Depois faz a benção das Fontes por meio de huma Oração admiravel, que cada hum póde ler no Livro da ſemana Santa. No fim da referida Oração he pedir a Deos que ſantifique eſta agua, que a encha da virtude do Eſpirito Santo, e que a faça fecunda, e capaz de produzir frutos de vida, &c.

Di-

[a] Veja-ſe ſobre a explicação de todas as ceremonias da Dedicação de huma Igreja o L. intitulado *Gemma animæ*, que ſe julga ſer de hum Author do 11. ſeculo. Veja-ſe tambem o que eſcreveo S. Bruno de Aſt, Author do meſmo ſeculo, no ſeu Tr. das funções dos Biſpos. Huma, e outra Obras ſe achão na grande Bibliot. dos Padres. Veja-ſe tambem o Serm. de S. Bern. ſob. a Dedicação das Igrejas.

[b] Veja-ſe o que havemos dito ſobre iſto, explicando o Officio do ſabbado Santo na 2.P. Secç. 4. cap. 2. §. 11.

Dizendo eſta Oração, faz o ſinal da Cruz ſobre as aguas, eſtende a mão ſobre ellas, e as toca com a palma da mão, pedindo a Deos que o demonio não tenha algum poder ſobre ellas, nem dellas ſe ſirva para fazer mal aos homens. He iſto huma eſpecie de exorciſmo.

Em ſegundo lugar benzendo as aguas, faz por tres vezes o ſinal da Cruz ſobre ellas. *Eu te benzo,* diz elle, *creatura de agua, por Deos vivo,* ✠ *por Deos ſanto,* ✠ *por Deos verdadeiro,* ✠ *por Deos, que no principio te ſeparou da terra, e cujo eſpirito era levado ſobre ti.*

O Sacerdote divide depois a agua, e derrama parte della para as quatro partes do Mundo, dizendo as palavras, que ſe ſeguem, as quaes moſtrão que eſta ceremonia he huma acção que falla: *Eu te benzo por Deos, que te fez ſahir do Paraiſo terreſtre em quatro rios para regar toda a terra.*

Continúa a referir tudo aquillo, que Deos, e Jeſus Chriſto tem obrado pelas aguas. Refere o Mandamento, que Jeſus Chriſto fez de baptizar na agua todas as Nações da terra em nome do Padre, e do Filho, e do Eſpirito Santo; e accreſcenta que pois que para obedecer eſte Mandamento he que benze as aguas, ſupplíca a Jeſus Chriſto que elle meſmo as queira benzer da ſua propria boca.

E porque o Biſpo, ou o Sacerdote nas funções do miniſterio tem o lugar de Jeſus Chriſto, o Sacerdote bafeja por tres vezes ſobre as aguas, pedindo a Jeſus Chriſto que queira benzellas da ſua propria boca. Por eſta acção moſtra claramente a benção, que o meſmo Jeſus Chriſto lança ſobre eſtas aguas pela boca do ſeu Miniſtro.

Depois diſto toma o Sacerdote o Cirio Paſcal accezo, que repreſenta a Jeſus Chriſto reſuſcitado, como havemos notado, explicando a ceremonia da benção deſ-

deste Cirio. [a] Toma o Cirio, digo, e o mette na agua, dizendo estas palavras: *Desça sobre toda esta agua a virtude do Espirito Santo.* Diz isto por tres vezes, mettendo cada vez mais o Cirio na agua; e manifesta com esta ceremonia, que pelos merecimentos de Jesus Christo morto, sepultado, e resuscitado he que a virtude do Espirito Santo póde descer sobre a agua, para fazer-lhe produzir o effeito da regeneração.

Depois desta Oração se faz a aspersão da mesma agua sobre o povo, para que cada hum se lembre da graça do seu Baptismo, e peça a Deos a conservação, ou reparação della pela virtude do Espirito Santo, que a Igreja por sua Oração acaba de fazer descer sobre esta agua.

O povo no mesmo tempo toma desta agua em vasos para isso preparados, e a leva para suas casas para baptizar com ella em caso de necessidade, e tambem para servir-se della como de huma agua benta, e consagrada.

Feito isto, o Bispo, ou Sacerdote lança em fórma de Cruz do Oleo dos Catecumenos na agua, dizendo: *Santifique-se, e fecunde-se esta fonte com o Oleo da salvação para os que nella renascerem para a vida eterna.* Responde-se *Amen.* Do mesmo modo lança do santo Chrisma na agua, dizendo: *Esta infusão do Chrisma de nosso Senhor Jesus Christo, e do Espirito Santo Consolador, seja feita em nome da Santissima Trindade.* Responde-se *Amen.* Depois toma dous vasos, o do Oleo dos Catecumenos, e o do Santo Chrisma, lança delles juntamente sobre as aguas em fórma de Cruz, dizendo: *Esta mistura do Chrisma da santificação, do Oleo da unção santa, e da agua do Baptismo seja feita em nome do Padre, ✠ e do Filho, ✠ e do Espirito ✠ Santo.* Responde-se *Amen.*

To-

[a] 2. Part. Secç. 4. cap. 2. §. 11.

Todas as cousas, que a Igreja consagra, o faz assim com o Oleo santo, e com o santo Chrisma, como já havemos dito. [a] Pede a Igreja por meio da referida ceremonia, que estas cousas sejão santificadas, e consagradas pela virtude do Espirito Santo figurada nestas unções.

Algumas Igrejas ha, que além das ceremonias, que acabámos de referir, e explicar, conservão o costume de lançar na agua do Baptismo, em fórma de Cruz, parte da cera derretida do Cirio Pascal, para pedir a Deos com esta ceremonia, que penetre absolutamente estas aguas com a graça, e virtude de Jesus Christo, figurado pelo Cirio, como havemos explicado, fallando da benção, que se faz no sabbado Santo. [b]

§. 10. *Da Benção da Agua, e do uso da Agua benta.*

P. O uso de fazer a benção da agua he antigo na Igreja?

R. Fizemos ver [c] que o uso de benzer a agua do Baptismo he certamente de Tradição Apostolica. O uso de benzer a agua com o sal, de que se faz a aspersão sobre o povo nos Domingos, he tambem antiquissimo, pois não sabemos o seu principio. Baronio sobre o anno 131 de Jesus Christo prova que este uso he de Tradição Apostolica. Seja como for, o que he certo he, que o referido uso he da primeira antiguidade. [d]

P.

[a] §. 3. deste cap.

[b] P. 2. Secç. 4. cap. 2. §. 11. A antiguidade destas ceremonias se colhe de S. Cypr. Epist. 70. a Januario, &c. De S. Basilio sob. o Ps. 28. De S. Greg. Nyss. Discurso sob. o Baptismo. De S. Ambros. ou do Author do L. dos Sacram. L. 1. cap. 5. De Victor Vitense, L. 2. da perseguição dos Wandalos, n. 17. Da antiga Ord. Rom. no Offic. de sabbado Santo. Do Author do L. dos Divinos Offic. attribuido a Alcuino, cap. 19. De S. Greg. Turonense, L. dos Milagres, &c.

[c] Veja-se o §. precedente.

[d] Constit. Apostol. L. 8. cap. 29. Baron. sob. os annos 132. 362. 389. 598. e 944. de Jesus C.

P. Por que razão se faz a benção da agua ?

R. Para que pela virtude das Orações, que a Igreja faz benzendo-a, não tenhão os demonios algum poder sobre aquillo, que esta agua tocar, mas que o Espirito Santo ahi habite por sua graça : isto he o que a Igreja pede a Deos nas Orações, de que se serve para esta benção. [a]

P. Por que razão se mistura o sal bento com a agua benta ?

R. O sal he symbolo da prudencia, e da sabedoria, como diz Jesus Christo, [b] e a agua he o symbolo da candura, e da pureza. Faz pois a Igreja esta mistura para pedir a Deos por aquelles, que forem lavados com esta agua, que o Espirito Santo, purificando-os, produza nelles a simplicidade, e candura de pomba, e a prudencia da serpente.

P. Por que razão se faz esta benção todos os Domingos ?

R. Para que todos os Fieis, que se ajuntão na Igreja neste dia, possão levar desta agua para suas casas.

P. Por que razão se faz a aspersão da agua sobre o Altar antes de se fazer sobre o povo ?

R. Para pedir a Deos que os demonios não se cheguem a este Altar, para nelle perturbarem com as suas suggestões os Ministros do Senhor : mas que o Espirito Santo esteja presente a elle, para receber, e abençoar as offertas dos Fieis. [c]

P. Por que razão se faz a aspersão da agua sobre o povo antes da Missa ?

R. Para purificallo, e obter de Deos por meio desta aspersão, que os demonios não perturbem algum dos Fieis, em quanto se offerece o santo Sacrificio; mas que o Espirito Santo lhes assista, e os fortifique por sua graça.

P.

a Const. Apost. L. 8. cap. 29.
b Marc. ix. 48. 49.
c Durando sob. os Ritos da Igreja, L. 3. cap. 4.

P. Por que razão offerece o Sacerdote o hyssope ao Bispo, para que elle mesmo tome agua benta, e a lance no Sacerdote, que lhe deo o hyssope?

R. Porque não toca ao Sacerdote o exercer o seu ministerio sobre o Bispo, que he seu superior. O Bispo he que ha de servir de mediador ao Sacerdote, para obter por meio delle que o Espirito Santo venha purificallo.

P. Deve tambem dar-se aos Senhores da Paroquia a agua benta na mão?

R. Não. Deve dar-se-lhes como ao povo por aspersão, estando obrigados a submetter-se ao ministerio do Sacerdote, como os outros, para serem purificados pela virtude do Espirito Santo. [a]

P. Por que razão se canta o Psalmo 50. *Miserere*; em quanto se faz a aspersão da agua benta?

R. Porque neste Psalmo pede David a Deos, que lhe faça a graça, e a misericordia de o lavar, e purificar dos seus peccados; e o povo pede a Deos o mesmo, em quanto se faz a aspersão da agua benta.

P. Por que razão na Igreja de Narbona, de Montpellier, e em outras muitas se faz a aspersão da agua benta todos os dias depois de Completas?

R. Para pedir a Deos que se digne enviar o seu Santo Espirito sobre os Fieis, para preservallos no tempo da noite dos laços do demonio, e purificallos dos peccados commettidos no tempo do dia; porque o Officio de Completas he a Oração da noite, que se fazia antigamente antes de cada hum se deitar, como se pratica ainda na maior parte dos Mosteiros, e principalmente nos que seguem a Regra de S. Bento.

P. Por que razão se põe a agua benta á entrada das Igrejas?

R.

[a] Veja-se o Processo verbal do Congresso geral do Clero de França dos annos 1655. e 1656. na Sess. de 18. de Novembro de 1656. pag. 953.

R. Para que os Fieis posśão, tomando desta agua, pedir a Deos a graça de serem purificados dos seus peccados, para fazerem as suas orações mais puras, e mais efficazes.

P. Este uso he antigo?

R. Antigamente havião fontes, ou vasos cheios de agua á entrada de cada Igreja da parte de fóra, para que o povo, antes de entrar nella, pudesse lavar as mãos, e a boca por decencia, por causa de que recebia, como havemos dito, [a] a Sagrada Eucaristia na mão, e a levava assim á boca. A Igreja benzia esta agua, porque ella benzeo sempre as cousas, de que usa. Daqui vem o uso de pôr agua benta á entrada das Igrejas. [b]

P. Que uso devemos fazer da agua benta?

R. He bom que a tomemos quando nos levantarmos da cama, quando nos deitarmos nella, antes de principiarmos as nossas orações, quando nos sentirmos tentados, quando fizer alguma tempestade, &c. Tambem convem deitalla nos enfermos, nos mortos, e nos lugares, em que se teme a malignidade dos demonios.

P. Com que intenção devemos tomar a agua benta?

R. Com espirito de fé, e compunção. *De fé*, porque esta agua nada obra per si mesma independentemente da fé daquelle, que della usa junta ás Orações da Igreja. *De compunção*, porque para que cada hum obtenha, quando se lava com esta agua, a graça de ser purificado dos seus peccados, deve ter dor delles, porque Deos nunca perdoou os peccados aos que não estão movidos á penitencia.

P.

a Cap. 7. ?. 22. n. 30.

b Euseb. L. 10. da Hist. Eccles. cap. 4. S. Paulino, Ep. 32. a Severo, e 13. ou 31. a Pammach. Veja-se tambem o seu Hymno 9. sob. S. Felis, e Synesio, Epist. 121.

P. Por que razão se lança a agua benta nos corpos mortos, nos sepulcros, e nos cemiterios?

R. Para obter de Deos, que tendo respeito ás Orações, que a Igreja fez sobre esta agua, se digne purificar mais depressa as almas dos Fieis, que descanção em paz, conceder-lhes o alivio das penas, que padecem, e enchellas da presença do seu espirito.

CAPITULO IX

Das Procissões.

§. I. *Da origem das Procissões; das suas differentes especies; e da intenção da Igreja em cada Procissão.*

P. A Ceremonia das Procissões Ecclesiasticas he antiga?

R. Nós a vemos estabelecida na Igreja logo depois do fim das primeiras perseguições no quarto seculo, e se encontrão vestigios della na antiga Lei.

A trasladação da Arca, de Cariathiarim para a casa de Obededom, e daqui depois para a Cidade de Hebron, referida no segundo Livro dos Reis, [a] era huma verdadeira Procissão.

Fez-se em Antioquia huma Procissão solemne para transportar as Reliquias do Santo Martyr Babylas no tempo de Juliano Apostata. Todos os Historiadores Ecclesiasticos, e os Padres daquelle tempo fallão della. [b]

A Procissão, que se fez em Milão, no tempo de Santo Ambrosio, para transportar as Reliquias dos Santos Gervasio, e Protasio, não he menos célebre.

Nes-

a 2. Reg. v. e vi.

b Socrates, L. 3. da Hist. cap. 18. Sozom. L. 5. cap. 19. Theodoreto, L. 3. cap 10. Rufino, L. 10. cap. 35. S. Chrys. Serm. 1. sob. S. Babylas, &c.

Nesta Procissão se fez hum milagre famoso na pessoa de hum cego, conhecido de toda a Cidade, que recobrou a vista pelo tacto destas Reliquias. Está Procissão, e este milagre são referidos por Santo Ambrosio, [a] e por Santo Agostinho, [b] testemunhas oculares sobre toda a excepção. Podião referir-se outros muitos exemplos de semelhantes Procissões, tirados da primeira antiguidade. [c]

P. Qual he a origem das Procissões, e que he o que deo lugar a esta ceremonia?

R. Muitas razões derão causa a ellas.

1. Quando se achavão Reliquias dos Santos Martyres em algum lugar, em que havião sido occultadas no tempo da perseguição, se hião buscar com ceremonia, e erão levadas como em triunfo á Igreja, cantando Psalmos, e Canticos. O mesmo se fazia quando alguma razão obrigava a transportar as Reliquias de hum lugar para outro. [d]

2. Quando o Bispo celebrava, todos os Sacerdotes, que havião de officiar com elle, todos os Diaconos, os Subdiaconos; em huma palavra, todo o Clero o hia buscar a sua casa, e o conduzia procissionalmente á Igreja, cantando Psalmos. [e]

3. Succedia muitas vezes que os Bispos hião dizer solemnemente a Missa a outras Igrejas além da Cathedral, porque hião a todas as Igrejas da sua Cidade Episcopal ora a huma, ora a outra: então sahião da Igreja Cathedral, acompanhados de todo o Clero, e seguidos de todo o povo: caminhava-se com ordem, can-

a S. Ambros. Epist. 22. a sua irmã, n. 2.

b S. Agost. L. 9. das Confiss. cap. 7. L. 22. da Cid. de Deos, cap. 8.

c Baronio, Notas sob. o Martyrol. Rom. aos 25. de Abril, e sob. o anno 58. de J. C. nos seus Annaes. Serar. Tr. das Prociss. L. 1. cap. 3. Gretzer na sua Obra sob. as Prociss. Eccles.

d Vejão-se as authoridades, que acabámos de citar.

e Nicef. L. 13. cap. 8. Marc. Diacono, Vida de S. Porfidio Bispo. Concil. 1. de Laodicea, Can. 56.

cantando Pfalmos, e outras Orações, até chegarem á Igreja da Eftação, para nella celebrarem todos juntamente o Sacrificio da Miffa, ou o Divino Officio, e daqui voltavão prociffionalmente para a Igreja. [a]

4. Nas calamidades públicas fazião-fe preces extraordinarias, hia-fe em peregrinação orar aos fepulcros dos Santos Martyres, e a outros lugares, em que Deos tinha dado finaes do feu poder, e protecção: hia-fe a eftes lugares em procifsão, cantando Pfalmos, e voltava-fe da mefma fórma. Eftas Procifsões fe chamavão *Litanias*, ifto he, *Supplicações*; e efte he o nome, que ainda hoje fe dá ás Procifsões: daqui vem tambem o nome de *Litanias dos Santos*, que fe dá á Oração, que ha largo tempo fe canta na volta de femelhantes Procifsões. [b]

5. Quando algum Bifpo, algum Principe, ou algum grande Senhor chegava pela primeira vez a huma Cidade, fe hia ao encontro delle com a Cruz, e era conduzido por honra prociffionalmente até á Igreja com canticos de alegria, como fe faz ainda agora. [c]

6. Em fim na morte de cada hum dos Fieis o coftume da Igreja foi fempre de levar á Igreja prociffionalmente, e cantando Pfalmos o corpo morto para celebrar os feus obfequios, e daqui ao lugar da fepultura. [d]

Eis-aqui a primeira origem das Procifsões, e o que deo occafião a ellas. [e] Pelo tempo adiante fe fizerão Pro-

[a] Veja-fe o Commentar. do P. Mabil. fob. a antiga Ord. Rom. n. 5.

[b] Mabil. Comment. fob. a Ord. Rom. n. 5.

[c] Veja-fe a antiguidade defte ufo no P. Thomaf. Difciplina da Igreja, Part. 1. L. 2. cap. 58. n. 6. da edição Latina, e Part. 2. cap. 25. da edição Franceza. Baronio, Notas fob. o Martyr. aos 25. de Abril.

[d] L. 6. das Conftit. Apoft. cap. 30. S. Agoft. Serm. 172. ou 32. das palavras do Apoftolo, cap. 1.

[e] Veja-fe o L. das Procifsões Eccleſ. compofto por M. Eveillon, Conego de Angers, e os L. de Serar. e de Gretzer affima citados.

Procissões sem outro fim que o sahir do lugar santo, em que se tinhão ajuntado, para voltar a elle, cantando Orações, sem parar em parte alguma; mas o costume de não parar em nenhuma parte nem he antigo, nem universal. Em París, e em outras Igrejas já mais se faz Procissão sem Estação.

A Procissão dos Ramos, da Purificação, do Santissimo Sacramento, as que se fazem á roda das Cidades, e dos campos em sinal de alegria, ou com espirito de penitencia, as que se fazem nos Domingos, e principaes Festas antes da Missa, e algumas vezes depois de Vesperas, na Igreja, ou á roda da Paroquia, ou ao redor de hum claustro nos Mosteiros, são Procissões mais ordinarias, que em muitos lugares se fazem sem Estação.

P. Qual he a mente da Igreja nesta ultima especie de Procissões?

R. A mente da Igreja he differente nesta especie de Procissões por respeito aos differentes fins, para que são instituidas.

1. Já fallámos da Procissão do Santissimo Sacramento, [a] da dos Ramos, [b] e da da Purificação, [c] explicando estas Festas.

2. Quando a Igreja ordena Procissões á roda dos campos, ou á roda das Cidades, he para pedir ao Senhor que benza os frutos da terra, as casas, por onde se passa, e as pessoas, que nellas habitão: por esta razão he que em muitas Diecceses se leva agua benta nestas Procissões, para fazer a aspersão da mesma agua por toda a parte, por onde se passa.

3. Por esta mesma razão com pouca differença he que cada Domingo se faz huma Procissão antes da Missa á roda da Igreja, ou á roda da Paroquia, e nos Mos-

a Part. 2. Secç. 4. cap. 2. ℥. 15.
b P. 2. Secç. 4. cap. 2. ℥. 9.
c P. 2. Secç. 4. cap. 2. ℥. 8.

Mosteiros á roda do claustro. Todos sabem que as cellas dos Religiosos ordinariamente são edificadas sobre os claustros; assim a Igreja começa, por fazer Orações á roda das casas, em que habitão aquelles, que se ajuntão na Igreja para celebrar os santos Mysterios, para obter de Deos por meio destas Orações, que os que habitão estas casas, nellas vivão todos em paz debaixo da protecção de Jesus Christo, e não sejão expostos á malignidade dos demonios. Daqui vem que em muitas Dieceses se leva agua benta a estas Procissões, para com ella fazer a aspersão por toda a parte, por onde se passa. Para abbreviar os Divinos Officios he que nos Domingos, e Festas se faz esta Procissão dentro do ambito da Igreja, em lugar de a fazer á roda da Paroquia. Em muitas Dieceses nos dias mais festivos, dias, em que os Divinos Officios se celebrão com maior solemnidade, se faz esta Procissão antes da Missa, não á roda da Igreja, mas á roda da Paroquia.

P. Por que razão ordenão os Bispos Procissões extraordinarias nos tempos de pública calamidade?

R. Assima vimos a origem destas Procissões, e he facil o penetrar a razão della.

Nas calamidades públicas excitão os Bispos aos póvos, para que applaquem a ira de Deos de todos os modos que ella póde ser applacada. Por esta razão he que ordenão jejuns, e Orações extraordinarias, que exhortão á esmola, que fazem expôr o Santissimo Sacramento, que elles mesmos vão em Procissão com o seu povo aos lugares, em que Deos dá sinaes da sua protecção; que sem fazer estas peregrinações, se contentão com determinar Procissões á roda das Cidades, e dos campos, para conciliar a benção de Deos por meio das Orações da Igreja sobre todos os lugares, por onde se passa, e a sua misericordia sobre as pessoas, que nelles habitão.

P.

P. Por que razão se fazem mais Procissões no tempo Pascal, do que em outro tempo?

R. 1. Para pedir a Deos a sua benção sobre os frutos da terra, que então correm maior risco.

2. Póde dizer-se tambem que isto se faz assim para representar as differentes apparições, que Jesus Christo fez a seus Apostolos depois da sua Resurreição até á sua Ascensão.

P. Por que razão se faz em muitos lugares huma Procissão solemne no dia da Ascensão de Jesus Christo?

R. Para representar o triunfo de Jesus Christo entrando no Ceo. Pela mesma razão se faz huma no dia da Assumpção da Santissima Virgem, e nas Festas solemnes do anno, porque com ella se renova todos os annos a memoria do voto de Luiz XIII, que para pôr o seu Reino debaixo da protecção da Santissima Virgem, fez estabelecer esta Procissão em todos os seus Estados.

P. Por que razão he precedida a Procissão da Ascensão de Jesus Christo das outras Procissões das Rogações, que são Procissões de penitencia?

R. Nada embaraça o dizer que a Igreja quer por este meio mostrar-nos, que para participar do triunfo de Jesus Christo no Ceo, he necessario ter participado na terra da sua vida mortificada, e laboriosa, e que convem haver vivido sobre a terra como peregrino viajeiro, e no exercicio da penitencia.

Já temos explicado os outros motivos das Procissões das Rogações, fallando das abstinencias da Igreja na segunda Parte desta Obra. [a]

§. 2.

a Secç. 4. cap. 7.

§. 2. *Da ordem das Procissões; das Orações, que nellas se fazem, e principalmente das Litanias dos Santos.*

P. Por que razão em muitos lugares se levão nas Procissões campainhas, as quaes tocão incessantemente?

R. Para advertir de longe que a Procissão está em marcha, para que aquelles, que não se achão presentes, possão chegar-se; e os que hão de recebella, se preparem para isso. Pela mesma razão se tocão os sinos assim da Igreja, donde sahe a Procissão, como daquella, em que entra.

P. Por que razão se leva huma Cruz levantada, e em muitas Diecefes huma bandeira, em que se acha pintada a imagem dos Santos Padroeiros da Igreja?

R. Para que se entenda que os Fieis marchão debaixo do estendarte da Cruz, e debaixo da protecção dos Santos Padroeiros da sua Paroquia.

P. Por que razão em muitas Igrejas se leva diante da Cruz o Livro dos Evangelhos, e a agua benta?

R. Leva-se o Livro dos Evangelhos para mostrar que a palavra de Deos serve de guia aos Christãos. [a] Leva-se a agua benta para com ella fazer a aspersão por todos os lugares, por onde se passa, como já temos dito.

P. Por que razão na maior parte das Igrejas se levão cirios accezos aos lados da Cruz?

R. Póde dizer-se que este uso veio de que antigamente se levavão cirios accezos por honra diante dos Principes, e Magistrados, que se conduzião com ceremonia. E este uso se introduzio nas ceremonias da Religião, como já havemos notado em outra parte. [b]

a Ps. cxviii. 105.

b Cap. 6. §. 3. desta Secç.

P. Por que razão nas Procissões solemnes se leva o thuribulo fumegando incenso diante da Cruz ?

R. Para derramar bons cheiros por toda a parte, por onde se passa, e manifestar por este modo, que os Fieis levão por toda a parte, como diz S. Paulo, o bom cheiro de Jesus Christo. [a]

P. Por que razão na marcha do Clero vão adiante os mais moços, e os mais dignos em ultimo lugar ?

R. O uso da vida civil introduzio esta ceremonia. Quando se faz cortejo a hum grande Senhor, ordinariamente caminha elle em ultimo lugar. Assim he honra o caminhar em ultimo lugar na Procissão. Por esta razão he que o Clero caminha diante do Augusto Sacramento na Procissão solemne, que se faz do Santissimo.

P. Por que razão caminha o povo depois do Clero ?

R. Porque he natural ao povo seguir o seu Pastor. E como o lugar mais honroso do povo he aquelle, que está mais perto do Pastor, os mais distinctos do povo são os que caminhão em primeiro lugar depois do Clero. Mas esta ordem das Procissões sendo de disciplina arbitraria, não he uniforme em toda a parte.

P. Por que razão as Procissões não voltão ordinariamente pelo mesmo caminho, que tomárão, sahindo da Igreja ?

R. Para conciliar a benção de Deos sobre maior numero de lugares, santificando-os com as Orações, que se cantão pelo caminho.

P. Que devemos observar nas Procissões ?

R. Devemos, 1. Seguir o fim, e intento de cada Procissão, e lembrar-nos que Deos quer ser adorado em espirito, e verdade; e que he obrar como Judeo, e não

[a] 2. Cor. ii. 15.

e não como Christão, o ligar-se á letra, e ao exterior das ceremonias da Religião, sem penetrar a intenção dellas.

2. Caminhar com muita ordem, e modestia, sem precipitação, e as mulheres separadas dos homens quanto for possivel.

3. Estar recolhidos em quanto dura a Procissão, não olhar para huma parte, e para a outra, nem fallar a pessoa alguma sem necessidade.

4. Seguir a Procissão até o fim, sendo possivel.

5. Unir-se ás Orações, que o Coro canta durante a Procissão, cantar, ou rezar estas mesmas Orações, assim ao sahir da Igreja, como no caminho, e ao recolher. Quem não souber estas Orações, deve unir-se a ellas de coração, e orar em particular.

6. Tendo chegado ao lugar da Estação, unir-se ás Orações da Igreja; evitar os abusos daquelles, que no tempo, em que se fazem estas Orações, que he o principal fim da Procissão, sahem da Igreja para ir beber, e comer, ou divertir-se, e não se reunem á Procissão, senão quando ella sahe. Este abuso só procede de hum grande principio de irreligião, ou de ignorancia.

P. Quaes são as cousas, que o Clero deve observar nas Procissões?

R. 1. Não fazer alguma Procissão extraordinaria sem a permissão do Superior.

2. Observar pontualmente as Ordens geraes, os Estatutos da Diecese, e os Capitulos das visitas do Bispo, assim no que toca ás Orações, como pelo que respeita ás ceremonias, e aos lugares, em que se deve ir em Procissão.

3. Ajuntar-se no Coro para cantar as preces costumadas antes da Procissão, e fazer o mesmo no fim della.

4. Caminhar, e cantar pausadamente, com modestia, e de hum modo edificante, e que inspire ao povo piedade, e respeito.

5. Advertir aos Superiores logo que se percebe que por occasião de alguma Procissão se introduz qualquer abuso. [a]

P. Quaes são as Orações, que ordinariamente se cantão nas Procissões?

R. Estas Orações varião, segundo a diversidade das Procissões, e são proporcionadas ao fim, para que se ordenão. Mas a Oração mais ordinaria, que se canta, voltando das Estações, onde se vai em Procissão, he a que se chama Litanias dos Santos. Compõe-se esta Oração de muitas partes.

1. Dirigem-se as preces á Santissima Trindade para pedir-lhe misericordia. 2. Dirigem-se á Santissima Virgem, aos Anjos, e aos Santos de todas as Ordens, principalmente aos Apostolos, e aos de cada Ordem, para os quaes se tem em cada paiz maior veneração; e não se lhes diz como a Deos: *Tende piedade de nós*, mas: *Orai por nós.* 3. Dirigem-se a Jesus Christo, pedindo-lhe nos ouça pelo merecimento de todos os seus Mysterios. Representão-se-lhe todas as necessidades da Igreja espirituaes, e temporaes, e se lhe pede misericordia, como quem he o Cordeiro de Deos, que tira, e apaga os peccados do Mundo. 4. Reza-se a Oração do Senhor, que he seguida de muitas Orações excellentes, para pedir a Deos a remissão dos peccados, e o seu auxilio nas necessidades geraes, e particulares da Igreja. [b]

CA-

[a] Vejão-se as Act. da Igreja de Milão no tempo de S. Carlos, titulo das Procissões.

[b] Veja-se a antiguidade desta Oração, e a sábia defensa de tudo o que lhe respeita em Serario, tom. 3. dos seus Opusc. Theologicos.

CAPITULO X

Das Praticas de pura devoção.

§. I. *Das peregrinações, e das romarias de piedade.*

P. A Devoção das peregrinações, e romarias, que se fazem por motivo de piedade a hum lugar santo para implorar o auxilio de Deos, para fazer-lhe obsequios, e para honrar os Santos, he antiga na Igreja?

R. Muito antiga. Desde os primeiros seculos costumárão os Fieis ir visitar os sepulcros dos Martyres, as Igrejas, ou Capellas, em que descançavão as suas Reliquias, e os lugares Santos, em que se obrárão os principaes Mysterios da nossa Religião. Todos os Historiadores, e Authores Ecclesiasticos estão cheios de provas da antiguidade desta devoção. [a]

P. Se Deos está em toda a parte, que necessidade ha de ir buscallo tão longe para invocallo?

R. Não ha necessidade para isso, mas he huma cousa santa, e louvavel o ir com espirito de piedade visitar os santos lugares, em que Deos se tem feito conhecer com alguns sinaes da sua protecção.

P. Que ha de louvavel nestas peregrinações?

R.

a Euseb. Hist. Eccles. L. 6. cap. 11. L. 3. da Vida de Constantino, cap. 42. S. Jeron. Vida dos homens illustres na Vida de S. Alex. Mart. S. Ambr. Oraç. fun. de Theod. S. Gaudencio Bispo de Bressa, Hom. 17. sob. a Dedicação de huma Igreja. S. Agost. da Cid. de Deos, L. 22. cap. 8. Epist. 78. ou 137. ao Clero, e ao povo de Hypponia. S. Chrys. Hom. 26. sob. a 2. Epist. aos Cor. S. Jeron. Epist. 44. ou 17. a Marcella. S. Sulpicio Severo, Hist. Sagr. L. 2. sobre S. Helena. S. Paulino, Epist. 11. a Severo, e Hymno 3. sob. S. Felis. Vejão-se tambem os 4. Livros de Gretzer sob. as peregrinações.

R. 1. São huma prova da fé daquelles, que as emprendem por motivo de piedade, e de Religião.

2. Como estas romarias se fazem ordinariamente a pé, a fadiga do caminho he huma penitencia, que mortifica o corpo, e que por conseguinte he util á alma.

3. Á vista dos lugares, em que Deos tem feito resplandecer o seu poder, e a sua bondade para com os homens, a presença dos penhores sagrados, que nelle se conservão, o exemplo dos outros Fieis, que nos referidos lugares orão com ardor, aníma a fé, e excita o fervor dos que a elles chegão para fazer as suas orações.

4. Os milagres aviriguados, e irrefragaveis, que Deos obra algumas vezes sobre aquelles, que emprendem estas peregrinações por motivos de piedade, provão que Deos authoriza esta devoção como boa, e louvavel.

P. He conveniente aconselhar a toda a casta de pessoas que emprendão estas peregrinações?

R. Não. He necessario examinar com cuidado todas as circumstancias, em que cada hum se acha, e nada intentar, ou aconselhar temerariamente.

1. Deve formar-se o mesmo juizo das romarias, que se fórma de todas as outras acções, que não são de preceito, mas de pura devoção. He necessario que o cumprimento do preceito vá diante de tudo; e he huma devoção mal entendida o seguir o conselho, descuidando-se do preceito. He preciso pois ver primeiro se as obrigações geraes, particulares, e pessoaes são compativeis com a peregrinação, que se intenta. Assim huma pessoa, que por seu estado deve velar sobre os outros, faz mal quando se descuida do que deve a estas pessoas para satisfazer á sua devoção por respeito a huma larga romaria.

2. He

2. He neceſſario além diſto examinar o proprio temperamento, fraquezas, e perigos, que ſe podem correr por reſpeito á ſalvação: em huma palavra, he preciſo pezar com madureza todas as circumſtancias, que podem determinar a ſeguir, ou largar eſta empreza, e não intentar levemente, ſem motivos grandes, e ſem conſelho de hum Confeſſor douto, e prudente, as peregrinações dilatadas. A experiencia moſtra que com pretexto de romaria ſe commettem muitos abuſos.

P. Que abuſos são eſtes?

R. Eis-aqui os principaes, que ſe devem evitar com cuidado.

1. Succede muitas vezes que não ſe intentão eſtas peregrinações, ſenão pelo deſejo de ſatisfazer á propria curioſidade, á natural leveza, e á ſenſualidade; para ſubtrahir-ſe á obediencia dos proprios pais, fazer huma vida vagabunda, e inutil, por não dizer peior ainda.

2. Algumas vezes não ſe emprendem eſtas romarias, ſenão para illudir, com pretexto de piedade, a exacção das regras, que hum Biſpo zeloſo faz obſervar na ſua Diecеſe por reſpeito á adminiſtração do Sacramento da Penitencia. Vão-ſe buſcar a outra parte Confeſſores mais indulgentes. Quem aſſim obra, ſe procura enganar groſſeiramente, pois não poderá enganar a Deos, que penetra o intimo dos corações.

3. Muitos neſtas romarias ſe moſtrão diſſolutos, eſcandalizando por toda a parte, por onde paſsão, em lugar de edificarem.

4. Imaginão alguns que a peregrinação ſupprе toda a ſorte de boas obras, e confião falſamente neſta devoção, muitas vezes mal entendida, attendendo ás circumſtancias, em que ſe acha aquelle, que a intenta.

5. Em fim não he a piedade, e a religião, mas razões totalmente humanas, que pela maior parte fazem em-

emprender, e executar eſtas romarias. Pegão-ſe os homens á caſca, para o dizer aſſim, da devoção, e deſcuidão-ſe do eſpirito, que deve animalla: ſervem a Deos no exterior, e o deshonrão interiormente, eſquecendo-ſe que *Deos he eſpirito*, e que *he neceſſario que os que o adorão, e o ſervem, o fação em eſpirito, e verdade.* [a]

P. Que deve obſervar-ſe para adorar a Deos em eſpirito, e verdade, quando ſe faz alguma romaria?

R. 1. He neceſſario que a piedade ſeja o unico motivo, que a faça emprender; mas huma piedade prudente, e illuſtrada, ſem o que ſeria falſa piedade.

2. Convem que os que fazem peregrinação, não ſe decipem pelo caminho, mas que por ſua modeſtía, ſilencio, frugalidade, e devoção dem por toda a parte bom exemplo.

3. Não ſe devem entreter no caminho ſenão de couſas boas, e algumas vezes ſerá util interromper eſtas piedoſas praticas com orações.

4. Quando chegarem ao lugar da peregrinação, [b] fazerem a Deos os ſeus obſequios, e invocar os Santos, que nelle ſe honrão; mas fazer iſto com muita ſynceridade, e verdade, e com o deſejo verdadeiro de affeiçoar-ſe cada vez mais ás maximas de Jeſus Chriſto, e aborrecer o Mundo.

5. Depois de haverem ſatisfeito á ſua devoção, devem recolher-ſe a ſuas caſas com a meſma piedade, e recolhimento, com que devião ſahir dellas para a execução da ſua romaria.

§. 2.

a Joan. iv. 23. e 24.

b Veja-ſe o Eſtatuto do 4. Concil. Provinc. de Milão, dirigido por S. Carlos, ſob. as peregrinações, P. 1. e os do 4. Synodo Dieceſano do meſmo Santo, Decreto 23.

§. 2. *Das Confrarias.*

P. Que entendeis pela palavra *Confrarias?*

R. Entendo huma pia ſociedade, que os Fieis fazem entre ſi debaixo da authoridade de legitimos ſuperiores, para qualquer exercicio de piedade.

P. As Confrarias são antigas na Igreja?

R. As antigas ſociedades dos Monges erão, fallando com propriedade, Confrarias, como o são ainda agora. Todos ſabem que eſtas ſociedades ſe formárão no principio do quarto ſeculo no Oriente debaixo da direcção de Santo Antonio, e no principio do ſexto ſeculo no Occidente debaixo da direcção de S. Bento. [a] Não obſtante ha differença entre as ſociedades Monaſticas, e as ſociedades, que ſe chamão Confrarias. Os que entrão nas primeiras deixão inteiramente o Mundo para retirar-ſe a eſtes ſantos aſylos, onde na direcção de hum Superior, a quem ſe ſubmettem voluntariamente por hum voto perpetuo, ſe conſagrão unicamente aos exercicios da Religião; e os que entrão nas ſegundas, não deixão nem os empregos, nem as obrigações do ſeculo, mas contentão-ſe com viver unidos por meio de qualquer obra de piedade, que contribue á ſalvação dos Confrades, e do proximo. Eſta ſegunda eſpecie de Confraria não foi introduzida ſenão largo tempo depois da inſtituição das Ordens Monaſticas.

P. Devem reputar-ſe as Confrarias por couſa ſanta, e louvavel?

R. He ſem dúvida, com tanto que nellas ſe obſervem as regras da Igreja, e ſe evitem os abuſos, que podem introduzir-ſe.

Sem

a Veja-ſe o 1. ſeculo Benedictino do P. Mabil. Antes de São Bento havião não obſtante muitos Moſteiros de Religioſos no Occidente, como já havemos notado no §. 15. do cap. 7. da 1. Secç. deſta Part.

Sem a menor dúvida he huma coufa fanta, e louvavel o formar huma união, e fociedade entre muitos Fieis, para contribuirem á gloria de Deos, e á fantificação das almas, fegundo as regras da Igreja. Mas póde abufar-fe das melhores coufas; e eftes abufos fazem que o que em fi he fanto, ceffe de o fer, até que fe cortem os abufos, e as coufas fe ponhão na fua ordem.

P. Quaes são as regras, que fe devem obfervar por refpeito ás Confrarias?

R. Eftas regras ou refpeitão aos que as eftabelecem, ou aos que tem a fua direcção, ou aos que entrão nellas.

P. Que devem obfervar os que eftabelecem as Confrarias, ou os que tem a direcção dellas?

R. 1. Nada obrar fem confentimento, e approvação dos Superiores legitimos.

2. Não propôr algum eftatuto, que não feja fanto, que não contribua ao bem, e não feja conforme á mente da Igreja.

3. Fazer de forte que eftes eftatutos fejão compativeis com as obrigações geraes, e particulares dos que entrarem nas mefmas Confrarias, e por confeguinte não defviar os Fieis, com o pretexto das Confrarias, da obrigação, em que fe achão de affiftirem aos Officios da Paroquia, &c.

4. Não publicar alguma indulgencia, ou algum milagre fem authoridade do Bifpo.

5. Não empregar a renda da Confraria em feftins, ou em outras defpezas fuperfluas, mas fómente em utilidade da Igreja, fegundo as regras da Confraria.

P. Que devem obfervar os que entrão em huma Confraria?

R. 1. Não entrar nella fenão por bons motivos, quaes

quaes são a gloria de Deos, a propria ſantificação, e a ſalvação do proximo.

2. Obſervar com attenção ſe entrando na Confraria poderá cumprir todas as ſuas obrigações geraes, particulares, e peſſoaes; porque, como já havemos dito muitas vezes, [a] as obras de preceito devem ſempre prevalecer ás que são unicamente de conſelho, e he eſtar illuſo o deixar as primeiras para abraçar as ſegundas, com pretexto de huma devoção muito mal entendida em tal caſo.

3. Quando com eſtas precauções entra alguma peſſoa em huma Confraria authorizada pela Igreja, deve portar-ſe nella com edificação, com ſubordinação á authoridade dos Paſtores, e ſer fiel em obſervar, quanto for poſſivel, os eſtatutos da Confraria, á qual ſe incorporou; porque ſó pela obſervancia deſtes eſtatutos he que ſe póde contribuir ao bem, para que foi inſtituida.

P. Quaes são os abuſos, que ſe devem evitar por reſpeito ás Confrarias?

R. A tranſgreſsão das regras, que acabámos de explicar, são os abuſos mais ordinarios, que ſe introduzem nas Confrarias. Póde-ſe ajuntar a iſto para maior clareza, que ſuccede muitas vezes,

1. Que não ſe entra nas Confrarias ſenão por vaidade, ou por outros motivos humanos.

2. Que muitos imaginão falſamente, que para ſalvar-ſe baſta entrar em certas Confrarias, e que infallivelmente ſe ſalvarão por eſte meio, ainda que vivão de hum modo pouco Chriſtão.

3. Que deſprezão abſolutamente o eſpirito, e o fim da Confraria, contentando-ſe com trazer o habito della. Aſſim ſe vem Chriſtãos, que fazem conſiſtir toda a ſua piedade em trazerem hum Eſcapulario, ou hum

Cor-

a §. 1. deſte cap. &c.

Cordão de S. Francifco, os quaes farião grande efcrupulo de faltar a ifto, e ao mefmo tempo vivem fem algum efcrupulo na defordem, e licenciofidade. Póde applicar-fe a eftes Chriftãos o que Jefus Chrifto diffe aos Farifeos. [a]

Não he precifo ter muitas luzes para convir em que os Chriftãos, que dão neftes abufos, fe achão illufos; e no cafo que fe encontraffem Directores, ou Prégadores tão pouco inftruidos, que authorizaffem huma tal illusão, o que apenas fe póde crer, faibão os póvos que a Igreja os condemna abfolutamente.

P. Quando alguem eftá incorporado em alguma Confraria, cujos membros devem trazer hum final, que diftinga os Confrades, por exemplo, hum Rofario, hum Efcapulario, hum Cordão, huma Correa, qual he o ufo, que fe deve fazer deftes finaes exteriores?

R. 1. Aquelles, que os trazem, devem reputallos como avifos continuos de viver com edificação, com piedade, e de feguir a intenção da Confraria, que abraçárão. He obrar como Judeo, e não como Chriftão o portar-fe de outra forte.

2. Os que não trazem eftes finaes exteriores, não devem fer reputados por aquelles, que os trazem, como profanos; e eftes não devem reputar os outros como efpiritos pequenos. São eftas praticas fantas, e cujo ufo he mais antigo do que fe cuida. A Igreja as deixa á devoção dos Fieis; e tudo aquillo, que a Igreja authoriza, deve fer fempre refpeitado. He final de pouco juizo o condemnar tudo aquillo, que não fe confórma com o noffo genio, e inclinação. Não fe condemnão muitas vezes eftas devoções, fenão porque fe ignora o efpirito dellas, ou porque não fe confiderão fenão pelos abufos, que devem diftinguir-fe do que a Igre-

a Matth. xxiii. 3. 23. 24. 25. e 26.

a Igreja approva. Quando se quer saber a verdade, se acha que estas devoções são fundadas em praticas antigas, e muito santas.

Antigamente era huma devoção muito ordinaria entre os Fieis o consagrar-se exteriormente á penitencia, recebendo com ceremonias, e Orações solemnes o habito religioso, sem abraçar a profissão religiosa. Fazia-se isto principalmente por aquelles, que se achavão em perigo de morte. Luiz o Gordo, Rei de França, o fez na sua ultima enfermidade. Os que isto fazião na doença, se recobravão a saude, não deixavão mais o habito. A esta piedosa pratica he que succedeo a devoção louvavel de receber com Orações, e ceremonias o Escapulario dos Religiosos do Monte do Carmo, a Correa, que trazem os Eremitas de Santo Agostinho, o Cordão dos Religiosos de S. Francisco, e o Rosario de S. Domingos. Taes são os vestigios deste antigo uso, que não se póde reprehender sem temeridade, e que avisão áquelles, que recebêrão estes sinaes exteriores de Religião, que devem viver na penitencia, e imitar as virtudes dos Santos, que vivêrão nas santas Congregações, ás quaes se tem associado, para o dizer assim, pela recepção pública destes sinaes. Seria huma illusão grosseira o fazer consistir toda a piedade neste exterior, e estabelecer o fundamento da sua salvação nestas devoções, sem seguir o espirito dellas.

Não póde duvidar-se que no tempo, em que o uso de morrer, e de fazer-se enterrar em habito religioso, que se tomava com ceremonia durante a enfermidade, se fez commum, não tenhão havido Fieis, que pouco instruidos do fundamento da Religião, fundassem a principal esperança da sua salvação nesta pratica exterior. O mesmo se ha de dizer de outro uso muito santo, que antigamente era assás commum, ainda entre

os

os leigos, e de que alguns dos nossos Reis derão o exemplo; quero dizer, o uso de morrer sobre a cinza, e sobre hum cilicio, para mostrar com isso os sentimentos de penitencia, nos quaes se queria morrer: uso, que se conserva ainda religiosamente em muitos célebres Mosteiros. Todas estas praticas exteriores são excellentes, e santissimas, quando são acompanhadas das disposições interiores, de que são o sinal sensivel. Distituidas deste espirito, e destas disposições, tudo fica sendo hum corpo sem alma. Antes então se fazem perigosas, porque dão occasião a fundar toda a piedade neste exterior, ou a esperar nisto mais do que convinha. Por esta razão he que os Pastores nunca podem ser excessivos em instruir os póvos do espirito, que deve acompanhar todas estas praticas exteriores de huma devoção arbitraria, para que sejão santas, e uteis. E os Religiosos occupados no ministerio, devem concorrer neste ponto com os Pastores, para fallarem todos na mesma lingua, que seja fundada na fé da Igreja, e no espirito della, e para fecharem por este meio a boca aos Hereges, e aos Libertinos. [a]

§. 3.

a Por respeito a tudo o que fica dito das Confrarias, veja-se o 1. Conc. de Milão dirigido por S. Carlos, tit. da administração dos lugares de piedade, P. 3. no princ. e Conc. 4. Decreto ultimo. Este mesmo Santo fez outros muitos Estatutos para as Confrarias, os quaes se podem ver nas Act. da Igreja de Milão. As Confrarias de officiaes mecanicos forão muitas vezes prohibidas em França por causa dos abusos. Veja-se a Ordenação de *Francisco I.* dada em *Villers-Corterets* no mez de *Agosto* de 1539. art. 185. 186. e 187. A Ordenação de *Orleans* dada por *Carlos IX.* em *Janeiro* de 1560. art. 10. de *Moulins* no mesmo reinado em *Fevereiro* de 1566. art. 74. de *Blois* reinando *Henrique III.* em *Maio* de 1579. art. 37.

§. 3. *Da Coroa.*

P. Em que consiste a Oração, que se chama Coroa?

R. O methodo della he o seguinte. Faz-se o sinal da Cruz, e invoca-se o auxilio de Deos, como em todas as outras Orações. Reza-se depois o Symbolo dos Apostolos, a Oração do Senhor, e por tres vezes a Saudação Angelica. Depois disto se diz o *Padre nosso*, e dez vezes a *Ave Maria*; o que se repete por seis vezes, e se acaba como se tinha principiado pela reza da Oração Dominical, da Saudação Angelica, e do Symbolo.

Segundo a devoção de cada hum se póde augmentar, ou diminuir o numero das dezenas. Se se dizem até quinze, chama-se Rosario. Póde dizer-se tambem a *Gloria Patri*, e outra qualquer Oração no fim de cada dezena. Conforme a devoção de cada hum, podem imaginar-se outras Coroas pelo modelo desta. Por exemplo: em lugar das *Ave Maria* recorrer a Deos, para pedir-lhe misericordia nesta fórma: *Meu Deos, não permittais que eu viva em peccado. Abri-me os olhos, para que não durma no sono da morte. Fazei-me conhecer tudo aquillo, que quereis que eu saiba, e obre, e dai-me a graça de o cumprir*; ou outra semelhante Oração. Póde tambem dizer-se huma Coroa em honra dos Anjos, na fórma seguinte, dizendo em lugar das *Ave Maria* esta Oração: *Anjos bemaventurados, que Deos por effeito da sua bondade deputou para nossa conservação, defendei-nos nos combates, que temos que sustentar contra o demonio, e contra a carne, para que não sejamos confundidos no terrivel dia do Juizo.*

Póde rezar-se huma Coroa em honra dos Santos pela mesma fórma, dizendo em lugar das *Ave Maria* es-

esta Oração: *S. João Baptista, S. Pedro, S. Paulo, S. N. todos os Santos, e todas as Santas, orai por nós peccadores agora, e na hora da nossa morte. Amen.* [a]

De todas estas formulas as duas primeiras são as mais célebres; e as Orações, de que ellas se compõem, são tão santas, que he inutil deter aqui para justificar o seu uso.

P. Que devemos observar rezando a Coroa?

R. O que assima havemos dito, [b] que he necessario observar em todas as Orações vocaes, quero dizer, que he preciso orar de coração, como de boca, e não contentar-nos sómente com pronunciar as palavras das Orações; o que seria orar como Judeo, e não como Christão.

P. Por que razão se reza hum numero determinado de dezenas da *Ave Maria*, ou do *Pater*? Não he orar com superstição o ligar-se a este numero?

R. Os que forão authores desta Oração tiverão por fim honrar com este numero determinado de dezenas os Mysterios de Jesus Christo, nos quaes a Santissima Virgem teve alguma parte, ou o numero de annos, que elles julgão que a Senhora viveo sobre a terra. Estas idéas nada tem de opposto ás regras da Fé, nem se encontra nellas alguma superstição. Tambem se não constitue nesse numero exacto a força da Oração. A mesma Oração, muitas vezes repetida com fé, mostra o ardor do desejo daquelle que ora.

§. 4.

a Havemes tomado a maior parte destas formulas de Coroas, que são excellentes, em o novo Catecismo impresso por ordem do Senhor Arcebispo de Tolosa, onde se encontrão outras mais.

b Cap. 3. desta Secç.

§. 4. *Das praticas de piedade approvadas, e das que são simplesmente toleradas pela Igreja.*

P. Approva a Igreja todas as praticas de piedade, que estão em uso entre os Fieis?

R. Approva humas, e tolera outras.

P. Quaes são as praticas, que a Igreja approva?

R. Approva a Igreja as que são conformes ás regras da Fé, á mente da Igreja, e dos Santos Padres, e que nada tem, que não seja edificante, e capaz de mover para Deos.

P. Quaes são as praticas, que a Igreja tolera?

R. Certas praticas, que forão introduzidas ou por motivo de huma piedade pouco illustrada, e pouco conforme á mente da Igreja, ou que se introduzírão por abuso, e por ignorancia, mas que no essencial nada tem de opposto á Fé, e aos bons costumes, ainda que fosse melhor que as não houvesse. A Igreja não approva estas praticas, mas as tolera algumas vezes para evitar maiores inconvenientes. Mais quer soffrer com paciencia pequenos males, do que dar occasião a outros maiores, querendo destruir os pequenos; e, como diz Santo Agostinho, permitte huma chaga na disciplina para conservação do seu corpo. [a]

P. Que devem fazer os Fieis a respeito das cousas, que a Igreja tolera?

R. Devem tolerallas como a Igreja, e respeitar o seu silencio. Mas he melhor seguir a mente da Igreja, do que affeiçoar-se ao que ella não faz mais que tolerar.

P. He huma pratica approvada, ou simplesmente tolerada o fazer tocar nas Reliquias dos Santos as Cruzes, os Rosarios, os lenços? &c.

a S. Agost. Epist. 55. ou 119. a Januario, cap. 19.

R. He huma pratica esta santa, approvada pela Igreja, e fundada na Sagrada Escritura. Nella vemos que os enfermos fazião tocar os seus lenços nos corpos vivos dos Apostolos, e que depois erão curados pela applicação destes lenços. [a]

Neste modelo se estabeleceo o costume de fazer tocar nas Reliquias dos Santos os lenços, as Cruzes, os Rosarios, e as outras cousas, que servem para os usos ordinarios, ou para os da Religião. A Igreja não censura huma pratica fundada nas Escrituras. Santo Ambrosio [b] diz, que os lenços, que os póvos fazião tocar nas Reliquias de S. Gervasio, e de S. Protasio, curavão de toda a sorte de enfermidades. Santo Agostinho refere hum grande numero de milagres, obrados pelo toque das Reliquias dos Santos, [c] e diz que elle foi testemunha ocular de muitos destes milagres.

P. He pratica authorizada, ou tolerada ornar as figuras dos Santos, que estão nos cantos das ruas, e fazer arder cirios diante destas Imagens?

R. Praticas são estas, que nada tem de máo. A Igreja não as prohibe, nem tambem as condemna. Se a Igreja visse que a ignorancia dos póvos chegava a imaginar que nestas Imagens houvesse alguma virtude occulta, ou que este culto exterior fosse acompanhado de superstição, se opporia a isso, e a consciencia de cada Bispo está encarregada deste exame; mas a cousa em si nada tem de opposto ás regras da Fé. Estes ornamentos são sinaes exteriores do respeito, que os Fieis tem aos Originaes; e os lampiões, que ardem diante das suas Imagens, nos fazem lembrar da vida bemaventurada, e immortal, de que os Santos gozão no Ceo com Jesus Christo.

P.

a Act. xix. 12.

b S. Ambros. Epist. 22. a sua irmã, n. 9.

c S. Agost. L. 22. da Cid. de Deos, cap. 8.

P. He pratica authorizada, ou tolerada pela Igreja o dizer os Evangelhos ſobre os póvos para ſatisfazer á ſua devoção ?

R. Eſta pratica he ſanta, antiga, e authorizada. Não ſe póde duvidar que as palavras da vida eterna tenhão huma grande efficacia para fazer-nos obter o que pedimos; e que Jeſus Chriſto não authorize huma pratica, que manifeſta o reſpeito, que ſe tem ás ſuas Divinas palavras. Não obſtante, como póde abuſar-ſe das couſas mais ſantas, os póvos de certo Cantão de Alemanha, tendo juntado a ſuperſtição a eſta pratica, o Concilio celebrado em Selgenſtad a prohibio para os que della ſe ſervião ſuperſticioſamente, *pro aliqua divinatione*, como ſe exprime o meſmo Concilio. [a]

Póde fazer-ſe hum grande numero deſtas perguntas ſemelhantes. Os principios, que havemos eſtabelecido em todo o decurſo deſta Obra, podem baſtar para reſponder a todas.

CAPITULO XI

Da Viſita Epiſcopal.

P. POr que razão viſitão os Biſpos todas as Igrejas da ſua Diecefe ?

R. 1. Para regularem as Igrejas aſſim no eſpiritual, como no temporal.

2. Para reformarem os abuſos, e remediarem as deſordens.

3. Para conhecerem exactamente o ſeu rebanho, e procurarem-lhe todos os ſoccorros, que dependem do ſeu miniſterio.

[a] Conc. de Selgenſtad, Diecefe de Moguncia, celebrado em 1022. Can. 10.

4. Para adminiſtrarem o Sacramento da Confirmação.

5. Para entreterem a communhão, que deve haver entre os Paſtores, e as ovelhas.

P. Qual he o methodo da viſita Epiſcopal?

R. He o ſeguinte, reduzido a poucas palavras.

Recebe-ſe o Biſpo com a honra, e reſpeito, que lhe são devidos; e ſe he a primeira viſita, vai conduzido prociſſionalmente debaixo do pallio até á Igreja, cantando-ſe Canticos. Entrando na Igreja, ſe lhe apreſenta a agua benta, elle a toma, e com ella faz a aſperſão ſobre o povo. Benze o incenſo, e he incenſado. Tendo entrado, ſe fazem a Deos Orações pelo Biſpo, e pelo povo, que elle meſmo vem viſitar. Canta-ſe huma Antifona em honra do Santo, de que a Igreja tem o nome, e o Biſpo faz a Deos huma Oração pela interceſsão deſte Santo, e pelos merecimentos de Jeſus Chriſto. Dá a benção ſolemnemente ao povo, e depois a abſolvição geral, e a Indulgencia de quarenta dias, tendo o povo feito antes a Confiſsão geral. Deixa os ornamentos brancos, e toma os pretos para ſe fazerem as preces pelos mortos.

O methodo deſtas preces he o ſeguinte.

Canta-ſe o Pſalmo 129. *De profundis:* depois diſſo faz o Biſpo a Deos huma Oração por todos os Biſpos falecidos na paz da Igreja. Caminha-ſe logo prociſſionalmente ao cemiterio, onde ſe fazem ainda Orações por todos os Sacerdotes, e por todos os Fieis, cujos corpos deſcanção nelle. Volta-ſe á Igreja, e nella ſe faz huma terceira Oração por todos os Fieis em geral, falecidos na paz da Igreja.

Antes, e depois deſtas ceremonias faz o Biſpo, ſe o julga conveniente, hum diſcurſo ao povo para expôr os motivos da ſua viſita, e para dar os aviſos, que julga neceſſarios. Viſita depois o Santiſſimo Sacramento,

as

as Fontes Baptiſmaes, os ſantos Oleos, os Altares, as Imagens, os Vaſos Sagrados, a roupa, e os ornamentos da Igreja: informa-ſe do que reſpeita ao Clero, e ao povo, põe ordem a tudo: faz os eſtatutos, que a ſua prudencia lhe ſubminiſtra: dá a Confirmação, e celébra a Miſſa, ſe o quer fazer.

Em fim eſtando tudo acabado, diz ainda huma Oração pelos defuntos, e ſe retira.

P. Por que razão principia a ceremonia da viſita, fazendo a Deos Orações pelo Biſpo?

R. Manifeſta o povo com iſſo a alegria, que tem de ver o ſeu Biſpo, e o ardor, com que deſeja que eſta viſita ſeja util pela miſericordia de Deos.

P. Por que razão ſe fazem Orações primeiramente aos Santos Padroeiros da Igreja, e logo pelos defuntos, depois de haver dado a abſolvição ao povo antes de principiar a viſita?

R. O methodo deſtas Orações moſtra claramente a união da Igreja do Ceo, da Igreja do Purgatorio, e da Igreja da terra. O fim da viſita Epiſcopal he entreter, e fomentar eſta união, e trabalhar á perfeição della; mas eſta união não ſerá perfeita, ſenão quando as tres ſociedades não eſtiverem ſeparadas, mas ſim reunidas em o Ceo. Para chegarem a eſta felicidade, he neceſſario que Deos faça ás Almas do Purgatorio a graça de as livrar das penas, que padecem; e aos Fieis, que vivem na terra, a graça de viverem ſantamente para chegarem á eterna felicidade: tal he o fim, a que o Biſpo quer contribuir por meio da ſua viſita. Para eſte effeito começa invocando os Santos Padroeiros da Paroquia, para que obtenhão por Jeſus Chriſto para os Fieis eſta grande miſericordia. Para alcançar-lha mais facilmente pede a Deos para elles a remiſsão dos peccados pela Oração, que ſe chama abſolvição geral, depois que elles ſe reconhecêrão pecca-

ca-

cadores pela confissão geral, que fizerão, dizendo o *Confiteor*, e lhes concede huma Indulgencia.

Continúa pedindo para a Igreja do Purgatorio a mesma graça. Faz da sua parte o que póde, para pôr cada vez mais os Fieis em estado de obtella, pelos santos estatutos, que estabelece no decurso da sua visita. Em fim depois de haver feito a respeito dos vivos o que depende do seu ministerio, acaba pedindo ainda graça, e misericordia para os mortos, para que estas duas Igrejas, a da terra, e a do Purgatorio, achando-se reunidas em o Ceo, tudo seja consummado na unidade, e que Deos só seja conhecido, amado, servido, e adorado por todo o Corpo mystico de Jesus Christo, animado do espirito de Deos.

P. Que devem fazer os Fieis em quanto dura a visita Episcopal?

R. 1. Unir-se ao Bispo, para fazer com elle todas as Orações, que elle faz, e orar a Deos principalmente pelo Bispo, para que a sua visita não seja infructuosa.

2. Ouvir com respeito as suas instrucções.

3. He huma prática mui louvavel pôr-se em estado de receber a Communhão da sua mão, se elle houver de dizer a Missa.

4. Convem avisallo, ou fazello avisar dos abusos, dos escandalos, e das desordens conhecidas na Paroquia; mas fazer isto sem paixão, sem motivo de vingança, e sómente por amor da verdade, e da boa ordem.

5. Fallar-lhe em todas as cousas com muita sinceridade.

6. Dar logo pontualmente á execução todas as suas ordens depois de acabada a visita.

CONCLUSÃO

E RECAPITULAÇÃO DE TODA ESTA OBRA.

Das cousas, que fazem o homem feliz sobre a terra, com a esperança da eterna felicidade.

P. TEndes explicado com extensão tudo aquillo, que respeita á Religião, e tudo o que tem connexão com ella. Para acabar, fazei-nos huma recapitulação abbreviada de tudo o que haveis dito?

R. Esta recapitulação he facil. Temos dividido estas Instrucções em tres Partes. Na primeira, depois de haver explicado tudo aquillo, que respeita a Deos em si mesmo, temos fallado das creaturas, e em particular do homem, da sua creação, da sua quéda, da sua reparação por Jesus Christo, e o que Deos fez, e ha de fazer até á consummação dos seculos, para que os homens cheguem á posse perfeita da vida eterna, para que forão creados. Isto he o que se chama Historia da Religião.

Fizemos ver na segunda Parte qual he a vida, que os homens devem fazer na terra para chegarem á felicidade da vida eterna; e havemos explicado por consequinte tudo aquillo, que respeita aos peccados, ás virtudes, aos Mandamentos de Deos, e da Igreja.

Em fim na terceira fizemos huma instrucção summaria sobre a graça, que nos he necessaria para viver christãmente. E esta graça sendo-nos communicada pelos Sacramentos, e pela Oração, havemos explicado tudo aquillo, que he conveniente que os Fieis saibão sobre a materia dos Sacramentos, e sobre o que respeita á Oração.

De

De tudo o que temos dito consta que a vida eterna, quero dizer, a posse eterna de Deos, sendo o fim, para que o homem foi creado, he tambem o fim, que elle deve propôr-se em todas as suas acções. Com a consideração desta felicidade he que deve estar cheio de hum terno reconhecimento para com Jesus Christo, considerando tudo o que Jesus Christo fez para pôr-nos no caminho desta felicidade, e para conduzir-nos a ella. Lembrado disto he que o homem ha de esforçar-se para evitar o peccado, para praticar a virtude, para obedecer a Deos, e á Igreja. Com este pensamento he que deve recorrer aos Sacramentos, instituidos para dar, para conservar, para augmentar, ou para receber a graça, que nos faz viver christãmente. Com esta lembrança he que ha de orar, e applicar-se a todos os exercicios da Religião. O homem deve sempre considerar-se na terra como desterrado da sua Patria, que he o Ceo: deve suspirar por esta Patria, e caminhar incessantemente para ella: se o não fizer assim, será sempre desgraçado. Eis-aqui o compendio de todo o Christianismo, e o compendio tambem de todas as instrucções, que havemos dado.

P. Do que acabais de dizer se colhe, que reputais o homem como não podendo ser feliz senão no Ceo: não poderá pois o homem ser feliz sobre a terra?

R. Não póde o homem ser feliz perfeitamente senão no Ceo; porque não póde ser feliz senão com a posse eterna de Deos, e não possuiremos a Deos eternamente senão no Ceo. Se podemos ser felices sobre a terra, he com huma felicidade imperfeita, a qual tem connexão com a felicidade da outra vida, e se funda na esperança da felicidade eterna. Quanto mais direito temos de esperar a felicidade da outra vida, mais felices somos nesta; quanto mais estamos remotos da eterna felicidade, mais desgraçados somos sobre

bre a terra. Assim tudo aquillo, que nos chega para Deos, tudo o que fortifica a nossa esperança, nos faz felices; mas com huma felicidade imperfeita, proporcionada ao estado de desterro, e de peregrinação, em que nos achamos. Tudo aquillo, que nos aparta de Deos, nos faz desgraçados. As riquezas, as honras, os deleites não fazem ao homem feliz. A experiencia o manifesta bastantemente. Huma alma feita para Deos póde divertir-se com estes objectos, mas não póde saciar-se. Deos só póde enchella, Deos só póde saciar todos os nossos desejos, e decipar todos os nossos temores. [a]

P. Quaes são as cousas, que fazem ao homem feliz, quanto elle póde sello nesta vida, e que lhe dão mais direito de esperar a felicidade eterna?

R. Oito cousas, que se chamão as oito *Bemaventuranças*. Eu as ponho aqui do mesmo modo que Jesus Christo no-las ensinou. [b]

1. *Bemaventurados os pobres de espirito, porque delles he o Reino dos Ceos.*

2. *Bemaventurados os mansos, porque elles possuirão a terra.*

3. *Bemaventurados os que chorão, porque elles serão consolados.*

4. *Bemaventurados os que tem fome, e sede de justiça, porque elles serão fartos.*

5. *Bemaventurados os que usão de misericordia, porque elles alcançarão misericordia.*

6. *Bemaventurados os limpos de coração, porque elles verão a Deos.*

7. *Bemaventurados os pacificos, porque elles serão chamados filhos de Deos.*

8. *Bem-*

[a] Rom. viii. 24. xiii. 12. S. Ag. L. 19. da Cid. de Deos, cap. 4. Serm. 158. ou 16. das palavras do Apostolo, Serm. 231. ou 141. *de Temp.* &c.

[b] Matth. v. 1. e seg.

8. *Bemaventurados os que padecem perseguição por amor da justiça, porque delles he o Reino dos Ceos.*

Pelos pobres de espirito entende Jesus Christo, 1. Os humildes. 2. Os pobres, que vivem contentes com a sua pobreza. 3. Os ricos, que estão desapegados das suas riquezas.

Pelos que são mansos entende Jesus Christo os que não são irados, que não tem contendas, que não se queixão, nem murmurão. A terra, que Jesus Christo diz ser patrimonio das pessoas mansas, he a terra dos vivos, quero dizer, o Paraiso; porque ainda que se possa dizer em hum sentido, que as pessoas mansas possuem a terra, em que vivemos, porque a sua mansidão, e humildade as faz amaveis dos homens, com quem vivem, está claro que Jesus Christo não teve no pensamento este sentido, por não ser isto sempre certo, pois a experiencia de todos os seculos mostra, que hum grande numero de Santos, não obstante a sua mansidão, e humildade, tem sido alvo do furor dos impios, e das suas perseguições.

Pelos que chorão entende Jesus Christo neste lugar, 1. Os que gemem pelos seus proprios peccados, ou pelos peccados dos outros. 2. Os que fazem huma vida penitente. 3. Os que padecem afflicções nesta vida por amor de Deos.

Pelos que tem fome, e sede de justiça entende Jesus Christo os que desejão com ardor ser justos, e agradaveis a Deos, e que tomão os meios possiveis para adiantar-se na perfeição.

Pelos que são misericordiosos entende Jesus Christo os que assistem ao seu proximo, quanto podem, nas suas necessidades espirituaes, e corporaes, que ao menos se compadecem das suas miserias, que os supportão, que os escusão, e os que perdoão as injurias recebidas.

Pe-

Pelos limpos do coração entende Jesus Christo os que tem o coração apartado de toda a culpa, e que trabalhão sem cessar em reprimir a concupiscencia.

Pelos pacificos entende Jesus Christo os que são senhores das suas paixões, que vivem em paz comsigo, com o proximo, e com Deos, e que trabalhão em procurar aos outros esta mesma paz.

Os que padecem perseguição por amor da justiça são aquelles, que são aborrecidos, ou maltratados, ou calumniados, ou desprezados, porque defende de viva voz, ou por escrito, ou por suas acções, o partido da verdade, e da justiça; em huma palavra, porque fazem a sua obrigação.

P. Estas Bemaventuranças incluem pois toda a vida Christã?

R. Sim. Porque ninguem póde ser feliz sem viver christãmente, nem viver christãmente sem ser feliz. [a]

[a] A respeito da explicação das oito Bemaventuranças, e para prova de tudo o que havemos dito neste cap. veja-se a S. Agost. L. I. do Serm. sob. o Monte, cap. I. e seg. S. Bernard. Serm. 66. ou 27. S. Hilar. e S. Chrys. sob. o cap. 5. de S. Matth. Maldon. Cornelio A'Lapide, e os outros Commentadores sob. o cap. 5. de S. Matth. Veja-se tambem hum pequeno L. intitulado *L'Explication des huit Beatitudes*, impresso em París, L. excelliente.

F I M.